

# ROBERT WILSON

## AS MÃOS DESAPARECIDAS

UM DETECTIVE TORTURADO,  
TRÊS PERTURBANTES SUICÍDIOS,  
UM MUNDO ESCONDIDO DE TERROR.



D.QUIXOTE



# Ficha Técnica

Título original: *The Vanished Hands*

Autor: Robert Wilson

Tradução de Manuel Cintra

ISBN: 9789722053532

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2004, Robert Wilson

© 2006, Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Para Jane  
e para José e Mick

«Ah, ah! Que tonta é a Honestidade! E a Confiança, sua irmã jurada,  
uma bem simples donzela!»

Shakespeare  
*Um Conto de Inverno*

«O medo é a base da maior parte dos governos.»

John Adams  
*Segundo Presidente dos Estados Unidos*

Rafael

*(pestanejando no escuro)*

ESTAREI COM medo? Não tenho nenhuma razão física para ter medo, aqui deitado na cama, ao pé da Lucía, com o meu pequeno Mario e os sons do seu sono no quarto ao lado. Mas estou assustado. Os meus sonhos assustaram-me e além disso já não são sonhos. Estão mais vivos do que isso. Os sonhos são de rostos, só de rostos. Não me parece que os conheça, e no entanto há momentos estranhos em que me sinto prestes a reconhecê-los, mas é como se eles não quisessem isso para já. É então que acordo porque... Estou outra vez a ser pouco rigoroso. Não são propriamente rostos. Não são de carne. São mais fantasmagóricos do que reais, mas têm feições. Têm cor, mas não são sólidos. Apenas sentem falta de ser humanos. É isso. Só sentem falta de ser humanos. Será uma pista?

Se estou com medo desses rostos, devia ter relutância em ir para a cama, mas às vezes estou a ansiar por dormir e tomo consciência de que é por querer saber a resposta. Algures na minha mente há uma chave, que poderá abrir a fechadura da porta e dizer-me: porquê *estes* rostos? Porque não outros? O que é que eles têm que a minha mente reteve? Agora comecei a vê-los com bastante clareza, durante o dia, quando a minha cabeça está consciente e começa a divagar. O meu subconsciente molda esses rostos sobre pessoas vivas, por isso vejo as caras de fantasmas tomar vida por instantes, até que as verdadeiras pessoas voltam a aparecer. Fazem-me sentir tolo e perturbado, como um velho com nomes na ponta da língua, mas incapaz de os articular.

Estou a tremer. É o resultado do que a minha cabeça pode provocar em mim. Estou a rebentar. Tenho andado sonâmbulo. A Lucía contou-me, quando eu estava no duche. Disse que eu fui para o meu gabinete às três da manhã. No mesmo dia, mais tarde, encontrei um bloco em branco sobre a secretária. Vi no papel a marca de alguma coisa escrita à mão. Não consegui encontrar o original. Levei-o à janela e vi que era qualquer coisa escrita por

mim: o ar escasso...?

## Capítulo 1

*Quarta-feira, 24 de Julho de 2002*

– QUERO A MINHA mamã. Quero a minha mamã.

Consuelo Jiménez abriu os olhos e viu uma cara de criança a poucos centímetros da sua, que estava meio enterrada na almofada. As suas pestanas roçaram na franha de algodão. Os dedos da criança agarraram-se à carne do seu braço.

– Quero a minha mamã.

– Está bem, Mario. Vamos procurar a mamã – disse ela, achando que era demasiado cedo para qualquer pessoa. – Tu sabes que ela está mesmo do outro lado da rua, não sabes? Podes ficar aqui com o Matías, tomar o pequeno-almoço, brincar um pouco...

– Quero a minha mamã.

Os dedos da criança enterraram-se no seu braço com alguma ansiedade e ela afagou-lhe o cabelo e beijou-o na testa.

Ela não queria atravessar a rua de pijama, como qualquer operária que precisasse de ir buscar alguma coisa às lojas, mas o menino estava a puxar-lhe pela roupa, muito persuasivo. Vestiu um roupão de seda branca por cima do pijama de algodão e enfiou os pés numas sandálias douradas. Passou as mãos pelo cabelo enquanto Mario agarrava os folhos do seu roupão e começava a puxar por ela como se fosse um estivador lá em baixo nas docas.

Ela pegou-lhe na mão e fê-lo descer os degraus das escadas, um de cada vez. Saíram do fresco do ar condicionado da casa e o calor, mesmo a esta hora da manhã, era compacto e determinado, sem uma réstia da frescura da madrugada, após mais uma noite opressiva. Ela atravessou a rua deserta. As palmeiras estavam descaídas e esfarrapadas como se o sono tivesse dificuldade em chegar a este bairro. O único som na rua alcatroada vinha das ventoinhas de ar condicionado que sopravam mais ar quente e indesejado para dentro da atmosfera sufocante do bairro selecto de Santa Clara, nos arredores de Sevilha.



Escorria água de um bloco rachado numa varanda alta da casa Vegas, enquanto ela quase arrastava Mario, que se tinha tornado subitamente pesadão e difícil, como se tivesse mudado de ideias quanto à sua mamã. As gotas esbarravam nas folhas da vegetação abundante, com um som espesso como sangue no calor odioso. Escorriam pérolas de suor sobre a testa de Consuelo. Sentia náuseas ao pensar no resto do dia, com o calor acumulado de semanas de um clima tórrido. Marcou o número de código no painel ao lado do portão exterior e entrou na rampa para os automóveis. Mario correu para a casa e pôs-se a empurrar a porta de entrada, carregando com a cabeça contra o painel de madeira. Ela tocou à campainha, cujo toque electrónico lembrava um distante carrilhão de catedral, na casa silenciosa e coberta de vidros duplos. Ninguém respondeu. Um fio de suor abriu caminho entre os seus seios. Mario deu murros na porta com o seu pequeno punho, o que fez um som de dor surda, persistente como um desgosto crónico.

Pouco passava das oito da manhã. Ela lambeu o suor que escorria do seu lábio superior.

A criada chegou ao portão. Não tinha chaves. Normalmente, a Sr.<sup>a</sup> Vega levantava-se cedo, disse ela. Ouviram o jardineiro, um ucraniano chamado Sergei, a cavar de um dos lados da casa. Assustaram-no, e ele pegou na enxada como se fosse uma arma até que viu as duas mulheres. Dos peitorais e dos músculos do tronco nu, escorria-lhe suor para os calções. Andava a trabalhar desde as seis da manhã e não tinha ouvido nada. Tanto quanto sabia, o carro ainda estava na garagem.

Consuelo deixou Mario com a criada e levou Sergei às traseiras da casa. Ele trepou à janela em frente à sala de estar e espreitou pelas portas de correr e pelas persianas. As portas estavam fechadas. Galgou o rebordo da varanda e inclinou-se para espreitar pela janela da cozinha, que ficava por cima do jardim. A sua cabeça recuou, chocada.

– O que foi? – perguntou Consuelo.

– Não sei – disse ele. – O Sr. Vega está deitado no chão. Não se mexe.

Consuelo atravessou de novo a rua com a criada e Mario, de volta à sua casa. A criança sabia que as coisas não estavam bem e começou a chorar. A criada não o conseguia consolar e ele esperneou, libertando-se dos seus braços. Consuelo fez o telefonema. Zero-Nove-Um. Acendeu um cigarro e tentou concentrar-se enquanto olhava para a criada impotente pairando sobre a criança, que tinha começado a fazer uma birra e parecia agora um animal a

contorcer-se e a espernear no chão, berrando até ficar sem voz. Consuelo participou o incidente para o centro telefónico da *Jefatura*, deu o seu nome, morada e contacto telefónico. Voltou a poisar o telefone com estrondo e foi ter com a criança, pegou nele a espernear e puxou-o contra si, segurando-o bem e segredando repetidamente o nome dele ao ouvido até que ele amoleceu.

Foi pô-lo lá em cima na cama dela, vestiu-se e chamou a criada para que ficasse a vigiá-lo. Mario estava a dormir. Consuelo olhou-o fixamente enquanto escovava o cabelo. A criada estava sentada no canto da cama, infeliz por ter sido apanhada por uma tragédia alheia, sabendo que isso iria infectar a sua própria vida.

Um carro da polícia parou na rua, em frente da casa Vegas. Consuelo foi lá fora ter com o polícia e levou-o às traseiras da casa, onde ele trepou à varanda. Perguntou-lhe para onde tinha ido o jardineiro. Ela desceu o relvado até chegar a uma pequena construção ao fundo, onde Sergei guardava as suas coisas. Não estava lá. Voltou à casa. O polícia bateu à janela da cozinha e depois transmitiu informações por rádio à *Jefatura*. Voltou a descer da varanda.

– Sabe onde está a Sr.a Vega? – perguntou ele.

– Devia estar lá dentro. Era onde ela estava quando lhe telefonei a noite passada para lhe dizer que o filho ia passar a noite em minha casa com os meus rapazes – disse Consuelo. – Por que é que estava a bater à janela?

– Não faz sentido rebentar a porta se ele só estiver bêbedo e adormecido no chão.

– Bêbedo?

– Há uma garrafa no chão ao lado do corpo.

– Já o conheço há anos e nunca o vi alterado... nunca.

– Talvez ele seja diferente quando está sozinho.

– Então o que é que resolveu? – disse a irascível *madrileña* tentando manter o sangue-frio perante o estilo mais descontraído do polícia local.

– Enviaram uma ambulância assim que fez a sua chamada e agora o *inspector jefe* del Grupo de Homicidios já foi notificado.

– Primeiro está bêbedo, no minuto seguinte já foi assassinado.

– Há um corpo deitado no chão – disse o agente, agora aborrecido com ela.

– Não se está a mover e não reage ao ruído. Eu já...

– Não acha que devia tentar entrar lá dentro e ver se ele ainda está vivo?

Ele não está a mexer-se nem a reagir, mas pode ainda estar a respirar.

O rosto do polícia foi percorrido pela indecisão. Foi salvo pela chegada da ambulância. Entre todos, os paramédicos e o agente descobriram que a casa estava selada, tanto por trás como pela frente. Chegaram mais carros à frente da casa.

\*\*\*

O *inspector jefe* Javier Falcón tinha acabado de tomar o pequeno-almoço e estava sentado no seu escritório no centro da enorme casa do século VIII a qual tinha herdado e que ficava na parte antiga de Sevilha. Estava a acabar o café e a ler o manual de uma câmara digital que tinha comprado uma semana antes. A porta de vidro do escritório dava para o pátio. As espessas paredes e o estilo tradicional da casa significavam que o ar condicionado era raramente necessário. Estava água a pingar na fonte de mármore sem que isso o distraísse. O seu poder de concentração tinha regressado, depois de a sua vida pessoal ter atravessado um ano turbulento. O telemóvel vibrou sobre a secretária. Suspirou e atendeu. Estava na altura de serem descobertos cadáveres. Saiu para o claustro que contornava o pátio e encostou-se a um dos pilares que sustentavam a galeria superior. Escutou os factos que lhe foram transmitidos secamente, despojados de toda a tragédia, e voltou para o escritório. Anotou a morada – Santa Clara – que não parecia de um lugar onde pudesse acontecer nada de mal. Enfiou o telemóvel no bolso do fato de sarja, pegou nas chaves do carro e foi abrir as colossais portas de madeira da casa. Guiou o Seat por entre as laranjeiras que ladeavam a entrada e voltou atrás para fechar as portas.

O ar condicionado soprava-lhe contra o peito. Foi descendo as ruas estreitas e calcetadas até ir dar à Plaza del Museo de Bellas Artes, com as suas árvores altas, rodeadas por fachadas brancas e ocre e os tijolos de terracota do museu. Saiu da parte antiga da cidade na direcção do rio e virou à direita na Avenida Torneo. Podiam ver-se ao longe, através do nevoeiro matinal, os contornos vagos da ponte em forma de harpa de Calatrava. Afastou-se dela entrando na cidade nova, atravessando as ruas e prédios em torno da estação de Santa Justa. Percorreu a interminável fila de blocos altos da Avenida Kansas City, pensando no bairro chique para onde se estava a dirigir.

A cidade jardim de Santa Clara tinha sido projectada pelos americanos para alojar os seus oficiais quando a Base Estratégica de Comando Naval se instalou perto de Sevilha, depois de Franco assinar o Pacto de Defesa de 1953. Algumas das moradias conservavam o seu aspecto dos anos 50, outras tinham sido hispanificadas e algumas, propriedade dos mais ricos, tinham sido demolidas e reconstruídas de raiz, sob a forma de mansões palacianas. Tanto quanto Falcón se lembrava, nenhuma destas alterações tinha retirado à zona um certo ambiente irreal. Estava relacionado com o facto de as casas estarem sobre lotes de terreno individuais, juntas, mas isoladas, o que não era um fenómeno espanhol, mas antes uma característica de bairro americano de subúrbios. E além disso o bairro era quase sinistramente silencioso, ao contrário do resto de Sevilha.

Falcón estacionou à sombra de umas folhagens suspensas, em frente da casa moderna, na Calle Frey Francisco de Pareja. Apesar da fachada de tijolos de terracota e de alguns retoques ornamentais, tinha a solidez de uma fortaleza. Ao atravessar o portão, obrigou os seus pés a não vacilarem perante o primeiro homem que encontrou: o *juez de guardia* Esteban Calderón, o juiz de serviço. Já não trabalhava há mais de um ano com Calderón, mas esse caso ainda estava fresco. Apertaram as mãos e deram palmadinhas mútuas no ombro. Ficou pasmado ao constatar que a mulher ao lado do juiz era Consuelo Jiménez, que tinha estado ligada a esse mesmo caso. Estava diferente da mulher de classe média que ele conhecera um ano antes, quando tinha investigado o assassinio do seu marido. Agora tinha o cabelo solto e com um corte mais moderno e usava menos maquilhagem e menos jóias. Não conseguia perceber a o que ela estava ali a fazer.

Os paramédicos foram à ambulância e tiraram de lá uma maca com rodas. Falcón apertou a mão ao *médico forense* e ao secretário do juiz enquanto Calderón perguntava ao agente se havia algum sinal de arrombamento e entrada. O agente fez o seu relatório.

Consuelo Jiménez ficou fascinada com o novo Javier Falcón. O *inspector jefe* não estava vestido com o seu fato habitual. Estava de sarja e com uma camisa branca de mangas arregaçadas até mesmo abaixo dos cotovelos. Parecia mais novo com o seu cabelo cinzento cortado muito curto, todo com o mesmo comprimento. Talvez fosse o seu estilo para esta estação, mas não lhe parecia. Falcón estava a sentir a pressão da atenção dela. Disfarçou o mal-estar apresentando outro dos seus funcionários, o subinspector Pérez. Houve

um momento de nervosismo confuso durante o qual Pérez se afastou.

– Está a pensar o que é que eu estarei a fazer aqui – disse ela. – Vivo do outro lado da rua. Descobri o... eu estava com o jardineiro quando ele descobriu o Sr. Vega deitado no chão da cozinha.

– Mas não tinha comprado uma casa em Heliópolis?

– Bem, tecnicamente foi o Raul que comprou a casa em Heliópolis... antes de morrer – disse ela. – Ele queria estar perto do seu amado estádio do Betis e eu não me interessei por futebol.

– E há quanto tempo vive aqui?

– Quase um ano.

– E descobriu o corpo.

– Foi o jardineiro que o descobriu e ainda não sabemos se ele está morto.

– Alguém tem um duplicado das chaves?

– Duvido – disse ela.

– É melhor eu dar uma vista de olhos ao corpo – disse Falcón.

O Sr. Vega estava deitado de costas. O roupão e o pijama tinham escorregado dos ombros e estavam a apertar-lhe os braços. Estava com o peito descoberto e parecia haver contusões nos peitorais e no abdómen. Tinha marcas de arranhões no pescoço. A cara do homem estava pálida e com um aspecto tenso e os lábios estavam cinzentos e amarelados.

Falcón voltou para junto do *juez* Calderón e do *médico forense*.

– A mim parece-me morto, mas talvez queriam dar uma olhadela antes de arrombarmos uma das portas – disse ele. – Alguém sabe onde está a mulher dele?

Consuelo voltou a explicar a situação.

– Acho que temos de entrar – disse Falcón.

– É capaz de ter arranjado uma trabalhadeira – disse a Sr.<sup>a</sup> Jiménez. – A Lucía mandou pôr janelas novas antes do Inverno passado. Têm vidros duplos e à prova de bala. E aquela porta da frente, se estiver bem fechada, há-de ser mais difícil de atravessar que uma parede compacta.

– Conhece esta casa?

Uma mulher surgiu na rampa para os automóveis. Era difícil não a notar, porque tinha o cabelo vermelho, olhos verdes e uma pele tão branca que fazia arder os olhos só de a olhar, com a brutal claridade do sol.

– *Hola*, Consuelo – disse ela, dando-lhe os bons-dias por entre todas aquelas caras oficiais.

– *Hola*, Maddy – disse Consuelo, que a apresentou a todos como Madeleine Krugman, a vizinha do lado da Sr.a Vega.

– Aconteceu alguma coisa de mal à Lucía ou ao Rafael? Vi a ambulância. Há alguma coisa que eu possa fazer?

Todos os olhos estavam virados para Madeleine Krugman e não era só por ela falar espanhol com um sotaque americano. Era alta e esguia, com um grande peito, um traseiro proeminente e uma habilidade inata para desencadear em homens apáticos imaginações extravagantes. Só Falcón e Calderón possuíam um controlo suficiente de testosterona para poderem olhar para ela olhos nos olhos e isso exigia grande concentração. As narinas de Consuelo estavam a estremecer de irritação.

– Precisamos de entrar nesta casa com muita urgência, Sr.a Krugman – disse Calderón. – Tem um jogo de chaves?

– Não tenho, mas... o que é que se passa com o Rafael e a Lucía?

– O Rafael está caído no chão da cozinha sem se mexer – disse Consuelo. – Quanto à Lucía, não sabemos.

Ao inspirar ar por breves instantes, Madeleine Krugman mostrou uma fila de dentes perfeitamente alinhados, apenas perturbada por dois afiados incisivos. Durante uma fracção de segundo, as placas invisíveis da litosfera do seu rosto pareceram sofrer um espasmo.

–Tenho o número de telefone do advogado dele. Ele deu-mo para o caso de haver algum problema com a casa enquanto estivessem de férias – disse ela. – Vou ter de voltar a casa...

Recuou e depois voltou-se para o portão. Todos os olhos se debruçaram sobre o seu traseiro, que estremecia ligeiramente sob o linho branco das suas calças flamejantes. Um cinto fino, como um fio de sangue, envolvia-lhe a cintura. Desapareceu atrás do muro. Ruídos masculinos, que tinham ficado suspensos sob a campânula do seu charme, voltaram a entrar em actividade.

–Ela é muito bonita, não é? – disse Consuelo Jiménez, aborrecida com a necessidade de voltar a chamar a atenção sobre si própria.

– Sim – disse Falcón – e muito diferente do tipo de beleza a que estamos habituados por aqui. Branca. Translúcida.

–Sim – disse Consuelo – ela é *muito* branca.

– Sabem onde está o jardineiro? – perguntou ele.

– Desapareceu.

– O que é que se sabe sobre ele?



– Chama-se Sergei – disse ela. – É russo ou ucraniano. Nós partilhamo-lo. Os Vegas, os Krugmans, o Pablo Ortega e eu.

– Pablo Ortega... o actor? – perguntou Calderón.

– Sim, acaba de se mudar para aqui – disse ela. – Não anda muito satisfeito.

– Isso não me surpreende.

– Claro, foi você, não foi o *juez* Calderón, que pôs o filho dele na prisão com uma pena de doze anos? – disse Consuelo. – Foi um caso terrível, terrível. Mas eu não queria dizer isso quando disse... apesar de ter a certeza que esse factor contribui. Há um problema com a casa dele e ele acha a zona um pouco... parada, depois de ter vivido no centro da cidade.

– Por que é que se mudou? – perguntou Falcón.

– Já ninguém lhe falava no bairro dele.

– Por causa do que o filho fez? – disse Falcón. – Não me lembro desse caso...

– O filho do Ortega raptou um miúdo de oito anos – disse Calderón.

– Amarrou-o e abusou dele durante vários dias.

– Mas não o matou? – perguntou Falcón.

– O miúdo fugiu – disse Calderón.

– Na verdade, foi mais estranho do que isso – disse Consuelo. – O filho do Ortega soltou-o e a seguir sentou-se em cima da cama do quarto à prova de som que tinha preparado para o rapto, e esperou pela chegada da polícia. Teve a sorte de eles chegarem lá primeiro.

– Diz-se que está a passar um mau bocado na prisão por causa disso – disse Calderón.

– Não tenho pena nenhuma de pessoas que destroem a inocência de crianças – disse Consuelo, exaltada. – Merecem tudo o que lhes acontecer.

Madeleine Krugman voltou com o número de telefone. Agora, estava com óculos de sol, como se estivesse a proteger-se a si própria da sua dolorosa brancura.

– Não tem nome? – disse Falcón, marcando o número no seu telemóvel.

– O meu marido diz que o nome dele é Carlos Vázquez.

– E onde está o seu marido?

– Em casa.

– Quando é que o Sr. Vega lhe deu este número?

– Antes de ir ter com a Lucía e o Mario durante as férias do Verão passado.

– O Mario é a criança que dormiu em sua casa a noite passada, Sr.a

Jiménez?

– Sim.

– Os Vega têm alguma família na zona de Sevilha?

– Os pais da Lucía.

Falcón afastou-se do grupo e pediu para falar com o advogado.

– Sou o *inspector jefe* Javier Falcón – disse ele. – O seu cliente, o Sr. Rafael Vega, está caído no chão da cozinha dele, incapacitado, possivelmente morto. Precisamos de entrar na sua casa.

Deu-se um grande silêncio, enquanto Vázquez digeriria estas notícias devastadoras.

– Estou aí daqui a dez minutos – disse ele. – Aviso-o de que não deve tentar forçar a entrada, *inspector jefe*, porque isso lhe levaria de certeza muito mais tempo.

Falcón olhou para a inexpugnável casa. Havia duas câmaras de segurança nos cantos. Descobriu outras duas nas traseiras do edifício.

– Parece que os Vega se preocupavam muito com a segurança – disse ele, voltando a juntar-se ao grupo. – Câmaras. Janelas à prova de bala. Porta de entrada sólida.

– Ele é um homem rico – disse Consuelo.

– E a Lucía é... neurótica, no mínimo – disse Maddy Krugman.

– Conhecia o Sr. Vega antes de vir para cá, Sr.a Jiménez? – perguntou Falcón.

– Claro. Ele disse-me que a casa que eu acabei por comprar ia ser posta à venda antes de ela aparecer no mercado.

– Eram amigos ou sócios?

– Ambas as coisas.

– Qual é o ramo de negócios dele?

– Construção – disse Madeleine. – É por isso que a casa está construída como um forte.

– Ele é meu cliente no restaurante El Porvenir – disse Consuelo. – Mas também o conheci através do Raul. Trabalhavam no mesmo ramo, como sabes. Juntaram-se para um empreendimento em Triana há alguns anos.

– Conhecia-o só como vizinho, Sr.a Krugman?

– O meu marido é arquitecto. Trabalha em alguns projectos para o Sr. Vega.

Um grande Mercedes prateado parou à frente da casa. Um homem baixo e



atarracado com uma camisa branca de mangas compridas, gravata escura e calças cinzentas saiu dele. Apresentou-se como Carlos Vázquez e passou os dedos pelo cabelo, prematuramente branco. Estendeu as chaves a Falcón, que abriu a porta com uma só volta. Não tinha sido fechada a duas voltas.

Depois do calor da rua, a casa parecia desabitada e gelada. Falcón pediu ao *juez* Calderón se ele e os agentes forenses podiam dar uma olhadela rápida antes de o *médico forense* começar o seu trabalho. Levou Felipe e Jorge à entrada da cozinha. Olharam, fizeram sinal um ao outro e tornaram a recuar. Calderón teve de impedir que Carlos Vázquez entrasse na cozinha e contaminasse a cena do crime. O advogado dava a impressão de não estar habituado a que ninguém lhe colocasse uma mão no peito, a não ser a sua mulher na cama. O *médico forense*, já de luvas, foi levado para dentro. Enquanto ele procurava as pulsações e tirava a temperatura ao corpo, Falcón saiu e perguntou a Consuelo e a Madeleine se estariam disponíveis para ser interrogadas mais tarde. Tomou nota de que Consuelo ainda estava a tomar conta de Mario, o filho de Vega.

O *médico forense* murmurou para o seu gravador de voz à medida que consultava as orelhas, o nariz, os olhos e a boca da vítima. Pegou num par de pinças e na garrafa de plástico que estava poisada ao pé da mão estendida. Era um litro de desentupidor de canos.

Falcón voltou a percorrer o corredor e foi inspeccionar as divisões do andar de baixo. A sala de jantar era ultramoderna. A mesa era uma única placa espessa de vidro verde opaco montada sobre dois suportes em aço inoxidável. Estava a mesa posta para 10 pessoas. As cadeiras eram brancas, o chão era branco, as paredes e os dispositivos de iluminação também eram brancos. Com o frio do ar condicionado, a experiência de ali jantar devia ser como estar no interior de um frigorífico, embora sem a confusão de pratos de manteiga e restos de comida. Não parecia a Falcón que alguma vez tivessem recebido pessoas nesta sala.

Por comparação, a sala de estar era como o interior da cabeça de uma pessoa confusa. Todas as superfícies estavam cobertas de quinquilharias – lembranças de várias partes do mundo. Falcón imaginou férias nas quais Vega filmava obsessivamente, munido das últimas tecnologias, enquanto a sua mulher arrasava as lojas para turistas. Na zona central do sofá estava um telefone sem fios, uma caixa de chocolates com metade de um compartimento por comer e três comandos: para televisão por satélite, DVD e vídeo. No chão

havia um par de chinelos farfalhudos cor-de-rosa. As luzes estavam apagadas, assim como a televisão.

Cada degrau das escadas que iam dar aos quartos era feito de uma placa de granito absolutamente negro. Foi inspeccionando as superfícies, lisas como vidro, enquanto subia lentamente. Nada. Ao cimo das escadas, o soalho era coberto de granito preto com diamantes de mármore branco incrustados. Sentiu-se atraído pela porta do quarto de dormir principal. A cama de casal estava ocupada. Havia uma almofada sobre a cabeça do ocupante, cujos braços descaíam para fora do *edredon* claro da cama. Sobre um dos braços, esticado para fora como se procurasse ajuda, via-se a estreita faixa de um relógio de pulso. O único pé destapado tinha as unhas pintadas de vermelho-vivo. Foi à beira da cama e procurou as pulsações enquanto observava as duas covas na almofada. Lucía Vega também estava morta.

Havia lá em cima três outros quartos, todos com casa de banho. Um estava vazio, outro tinha uma cama de casal e o último pertencia a Mario. O tecto do quarto do rapaz estava pintado com um céu nocturno. Um velho urso de peluche, com um só braço estava deitado na cama, voltado para cima.

Falcón participou o segundo corpo ao *juez* Calderón. O *médico forense* estava ajoelhado ao lado do Sr. Vega, empenhado em afastar os seus dedos.

– Parece haver um recado na mão do Sr. Vega – disse Calderón. – O corpo arrefeceu depressa com o ar condicionado e eu quero que ele o tire sem o rasgar. Já tem as suas primeiras impressões, *inspector jefe*?

– À primeira vista, parece um pacto de suicídio. Ele sufocou a mulher e depois bebeu desentupidor de canos, apesar de isso ser uma maneira demorada e horrível de uma pessoa se matar.

– Pacto? O que é que o faz pensar que houve um acordo?

– Só estou a dizer o que parece – disse Falcón. – O facto de o rapazinho ter sido mantido fora disso pode indicar que tenha sido propositado. Uma mãe não poderia suportar a ideia da morte do seu próprio filho.

– E um pai poderia?

– Depende da pressão. Se houver a possibilidade de derrocada moral ou financeira ele talvez não quisesse que o seu filho varão assistisse ou vivesse com o conhecimento disso. Haveria de encarar o facto de o matar como um favor. Há homens que mataram as suas famílias inteiras por acharem que falharam perante elas e que é preferível ninguém sobreviver com o seu nome e a sua vergonha.

– Mas tem as suas dúvidas? – disse Calderón.

– O suicídio, quer seja um pacto ou não, é raramente uma coisa espontânea e há vários elementos espontâneos nesta cena do crime. Primeiro, a porta não estava fechada com toda a segurança. Consuelo Jiménez tinha telefonado para dizer que Mario tinha adormecido, por isso eles tinham a certeza de que ele não ia voltar, mas não deram duas voltas à fechadura da porta.

– A porta estava fechada, era o suficiente.

– Quando se está prestes a fazer uma coisa antinatural, é normal que se fechem bem as portas para não haver possibilidade de interrupção. É uma necessidade psicológica. Habitualmente, os suicídios sérios são cometidos com todas as precauções.

– E que mais?

– O modo como tudo foi aqui deixado: o telefone, os chocolates, os chinelos. Parece não haver premeditação.

– Bem, da parte dela, de certeza – disse Calderón.

– Isso é uma hipótese, claro – disse Falcón.

– Desentupidor de canos? – disse Calderón. – Porquê beber desentupidor de canos?

– Podemos vir a descobrir que havia algo de mais forte do que desentupidor de canos na garrafa – disse Falcón. – A causa? Bem, ele podia estar à procura de um castigo para si próprio... sabe, limpando-se de todos os seus pecados. Também há a vantagem de ser silencioso e também irreversível, dependendo de ter ou não tomado mais alguma coisa.

– Bem, tudo isso soa a premeditado, *inspector jefe*. Portanto, estas mortes contêm tanto elementos espontâneos como planeados.

– Está bem... se estivessem os dois deitados na cama de mãos dadas, mortos, com uma nota presa ao pijama, nesse caso eu não tinha problema em classificar o caso de suicídio. Mas assim prefiro investigar as mortes como crimes antes de decidir.

– Talvez o recado na mão dele possa... – disse Calderón. – Mas é estranho uma pessoa vestir roupa de dormir antes de... ou será que se trata de outra necessidade psicológica? Preparar-se para o maior sono de todos.

– Esperemos que ele fosse do estilo de deixar as câmaras de vigilância ligadas e os videogravadores carregados com fitas – disse Falcón, voltando ao seu pragmatismo. – Devíamos dar uma olhada no escritório dele.

Atravessaram o *hall* de entrada, percorreram um corredor que ficava ao

lado da escada. O escritório de Vega ficava à direita, com vista sobre a rua. Havia uma cadeira de couro inclinada para trás, atrás de uma secretária, e um cartaz emoldurado das touradas que tinham decorrido este ano durante a *Feria de Abril*, pendurado na parede.

A secretária era um grande bloco de madeira clara sobre o qual havia um computador portátil e um telefone. Debaixo dela havia um conjunto de três gavetas sobre rodinhas. Atrás da porta estavam quatro móveis de arquivo pretos e ao fundo da sala o equipamento de gravação das câmaras de vigilância. Os mostradores digitais estavam apagados e as fichas desligadas das tomadas da parede. Cada gravador tinha dentro uma fita por usar.

– Isto não me está a parecer nada bem – disse Falcón.

Os móveis de arquivo estavam todos fechados. Puxou pelo conjunto móvel de gavetas que estava debaixo da secretária. Fechado. Foi lá acima ao quarto e encontrou um armário de parede, com os fatos e camisas dele à direita e os vestidos dela e uma grande quantidade de sapatos à esquerda (alguns dos quais preocupantemente parecidos). Sobre um conjunto alto de gavetas estava uma carteira, um conjunto de chaves e alguns trocos.

Uma das chaves abriu as gavetas debaixo da secretária. Nas duas de cima não havia nada de particular, mas quando puxou pela terceira gaveta, qualquer coisa ao fundo bateu na resma de papel que estava à frente. Era um revólver.

– Raramente vi armas destas – disse Falcón. – Isto é uma Heckler & Koch de 9 mm. Quem tem uma coisa destas, está à espera de sarilhos.

– Se tivesse uma coisa destas – disse Calderón – acha que bebia um litro de desentupidor de canos ou que dava um tiro nos miolos?

– Com uma escolha dessas... – disse Falcón.

O advogado apareceu na porta, com os seus olhos castanhos-escuros bem acesos na cabeça.

– Vocês não têm o direito... – começou ele.

– Isto é uma investigação criminal, Sr. Vasquez – disse Falcón. – A Sr.a Vega está lá em cima na cama, foi sufocada com uma almofada. Faz alguma ideia da razão pela qual o seu cliente tinha uma arma destas no seu escritório?

Vázquez voltou-se para a arma a pestanejar.

– Sevilha é uma dessas cidades curiosas em que as pessoas ricas e privilegiadas de Santa Clara estão separadas dos carenciados e agarrados à droga do Polígono San Pablo, por um pequeno *barrio*, a fábrica de papel e a

Calle Tesalónica. Suponho que ele tinha isso para sua própria protecção.

– Tal como as câmaras de vigilância que não se dava ao trabalho de ligar? – disse Falcón.

Vázquez olhou para os videogravadores inertes. O seu telemóvel tocou, fazendo soar os primeiros acordes da *Carmen*. Os dois homens de lei sorriram um para o outro. Vázquez afastou-se pelo corredor. Calderón fechou a porta e Falcón soube que era verdade aquilo de que tinha suspeitado de manhã ao apertar a mão do *juez*: que havia novidades e que eram de relevância para ele.

– Eu queria que ouvisse isto da minha boca – disse Calderón, e não da máquina de boatos da *Jefatura* ou do Edifício de los Juzgados.

Falcón acenou com a cabeça, com a laringe subitamente paralisada.

– A Inés e eu vamos casar no final do Verão – disse Calderón.

Ele sabia que isso ia acontecer, mas mesmo assim a notícia pregou-o ao chão. Pareceu-lhe que passaram minutos até que os seus pés, movendo-se à velocidade de um mergulhador no fundo do oceano, o aproximaram o suficiente para poder apertar a mão de Calderón. Pensou em agarrar no ombro do juiz numa atitude de camaradagem, mas a amargura da sua desilusão invadiu-lhe a boca com um sabor a azeitona estragada.

– Parabéns, Esteban – disse ele.

– Contámos às nossas famílias na noite passada – disse Calderón. – És o primeiro de fora a saber.

– Vão ser muito felizes juntos – disse Falcón. – Tenho a certeza.

Acenaram um para o outro com a cabeça e soltaram as mãos.

– Vou voltar para o pé do *médico forense* – disse o juiz e saiu da sala.

Falcón foi à janela, tirou do bolso o telemóvel e marcou o número de Alicia Aguado, consultando a lista de moradas. Era a psicóloga que ele andava a consultar há mais de um ano. O seu dedo tocou no botão de chamada e um surto de raiva ajudou-o a resistir em apertá-lo. Isso poderia esperar até à consulta normal da semana na noite seguinte. Já tinham abordado um milhão de vezes o tema da sua ex-mulher Inés e ela iria apenas censurá-lo por não seguir com a sua vida.

Javier e Inés tinham resolvido os seus conflitos. Isso tinha feito parte do processo de reconstrução depois de o escândalo de Francisco Falcón ter rebentado, 15 meses antes. Francisco era o artista mundialmente famoso que Javier sempre tinha julgado ser seu pai, mas que se tinha revelado ser uma

fraude, um assassino e não ser afinal o seu verdadeiro pai. Inés tinha perdoado a Javier mesmo antes de terem combinado encontrar-se alguns meses depois do frenesim dos *media*. Tinha sido a sua frieza, resumida na sua terrível mantra em rima, «*Tú no tienes corazón, Javier Falcón.*» «Tu não tens coração, Javier Falcón», que tinha terminado com o seu curto casamento. Tendo em conta o historial da sua família, ela agora achava compreensível ele ter deficiências nas suas características humanas básicas. Durante os últimos meses da sua terapia, tinham diminuído os pensamentos sobre ela, mas sempre que o seu nome vinha à baila o seu estômago dava um salto inconfundível. A terrível acusação dela continuava a remoer-lhe a cabeça e ao perdoar-lhe ela tinha-se tornado, no seu estado de instabilidade, alguém perante quem tinha de prestar provas.

E agora isto. No entanto, Inés andava com o juiz há quase um ano e meio. Eram o novo casal de ouro, não só do sistema legal de Sevilha, mas também da sociedade sevilhana em geral. O seu casamento era coisa inevitável, mas nem por isso a notícia se tornava mais fácil de suportar.

Vázquez apareceu-lhe atrás do ombro, no reflexo do espelho. Falcón tornou a sintonizar o comprimento de onda profissional.

– A que ponto fica espantado de encontrar o seu cliente morto nestas estranhas circunstâncias, Sr. Vasquez? – perguntou ele.

– Muito – disse ele.

– A propósito, onde está a licença de arma dele?

– Isso é assunto pessoal dele. A casa é dele. Eu sou só o seu advogado.

– Mas ele confiou-lhe as chaves da sua casa.

– Ele não tem família aqui. Quando partiam durante o Verão, levavam muitas vezes os pais de Lucía também. Há sempre alguém no meu escritório. Parecia...

– E quanto aos americanos da porta ao lado?

– Mal estão aqui há um ano – disse Vázquez. – Ele aluga-lhes aquela casa. O marido trabalha para ele como arquitecto. Ele não gostava que as pessoas se metessem na sua vida. Dava-lhes o meu número de telefone, em caso de emergência.

– A Vega Construcciones é a sua única companhia?

– Digamos que ele está no negócio imobiliário. Constrói e arrenda apartamentos e escritórios. Constrói edifícios industriais por encomenda. Compra e vende terrenos. É dono de uma série de agências imobiliárias.



Falcón sentou-se no rebordo da secretária, baloiçando o pé.

– Esta arma, Sr. Vázquez, não serve para desencorajar ladrões. É uma arma para matar um homem. Mesmo dando um tiro num ombro com uma bala de 9 mm de uma Heckler & Koch, provavelmente matava.

– Se o senhor fosse um homem rico a querer proteger a sua família e a sua casa, ia comprar um brinquedo ou uma arma a sério?

– Então, tanto quanto sabe, o Sr. Vega não está envolvido em nada de criminoso ou no limite da ilegalidade.

– Que eu saiba, não.

– E não sabe de nenhuma razão para alguém o querer matar?

– Oiça, *inspector jefe*, eu estou envolvido nos aspectos legais dos negócios dos meus clientes. Conheço bem a empresa dele. Se ele andava a fazer alguma outra coisa, então não me teria contratado como advogado. Se ele tivesse um caso com a mulher de outro homem, coisa de que eu duvido, eu não teria sabido disso.

– Então, qual é a sua leitura desta cena do crime, Sr. Vázquez? A Sr.a Vega lá em cima, sufocada com uma almofada. O Sr. Vega cá em baixo, morto e com um litro de desentupidor de canos ao lado. Enquanto Mario, o filho deles, ficou a passar a noite ao cuidado de uma vizinha.

Silêncio. Os olhos castanhos fixaram-se no peito de Falcón.

– Parece suicídio.

– Pelo menos uma destas mortes tem de ser assassínio.

– Parece que Rafael matou a mulher e depois se matou a si próprio.

– Alguma vez detectou esse nível de instabilidade no seu falecido cliente?

– Como é que uma pessoa pode saber o que se passa na cabeça de um homem?

– Então, ele não estava à beira de nenhum negócio falhado ou de ficar arruinado?

– Seria bom verificar isso com o contabilista, apesar de não ser ele a dirigir as finanças. Os seus conhecimentos seriam provavelmente restritos.

– Quem era o director financeiro?

– O Rafael mantém os assuntos nas suas mãos.

Falcón deu-lhe o seu bloco de notas. Vázquez escreveu o nome do contabilista, Francisco Dourado, e os seus contactos.

– Tem conhecimento de que se esteja a preparar algum escândalo envolvendo o Sr. Vega ou a companhia dele? – perguntou Falcón.



– *Agora* é que o estou a reconhecer – disse o Sr. Vázquez, sorrindo pela primeira vez, com uns dentes espantosamente perfeitos. – Falcón. Eu ainda não tinha estabelecido a ligação. Bem... o *senhor* ainda aqui está, *inspector jefe*, e o meu cliente não passou por nada de semelhante ao seu caso.

– Mas *eu* não cometi nenhum crime, Sr. Vázquez. Não estava perante uma derrocada moral ou uma vergonha pessoal.

– Vergonha – disse o advogado. – Acha que a vergonha ainda tem esse tipo de poder no nosso mundo moderno?

– Depende da camada social em que se construiu a nossa vida. Da importância que tem para nós a opinião dela – disse Falcón. – A propósito, tem na sua posse o testamento do Sr. Vega?

– Tenho, sim.

– Qual é o parente mais próximo?

– Tal como eu disse, ele não tem família.

– E a mulher dele?

– Ela tem uma irmã em Madrid. Os pais vivem aqui em Sevilha.

– Vamos precisar de alguém para identificar os corpos.

Pérez apareceu na entrada.

– Arrancaram o papel da mão do Sr. Vega – disse ele.

Foram para a cozinha, espremendo-se por entre os agentes forenses que estavam amontoados no corredor com as malas, à espera de entrar na cena do crime.

O papel já estava dentro de uma saqueta de plástico de guardar provas. Calderón estendeu-o, erguendo as sobancelhas. Falcón e Vázquez franziram o sobrolho ao lê-lo e não era só por as suas 10 palavras estarem escritas em inglês.

«... o ar fino que respirar de 9/11 até ao fim...»

## Capítulo 2

*Quarta-feira, 24 de Julho de 2002*

– ESTAS PALAVRAS significam alguma coisa para si? – perguntou Calderón.

– Absolutamente nada – disse Vázquez.

– A letra parece-lhe normal?

– É decididamente do Sr. Vega... é tudo o que posso dizer.

– Não tem nada de diferente da letra habitual dele?

– Não sou especialista, *juez* – disse Vázquez. – Não parece ter sido escrito com uma mão trémula, mas também não está muito escoreito. Parece mais cuidadoso do que escrito à pressa.

– Não é o que eu chamaria de nota de suicídio – disse Falcón.

– Que nome lhe daria, *inspector jefe*? – perguntou Vázquez.

– Um enigma. Uma coisa que pede para ser investigada.

– Interessante – disse Calderón.

– Acha? – disse Vázquez. – Temos sempre a impressão de que o trabalho de detective é *muito* excitante. Isto...?

– Se você fosse assassino, seria normal que *não* quisesse que investigassem os seus actos – disse Falcón. – Teria esperança de não ser descoberto. Disse-me há pouco que achava que esta cena do crime parecia ser de suicídio. Normalmente, um assassino com motivo tentaria transmitir essa noção com uma verdadeira nota de suicídio e não com uma coisa que leve a equipa de investigação a pensar: mas o que é que isto significa?

– A não ser que seja louco – disse Vázquez. – Um desses assassinos em série a querer lançar um desafio.

– Bem, para começar, não há desafio. Uma seminota escrita com a letra do Sr. Vega não é o que eu chamaria de tentativa psicótica de comunicação. É demasiado retorcido. Em segundo lugar, a cena do crime não contém nenhuma das características que associamos a um assassino psicopata. Esse tipo de pessoa preocupa-se, por exemplo, com a colocação do corpo.

Introduzem no cenário elementos das suas obsessões. Mostram que passaram por ali, que uma mente labiríntica esteve a trabalhar. Um assassino em série não deixa nada ao acaso na sua encenação. Uma garrafa de desentupidor de canos não é deixada no lugar onde caiu. Tudo tem a sua importância.

– Então, qual seria a pessoa normal a matar um homem e a sua mulher e a *querer* que isso fosse investigado? – perguntou Vázquez.

– Um assassino que tivesse razões sérias para odiar o Sr. Vega e que quisesse desmascará-lo – disse Falcón. – Como deve saber, as investigações criminais são processos muito intrusivos. Para descobrir o motivo, temos de ordenar um *post mortem*, não só do corpo, como da vida da vítima. Temos de investigar tudo – num plano de trabalho, social, público, privado e tudo isso o mais pessoal possível. Talvez o próprio Sr. Vega...

– Mas nunca se consegue entrar na cabeça de uma pessoa, *inspector jefe*, pois não? – disse o Sr. Vázquez.

– A outra possibilidade é de o próprio Sr. Vega estar a tentar comunicar connosco. Ao amarrotar esta nota no punho, pode estar a dizer-nos para investigarmos o crime.

– Não me deixou acabar – disse Vázquez. – A coisa principal que aprendi com a minha profissão são as três vozes de um homem: a voz pública para se dirigir ao mundo, a voz privada reservada à sua família e amigos e a mais perturbadora de todas – a voz dentro da sua cabeça. Aquela que usa para falar consigo próprio. Pessoas bem sucedidas como o Sr. Vega têm vozes interiores muito intensas e uma coisa que eu notei nesse tipo de pessoa... é que nunca deixa ninguém ter acesso a essa voz – nem os pais, nem a mulher, nem o filho mais velho.

– Não é isso que está em causa – disse Falcón.

– O que está em causa é conseguirmos ter noções – disse Calderón, interrompendo. – Os actos de um homem, a sua maneira de agir com as pessoas... com diversas pessoas, tudo isso nos diz alguma coisa sobre ele.

– Pela minha experiência, ele diz-nos aquilo que *ele* nos quer fazer pensar – disse Vázquez. – Deixe-me mostrar-lhe uma coisa sobre o Sr. Vega e diga-me o que pensa. Já podemos atravessar o chão desta cozinha?

Felipe e Jorge foram chamados para verificarem e libertarem um trajecto de corredor através da cozinha. Falcón deu a Vázquez um par de luvas de látex. Atravessaram a cozinha até uma porta do outro lado, que dava para uma divisão na qual três paredes estavam cobertas do chão ao tecto por

frigoríficos de aço inoxidável. Sobre a parede livre estava pendurado um impressionante conjunto de facas, cutelos e serras. Os azulejos brancos do chão eram imaculados e exalavam um leve aroma a detergente com essência de pinheiro. No meio da divisão estava uma mesa de madeira com um tampo de trinta centímetros de espessura. A sua superfície deslavada estava coberta de entalhes e cortes cruzados, com um declive no centro e os rebordos desgastados pelo uso constante. Ao olhar para aquela mesa, Falcón sentiu uma estranha sensação de receio.

– E é aqui que ele guarda os corpos, não é, Sr. Vázquez? – perguntou Calderón.

– Espreite para dentro dos frigoríficos e congeladores – disse o advogado. – Estão cheios de corpos.

Calderón abriu a porta de um frigorífico. Lá dentro estava metade da carcaça de uma vaca, com os cascos cortados. A carne à vista era de um vermelho denso e escuro, quase negro nas zonas que não tinham o reflexo perolado de membranas ou uma cobertura espessa e cremosa de gordura amarela. Os frigoríficos de cada um dos lados continham vários borregos e um porco rosado. A cabeça deste último tinha sido cortada e pendurada num gancho, as orelhas hirtas e os olhos fechados, com longas pestanas que lhe davam uma expressão de sono descansado. As outras portas abriam-se para congeladores com peças de carne congelada embaladas e arrumadas em cestos, ou apenas atiradas para as geladas escuras profundezas.

– O que é que acha disto? – perguntou Vázquez.

– Não era vegetariano – disse Calderón.

– Gostava de trincar a sua própria carne – disse Falcón. – De onde é que ele a recebia?

– De quintas especializadas, na Sierra de Aracena – disse Vázquez. – Ele achava que não havia um único talhante em Sevilha que tivesse a mínima noção de como lidar com carne, pendurá-la ou cortá-la.

– Isso quer dizer que ele já tinha sido talhante? – perguntou Falcón. – Sabe onde e quando isso foi?

– Só sei que o pai dele era talhante antes de ter sido morto.

– Antes de ter sido morto? O que é que isso quer dizer? Foi assassinado ou...

– Era a expressão que ele costumava utilizar para descrever a morte dos seus pais. – Foram mortos. Nunca me deu uma explicação e eu também não

lhe pedi.

– Que idade tinha o Sr. Vega?

– Cinquenta e oito anos.

– Então, tinha nascido em 1944... cinco anos depois de terminar a Guerra Civil. Eles não morreram durante a guerra – disse Falcón. – Não sabe quando foram mortos?

– Isso será relevante, *inspector jefe*? – perguntou Vázquez.

– Estamos a construir um retrato da vida da vítima. Se, por exemplo, eles tivessem morrido num acidente automóvel quando ele ainda era criança, isso teria tido um efeito mental significativo para o Sr. Vega. Se foram assassinados, é uma coisa totalmente diferente. Isso deixa questões por resolver e, sobretudo no caso de não ter havido retaliação, poderia alimentar uma determinação, não obrigatoriamente para saber porquê, o que estaria para além das suas capacidades, mas para provar alguma coisa a si próprio. Para descobrir quem ele era neste mundo.

– Meu Deus, *inspector jefe* – disse Vázquez –, talvez tenha sido a sua experiência pessoal a torná-lo tão eloquente no assunto, mas lamento não poder ajudá-lo com essa informação. Estou certo que haverá registos...

– Há quanto tempo o conhece? – perguntou Calderón.

– Desde 1983.

– E foi aqui... em Sevilha?

– Ele queria comprar um lote de terreno. Foi o seu primeiro projecto.

– E o que é que ele fazia antes disso? – perguntou Falcón. – Ser talhante não chega para comprar um grande terreno.

– Não lhe perguntei. Foi o meu primeiro cliente. Eu tinha vinte e oito anos. Não queria fazer ou dizer alguma coisa que me fizesse perder o trabalho.

– Então não se importou com o passado dele – com a possibilidade de ele o poder vigarizar? – perguntou Falcón. – Como é que se conheceram?

– Ele um dia apareceu, vindo da rua. Não deve conhecer este aspecto dos negócios, chefe, mas é preciso correr riscos. Se quiser ter a certeza de tudo, não deve montar o seu próprio escritório... deve trabalhar para o Estado.

– Ele tinha algum sotaque? – perguntou Falcón, ignorando a alusão.

– Falava com sotaque andaluz, mas não parecia ter nascido com ele. Tinha vivido no estrangeiro. Sei que falava inglês com sotaque americano, por exemplo.

– Não lhe fez perguntas sobre nada disso? – perguntou Falcón. – Quero

dizer, durante um almoço ou a tomar uma cerveja, não numa sala de interrogatórios.

– Oiça, *inspector jefe*, eu só queria tratar dos negócios do homem. Não queria casar-me com ele.

O *médico forense* enfiou a cabeça na porta para dizer que ia lá acima observar o corpo da Sr.a Vega. Calderón foi com ele.

– Quando conheceu o Sr. Vega, ele já era casado? – perguntou Falcón.

– Não – disse Vázquez. – Não houve diligências de divórcio, mas parece-me que ele me mostrou uma certidão de óbito de uma mulher anterior. Vai ter de perguntar aos pais de Lucía.

– Quando é que eles se casaram?

– Há oito... dez anos, uma coisa assim.

– Foi convidado?

– Fui seu *testigo* 1.

– Um homem de confiança em todos os aspectos – disse Falcón.

– O que é que acha do *hobby* do meu cliente? – perguntou Vázquez, querendo voltar a dominar a conversa.

– Os pais dele «foram mortos». O pai era talhante – disse Falcón.

– Não me parece que ele gostasse lá muito do pai.

– Então ele sempre *lhe* fez algumas revelações pessoais?

– Durante os últimos... quase vinte anos, reuni algumas informações. Uma delas foi que o pai dele era duro com o seu único filho. Um dos castigos favoritos era obrigar o filho a trabalhar na loja fria só de camisa. Rafael sofria de artrite nos ombros e atribuíu isso a esse tratamento prematuro.

– Talvez a prática de talhante *lhe* tenha dado uma noção de controlo. Quero dizer, não só por ele ser bom nisso, mas por estar a reduzir uma coisa grande e de difícil manipulação a peças compreensíveis e utilizáveis – disse Falcón.

– E essa é a tarefa do construtor. Pega nos projectos grandes e complexos do arquitecto e desmonta-os numa série de tarefas que envolvem aço, cimento, tijolos e argamassa.

– Acho que as poucas pessoas que sabiam do seu *hobby* o achavam... sinistro.

– A ideia do homem de negócios urbano a abrir caminho pela espinha de um animal morto? – disse Falcón. – Penso que sim, *há* uma certa brutalidade nesse trabalho.

– Imensa gente que tinha negócios com o Sr. Vega pensava que o conhecia

– disse Vázquez. – Ele compreendia aquilo que intrigava as pessoas e tinha aprendido a fazer-lhes charme. Adivinhava-lhes instintivamente as forças e fraquezas. Fazia com que os homens se sentissem interessantes e poderosos e as mulheres misteriosas e belas. Era revoltante ver a que ponto isso resultava. Há algum tempo, descobri que não o conhecia... de todo. Isso queria dizer que ele tinha confiança em mim, mas só para os negócios e não para os pensamentos pessoais.

– Você foi testemunha dele, isso é um pouco mais do que uma relação de negócios.

– Sabe, havia um plano de negócios na relação dele com Lucía... ou antes, com a família de Lucía.

– Possuíam terrenos? – perguntou Falcón.

– Ele tornou-os muito ricos – disse Vázquez, acenando com a cabeça.

– E não eram demasiado curiosos quanto ao seu passado misterioso?

– Eu só queria mostrar-lhe que ter sido testemunha dele não implicou uma relação muito mais íntima...

– Do que a que ele tinha com a mulher?

– Com certeza que vai falar com os pais de Lucía – disse Vázquez.

– Como é que ele era com o Mario, o filho?

– Ele amava o filho. A criança era muito importante para ele.

– Parece estranho ter esperado até ter mais de cinquenta anos para constituir família.

Silêncio durante o qual Vázquez passou em revista a sua mente de advogado.

– Nisso, não o posso ajudar, *inspector jefe* – disse ele.

– Mas estou a dar-lhe que pensar.

– Falei-lhe da certidão de óbito. Estava só a lembrar-me de outras conversas.

– Conheceu-o quando ele tinha quase quarenta anos. Tinha dinheiro suficiente para comprar terrenos.

– Também teve de pedir algum emprestado.

– No entanto, alguém dessa geração, com tanto dinheiro, teria normalmente uma família.

– Sabe, nunca falávamos sobre a sua vida, de antes de nos termos conhecido.

– A não ser sobre o negócio de talhante do pai.



– E isso só surgiu por causa da necessidade de autorização do projecto para construir esta divisão quando ele renovou a casa. Eu vi os desenhos. Precisavam de uma explicação.

– Quando foi isso?

– Há doze anos – disse Vázquez. – Mas eu não fiquei a saber toda a história da família.

– Ele contou-lhe como o pai o castigava.

– Só contou fragmentos. Não foi uma conversa comprida.

Felipe, o mais velho dos dois agentes forenses, enfiou a cabeça pela porta.

– Quer falar disto agora, *inspector jefe*?

Falcón acenou com a cabeça. Vázquez deu-lhe o cartão-de-visita e as chaves da casa e disse que estaria pelo menos durante mais uma semana em Sevilha, antes das férias de Agosto. Quando se voltou para partir, disse a Falcón que abrisse a porta do outro lado da sala do talho. Dava para a garagem, dentro da qual estava um Jaguar prateado novo em folha.

– Ele recebeu essa encomenda a semana passada, *inspector jefe* – disse Vázquez. – *Hasta luego*.

Falcón foi ter com os agentes forenses à cozinha. Felipe estava a observar Jorge que se tinha concentrado em torno dos pés dos móveis da cozinha.

– O que é que temos? – perguntou Falcón.

– Até agora, nada – disse Felipe. – O chão foi limpo há pouco tempo.

– E os tampos?

– Não, esses estão cobertos de impressões digitais. É só o chão – disse Felipe. – Com um litro de desentupidor de canos nas tripas, era de esperar que tivesse tido convulsões. Nunca teve pedras nos rins, *inspector jefe*?

– Felizmente, não – disse ele, mas viu o brilho de terror no olhar de Felipe. – Não dizem que é a dor mais parecida com dores de parto que um homem possa sentir?

– Eu disse isso à minha mulher e ela lembrou-me que cada um dos filhos tinha quase quatro quilos e que uma pedra nos rins tem cerca de nove gramas.

– As pessoas não são nada simpáticas a comparar dores – disse Falcón.

– Revistei o chão da casa de banho como um doido. Deve haver impressões digitais por todo o lado.

– Há impressões digitais na garrafa?

– Um conjunto, muito forte e definido... o que também é de espantar. Eu não imaginava o Sr. Vega a comprar o seu próprio desentupidor de canos.

Devia haver outras.

– Deve ter sido tomado em conjunto com alguma coisa mais forte ou com veneno ou comprimidos. Um desentupidor de canos corrente ia demorar algum tempo, não ia?

– Cá por mim, é uma maneira estranha de o fazer – disse Jorge, da base dos móveis da cozinha.

– Bem, acho que tudo isto condiz com o que todos vimos quando olhámos para a cena do crime pela primeira vez – disse Falcón.

– Não parecia certo – disse Felipe.

– Eu também achei que estava «marada» – disse Jorge.

– Não há nada que vocês consigam detectar? – disse Falcón.

– É sempre a mesma coisa com estas cenas – disse Felipe. – O que interessa, é o que falta. Eu dei uma olhadela no chão e pensei: Não, daqui não vou tirar nada.

– Ouviste falar da nota?

– Estranho – disse Jorge. – «... o ar fino que respirar...», o que é que quer dizer?

– Parece puro – disse Falcón.

– E aquilo do 9/11? – perguntou Jorge. – Estamos muito longe de Nova Iorque.

– Ele devia andar a fazer negócios com a Al-Qaeda – disse Felipe.

– Não gozes com isso – disse Jorge. – Hoje em dia, tudo pode acontecer.

– Só sei que isto não está certo – disse Felipe. – Não está suficientemente errado para eu ficar completamente convencido de ele ter sido assassinado, mas o suficiente para eu ficar desconfiado.

– A posição da garrafa? – perguntou Falcón.

– Se fosse eu, depois de beber tinha-a atirado para a outra ponta da sala – disse Jorge. – Devia haver gotículas por todo o lado.

– E não há nenhuma, a não ser onde a garrafa está tombada, a pouco mais de 1 metro do corpo.

– Mas *há* algumas gotas?

– Sim, escorreram do gargalo da garrafa.

– Há algumas entre o corpo e a garrafa?

– Não – disse Felipe –, o que também é estranho, mas não... impossível.

– Como se ele tivesse dado voltas pelo chão, limpando restos de impressões digitais e gotículas com o roupão?

- S-s-sim – disse Felipe, nada convencido.
- Faz-me um balanço, Felipe. Eu sei que detestas, mas faz-me um.
- Aqui só estamos a lidar com factos – disse Felipe – porque só os factos é que são aceites em tribunal. Certo, *inspector jefe*?
- Continua, Felipe.
- Eu digo – disse Jorge, pondo-se de pé. – Todos sabemos o que está a faltar nesta cena do crime e que é... uma pessoa. Não temos a certeza do que essa pessoa fez, nem sequer se esteve envolvida. Só sabemos que alguém esteve aqui.
- Então, temos um fantasma – disse Falcón. – Algum de vocês acredita em fantasmas?
- Esses é que não se aguentam lá muito bem em tribunal – disse Felipe.

## Capítulo 3

*Quarta-feira, 24 de Julho de 2002*

CONSUELO Jiménez abriu a porta a Javier Falcón e encaminhou-o pelo corredor até à sua sala de estar em forma de L que dava sobre uma relva cortada na perfeição e cujo verde era surpreendente no sol ofuscante. A água na piscina azul, com o colar de azulejos brancos, tremia contra os rebordos, empurrando ondulações romboidais e sedosas na direcção da arrecadação do jardim, cujo telhado e paredes estavam cobertos de buganvília roxa.

Falcón parou em frente das portas de correr que iam até ao tecto, de mãos apertadas atrás das costas, sentindo-se constrangidamente oficial. Consuelo sentou-se no sofá, vestida com uma saia justa de seda creme, e uma blusa a condizer. Estavam tensos, mas estranhamente à vontade um com o outro.

– Gosta de buganvília? – perguntou ela.

– Sim – disse ele, sem pensar –, dá-me esperança.

– Ando a começar a achá-la vulgar.

– Talvez haja de mais por aqui em Santa Clara – disse Falcón. – E enquadrada por estas janelas, parece um quadro que não significa nada.

– Eu podia ter um homem nu a mergulhar em permanência na piscina e chamar-lhe o meu Hockney *vivant* – disse ela. – Quer tomar alguma coisa? Estive a fazer chá gelado.

Ele acenou com a cabeça e olhou para a silhueta dela que se afastava para a cozinha. O seu sangue estremeceu perante os músculos das pernas dela. Olhou para a sala em redor. Na parede, havia um único quadro, uma grande tela cor de cereja atravessada em diagonal por uma faixa azul-escura que se alargava progressivamente. Sobre os tampo das mesas e num aparador lateral havia fotografias dos seus filhos – individuais e em grupo. Para além de um sofá azul-escuro, que ficava em ângulo recto com a sala em L, e uma poltrona, não havia muito mais. Voltou-se de novo para o jardim uniforme, pensando que ela se tinha referido a Hockney porque este *barrio*, com o seu sol permanente, era muito mais parecido com a Califórnia do que com a

Andaluzia.

Consuelo Jiménez estendeu-lhe um copo de chá gelado e encaminhou-o para a poltrona. Instalou-se sobre o sofá, agitando o pé na sua direcção, com a sandália de salto baixo pendurada nos dedos dos pés.

– Aqui não parece estar-se em Espanha – disse Falcón.

– Quer dizer que não estamos amontoados uns em cima dos outros como num cesto de cachorrinhos.

– É sossegado.

Ficaram algum tempo sentados em silêncio – não havia trânsito, nem sinos de igreja a tocar, nem assobios, nem mãos a bater palmas nas ruas.

– Vidros duplos – disse ela. – E vivo sempre rodeada de ruído nos restaurantes. Vivo a minha vida espanhola multiplicada por três quando lá estou, por isso quando venho para aqui é como... a vida no além. Com a sua profissão, eu imaginava-o a fazer o mesmo.

– Hoje em dia, prefiro estar no meio das coisas – disse Falcón. – Já passei tempo suficiente no limbo.

– De certeza que naquela casa gigantesca do seu pai não se sente propriamente no... quero dizer, não é seu pai... Desculpe.

– Ainda me refiro a Francisco Falcón como meu pai. É um hábito de quarenta e sete anos que não consegui quebrar.

– O senhor mudou, *inspector jefe*.

– Pode tratar-me por Javier.

– Está com um estilo diferente.

– Cortei o cabelo. Deixei de usar fatos. Ganhei hábitos mais descontraídos.

– Não está tão tenso – disse ela.

– Oh, isso estou. Mas compreendi que as pessoas não gostam disso, por isso escondo-o. Aprendi a manter o sorriso.

– Eu tinha uma amiga a quem a mãe deu este conselho: – Não pares de avançar nem de sorrir. – Funciona – disse Consuelo. – Vivemos numa época de coisas superficiais, Javier. Quando é que teve uma conversa séria pela última vez?

– Tenho conversas sérias a toda a hora.

– Com alguém para além de si próprio.

– Tenho sido acompanhado por um psicólogo.

– Claro que sim, depois daquilo que passou – disse ela. – Mas isso não são conversas, pois não?

– Muito pouco – disse ele. – Às vezes é como uma auto-satisfação absurda, outras vezes como um vômito.

Ela agarrou nos cigarros que estavam sobre a mesa, acendeu um e voltou a afundar-se para trás, satisfeita.

– Estou zangada consigo – disse ela, apontando para ele com o cigarro aceso. – Nunca chegou a telefonar-me para marcarmos aquele jantar... lembra-se?

– Você mudou de casa.

– Quer dizer que tentou?

– Não tenho tido muito tempo – disse ele, sorrindo.

– Os sorrisos comigo não pegam – disse ela. – Eu sei o que significam. Vai ter de aprender novas estratégias.

– As coisas têm estado a chegar a um ponto crítico – disse ele.

– Na terapia?

– Sim, e ando com problemas legais com a minha irmã Manuela. A minha meia-irmã.

– Se bem me lembro, a mais gananciosa.

– Leu tudo sobre o escândalo.

– Era preciso estar em coma para o evitar – disse ela. – Então o que pretende Manuela?

– Dinheiro. Queria que eu escrevesse um livro sobre a minha vida com Francisco, incluindo todos os diários, e a minha acção no caso de assassinio, que revelou tudo isso. Ou antes: ela queria que eu trabalhasse com o namorado jornalista, que se faria passar por mim. Recusei. Ela enfureceu-se. Agora anda a tentar provar que eu não sou o herdeiro legítimo da casa de Francisco Falcón, que não sou filho dele... Está a ver onde isto vai parar.

– Vai ter de lutar contra ela.

– Ela tem um esquema mental muito diferente. Pensa como Francisco pensava, o que é provavelmente a razão pela qual ele nunca gostou dela – disse Falcón. – É uma manipuladora e uma especialista em relações públicas, o que, combinado com a sua energia, ambição e dinheiro, é letal.

– Eu ofereço o jantar.

– Não é assim tão mau. É só um factor que aumenta a pressão de base da minha vida.

– Do que você precisa é de se divertir um pouco, Javier – disse ela.

– Esse seu irmão, o criador de touros, Paco. Tem sido de alguma ajuda?

– Damo-nos bem. Não houve alterações a esse nível, mas este tipo de coisa não é o seu forte. Ele também precisa da Manuela. Ela é a veterinária dele e bastaria que desse uma palavra às autoridades sobre uma possível ameaça de BSE na manada para o arruinar.

– Você é espantosamente sadio.

– Obrigado – disse ele, decidindo não lhe contar que devia ser o efeito das drogas.

– Mas apesar de não ter dado importância a isso, tenho agora a certeza de que *está mesmo* a precisar de um pouco de futilidade e divertimento.

Silêncio. Falcón dava pancadinhas no bloco. Os lábios dela apertaram-se com uma triste inevitabilidade. Continuou a fumar.

– Faça lá as perguntas, *inspector jefe* – disse ela, fazendo-lhe sinal.

– Pode continuar a tratar-me por Javier.

– Bem, Javier, pelo menos aprendeu algumas coisas.

– Quais, por exemplo?

– Como descontrair uma pessoa... ou antes, como descontrair um suspeito, durante um interrogatório.

– Acha-se uma suspeita? – perguntou ele.

– Gostava de ser uma, para podermos reactivar a dinâmica detective-suspeito – disse ela secamente.

– E como é que sabe que foi um assassínio?

– Por que é que aqui está, Javier?

– Eu investigo qualquer morte que não seja por causas naturais.

– O Rafael morreu de um ataque de coração?

Falcón abanou a cabeça.

– Então é assassínio.

– Ou um pacto de suicídio.

– Pacto? – disse ela, apagando o cigarro. – Que pacto?

– Descobrimos a Sr.a Vega morta no andar de cima, sufocada com a almofada.

– Oh, meu Deus – disse ela, olhando por cima do ombro. – Mario.

– O Sr. Vega tinha bebido um litro de desentupidor de canos, que devia estar reforçado com qualquer coisa ou envenenado ou então tomou comprimidos antes. Vamos ter de esperar pelo relatório do *médico forense*.

– Não posso acreditar.

– Quer dizer que não acha que ele fosse do género suicida?



– Ele parecia tão ligado à vida. O seu trabalho, a família... especialmente o Mario. Ele tinha acabado de comprar um carro novo. Iam partir para férias...

– Quando telefonou a noite passada a falar do Mario, o Sr. Vega estava lá?

– Eu falei com a Lucía. Calculei que ele lá estivesse, mas não sei.

– Onde é que eles iam de férias? – perguntou Falcón.

– Normalmente vão para El Puerto de Santa María, mas desta vez acharam que o Mario tinha idade suficiente, por isso alugaram uma casa em La Jolla, perto de San Diego, e iam levá-lo ao Sea World e à Disneylândia.

– A Florida teria sido mais perto.

– É húmido de mais para a Lucía – disse ela, acendendo outro cigarro e abanando a cabeça, a olhar para o tecto. – Não fazemos ideia do que se passa na cabeça das pessoas.

– O advogado dele não se referiu a nada disso.

– Talvez não estivesse ao corrente. O Rafael era o tipo de pessoa que mantém a vida compartimentada. Não gostava de coisas sobrepostas, de um plano se misturar com outro. Tinha tudo de ser separado e cada coisa no seu lugar. Eu soube tudo sobre as férias pela Lucía.

– Então ele era um controlador obsessivo?

– Como muitos homens de negócios bem sucedidos.

– Conheceu-o através do Raul?

– Ele deu-me muito apoio depois de o Raul ser assassinado.

– E deixava o Mario dormir cá?

– Ele também gostava dos meus filhos.

– O Mario dormia cá regularmente?

– Pelo menos uma vez por semana. Normalmente a um dia da semana ou ao fim-de-semana durante o Verão, quando eu tenho mais tempo – disse ela.

– A única coisa que não permitíamos era que o Mario fosse para a piscina.

– É de espantar que o Sr. Vega não tivesse piscina.

– Havia lá uma, mas ele encheu-a e cobriu-a de turfa. Não gostava de piscinas.

– Mais alguém sabia da combinação em relação ao Mario?

– Pode ser que sim, para quem fosse suficientemente curioso – disse ela. – Não acha que isto tudo é inacreditavelmente entediante, Javier?

– Segundo a minha experiência, é através dos detalhes da vida quotidiana que se descobre como as pessoas vivem realmente. Os pequenos detalhes levam a coisas maiores – disse ele. – Há alguns anos, eu andava a começar a

achar isso aborrecido, mas agora, estranhamente, acho bastante revigorante.

– Desde que recomeçou a ter a sua própria vida?

– Perdão?

– Eu não queria ser tão indiscreta.

– Já quase me esquecia... mas é esse o seu estilo, não é, *doña* Consuelo?

– Dispensso o *doña*, Javier – disse ela. – E lamento muito. Foi um pensamento que não devia ter passado disso.

– Eu encontro muitas pessoas que pensam coisas sobre mim – disse ele. – Tornei-me propriedade pública por causa da minha história. A única razão para não me abordarem mais vezes é o facto de as pessoas terem perguntas de mais. Não sabem por onde começar.

– Eu só queria dizer que, pela minha experiência, quando as bases da nossa vida se desmoronam, são as coisas de todos os dias que começam a importar. Ajudam a manter inteiro o resto – disse ela. – Eu própria tive muito a reconstruir desde a última vez que nos vimos.

– Vida nova, casa nova... amante novo? – perguntou ele.

– Eu estava a merecê-lo – disse ela.

– É só a minha profissão.

– Mas essa pergunta foi pessoal ou apenas por necessidade da sua investigação?

– Digamos que ambas as coisas – disse Falcón.

– Não tenho nenhum amante e... se é aí que quer chegar, o Rafael não estava interessado em mim.

Ele repetiu isso mentalmente e não descobriu ambiguidades.

– Vamos voltar aos detalhes – disse ele. – Quando é que falou com os Vega pela última vez?

– Falei com a Lucía por volta das onze da noite para lhe dizer que o Mario tinha adormecido e que o ia pôr na cama. Houve um pouco de conversa de mães e mais nada.

– Foi mais demorado que habitualmente?

Consuelo pestanejou enquanto os seus olhos se humedeciam. Apertou a boca em torno do cigarro. Expeliu o fumo e engoliu com força.

– Foi como de costume – disse ela.

– Ela não pediu para falar com o rapaz ou...

Consuelo inclinou-se para a frente, enterrou os cotovelos nas coxas e começou a chorar. Falcón levantou-se, foi ter com ela e deu-lhe um lenço.

Deu-lhe palmadinhas entre as omoplatas.

– Lamento – disse ele. – Os detalhes levam a coisas maiores.

Tirou-lhe o cigarro da mão e esmagou-o no cinzeiro. Consuelo recompôs-se. Falcón voltou para a sua cadeira.

– Desde a morte de Raul que sou muito emotiva em relação a crianças. Todas as crianças.

– Deve ter sido duro para os seus rapazes.

– Foi sim, mas mostraram uma grande capacidade de recuperação. Acho que eu sofri mais com a perda do que eles. É surpreendente o caminho que o sofrimento percorre – disse ela. – Mas agora dou comigo a oferecer constantemente dinheiro a crianças africanas que ficaram órfãs por causa da sida, a crianças exploradas na Índia e no Extremo Oriente, a meninos de rua na Cidade do México e em São Paulo, para a reabilitação de crianças-soldado... É uma coisa que nasce de mim e não sei por que é que fiquei assim de repente.

– O Raul não deixou algum dinheiro a Los Niños de la Calle, a instituição de caridade para os meninos de rua?

– Acho que era uma coisa mais profunda do que isso.

– Dinheiro por se sentir culpado... pelo Arturo? O filho dele que foi raptado e nunca encontraram...

– Não me faça chorar outra vez – disse ela. – Não consigo parar de pensar nisso.

– OK. Outra coisa – disse ele. – Lucía tem uma irmã em Madrid, não tem? Devia poder tomar conta do Mario.

– Sim, tem dois filhos, um é da idade do Mario. Vou ter saudades dele – disse ela. – Perder um pai já é mau, mas perder uma mãe também é uma catástrofe, especialmente nesta idade.

– As pessoas adaptam-se – disse Falcón, sentindo a ferida da sua própria experiência. – O instinto de sobrevivência não fica destruído. Aceita-se o amor de onde quer que venha.

Olharam um para o outro, com o pensamento a gravitar pela ideia do vazio parental, até que Consuelo foi à casa de banho. Quando as torneiras começaram a correr, Falcón voltou a atirar-se para trás na cadeira, já exausto. Tinha de voltar a encontrar a energia necessária para este trabalho ou talvez tentar encontrar maneira de manter à distância os mundos que tinha de investigar.

– Então o que é que acha que aconteceu a noite passada naquela casa? – disse Consuelo, já de cara recomposta.

– Parece que o Sr. Vega sufocou a mulher e depois se matou bebendo uma garrafa de desentupidor de canos – disse Falcón. – A causa de morte oficial vai ser determinada mais tarde. Se o quadro for o que parece, calculamos encontrar fibras de almofada nas unhas do Sr. Vega... esse tipo de coisas que nos permitirá...

– E se não encontrarem?

– Então teremos de investigar mais profundamente – disse Falcón. – Já estamos... confusos.

– Com o carro novo e o facto de ele estar prestes a partir para férias?

– Os suicidas raramente anunciam o que estão prestes a fazer. Prosseguem a sua vida normal. Lembre-se da quantidade de vezes que ouviu os parentes das vítimas dizer «Mas ele parecia tão calmo e tão normal» – disse Falcón. – É porque tomaram a decisão e isso os fez encontrar finalmente a paz. Não, estamos confusos é com a cena e com a estranha nota.

– Ele escreveu uma nota de suicídio?

– Não propriamente. Tinha no punho um pedaço de papel onde estava escrito em inglês «... o ar fino que respirar de 9/11 até ao fim...» – disse Falcón. – Isto diz-lhe alguma coisa?

– Bem, não explica nada, pois não? – disse ela. – Porquê 9/11?

– Um dos agentes forenses disse que ele devia estar a trabalhar para a Al-Qaeda – disse Falcón. – Por piada.

– A não ser... não somos levados a crer que tudo é possível hoje em dia?

– O Sr. Vega parecia-lhe de algum modo desequilibrado?

– O Rafael parecia-me *completamente* estável – disse Consuelo. – Lucía é que era desequilibrada. Era depressiva, com surtos ocasionais de comportamento maníaco-depressivo. Viu o guarda-fatos dela?

– Imensos sapatos.

– Muitos tinham o mesmo formato e cor, tal como os vestidos. Se gostava de uma coisa, comprava logo três. Andava medicada.

– Então, se ele estivesse em crise, dada a sua natureza, era pouco provável que recorresse a alguém fora da família e não teria sido capaz de falar com a mulher.

– O negócio da restauração ensinou-me a não julgar exteriormente a vida das pessoas. Os casais, mesmo os mais doidos, têm processos de

comunicação, alguns dos quais não são muito atraentes, mas que resultam.

– E quanto à situação doméstica deles? Também viu isso.

– Vi, mas um terceiro elemento altera sempre a dinâmica das coisas. As pessoas começam a comportar-se bem.

– Isso é uma observação em geral ou específica?

– Estava a falar no caso específico, mas aplica-se em geral – disse ela. – E foi a segunda vez que tive a sensação de você estar a insinuar que eu podia estar a ter um caso com o Sr. Vega.

– Foi? – disse Falcón. – Bem, eu não queria particularizar. Estava só a pensar que debaixo dessas circunstâncias tensas, *um* amante poderia ter sido uma possibilidade e isso teria alterado a paisagem mental e conjugal.

– Com o Rafael, não – disse ela, abanando a cabeça. – Ele não é o meu género.

– Qual é o seu género?

Bateu com um cigarro no maço, acendeu-o e soprou fumo para o vidro.

– O seu inspector Ramírez é o meu género – disse ela. – A propósito, onde está ele?

– Ele levou a filha a uns exames médicos.

– Nada de grave, espero.

– Não sabem – disse Falcón. – Mas tem razão quanto ao Ramírez, ele sempre foi atiradiço... a pentear-se em frente das secretárias, no Edifício de los Juzgados.

– Talvez o trabalho que ele fazia lhe desse uma percepção daquilo que é vulnerável – disse ela. – É outra definição para esse tipo de pessoa.

– Mas pelos vistos, não para Rafael Vega. O Talhante.

– Exactamente. É um passatempo que não liga nada bem com as práticas amorosas. Quer ver o que foi cortado recentemente?

– Como é que lidava com tudo isso?

– Usava-o. A carne de vaca dele tinha sempre melhor sabor. Quase todos os bifes servidos nos meus restaurantes são cortados por ele.

– E psicologicamente...?

– Era coisa de família. Não me parece que fosse mais do que isso. Se o pai dele tivesse sido carpinteiro...

– Claro, fazer uns móveis nas horas vagas. Mas talhante...?

– Dava arrepios à Lucía, mas... ela lá tinha a sua sensibilidade.

– Também era meticulosa?

– Meticulosa, nervosa, depressiva, com dificuldade em dormir. Tomava dois comprimidos por noite para dormir. Um para adormecer e outro quando acordava às três ou quatro da manhã.

– Janelas à prova de bala – disse Falcón.

– Ela precisava de um silêncio total para dormir. A casa era hermeticamente selada. Uma vez lá dentro, perdia-se a noção do mundo exterior. Não espanta que ela fosse um pouco doida. Às vezes, quando abria a porta, eu ficava à espera de uma corrente de ar, como se a pressão fosse diferente lá dentro.

– Num mundo de futilidades e divertimento, ela não me soa lá muito divertida – disse Falcón.

– Lá está você outra vez, Javier. Foi a terceira vez – disse ela. – De qualquer modo, era fútil. Servia-se das coisas materiais e triviais para sustentar a sua vida. Achava as relações complicadas. Às vezes, até o Mario era de mais para ela, razão pela qual ficava tão satisfeita quando ele vinha para aqui. Mas isso não quer dizer que ele não fosse o centro da vida dela.

– E como é que o Sr. Vega encaixava na família?

– Acho que eles não estavam a contar com um filho. Nessa época eu não os via muito, mas julgo lembrar-me que foi um choque – disse ela. – Seja como for, um casamento muda, depois de nascer uma criança. Talvez um dia você venha a descobrir isso, Javier.

– Está a fingir que não entende o que eu estou a fazer, mas eu preciso de fazer isto. Tenho de procurar as fraquezas e as vulnerabilidades de uma situação – disse Falcón, soando excessivamente sensível, até para si próprio.

– As minhas perguntas podem ser desagradáveis, mas não é lá muito agradável saber que anda à solta um duplo assassino que preparou uma cena do crime de modo a parecer um pacto de suicídio.

– Não há problema, Javier, eu aguento – disse Consuelo. – Apesar do atractivo da dinâmica detective-suspeito, preferia que me eliminasse das suas investigações, fazendo todas as perguntas desagradáveis que precisar. Tenho boa memória e não gostei de ser acusada do assassinio de Raul.

– Bem, isto são só os preliminares. Espero descobrir dados mais sólidos sobre os quais fundamentar as minhas suspeitas sobre o modo como os Vega morreram. Por isso, vai voltar a ver-me.

– Estou ansiosa por isso.

– Como é que entrou no terreno da casa dos Vega?



- A Lucía deu-me o código para abrir o portão.
- Mais alguém o conhecia?
- A criada. Provavelmente o Sergei. Não faço ideia, mas o jardim dos Krugman fica encostado ao dos Vega e há um portão ao fundo, por isso podiam ter acesso. Quanto ao Pablo Ortega, não sei.
- E o Sergei? – disse Falcón. – Disse que era russo ou ucraniano. Isso é pouco habitual.
- Até você deve ter notado o número de europeus de leste que há por aí hoje em dia – disse Consuelo. – Eu sei que está errado, mas acho que as pessoas os preferem aos marroquinos.
- O que é que sabe a respeito de Madeleine Krugman?
- É calorosa, ao estilo dos americanos... imediatamente.
- Poderia dizer-se o mesmo dos sevilhanos.
- Talvez seja por isso que recebemos tantos americanos todos os anos – disse Consuelo. – A propósito, não me estou a queixar.
- É uma mulher atraente – disse Falcón.
- Nada que se compare com o que possa ter achado da de Rafael – disse ela. – De qualquer modo, todos os homens acham que a Madeleine Krugman é atraente – até você, Javier. Eu vi-o a olhar.
- Falcón corou como um rapaz de 15 anos, sorriu e fez uma série de movimentos agitados. Do seu sofá, Consuelo fez-lhe um sorriso triste.
- A Maddy conhece o seu poder – disse ela.
- Então ela é a *femme fatale* do *barrio*? – perguntou Falcón.
- Estou a tentar ultrapassá-la – disse Consuelo –, mas ela tem uns anos mais do que eu. Não. Apenas sabe que os homens se derretem à sua frente. Faz os possíveis por ignorá-lo. O que é que uma mulher pode fazer quando toda a gente, desde o empregado do gás ao peixeiro, ao *juez de instrucción* e ao *inspector jefe* da brigada de homicídios parecem perder o controlo do maxilar inferior?
- E quanto ao Sr. Krugman?
- Estão casados há muito tempo. Ele é mais velho.
- Sabe por que é que eles estão aqui?
- Estão a fazer uma pausa da vida na América. Ele trabalha para Rafael. Anda a desenhar, ou já desenhou, um par de projectos para ele.
- Fizeram essa pausa a seguir ao 11 de Setembro?
- Isso aconteceu enquanto já aqui estavam – disse ela. – Estavam a viver



em Connecticut, ele trabalhava em Nova Iorque e acho que se fartaram...

– Filhos?

– Não me parece.

– Esteve em casa deles em alguma ocasião social?

– Sim... o Rafael também lá esteve.

– Mas a Lucía não?

– É de mais para ela.

– Algum comentário?

– Tenho a certeza que ele estava interessado em fazer sexo com ela, porque é isso que passa pela cabeça de todos os homens quando vêem a Maddy Krugman, mas não me parece que isso tenha acontecido.

Veio do andar de cima um longo bramido, um terrível ruído de dor de um animal. Isso fez sobressaltar a coluna de Consuelo, que se levantou com um salto. Falcón saiu à pressa da cadeira. Ouviram-se passos que corriam pelas escadas abaixo. Mario surgiu a correr pelo corredor, vestido com uns calções e uma camisa. Tinha os braços estendidos para a frente do seu pequeno corpo, a cabeça atirada para trás, os olhos fechados e a boca aberta num grito silencioso. A famosa fotografia de guerra do ataque a uma aldeia vietnamita com *napalm* saltou para a cabeça de Falcón, sem estar centrada na imagem central de uma menina vietnamita nua a correr pela estrada. Estava centrada no rapaz em frente dela, com a boca negra toda aberta, invadida pelo terror.

## Capítulo 4

*Quarta-feira, 24 de Julho de 2002*

NA FOTOGRAFIA do passaporte, Martin Krugman, sem a barba, parecia ter a sua idade, que era cinquenta e sete anos. Com a barba, que era cinzenta e tinha crescido sem ser aparada, parecia estar para além da idade da reforma. A vida tinha sido mais amável para Madeleine Krugman, que tinha trinta e oito e não parecia diferente da fotografia do passaporte, em que tinha trinta e um. Poderiam ter sido pai e filha e muitas pessoas teriam preferido que assim fosse.

Marty Krugman era alto e esguio, alguns poderiam achá-lo magro, com um nariz proeminente, que de frente era extremamente fino. Os olhos eram aproximados, bem afundados na cabeça e debaixo de umas sobranceiras que a mulher tinha desistido de tentar controlar. Não parecia ser um homem que dormisse muito. Bebia chávena após chávena de um café espesso, despejado de uma máquina de café cromada. Marty não estava vestido para ir ao escritório. A sua camisa era de um algodão grosseiro com uma risca azul e tinha-a vestido como uma túnica por fora das *jeans* deslavadas. Tinha nos pés umas sandálias Outward Bound e estava sentado com um tornozelo apoiado no joelho e as mãos agarradas ao queixo como se estivesse a puxar por um remo. Falava um espanhol perfeito, com sotaque mexicano.

– Passei a minha juventude na Califórnia – disse ele. – Berkeley, a estudar Engenharia. Depois passei alguns anos no México a pintar em Taos e a fazer viagens à América Central e do Sul. O meu espanhol é uma confusão.

– Isso foi no fim dos anos 60? – perguntou Falcón.

– E 70. Fui um *hippy* até descobrir a arquitectura.

– Conhecia o Sr. Vega antes de vir para aqui?

– Não. Conhecêmo-lo através do agente imobiliário que nos alugou a casa.

– Tinha algum trabalho?

– Não nessa altura. Andávamos a fazer uma vida fácil e rápida. Tive sorte de termos conhecido o Rafael durante as primeiras semanas. Começámos a

conversar, ele tinha ouvido falar de alguns dos meus trabalhos em Nova Iorque e propôs-me trabalhar em alguns projectos.

– Foi uma *grande* sorte – disse Madeleine, como se tivesse podido fugir se a coisa não tivesse resultado.

– Então vieram para cá num repente?

Maddy tinha trocado as calças de linho branco por uma saia à altura do joelho que sobressaía sobre o cadeirão de couro creme. Cruzava e descruzava as pernas muito brancas várias vezes por minuto e Falcón, que estava sentado mesmo à frente dela, estava incomodado por olhar de cada vez. Os seios dela tremiam a cada movimento por baixo do *top* de seda azul. Enquanto o seu sangue azul palpitava debaixo da pele branca, a sala parecia atravessada por ondas sonoras hormonais. Marty estava indiferente a tudo isso. Não olhava para ela nem reagia a nada do que ela dizia. Quando ela falava, o seu olhar mantinha-se fixo em Falcón, que estava a ter dificuldade em descobrir onde descansar os olhos, uma vez que toda a sala estava agora transformada em zona erógena.

– A minha mãe morreu e eu herdei algum dinheiro – disse Maddy. – Decidimos fazer uma pausa e passar algum tempo na Europa... visitar os nossos recantos de lua-de-mel: Paris, Florença, Praga. Mas fomos até à Provença e então o Marty tinha de conhecer Barcelona... ter a sua dose de Gaudí e uma coisa levou a outra. Demos connosco aqui. Sevilha entra no sangue. O senhor é sevi-lhano, *inspector jefe*?

– Nem por isso – disse ele. – Quando é que tudo isso aconteceu?

– Em Março do ano passado.

– Estavam a fazer uma pausa de alguma coisa em particular?

– Só do aborrecimento – disse Marty.

– A morte da sua mãe, Sr.a Krugman... foi uma coisa súbita?

– Diagnosticaram-lhe cancro e morreu dez semanas depois.

– Sinto muito – disse Falcón. – O que é que o estava a aborrecer na América, Sr. Krugman?

– Pode tratar-nos por Maddy e Marty, se quiser – disse ela. – Preferimos estar mais descontraídos.

Os seus dentes brancos perfeitos apareceram atrás dos lábios vermelhos como pimentos, formando um sorriso de dois centímetros, e desaparecendo de novo. Ela esticou os dedos sobre os braços de couro do cadeirão e voltou a cruzar as pernas.

– O meu trabalho – disse Marty. – Estava aborrecido com o trabalho que andava a fazer.

– Não estavas nada – disse ela e os seus olhares cruzaram-se pela primeira vez.

– Ela tem razão – disse Marty, voltando lentamente a cabeça de novo para Falcón. – Por que é que eu havia de vir trabalhar para aqui por estar aborrecido com o meu trabalho? Estava aborrecido era com a América. Só achei que isso não lhe interessava. Não é o tipo de detalhe que o vá ajudar a descobrir o que aconteceu aos Vega.

– Estou interessado em tudo – disse Falcón. – A maior parte dos assassínios têm um motivo...

– Assassínios? – disse Maddy. – O agente que estava no portão disse-me que era suicídio.

– Auto-assassínio – disse Falcón. – Se tiver sido isso de facto. Tudo tem um motivo, o que significa que estou interessado nos motivos de todas as pessoas por terem feito seja o que for. Tudo isso fornece indicações.

– De quê? – perguntou Maddy.

– De um estado de espírito. Graus de felicidade e de decepção, de alegria e raiva, de amor e ódio. Sabe, as grandes emoções que fazem com que as coisas aconteçam e algumas se destruam.

– Este tipo não soa como um chui – disse Martin em inglês, atirando a frase por cima do ombro para a sua mulher.

Ela tinha os olhos postos em Falcón, penetrando em profundidade, escavando o seu crânio de uma maneira que o levou a pensar que devia parecer-se com alguém que ela conhecia.

– O que é que havia de tão errado na América para precisarem de partir? – perguntou Falcón.

– Eu não disse que alguma coisa estava errada – disse Marty, esticando os ombros como se estivesse na final da prova de remo dos jogos olímpicos. – Eu só estava aborrecido com o desgaste da vida de todos os dias.

– O aborrecimento é uma das nossas motivações mais fortes – disse Falcón.

– De que é que queriam afastar-se? De que é que andavam à procura?

– Às vezes, o estilo de vida americano pode ser um mundo muito fechado – disse Marty.

– Há imensos sevilhanos que mal saíram da Andaluzia e muito menos de Espanha – disse Falcón. – Não vêem necessidade disso. Não acham que haja

algo de errado com o seu mundo fechado.

– Talvez não se interroguem sobre isso.

– Por que haviam de o fazer, quando vivem no lugar mais belo do mundo?

– Alguma vez esteve na América, *inspector jefe*?

– Não.

– Porque não? – perguntou Marty, indignado.

– É a maior nação da Terra – disse Maddy, radiosa, animada e irónica.

– Provavelmente... – disse Falcón, pensando enquanto falava – porque aquilo que eu lá iria procurar desapareceu.

Marty deu uma palmada na canela, deliciado.

– E de que é que se trata? – perguntou Maddy.

– Aquilo que me fascinava quando ainda era rapaz... que eram todos esses filmes policiais a preto e branco dos anos 40 e 50. São a razão pela qual me tornei detective.

– Ia ficar decepcionado – disse Marty. – Essas ruas, essa vida, esses valores... já os ultrapassámos.

– Agora é que cometeu um grande erro, *inspector jefe* – disse Maddy. – A América é o assunto de conversa favorito do Marty. Saímos de lá e de repente ele não quer falar de outra coisa. Acorda-me à noite porque precisa de me explicar a sua última teoria. O que é que foi, a noite passada, querido?

– O medo – disse Marty, com os escuros olhos a faiscarem do fundo das covas da sua cabeça como pássaros tropicais a fugirem para a selva.

– A América é uma sociedade baseada no medo – disse Maddy liminarmente. – É a mais recente. É triste ele achar que é o primeiro a pensá-las.

– Bem, suponho que agora, no mundo após de 11 de Setembro...

– Não é só agora – disse Marty. – *Sempre* foi o medo.

– Esquece o espírito pioneiro – disse Maddy, atirando a mão para cima do seu próprio ombro.

– Sempre houve pioneiros – disse Marty. – Os homens fortes e destemidos...

– Isto é muito interessante – disse Falcón, vendo agora o seu erro. – E seria fascinante se não fosse o facto de eu ter uma dupla morte para investigar.

– Estás a ver, ele não está assim *tão* interessado nos teus motivos – disse Maddy e Marty fez-lhe um gesto de rejeição com o dedo. – E a propósito, *inspector jefe*, ele ainda pensa que é a maior nação do Mundo, apesar...

- Quando é que falou com os Vega pela última vez? – perguntou Falcón.
- Falei ontem ao fim da tarde com ele, por volta das sete, no escritório – disse Marty. – Foi uma conversa técnica, nada de pessoal. Ele estava em atitude de negócios, profissional... o costume.
- Está ao corrente de algumas dificuldades financeiras que possam ter feito pressão sobre o Sr. Vega?
- Ele estava sempre sob pressão. É próprio da construção. É preciso pensar em imensas coisas: a construção, a maquinaria, materiais e mão-de-obra, orçamentos e dinheiro...
- E você? – disse Falcón, voltando-se para Maddy.
- Eu? – respondeu ela, saindo de algum pensamento profundo e absorvente.
- A última vez que falou com o Sr. Vega?
- Eu não... não consigo lembrar-me – disse ela. – Quando terá sido, querido?
- No jantar da semana passada – disse ele.
- Como é que os Vega estavam nessa altura?
- O Rafael veio sozinho – disse Marty.
- Como de costume – disse Maddy. – A Lucía cancelava sempre no último minuto. Ou era o miúdo ou outra coisa qualquer. Ela não gostava destes nossos jantares. Era uma tradicionalista. Só se vai jantar a casa de uma pessoa se for da família. Achava isso estranho. Não tinha conversa, a não ser sobre o Mario, e nós nunca tivemos filhos, por isso...
- Ela era neurótica – disse Marty.
- Como é que o Sr. Vega e a mulher se davam?
- Ele era-lhe muito *fiel* – disse Maddy.
- Isso quer dizer que já não havia amor?
- Amor? – disse ela.
- Marty olhou para ela, acenando com a cabeça, com o nariz a cortar o ar gelado, como se quisesse que ela terminasse aquilo em que tinha embarcado.
- Não acha que a fidelidade faz parte do amor, *inspector jefe*?
- Acho – disse Falcón. – Mas você parece ter separado a fidelidade do conjunto, como se fosse a única coisa que tivesse restado.
- Não acha que é essa a natureza de um casamento... ou do amor, *inspector jefe*? – disse ela. – Que o tempo o decompõe, desgasta a paixão e o ardor, o entusiasmo pelo sexo...
- Por amor de Deus – disse Marty em inglês.

– ... a intensidade do interesse que se tem pelo que o outro diz ou pensa, a doida hilaridade das mais pequenas piadas, a admiração profunda e inquestionável da beleza física, inteligência, certeza moral...

– Sim – disse Falcón, que começava a sentir um apertão nas entranhas, como acontecia às vezes nas sessões de terapia com a sua psicóloga, Alicia Aguado. – É verdade...

Encostou-se para trás, dando algum espaço aos intestinos, escreveu uns gatafunhos no bloco, estava ansioso por sair dali.

– Então está a dizer-me, Sr.a Krugman, que na sua opinião o casamento dos Vega era forte...?

– Eu só disse que ele lhe era fiel. Ela era uma mulher doente, e por vezes infeliz, mas era a mãe do filho dele e isso tinha um peso considerável.

O chão pareceu tornar-se mais firme debaixo da cadeira de Falcón quando o assunto em mãos voltou à baila.

– O Sr. Vega gostava de controlar as coisas – disse Falcón.

– Tinha ideias bem definidas sobre o modo como as coisas deviam ser feitas e tinha uma cabeça muito disciplinada – disse Marty. – Eu nunca soube mais sobre a sua firma do que aquilo que era necessário para o meu trabalho. Ele não tentou envolver-me em nada para além do meu próprio projecto. Até me pedia para sair do escritório quando ia falar ao telefone sobre outros trabalhos. Preocupava-se muito com a hierarquia, com o modo como as coisas lhe eram relatadas, quem fazia o quê e a cadeia de comando. Eu não tenho nenhuma experiência nesse ramo, mas o seu estilo parecia-me militar, o que não é mau num local de construção. As pessoas podem ter acidentes mortais muito facilmente.

– Também na vida – disse Maddy.

– O quê? – disse Marty.

– Ele também gostava de controlar as coisas na vida. O jardineiro, a sua família, a sua carne – disse ela, voltando a atirar com força a mão para cima do joelho.

– Nesse caso é estranho que ele viesse aqui jantar – disse Falcón. – Se era para se pôr nas mãos de outros, parece-me mais lógico que fosse a um restaurante.

– Ele compreendia que era um hábito americano – disse Marty.

– Ele gostava disso – disse Maddy, encolhendo os ombros, o que sacudiu os seus seios soltos por baixo da seda. As suas pernas deslizaram para um dos



lados e ela esfregou-as uma na outra como se quisesse livrar-se de uma comichão.

Aposto que sim, pensou Falcón.

– Um homem controlador poderia matar-se se o seu mundo, cuidadosamente construído, estivesse prestes a desmoronar-se por falência ou devido a um grande escândalo. Também poderia arruinar-se por causa de algum envolvimento emocional que tivesse corrido mal. Se for verdade algum dos dois primeiros casos, estaremos prestes a sabê-lo. Sabe alguma coisa quanto à terceira hipótese?

– Achas que ele era do género de ter aventuras? – perguntou Marty à sua mulher.

– Aventuras? – disse Maddy, quase para si mesma.

– Teria deixado um recado – disse Marty. – Deixou?

– Não um recado convencional – disse Falcón, e deu-lhes o texto.

– Isso parece quase poético de mais para alguém como o Rafael – disse Maddy.

– E quanto à referência ao 11 de Setembro? – disse Falcón. – Deve ter falado com ele sobre isso.

Maddy revirou os olhos.

– Claro – disse Marty. – Tivemos conversas intermináveis sobre isso, mas como de um tema de actualidade. Não estou mesmo a ver que significado possa ter neste contexto.

– Porquê matar a mulher? – perguntou Maddy, o que aliviou Falcón, que não estava interessado nas teorias de Marty sobre o 11 de Setembro nesta fase da sua investigação. – Quero dizer, se uma pessoa está a sofrer assim tanto, que se mate à vontade, mas que não deixe o filho sem pai nem mãe.

– Talvez ele pensasse que a Lucía não era capaz de sobreviver sem ele – disse Marty.

– E teria razão – disse ela.

– Faz sempre tantas conjecturas nas suas investigações, *inspector jefe*? perguntou Marty.

– Não – disse Falcón – mas a situação na casa dos Vega era suficientemente enigmática para eu ter de ficar de espírito aberto até ter um relatório forense completo e o resultado da autópsia dos corpos. Além disso, a pessoa mais próxima do Sr. Vega, a mulher dele, também morreu. Tenho de confiar nas pessoas que o conheciam a um nível mais superficial, quer social

quer profissionalmente.

– Os pais da Lucía devem poder ajudá-lo – disse Marty. – Iam lá para almoçar quase todos os domingos.

– Chegou a conhecê-los?

– Vi-os uma vez – disse Maddy. – Não eram pessoas... hum... muito sofisticadas. Acho que ele foi lavrador.

– Há quanto tempo estão vocês casados? – perguntou Falcón.

– Doze anos – disse ela.

– Como é que se conheceram? – disse ele, fazendo a pergunta que tinha dado consigo a fazer a todos os casais que tinha conhecido ao longo do ano anterior.

– Foi em Nova Iorque – disse Marty. – A Maddy estava a mostrar uma colecção das suas fotografias numa galeria que era propriedade de uma amiga minha. Ela apresentou-nos.

– E eu nunca voltei para o meu apartamento – disse Maddy.

– Ainda é fotógrafa?

– Voltou a isso desde que saímos dos Estados Unidos – disse Marty, sobrepondo-se a todo o vapor à resposta negativa de Maddy.

– O que é que fotografa?

– Pessoas – disse ela.

– Retratos?

– Nunca.

– Ela fotografa as pessoas nos seus momentos inconscientes – disse Marty.

– Ele não está a querer dizer que é quando estão a dormir – disse ela, com os olhos a faiscarem de irritação.

– Quando não sabem que a máquina lá está? – perguntou Falcón.

– Um pouco mais do que isso – disse Marty. – Quando acham que estão completamente sós.

– Isso dá-me um ar de bisbilhoteira – disse ela. – Eu não sou uma...

– Ai isso és – disse Marty, rindo-se.

– Não sou, não – disse ela – porque isso implica que eu esteja interessada no que as pessoas estão a fazer e não é *isso*.

– Então o que é? – perguntou Marty. Depois, voltando-se para Falcón, acrescentou: – Ela nunca me fotografa.

– É a luta interna – disse ela. – Odeio que me faças dizer estas coisas. Não é só...

– Tem algumas fotografias do Sr. Vega? – disse Falcón.

Deixaram o Marty no sofá e subiram ao andar de cima. Um dos três quartos tinha sido convertido em câmara-escura. Enquanto Maddy procurava nas suas provas de contacto, Falcón olhou para os livros que estavam nas prateleiras e puxou por um que dizia Madeleine Coren na lombada. Havia uma fotografia dela na badana interior – uma beldade oxigenada de olhos flamejantes, a desafiar a máquina fotográfica a aproximar-se. Naquela altura ainda emanava um fascínio de juventude, que tinha diminuído com o desgaste natural da vida, até chegar ao seu tom translúcido actual. Ainda restava nela um ar de celebridade, essa qualidade procurada pelos produtores de filmes: não a beleza, mas uma boa fotogenia. Ela absorvia o que a rodeava – a luz disponível, a energia por utilizar e qualquer coisa que alguém quisesse oferecer. Falcón abriu o livro, afastando-se da imagem dela. Sentia os joelhos a enfraquecerem.

À primeira vista, as fotografias pareciam ser sobre a solidão: idosos sentados em bancos de jardim, um jovem debruçado num corrimão sobre um rio, uma mulher em robe turco num terraço de um edifício em Manhattan. Gradualmente, à medida que a objectiva se aproximava, outras coisas se tornavam evidentes: contentamento na face da pessoa idosa, sugestões nos olhos do rapaz, um ar sonhador no rosto da mulher.

– Essas mais antigas são muito imediatas – disse Maddy. – A ideia ainda era só uma fórmula. Eu tinha vinte e dois anos. Ainda não sabia nada. Dê uma olhada nestas...

Estendeu-lhe seis provas a preto e branco. As três primeiras mostravam Rafael Vega de camisa branca e calças escuras, de mãos nos bolsos, de pé na sua relva bem aparada. A objectiva estava a espreitar para o perfil dele por cima do ombro. O seu maxilar estava hirto. Falcón esperou que a fotografia lhe mostrasse algo. Então, viu o que era.

– Ele está descalço.

– Esta foi a 14 de Janeiro.

– O que é que ele estava a fazer?

– Não é essa a ideia... lembre-se – disse ela. Eu não sou uma bisbilhoteira. Olhe para estas. Foram tiradas à beira-rio. Vou lá muitas vezes. Posso sentar-me com uma lente de *zoom* de grande alcance, num tripé, e as pessoas param na Calle Betis e nas pontes. Apanho muitos olhares contemplativos. As pessoas vão até ao rio por alguma razão... não vão?

As três fotografias que ela lhe entregou eram planos aproximados à altura dos ombros. Na primeira, Rafael Vega estava a estremecer, na segunda estava a ranger os dentes, de olhos arregalados, e na terceira tinha a boca toda aberta.

– Está a sofrer – disse Falcón.

– Estava a chorar – disse Maddy. – Tem saliva nos cantos da boca.

Ele devolveu-lhe as fotografias. Eram indiscretas e não gostava delas. Voltou a olhar para a prateleira.

– E não achou antes que isto merecesse ser referido?

– Isto é o meu trabalho – disse ela. – É assim que eu me exprimo. Eu não lhas teria mostrado se o Marty não tivesse insistido comigo.

– Mesmo que pudessem ser relevantes para o que aconteceu a noite passada em casa dos Vega?

– Eu respondi às suas perguntas quando falámos pela última vez, como é que os Vega se davam, se ele estava a ter um caso. Não relatei isso com nenhuma destas fotografias, porque a ideia é que não sejam conhecidas. Não foram tiradas com propósitos de investigação de causas

– Por que é que foram tiradas?

– São fotografias de pessoas que estão a sofrer em momentos intensamente íntimos, mas a descoberto. Optaram por não se esconder nas suas casas, mas sim exprimir-se na presença de outros seres humanos.

Falcón lembrou-se das horas que tinha passado a caminhar nas ruas de Sevilha durante os últimos 15 meses. Era demasiado perturbador reflectir sobre as bases da sua existência, mesmo entre as amplas paredes da sua casa na Calle Bailén. Tinha-se libertado de tudo isso caminhando, olhando para as águas pretas retintas do Guadalquivir, sacudindo tudo de si mesmo ao esvaziar pacotes de açúcar e beatas de cigarros no fundo de bares anónimos. Era verdade. Não tinha ficado sentado em casa com todos os seus horrores amontoados na cabeça. Havia reconforto na companhia silenciosa de estranhos.

Maddy estava ao seu lado. Sentia o cheiro dela, do seu corpo debaixo daquela fina camada de seda, a pressão requintada, a fragilidade daquela barreira. Ela pairava, na expectativa, confiando na sua habilidade. A sua garganta branca estremeceu quando ela engoliu.

– Devíamos voltar lá para baixo – disse Falcón.

– Há mais uma coisa que eu lhe queria mostrar – disse ela e encaminhou-o

pelo corredor até outro quarto, que tinha um chão forrado de azulejos a descoberto e mais fotografias dela nas paredes.

A sua atenção despertou para uma fotografia a cores que mostrava uma piscina azul rodeada de um colar de azulejos brancos numa relva verde com uma chama de buganvília num canto e uma cadeira de encosto almofadada de branco no outro. Sobre a cadeira estava estendida uma mulher com um fato de banho preto e um chapéu vermelho.

– É Consuelo Jiménez – disse ele.

– Não sabia que a conhecia – disse Maddy.

Ele foi à janela. Podia ver-se o jardim de Consuelo do outro lado da rua.

– Tive de trepar para o telhado para apanhar esse ângulo – disse ela.

À esquerda, podia ver a entrada dos Vega e a rampa para os automóveis por entre as árvores.

– Sabe a que horas o Sr. Vega voltou a noite passada?

– Não, mas era raro ele voltar antes da meia-noite.

– Queria mostrar-me uma coisa? – disse ele, voltando a entrar no quarto.

Na parede de trás, atrás da porta, havia uma fotografia de 75 cm por 50 cm, com um homem a olhar de cima de uma ponte, sob a qual era evidente que escorria toda a sua vida. As feições do homem começaram por não lhe ser reconhecíveis. Estavam a passar-se demasiadas coisas no seu rosto. Foi com choque que descobriu que estava a olhar para si próprio – um Javier Falcón que nunca tinha visto antes.

## Capítulo 5

*Quarta-feira, 24 de Julho de 2002*

DE VOLTA à cena do crime na porta ao lado, todos tinham subido para o andar de cima, para o quarto dos Vega. Calderón já tinha assinado o *levantamiento del cadáver* do Sr. Vega. O corpo estava dentro de um saco num carrinho no corredor da entrada, no fresco do ar condicionado, à espera de ser carregado para a ambulância e levado para o Instituto Anatómico Forense na Avenida Sánchez Pizjuan.

A equipa da cena do crime estava agora reunida em torno da cama, a olhar para a Sr.a Vega, de mãos atrás das costas, solenes como se estivessem a rezar. A almofada tinha sido retirada do rosto dela e posta num saco de plástico e encostada à parede. A sua boca estava aberta. Tinha o lábio superior arreganhado e os dentes à mostra como se tivesse deixado a vida amargamente. O maxilar inferior estava inclinado para um lado.

– Levou uma pancada com a mão direita – explicou Calderón a Falcón. – Tem o maxilar deslocado... Deve tê-la posto sem sentidos. O *médico forense* acha que foi feito com a palma da mão e não com um punho cerrado.

– Qual foi a hora da morte?

– A mesma hora que o marido: três, três e meia. Ele não consegue ser mais preciso do que isso.

– A Sr.a Jiménez disse que ela tomava comprimidos para dormir, dois por noite, para ficar inconsciente. Deve ter acordado e teve de ser dominada antes de ser sufocada. Já foi estabelecida alguma relação entre esta morte e a do Sr. Vega?

– Não posso, enquanto não os levar para o instituto – disse o *médico forense*.

– Temos esperança de encontrar algum suor ou saliva na parte superior da almofada – disse Felipe.

– Isso vem reforçar a sua teoria de um assassino desconhecido, *inspector jefe* – disse Calderón. – Não estou a ver um marido a deslocar o maxilar da

mulher.

– A não ser, como eu disse, que ela tenha acordado e talvez saído da cama no momento em que o Sr. Vega estivesse a vir para ela completamente decidido. Pode ter visto alguma coisa diferente nele, ficado histérica, e ele ter tido de recorrer à violência – disse Falcón. – Continuo de espírito aberto em relação a isso. Surgiram alguns fantasmas?

– Fantasmas? – disse Calderón.

– Alguma coisa que faça uma cena do crime parecer «errada» e não como deveria estar – disse Falcón. – Todos tivemos a mesma sensação em relação ao corpo do Sr. Vega na cozinha. Tinha lá estado outra pessoa qualquer.

– E aqui?

Jorge encolheu os ombros.

– Ela foi assassinada – disse Felipe. – Ninguém estava a tentar fazer com que esta cena parecesse outra coisa. Se era ou não o Sr. Vega, resta demonstrar. Só temos a almofada.

– O que é que os vizinhos tinham para dizer? – perguntou Calderón, afastando-se dos outros que estavam no quarto.

– Surgiram ideias contraditórias – disse Falcón. A Sr.a Jiménez conhece o Sr. Vega há algum tempo e não acha que ele fosse do género suicida. Também reparou no carro novo e disse que ele estava prestes a ir de férias para San Diego. No entanto, a Sr.a Krugman mostrou-me estas fotografias, tiradas recentemente, do Sr. Vega em privado, nitidamente tenso e possivelmente descontrolado. Deixou-me ficar com esta prova de contacto.

Calderón olhou para as imagens, franzindo o sobrolho.

– Ele está descalço, no seu jardim, em Janeiro – disse Falcón. – E há outra em que está a chorar perto do rio.

– Por que é que ela anda a tirar fotografias destas? – perguntou Calderón.

– É o trabalho dela – disse Falcón. – É o modo como ela se exprime.

– Tirando fotografias da infelicidade dos outros? – disse Calderón, erguendo uma sobrancelha. – Ela é esquisita?

– Ela disse-me que se interessava pela luta interior e íntima – disse Falcón. – Sabe, essa voz de que o Sr. Vázquez falava. Aquela que ninguém ouve nunca.

– Mas o que é que ela faz com isto? – perguntou Calderón. – Registrando o rosto sem a voz... quero dizer, qual é a ideia?

– A voz é muito alta na cabeça, mas silenciosa para o mundo exterior –



disse Falcón. – Ela está interessada na necessidade que as pessoas sob tensão têm de ir para a rua... para o meio dos outros estranhos deitando a dor cá para fora.

Trocaram um olhar, saíram do quarto e foram para o quarto de Mario. Calderón devolveu-lhe a prova de contacto.

– O que vem a ser toda essa treta? – disse Calderón.

– Estou a contar-lhe o que ela me disse.

– Ela tira disto alguma... sensação indirecta?

– Ela tem uma fotografia de *mim* na parede – disse Falcón, ainda irritado.

– Uma ampliação de *mim* a olhar da Puente Isabel II para o rio, que diabo.

– Ela é uma espécie de *paparazzo* das emoções – disse Calderón, estremecendo.

– Os fotógrafos são pessoas estranhas – disse Falcón, que também era uma.

– A sua moeda corrente são momentos perfeitos da vida real. Definem para si próprios a ideia de perfeição e depois perseguem-na....

– Fantasmas, lutas interiores, momentos efémeros capturados... – disse Calderón. – Não se tira nada deste material.

– Vamos esperar pela autópsia. Isso deveria dar-nos alguma coisa palpável sobre a qual trabalhar. Entretanto gostava de encontrar Sergei, o jardineiro, que foi quem esteve fisicamente mais próximo da cena do crime e quem descobriu o corpo.

– Aí está outro fantasma – disse Calderón.

– Devíamos procurar nas instalações dele ao fundo do jardim.

Calderón acenou com a cabeça.

– Sou capaz de ir ao outro lado dar uma vista de olhos nas fotografias da Sr.a Krugman enquanto você revista as instalações do jardineiro – disse Calderón. – Quero ver estas imagens em tamanho normal.

Falcón seguiu com o olhar o juiz até à segunda cena do crime. Calderón trocou algumas palavras com o *médico forense*, rebolando o seu telemóvel na mão como um sabonete. Desceu apressadamente as escadas. Falcón sacudiu da cabeça a sensação inquietante de que Calderón parecia estranhamente constrangido e cuidadoso, coisa que não fazia parte do seu habitual estilo descontraído e conhecedor.

Enquanto ele atravessava a relva afogueado, Falcón reparou numa pilha de papel carbonizado sobre o grelhador, na zona pavimentada do *barbecue*. O papel superior tinha sido amarrotado e cuidadosamente queimado, por isso

desintegrou-se com o toque da sua caneta. Debaixo dele havia páginas que não tinham sido tão completamente consumidas pelo fogo, nas quais se via claramente coisas escritas à mão.

Chamou Felipe, para que viesse ao jardim com o seu estojo de técnicas forenses. Ele pôs-se a inspeccionar com os óculos de ampliar feitos por encomenda.

– Não vamos poder recuperar grande coisa daqui – disse ele – ou, se calhar, mesmo nada.

– A mim parecem-me cartas – disse Falcón.

– Só consigo discernir palavras soltas, mas a letras têm aquele aspecto arredondado da escrita feminina. Vou tirar uma fotografia antes de destruirmos isto.

– Diga-me as palavras soltas que puder ver.

Felipe decifrou algumas palavras que pelo menos confirmavam tratar-se de língua espanhola e tirou um par de fotografias com a sua câmara digital. O papel carbonizado desfez-se quando ele tentou penetrar mais profundamente com a sua caneta. Encontrou um fragmento de frase, «*en la escuela*» – «na escola» – mas nada mais. Na base da pilha encontrou um papel de qualidade diferente. Felipe ergueu uns restos finíssimos dos flocos escurecidos.

– Isto é uma fotografia moderna– disse ele. – São muito inflamáveis. Os químicos espirram enquanto o papel arde por baixo e depois só fica isto. As fotografias mais antigas não ardem tão facilmente. O papel é mais espesso e de melhor qualidade.

Puxou para fora um papel que tinha os rebordos pretos, brilhantes e encaracolados, mas o centro ainda branco. Virou-o, mostrando uma fotografia a preto e branco da cabeça e ombros de uma rapariga. Estava de pé em frente de uma mulher cuja presença tinha ficado reduzida a uma mão com anel assente sobre a clavícula da rapariga.

– É possível datá-la?

– Este tipo de material já não é usado comercialmente em Espanha há anos, mas podia ter sido revelado em privado ou ter vindo do estrangeiro, onde ainda é usado. Por isso... estranho – disse Felipe. – O penteado da rapariga parece um pouco antiquado.

– Anos 60, 70? – perguntou Falcón.

– Talvez. O que é certo é que não parece uma rapariga do *pueblo*. E a mão da mulher em cima do ombro dela não parece ter passado por trabalho

manual. Eu diria estrangeiros com recursos. Tenho alguns primos na Bolívia que parecem um pouco assim, sabe, fora de moda.

– Meteram o pedaço de fotografia num saco de plástico, foram procurar uma sombra e limpavam-se.

– Queimam-se velhas cartas e fotografias quando se está a pôr a casa em ordem – disse Felipe.

– Ou a cabeça – disse Falcón.

– Talvez ele se tenha *mesmo* suicidado e nós para aqui a imaginar coisas.

– Por que é que se queimariam coisas assim? – disse Falcón. – Lembranças dolorosas. Uma parte da nossa vida que não queremos que a nossa mulher descubra...

– Ou uma parte da nossa vida que não queremos que o nosso *filho* descubra – disse Felipe – quando morrermos.

– Talvez fosse material perigoso, se caísse nas mãos erradas.

– As mãos de quem?

– Só estou a dizer que uma pessoa só queima este tipo de coisas para se livrar delas se forem dolorosas, embaraçosas ou perigosas.

– Pode ser só uma fotografia da mulher dele quando era jovem – disse Felipe. – O que é que isso significaria?

– Já localizámos os pais de Sr. Vega? – perguntou Falcón. – Deviam ser eles a tomar conta do rapaz e não a Sr.a Jiménez.

Felipe disse-lhe que Pérez estava a tratar disso. Desceram até à casa do jardineiro. A porta estava fechada. Os dois quartos eram abafados, sem ventilação e despojados de objectos pessoais. O colchão estava meio caído da cama como se ele tivesse alguma coisa escondida debaixo dele ou então apenas dormisse na parte exterior. O único outro móvel no quarto era um caixote virado ao contrário, utilizado como mesa-de-cabeceira. A cozinha tinha um bico de gás e uma botija de gás butano. Não havia frigorífico e apenas comida seca sobre um aparador.

– O pessoal não partilhava lá muito os luxos dos Vega – disse Felipe.

– É melhor que viver em Tres Mil Viviendas – disse Falcón. – Por quê fugir?

– Alergia à polícia – disse Felipe. – Estes tipos ficam asmáticos quando vêem 112 escrito ao lado da cabina telefónica. Um cadáver... bem, não se fica por aí à espera que aconteça um desastre, pois não?

– Ou pode ter visto alguma coisa ou alguém – disse Falcón. – Deve ter

sabido que o Sr. Vega queimou os papéis e é provável que o tenha visto descalço no jardim. Talvez até tenha visto o que aconteceu a noite passada.

– Vou escolher algumas fotografias e metê-las no computador – disse Felipe.

Falcón voltou para a casa, com a camisa colada às costas. Chamou Pérez pelo telemóvel.

– Onde estás? – perguntou Falcón.

– Agora estou no hospital, *inspector jefe*.

– Deixei-te a revistar a garagem e o exterior da casa.

– Eu fiz isso.

– E quanto aos papéis queimados no *barbecue*?

– Estavam queimados. Tomei nota disso.

– Estás ferido?

– Não.

– Então o que é que estás a fazer no hospital?

– A Sr.a Jiménez mandou cá a criada, dizendo que estava a ter problemas com Mario, o rapaz. Achou que seria bom ele ver uma cara familiar, mandar vir os avós.

– Falaste nisso ao *juez* Calderón?

– Sim.

– Ele não me referiu isso.

– Tinha outras coisas em que pensar.

– Como por exemplo?

– Não é a mim que ele vai dizer, pois não? – disse Pérez. – Só vi que ele estava preocupado, mais nada.

– Diz-me só por que é que estás no hospital – disse Falcón que nunca se tinha conseguido habituar ao estilo tresloucado que Pérez tinha para trabalhar e relatar.

– Cheguei ao apartamento do Sr. e da Sr.a Cabello, que são os pais da Sr.a Vega – disse ele. – Têm ambos setenta e tal anos. Deixam-me entrar. Conto-lhes o que aconteceu e a Sr.a Cabello desmaia. Pensei que era do choque, mas o Sr. Cabello diz-me que ela tem um coração fraco. Chamo uma ambulância e dou-lhe os primeiros socorros. Parou de respirar. Tive de lhe fazer massagem cardíaca e boca-a-boca, *inspector jefe*. Chega a ambulância e felizmente têm um desfibrilhador a bordo. Agora ela está nos cuidados intensivos e eu estou aqui sentado com o Sr. Cabello. Liguei para a outra

filha dele e ela está a vir de Madrid no TGV.

– Falou com a Sr.a Jiménez?

– Não tenho o número dela.

– E o *juez* Calderón?

– Está com o telemóvel desligado.

– E eu?

– Estamos a falar neste momento, *inspector jefe*.

– Está bem, bom trabalho – disse Falcón.

De volta ao fresco da casa, Falcón sentia as suas tripas como destroços a arder em lume brando. Tods estavam à espera impacientemente. Ambos os corpos estavam embalados e estendidos sobre macas no corredor da entrada.

– De que é que estão à espera? – perguntou Falcón.

– Precisamos que o *juez* Calderón assine o *levantamiento del cadáver* – disse o *médico forense*. – Não o conseguimos encontrar.

Falcón chamou a Sr.a Jiménez quando ia a caminho da casa dos Krugman, para lhe dizer o que tinha acontecido com os pais da Sr.a Vega e a chegada iminente da irmã de Lucía, vinda de Madrid. Mario tinha desmaiado de exaustão e estava agora a dormir. Ela perguntou-lhe se ele queria tomar uma bebida com aquele calor.

– Ainda tenho coisas para fazer – disse ele.

– Vou estar aqui todo o dia – disse ela. – Não vou trabalhar.

Marty Krugman atendeu à porta a espreguiçar-se como se tivesse estado a dormir no sofá. Falcón perguntou pelo juiz. Marty apontou lá para cima e voltou a arrastar-se para o sofá, descalço, com os *jeans* pendurados no traseiro. Falcón seguiu o som de vozes que estavam a falar em inglês. Calderón falava bastante fluentemente e tinha a avidez de um cachorrinho aos saltos.

– Sim, sim – disse ele. – Estou a ver isso. O sentido de desenraizamento é palpável.

Falcón suspirou. Conversas artísticas. Bateu à porta. Maddy abriu-a de rompante com um sorriso sardónico na cara. Os olhos de Calderón estavam a olhar por trás do ombro direito dela, desvairados e com as pupilas dilatadas. Isso fez com que Falcón se retraísse por instantes.

– *Inspector jefe* – disse ela. – O *juez* Calderón e eu estávamos a ter uma conversa *tão* interessante, não estávamos?

Falcón pediu desculpa por interromper, mas o juiz estava a ser preciso para

assinar o despacho do segundo corpo. Calderón voltou gradualmente, um pedaço após outro, como se estivesse a apanhar as suas roupas no quarto de uma mulher estranha.

– O seu telemóvel estava desligado – disse Falcón.

Maddy ergueu uma sobrancelha. Calderón olhou para o quarto em redor para ter a certeza de que não estava a deixar nada de incriminatório. Fez um desconfortável e alongado discurso de despedidas enquanto segurava na mão da Sr.a Krugman, que beijou no final. Desceu tropegamente as escadas como um menino de escola com um relatório decente na sua pasta e parou a meio do caminho.

– Não vem comigo, *inspector jefe*?

– Tenho uma pergunta para fazer à Sr.a Krugman.

Calderón fez saber claramente que ia esperar.

– Agora tem de ir fazer o seu trabalho, *juez* – disse Maddy, fazendo-lhe um pequeno aceno desencorajador.

O rosto de Calderón foi atravessado por uma catadupa de emoções. Esperança, deleite, desilusão, ânsia, ciúmes, raiva e resignação. Deixaram-no esmagado. Acabou de descer os últimos degraus cambaleando sem conseguir coordenar os seus pés.

– Qual era a sua pergunta, *inspector jefe*? – disse ela com um olhar tão plano como o horizonte do oceano.

Ele pediu para ver de novo as fotografias do Sr. Vega no seu jardim. Ela voltou para a câmara escura e poisou as fotografias sobre a mesa. Falcón apontou para o canto superior das fotografias.

– Fumo – disse ele.

– Ele estava a queimar coisas – disse ela. – Ele queimava muitas vezes papéis ali em baixo.

– Quantas vezes?

– Desde o princípio do ano... bastantes.

– E todas as suas fotografias são...

– Deste ano – disse ela. – Apesar de ele não se tornar um visitante regular da beira-rio antes de Março.

– Você *sabia* que ele estava perturbado com alguma coisa – disse Falcón, agora aborrecido com ela.

– Eu disse-lhe, não é da minha conta – disse ela. – E você mesmo parece estar confuso sem saber se é suicídio ou assassinio.

Ele voltou-se sem dizer palavra e encaminhou-se para a porta.

– O *juez* é um homem muito sensível e inteligente – disse ela.

– É um homem bom – disse Falcón – E também é um homem feliz.

– Esses são uma raridade depois dos 30 anos – disse Maddy.

– Por que é que diz isso?

– Vejo mais homens do que mulheres lá em baixo no rio.

– As mulheres têm um dom para se manterem ligadas ao mundo – disse Falcón. – Acham mais fácil falar.

– Isso não tem segredo – disse Maddy. – Seguimos para a frente com a vida. Os homens, como o Marty, por exemplo, são postos de lado por tentarem responder a perguntas sem resposta. Deixam que as coisas se compliquem nas suas cabeças.

Falcón acenou com a cabeça e começou a descer as escadas. Ela ficou no alto, cruzou os braços sobre o peito e inclinou-se contra a parede.

– Então, porque é que o *juez* está tão feliz?

– Vai casar-se mais para o fim deste ano – disse Falcón sem se voltar.

– Você conhece-a? – perguntou ela. – É simpática?

– Sim – disse Falcón e voltou-se para a porta.

– Ânimo – disse ela em inglês. – *Hasta luego, inspector jefe.*



## Capítulo 6

*Quarta-feira, 24 de Julho de 2002*

FALCÓN compreendeu perfeitamente a intenção daquelas palavras e caminhou de novo para a casa dos Vega com uma fúria que só foi interrompida quando avistou a criada a afastar-se pela Avenida Kansas City. Foi até ela e perguntou-lhe se tinha comprado recentemente desentupidor de canos. Não, nunca tinha comprado nenhum. Perguntou-lhe quando é que tinha lavado o chão da cozinha pela última vez. A Sr.a Vega, que vivia obcecada com receio de que Mario apanhasse micróbios por o chão estar sujo, tinha insistido para que isso fosse feito três vezes por dia. Mario já tinha ido para casa de Consuelo Jiménez, do outro lado da rua, antes de ela limpar o chão pela última vez ao fim da tarde de ontem.

A ambulância que continha os dois corpos arrancou quando ele estava a chegar de novo à casa dos Vega. A porta da frente estava aberta. Calderón estava a fumar no *hall*. Felipe e Jorge acenaram para ele ao saírem com os seus estojos de investigação forense e os seus sacos com as provas. Falcón fechou a porta atrás deles por causa do calor.

– O que é que lhe perguntou? – disse Calderón, desencostando-se da parede.

– Eu vi no *barbecue* que o Vega tinha estado a queimar papéis. Queria verificar se tinha queimado alguma das fotografias que ela lhe tinha tirado – disse Falcón. – E tinha.

– É tudo? – disse Calderón, tão acusador como trocista.

Falcón voltou a encher-se de raiva.

– Conseguiu alguma coisa com ela, Esteban?

– O que quer dizer?

– Esteve lá durante meia hora com o telemóvel desligado. Deduzi que estivesse a falar de alguma coisa com uma importância relevante para a investigação.

Calderón chupou com força o cigarro, inspirando o fumo com uma lufada

de ar.

– Ela *disse* de que é que falámos?

– Eu ouvi-o falar sobre as fotografias quando ia a subir a escada – disse Falcón.

– São muito boas – disse Calderón, acenando gravemente com a cabeça. – Ela é uma mulher muito talentosa.

– Foi você que a tratou de «*paparazzo* das emoções».

– Isso foi antes de ela me falar do seu trabalho – disse ele, sacudindo para Falcón os dedos que seguravam no cigarro. – É o pensamento atrás das fotografias que faz delas o que são.

– Então, não são estilo *Hola!* Com sentimentos? – disse Falcón.

– Muito bom, Javier. Hei-de lembrar-me dessa – disse Calderón. – Mais alguma coisa?

– Falamos depois de chegar o relatório da autópsia – disse Falcón. – Vou esperar a irmã da Sr.a Vega ao TGV e levá-la à Sr.a Jiménez mais à tarde.

Calderón acenou com a cabeça sem saber de que é que Falcón estava a falar. – Vou falar agora com o Sr. Ortega... é o outro vizinho – disse Falcón, incapaz de resistir ao sarcasmo.

– Eu sei quem é o Sr. Ortega – disse Calderón.

Falcón dirigiu-se à porta de entrada. Quando se voltou, Calderón já estava perdido nos seus pensamentos labirínticos.

– Eu penso o que disse esta manhã, Esteban.

– O que foi?

– Acho que você e a Inés vão ser muito felizes juntos – disse Falcón. – Ligam muito bem um com o outro.

– Tem razão – disse ele. – Ligamos. Obrigado.

– É melhor vir comigo – disse Falcón. – Agora vou fechar isto.

Saíram da casa e seguiram direcções diferentes ao chegar à rampa para os automóveis. Falcón fechou os portões eléctricos com um comando que tinha trazido da cozinha. A entrada para a casa de Ortega ficava à esquerda da rampa de automóveis dos Vega e estava coberta por uma grande trepadeira. À sombra dela observou Calderón. O homem hesitou perto do seu carro e pareceu ver se tinha mensagens no telemóvel. Dirigiu-se para a casa dos Krugman, parou, deu uns passos à toa e pôs-se a roer a unha do polegar. Falcón abanou a cabeça, tocou à campainha de Ortega e apresentou-se pelo intercomunicador. Calderón levantou as mãos ao céu e voltou para o seu

carro.

«Assim é que é, Esteban», disse Falcón para si mesmo. «Nem te atrevas a pensar nisso.»

Um forte cheiro a esgoto chegou às narinas de Falcón enquanto esperava perto do portão. Ortega accionou o trinco, fazendo-o entrar para um fedor que quase lhe deu vômitos. Grandes garrafas azuis voavam pelo ar, tão ameaçadoras como bombardeiros. As paredes da esquina da casa estavam percorridas de cima a baixo por manchas castanhas, na zona em que a fachada ostentava uma grande racha. O ar estava infestado pela intensa riqueza da degradação. Ortega surgiu pelo lado da casa que dava para a relva.

– Eu não uso a porta da frente – disse Ortega, cujo aperto de mão era de fazer estalar os ossos. – Como pode ver, estou com um problema deste lado da casa.

Todo o corpo de Pablo Ortega se exprimiu naquele aperto de mão. Era um homem compacto, inflexível e eléctrico. Tinha o cabelo comprido, espesso e completamente branco, caído abaixo da abertura da camisa sem gola. O seu bigode também era impressionante, mas tinha ficado amarelado com o fumo. Duas rugas desciam das entradas do cabelo até às sobrancelhas e tinham o poder de chamar a atenção de Falcón para os seus olhos castanho-escuros.

– Acaba de se mudar para cá, não acaba? – perguntou Falcón.

– Há nove meses... e seis semanas depois, acontece-me esta merda. A casa tinha em tempos duas divisões construídas sobre uma fossa, que recebe o escoamento dos esgotos das quatro casas que vê à nossa volta. Depois, os proprietários anteriores construíram duas outras divisões sobre essas e seis semanas *da merda* depois de eles me venderem a casa, com o excesso de peso, o tecto da fossa rebentou, a parede cedeu e agora temos a caca das quatro casas a borbulhar pelo chão.

– Vai ficar caro.

– Vou ter de deitar abaixo esse lado da casa, reparar a fossa, reforçá-la para poder aguentar com o peso suplementar e depois reconstruir – disse Ortega.

– O meu irmão mandou cá uma pessoa que me disse que isto me vai custar vinte milhões ou lá que caralho isso dá em euros.

– E seguro?

– Eu sou um artista. Não tratei de assinar o precioso papel até que era tarde de mais.

– Que azar.

– Sou um especialista nessa modalidade – disse ele. – E sei que você também é. Já nos encontramos.

– Ai sim?

– Eu vim à sua casa na Calle Bailén. Você tinha dezassete ou dezoito anos.

– A maior parte da comunidade artística de Sevilha passou por aquela casa a dado momento. Lamento, mas não me lembro.

– Aquilo foi uma cena má – disse Ortega, pondo uma mão no ombro de Falcón. – Nunca teria imaginado. Você teve de passar pelo triturador dos *media*. Eu li tudo, é claro. Não pude resistir. Quer uma bebida?

Pablo Ortega estava com uns calções azuis até aos joelhos e alpercatas pretas. Andava com os pés afastados para fora e tinha umas enormes e bulbosas barrigas das pernas, que pareciam poder aguentá-lo durante longas corridas.

Deram a volta à casa, entrando pelas traseiras, pela cozinha. Falcón sentou-se na sala de estar enquanto Ortega ia buscar cerveja e Casera. A sala estava fresca e sem odores, a não ser o cheiro de velhas beatas de charuto. Estava cheia a abarrotar de móveis, quadros, livros, cerâmica, objectos de vidro e tapetes. No chão, encostada a uma arca de carvalho, estava uma paisagem de Francisco Falcón. Javier olhou para ela e não sentiu nada.

– Carisma – disse Ortega, voltando com a cerveja, azeitonas e alcaparras e fazendo sinal para o quadro. – É como um campo de forças. Não se vê e no entanto tem o poder de elevar as capacidades normais de percepção de todos. Agora que disseram ao mundo que o rei vai nu, é fácil e todos esses historiadores que Francisco tanto desprezava não param de escrever sobre o contraste que os quatro nus tinham em relação ao resto da sua obra. Eu estou do lado de Francisco. São desprezíveis. Ficaram deliciados com a sua derrocada, mas não conseguem ver que o que agora andam a escrever é sobre os seus próprios falhanços. Carisma. Somos mantidos num tal estado de aborrecimento que qualquer pessoa que possa alegrar a nossa vida a qualquer nível é tratada como um deus.

– Francisco costumava substituir a palavra «génio» por «carisma» – disse Falcón.

– Quando se domina a arte do carisma nem se precisa de génio.

– Não há dúvida de que ele sabia isso.

– É verdade – disse Ortega, voltando a afundar-se na poltrona.

– Devíamos tratar do que eu aqui vim fazer – disse Falcón.

– Sim. Bem, eu percebi que se passava qualquer coisa quando vi lá fora aquele cabrão com cara de ratazana, com o seu ar presumido e o seu fato de tecido leve e caro – disse Ortega. – Fico sempre desconfiado das pessoas que se vestem com coisas caras para ir trabalhar. Querem ofuscar com a sua carapaça, enquanto o seu vazio fervilha com todo o tipo de formas de vida obscuras.

Falcón coçou o pescoço perante o melodrama de Ortega.

– De quem estamos a falar?

– Daquele... daquele *cabrón*... o *juez* Calderón – disse Ortega. – Até rima.

– Ah, sim, o caso jurídico com o seu filho. Eu não...

– Foi ele o *cabrón* que fez com que Sebastián ficasse preso tanto tempo – disse Ortega. – Foi o *cabrón* que fez pressão para a sentença máxima. Aquele homem é só a letra da lei e nada mais. Com ele, é só a espada e nada de balança e na minha opinião, para haver justiça é preciso as duas coisas.

– Só me falaram esta manhã do caso do seu filho.

– Estava em todo o lado – disse Ortega, incrédulo. – Filho de Pablo Ortega foi preso. Filho de Pablo Ortega acusado. Filho de Pablo Ortega, blá, blá, blá. Sempre o filho de Pablo Ortega... nunca era Sebastián Ortega.

– Eu andava preocupado na altura – disse Falcón. – Não tinha cabeça para casos correntes.

– O monstro dos *media* teve o seu banquete – disse Ortega, troçando e arreganhando os dentes atrás da ponta do seu charuto.

– Alguma vez vê o seu filho?

– Ele não quer ver ninguém. Fechou-se para o resto do mundo.

– E a mãe dele?

– A mãe abandonou-o... abandonou-nos, quando ele ainda tinha só oito anos – disse Ortega. – Fugiu para a América com um doido qualquer com uma grande pila... e depois morreu.

– Quando foi isso?

– Há quatro anos. Cancro da mama. Isso afectou muito o Sebastián.

– Então ele conhecia-a?

– Passava com ela todos os Verões a partir dos dezasseis anos – disse Ortega, cortando o ar com o seu charuto. – Nada disso foi tido em consideração quando esse *cabrón*...

Ficou sem fôlego e agitou-se na cadeira, com a cara contorcida de repúdio.

– Foi um crime *muito* grave – disse Falcón.

– Eu tenho consciência disso – disse Ortega, muito alto. – Só que o tribunal se recusou a aceitar quaisquer circunstâncias atenuantes. O estado de espírito de Sebastián, por exemplo. Ele estava nitidamente perturbado mentalmente. Como é que se explica o comportamento de alguém que rapta um rapaz, abusa dele, o deixar partir e depois se entrega? Quando chegou a altura de ele se defender em tribunal, não disse nada, recusou-se a pôr em causa qualquer aspecto das declarações do rapaz... aceitou tudo. Nada disso faz sentido para mim. Não sou especialista, mas até eu consigo ver que ele precisa de ser tratado e não de prisão, violência e isolamento forçado.

– Recorreu da sentença?

– Tudo isso demora – disse Ortega – e dinheiro, é claro, o que não foi fácil. Tive de mudar-me da minha casa...

– Porquê?

– A minha vida tornou-se impossível. Recusavam-se a servir-me nos cafés e nas lojas. As pessoas atravessavam a rua quando me viam. Estava a ser segregado pelos pecados do meu filho. Era insuportável. Tive de sair dali. E agora, aqui estou... sozinho com a merda e o fedor dos outros por companhia.

– Conhece o Sr. Vega? – perguntou Falcón, agarrando na oportunidade.

– Conheço. Ele apresentou-se cerca de uma semana depois de eu me mudar para aqui. Havia fotógrafos na rua. Ele atravessou-os, deu-me as boas-vindas e ofereceu-se para que eu usasse o seu jardineiro. Convidava-o de vez em quando para tomar uma bebida e quando me surgiu este problema com a fossa ele deu-me a sua opinião, mandou cá um perito e pagou todas as despesas sem razão especial.

– Sobre que assuntos falavam quando tomavam uma bebida juntos?

– Nada de pessoal, o que era um alívio. Eu pensei que ele pudesse ser... sabe, quando as pessoas vêm à nossa porta e querem ser nossas amigas. Achei que ele podia ter um interesse lascivo pelas desgraças do meu filho ou querer ligar-se a mim de algum modo... há por aí imensas pessoas que gostariam de acrescentar outra dimensão ao seu estatuto social. Mas o Rafael, apesar do seu charme aparente, era uma pessoa fechada... a nível pessoal, muita coisa entrava, mas pouca saía. Se fosse para falar de política, já era outra coisa. Falávamos sobre a América pós 11 de Setembro, por exemplo. Era interessante, porque ele tinha sempre posições muito à direita. Quero dizer, achava José María Aznar um pouco comunista de mais para o seu



gosto. Mas a seguir o World Trade Center caiu e ele continuou a dizer que os americanos andavam mesmo a pedi-las.

– Ele não *gostava* de americanos? – perguntou Falcón.

– Não, não, não, não é isso. Ele gostava dos americanos. Era muito amigo dessa gente da porta ao lado. Marty trabalhava para ele e tenho a certeza de que o Rafael estava interessado em foder com a mulher dele.

– A sério?

– Não, estava só a ser maldoso ou talvez a passar-lhe uma verdade mais geral. Todos gostaríamos de foder com Maddy Krugman. Já a viu?

Falcón acenou com a cabeça.

– O que é que acha?

– Por que é que ele achava que os americanos estavam a pedi-las?

– Dizia que eles andavam sempre a meter-se na política dos outros e que quando se faz isso, as coisas rebentam-nos na cara.

– Então não era nada de específico, só conversa de bar?

– Sim, mas bastante surpreendente, na medida em que ele gostava de americanos e que ia lá de férias este Verão – disse Ortega, chupando a ponta do seu charuto. – Outra coisa que ele dizia sobre os americanos era que são nossos amigos enquanto lhes somos úteis e que, assim que paramos de lhes fazer dinheiro ou de os ajudar, nos largam como uma pedra. Têm uma lealdade calculada, sem nenhuma espécie de confiança. Acho que foram essas as palavras dele.

– E o que é que achou disso?

– A avaliar pela veemência dele parecia estar a falar por experiência própria, provavelmente de negócios, mas nunca descobri de que se tratava.

– Quantas vezes o viu este ano?

– Duas ou três vezes, sobretudo para tratar da fossa.

– Notou alguma diferença nele desde o ano passado?

Silêncio enquanto Ortega fumava estreitando os olhos.

– Ele matou-se?

– É isso que estamos a tentar determinar – disse Falcón. – Até agora descobrimos que houve uma alteração nele, no final do ano passado. Começou a andar mais preocupado. Andou a queimar papéis ao fundo do jardim.

– Eu não notei nada, mas a nossa relação não era íntima. A única coisa de que me lembro, foi um dia no Corte Inglés, em Nervión. Dei com ele a



escolher carteiras de cabedal ou coisa assim. Quando me aproximei para lhe falar levantou a cabeça para mim e vi que tinha ficado completamente assustado como se eu fosse o fantasma de um parente há muito desaparecido. Afastei-me e não chegámos a falar. Foi talvez a última vez que o vi. Há uma semana.

– Reparou em alguns visitantes regulares da casa dele ou algum que não fosse habitual? – disse Falcón. – Alguns visitantes nocturnos?

– Olhe, eu sei que ando sempre por aqui, especialmente agora que não tenho arranjado trabalho, mas não passo os dias a olhar por cima da cerca ou a espreitar pelas persianas.

– O que *faz* do seu tempo?

– Bem, uma boa parte dele passa-se desconfortavelmente na minha cabeça. Mais do que devia ou que eu queria.

– O que é que fez a noite passada?

– Embebedei-me sozinho. É mau hábito, eu sei. Adormeci aqui mesmo e acordei gelado com o ar condicionado às cinco da manhã.

– Quando lhe perguntei por visitantes dos Vega, não pretendia dizer...

– Oiça, os únicos visitantes regulares que eu vi por lá eram os pais de Lucía e a grande cabra do outro lado da rua que tomava conta do miúdo de vez em quando.

– A grande cabra?

– Consuelo Jiménez. Não me quero cruzar com ela, Javier. É do género que só sorri quando tem os tomates de um tipo apertados num torno.

– Tiveram desentendimentos?

– Não, não, é só que reconheço o género.

– Que género é esse? – perguntou Falcón, incapaz de resistir à pergunta.

– Do género que não gosta de homens, mas que infelizmente não é lésbica e acha que tem de arranjar homens para as suas necessidades sexuais depravadas. Isso deixa esse tipo de mulher num estado permanente de ressentimento e raiva.

Falcón mordeu a ponta da caneta para se impedir de sorrir. Parecia que o grande Pablo Ortega tinha oferecido os seus fantásticos préstimos e tinha sido rejeitado.

– Essa gosta de crianças – disse Ortega. – Gosta de rapazinhos a correrem-lhe à volta das pernas. Quantos mais, melhor. Mas assim que lhes crescem os pelos...

Ortega agarrou num grande tufo de pêlos brancos do seu peito e sacudiu a cabeça com desprezo. Era um perfeito camafeu, no qual a parvoíce masculina e o orgulho feminino se encontravam no mesmo corpo. Falcón riu-se. Ortega recebeu a aclamação da sua audiência de uma só pessoa.

– Sabe – disse ele, enchendo o seu copo de Cruzcampo e oferecendo-o a Falcón que recusou – qual é a melhor maneira para conhecer mulheres?

Falcón abanou a cabeça.

– Cães.

– Você tem cães?

– Tenho dois buldogues anões. Um grande macho corpulento chamado *Pavarotti* e um mais pequeno, uma fêmea de focinho escuro chamada *Callas*.

– E cantam?

– Não, cagam-me o jardim todo.

– Onde é que os guarda?

– Aqui não, com a minha colecção toda pelo chão. Ainda levantam a perna para uma obra-prima e eu acabo a fazer alguma coisa imperdoável.

– A sua colecção?

– Não está a pensar que eu vivo em permanência neste tipo de barafunda? Tive de mudar para aqui a minha colecção quando a fossa rachou – disse Ortega. – Seja como for, deixe-me acabar de lhe falar dos cães. Os buldogues anões são a maneira perfeita para começar a conversar com uma mulher solitária. São pequenos, não metem medo, são um pouco feios e divertidos. Perfeitos. Resultam sempre com mulheres e crianças. As crianças não lhes conseguem resistir.

– Foi assim que conheceu Consuelo Jiménez?

– *E* Lucía Vega – disse ele, piscando o olho.

– Talvez não saiba disso... eu devia ter esclarecido... a Sr.a Vega foi assassinada.

– Assassinada? – disse ele, pondo-se de pé, entornando cerveja no colo.

– Foi sufocada com a sua própria almofada...

– Quer dizer que ele a matou e depois se suicidou? E o rapaz?

– Esteve sempre em casa da Sr.a Jiménez.

– Meu Deus... isto é uma tragédia – disse ele, indo à janela, dando-lhe murros com o punho e olhando para o jardim à procura de algum reconforto.

– O que estava a dizer sobre a Sr.a Vega... não teve um caso com ela ou teve?

– Um caso? – disse ele, agora a pensar em coisas terríveis. – Não, não, nada disso. Apenas a encontrei naquele pequeno canto do parque, a passear os cães. Ela não é bem o meu tipo. Estava bastante fascinada com a minha celebridade, mais nada.

– Sobre que assuntos falaram?

– Não me lembro. Acho que ela me tinha visto numa peça ou... De que *é* que falámos?

– Quando foi isso?

– Algures em Março.

– Piscou o olho quando disse o nome dela.

– Isso foi só uma gabarolice ridícula da minha parte.

A caneta de Falcón pairou sobre o bloco. Estava a passar mentalmente em revista imagens de há quinze meses. As fotografias que Raúl Jiménez tinha penduradas na parede atrás da sua secretária no apartamento do Edifício Presidente. Celebidades que tinham jantado nos seus restaurantes, mas também pessoas da câmara municipal, da polícia e da judiciária. E era aí que antes tinha visto a cara de Pablo Ortega.

– Você conhecia Raúl Jiménez – disse Falcón.

– Bem, aconteceu-me comer nos seus restaurantes – disse Ortega, aliviado.

– Lembro-me de si, de uma das fotografias que ele tinha em casa... celebridades e gente importante.

– Não me lembro como é que isso aconteceu. Raúl Jiménez detestava teatro... A não ser, é claro, deve ser isso, o meu irmão Ignacio, *ele* conhecia Raúl. A companhia do meu irmão instala equipamentos de ar condicionado. O Ignacio convidava-me para recepções quando queria impressionar as pessoas. Deve ter sido isso.

– Então conhecia Consuelo Jiménez antes de se mudar para aqui?

– De vista – disse Ortega.

– Alguma vez conseguiu interessar a Sr.a Krugman pelos seus cães?

– Meu Deus, Javier, você é de uma raça diferente da dos outros polícias com quem já tive de lidar.

– Somos apenas pessoas.

– Aqueles com quem falei são muito mais metódicos – disse Ortega. – Isto é uma observação, não é uma crítica.

– O assassinio é a maior aberração da natureza humana, faz sobressair alguns subterfúgios engenhosos – disse Falcón. – Um pensamento metódico

não sobrevive bem nesse mundo ilusório.

– *Representar* é o maior subterfúgio de todos os tempos – disse Ortega. – Às vezes é tão engenhoso que já não sabemos quem diabo somos.

– Devia conhecer alguns dos assassinos que eu pus na prisão – disse Falcón. – Alguns deles aperfeiçoaram a arte da negação ao ponto de a transformar em verdade absoluta.

Ortega pestanejou perante isto – um horror que ainda não tinha considerado.

– Tenho de me ir embora – disse Falcón.

– Perguntou-me pela Sr.a Krugman e os cães – disse ele, um pouco desesperado.

– Ela não me parece do género de gostar de cães.

– Tem razão... Mas se eu tivesse um leopardo com um colar de diamantes...

Passaram para o jardim através das portas de correr. Ortega acompanhou Falcón até ao portão de entrada. Ficaram na rua sossegada, longe do mau cheiro. Um grande carro preto passou lentamente antes de tomar velocidade em direcção à Avenida Kansas City. Ortega seguiu-o com os olhos.

– Sabe, estava a perguntar-me por visitantes pouco habituais na casa dos Vega? – disse ele. – Isso lembrou-me uma coisa. Foi um BMW série 7. Havia um desses estacionado em frente à casa deles no dia 6 de Janeiro.

– *La Noche de Reyes*

– É por isso que me lembro da data – disse Ortega. – Mas também me lembro disso por causa da nacionalidade dos ocupantes. Aqueles tipos *não eram* comuns. Um era enorme – gordo, poderoso, de cabelo escuro e um olhar brutal. O outro também era pesado e musculoso, mas parecia mais humano do que o amigo e tinha um belo cabelo. Falaram, e não sei o que disseram, mas, como fui no ano passado a São Petersburgo, percebi que eram russos.

\*\*\*

Os três filhos de Consuelo Jiménez e Mario brincavam na piscina ao fim da tarde. Os gritos, berros e infatigáveis bombardeamentos mútuos chegavam muito abafados pelos vidros duplos. Só os borrifos ocasionais de água nos vidros lhes lembravam a severidade da barragem de artilharia infantil. Javier

estava a bebericar outra cerveja. Consuelo estava a meio de um copo de *tinto de verano*, uma mistura de vinho tinto, gelo e Casera. Estava a fumar, fazendo estalar a unha do polegar. O seu pé, como sempre que se distraía, estava a baloiçar.

– Estou a ver que deixou o Mario juntar-se a eles – disse Falcón.

– Achei que era melhor deixá-lo descontraír-se algum tempo a brincar – disse ela. – A proibição de nadar era uma obsessão do Rafael e não parece fazer muito sentido...

– Já nem me lembro de ter tido esta quantidade de energia – disse Falcón.

– Não há nada mais belo que uma criança, olhos vermelhos do cloro, pestanas molhadas, corpo tremendo debaixo da toalha, com fome e cansada. Enche-me de ternura.

– Quando eu voltar com a tia do Mario... quero dizer, vou ter de a levar para casa dos pais dela, não vai ser a mesma coisa.

– Que quê?

– Que vê-la assim.

– Eu tenho uma enorme vantagem sobre todas as outras pessoas nesta sua investigação – disse Consuelo. – Eu sei como você trabalha, *inspector jefe*.

– Você *convidou-me mesmo* para uma bebida.

– Agora fazemos todos parte do seu mundo – disse ela. – Somos indefesos sob a sua observação impiedosa. Como é que se deu com os outros?

– Acabo de passar cerca de uma hora com Pablo Ortega.

– A representar, como sempre – disse Consuelo. – Eu nunca poderia casar-me com um actor. Sou monogâmica e eles podem fazer com que uma cama pareça uma multidão.

– Isso não sei.

– Não houve actrizes antes de se ter casado com aquela que buscava a verdade... Como é que se chamava? Inés. Claro...

Consuelo parou.

– Desculpe, devia ter-me lembrado do *juez* Calderón.

– É a primeira vez que trabalho com ele desde o assassinio do seu marido – disse Falcón. – Ele disse-me hoje que ele e a Inés se vão casar.

– Duplamente insensível da minha parte – disse Consuelo. – Mas, meu Deus, vai ser uma união muito em busca da verdade. Um *juez* e uma delegada. O primeiro filho deles vai ter de ser padre.

Falcón grunhiu um riso.

– Não há nada que você possa fazer quanto a isso Javier – disse ela. – Mais vale rir.

– Anime-se – disse Falcón. – Foi o que a Sr.a Krugmam me disse para fazer.

– Ela própria não é nenhum espectáculo de comédia.

– Ela mostrou-lhe as fotografias?

– Tão *tristes* – disse Consuelo, fazendo uma cara de palhaço triste. – Já tive de aturar essa merda toda.

– O *juez* Calderón ficou muito impressionado com elas – disse Falcón.

– Com o cu dela, quer você dizer.

– Sim, até os muitos Pablos Ortega desceram dos pedestais dos seus egos para arfar à frente dela.

– Eu sabia que você tinha essa qualidade – disse Consuelo.

– Estou furioso com Maddy Krugman – disse ele. – E não gosto dela.

– Quando um homem diz isso, costuma querer dizer que gosta dela.

– Vou juntar-me a uma grande fila.

– E o *juez* Calderón há-de estar à sua frente.

– Já reparou.

Uma bomba espectacular executada por uma das crianças inundou a janela. Consuelo foi lá fora e disse-lhes que se acalmassem. Falcón tinha noção de que Mario estava a olhar para ela como se ela fosse uma deusa. Ela voltou para dentro. Quando acabou de fechar a porta, a confusão já tinha recomeçado.

– É uma pena eles terem de se transformar em *nós* – disse ela, olhando de novo para a piscina.

– Não está assim tão mal – disse Falcón, largando aquelas palavras grosseiras tão depressa que ficou a olhar para elas de olhos esbugalhados como se fossem uma desgraça em cima do tapete. – Quero dizer, quando eu disse isso... queria dizer que você está...

– Calma, Javier – disse ela. – Beba mais cerveja.

Falcón esvaziou de um trago a Cruzcampo, mordeu uma grande azeitona e pôs o caroço no tabuleiro.

– O Pablo Ortega alguma vez se tentou meter consigo? – perguntou ele.

– Então era isso que você estava agora a tentar fazer?

– Não, isso era... era eu a pensar uma coisa e ela a sair.

– Sim, bom... – Não está assim tão mal – disse ela, citando-o. – Vai ter de

arranjar melhor que isso para melhorar a sua vida sexual. O que é que o Pablo Ortega lhe disse?

– Contou-me como usava os cães para meter conversa com as mulheres.

– Falou-me de ele arfar na frente da Maddy e de meter conversa com mulheres, mas eu sempre pensei que ele fosse um tipo fechado ou talvez pouco interessado em sexo – disse ela. – Os miúdos adoram o *Pavarotti* e a *Callas*, mas ele nunca tentou nada comigo e suponho que uma tentativa por parte do Pablo Ortega não passaria despercebida.

– Por que é que acha que ele é *gay*?

– É só uma sensação que ele emana quando está com mulheres. Gosta delas, mas não está interessado nelas sexualmente. Não sou só eu. Também já o vi com a Maddy. Não fica a arfar. É só para armar. Fica a lembrar a toda a gente que ainda é viril, mas isso não tem nada a ver com sexo.

– Ele referiu-se a si como uma grande cabra – disse Falcón. – Pensei que fosse por você lhe ter dado para trás.

– Bem, eu *sou* uma grande cabra, mas nunca o fui com ele. Na verdade, sempre achei que nos dávamos muito bem – disse ela. – Desde que ele se mudou para aqui que vem cá tomar uns copos, brincar com os miúdos, nadar...

– Era inconfundivelmente sexual. Ele disse que você só sorria quando tinha os tomates de um tipo enfiados num torno – esse tipo de coisa.

Consuelo rebentou a rir, mas também estava contrariada.

– Só posso pensar que ele acha que isso é uma conversa de machão e que eu nunca ia saber de tal coisa – disse Consuelo. – Ele subestimou a sua capacidade para a intimidade, Javier. Mas também suponho que a intimidade entre um polícia e uma... seja o que for. Ele deve ter pensado que era seguro.

– Ele conhecia o Raúl, não conhecia? – disse Falcón. – Lembro-me de o ver nas fotografias atrás da secretária do seu antigo apartamento, mas não era na secção de celebridades.

– A ligação era o irmão de Pablo – disse ela. – O Ignacio trabalhava para o Raúl.

– Gostava de voltar a ver as fotografias de Raúl, se for possível.

– Eu mando avisar para o escritório – disse ela.

\*\*\*



O mundo comercial dos automóveis – Repsol, Firestone, Renault – passou por ele num relâmpago enquanto guiava pela Avenida Kansas City abaixo. Enquanto os edifícios, do lado de lá do pára-brisas, pulsavam com toda a energia, Falcón espantava-se perante a sua intimidade com Consuelo Jiménez. Sentia-se à vontade com ela. Apesar daquilo a que ela se referia como a dinâmica detective-suspeito, estava agora integrada no seu passado. Pensou nela, sentada no sofá no fresco da sua casa, sacudindo o pé em frente do vidro, rindo-se com as crianças enquanto as esfregava com as toalhas, levando-as para a cozinha para comerem enquanto ele avançava pelas contorções animalescas da metrópole que, assolada pelo calor, se prostrava a arfar no redil.

Um letreiro em frente à Estación de Santa Justa, ao fundo da Avenida Kansas City anunciava-lhe que estavam 44o C. Estacionou e cambaleou pelo ar entorpecido, entrando na estação. Chamou Pérez, que lhe disse que tinha convencido o Sr. Cabello a deixar a mulher nos cuidados intensivos. Estava agora no apartamento do Sr. Cabello na Calle Felipe II em El Porvenir à espera do primeiro elemento feminino da brigada de homicídios, a agente Cristina Ferrera, que o vinha substituir.

Falcón ficou à entrada do cais do TGV de Madrid, com um papel onde estava escrito à mão o nome de Carmen Ortiz. Uma mulher de cabelo preto e grandes olhos castanhos que flutuavam num rosto pálido e assustado aproximou-se dele. Tinha com ela duas crianças e «distraída» parecia um adjectivo suave para o seu estado.

Guiou o carro de volta para Santa Clara. Carmen Ortiz falou sem parar durante todo o caminho, primeiro sobre o marido, que estava numa viagem de negócios a Barcelona e não poderia vir de avião senão na manhã seguinte. As crianças observavam as janelas como se estivessem a ser transportadas para uma prisão com maior grau de segurança. Falcón murmurou palavras encorajadoras enquanto a Sr.a Ortiz mergulhou em silêncio.

Consuelo veio abrir a porta com Mario agarrado a ela como um chimpanzé. O rapaz, depois do banho, tinha-se refugiado num silêncio vulnerável. Transferiu-se para Carmen com uma agilidade que mostrava a sua necessidade de contacto humano. Carmen espantou-os com a sua memória sem limites para contar todo o tipo de pormenores da sua viagem. Consuelo escutou, sabendo das intenções de Carmen Ortiz, que eram de não permitir que se gerasse um só minuto de silêncio, no qual se poderia imiscuir a

calamidade daquele dia, dando margem de tempo para que o futuro desesperado de Mario e a sua solidão se mostrassem.

Entraram no carro. Toda a família se sentou na parte de trás. As crianças acariciavam Mario como se ele fosse um gatinho ferido. Consuelo inclinou-se lá para dentro e beijou-o com força na cabeça. Falcón quase ouviu o ruído do corpo a torcer-se quando ela se afastou do carro. Sabia qual era a sensação de vertigem desagradável que se estava a formar na barriga do rapaz enquanto iniciava a sua queda livre para o caos sem mãe. Estava cheio de pena dele. Afastou-se a guiar com a sua carga magoada para dentro do pulsar da cidade.

Levou-os ao apartamento do Sr. Cabello transportando a bagagem. Chegaram ao apartamento como uns nómadas. O Sr. Cabello sentou-se numa cadeira de baloiço com o olhar fixo. Os seus netos provocaram um tremor de animação nos seus lábios. Mario dava pontapés e debatia-se para ficar agarrado à tia. Pérez tinha-se ido embora. Falcón e Ferrera retiraram-se com uma sensação emotiva de maldição iminente a pairar sobre a família destruída.

Desceram no elevador. Ferrera suspirou com a cabeça inclinada para um lado como se a dor daquela troca tivesse aberto caminho até ao seu pescoço provocando-lhe uma câibra definitiva. Avançaram de carro em silêncio até ao centro da cidade onde Falcón a ia deixar. Ela fechou a porta do carro e dirigiu-se para um cruzamento. Falcón arrancou e contornou a Plaza Nueva. Virou à direita para a Calle Mendez Nuñez e esperou em frente ao El Corte Inglés. Quando se afastou da Plaza de la Magdalena e se estava a preparar para virar na Calle Bailén o telemóvel tocou.

– Não quero parecer uma idiota na minha primeira semana – disse Cristina Ferrera – mas acho que está a ser seguido. Era um Seat azul Córdoba a dois carros atrás de si. Tomei nota da matrícula.

– Transmita-a à *Jefatura* e diga-lhes para me telefonarem – disse Falcón. – Vou verificar isso.

Com a luz desvanecente ainda conseguia distinguir cores e localizou o Seat, que era agora o único carro atrás de si, ao passar em frente do Hotel Colón. Passou à frente da loja de azulejos mesmo antes da sua casa e virou na pequena rampa, estacionando entre as laranjeiras. Saiu do carro. O Seat azul parou na sua frente. Parecia estar cheio. Avançou para ele e o carro, sem pressas, afastou-se lentamente. Até teve tempo de ver a matrícula antes de ele virar à esquerda depois de passar pelo Hotel Londres, na esquina.

A *Jefatura* telefonou-lhe para o telemóvel e disse-lhe que o número de matrícula participado por Cristina Ferrera não pertencia a um Seat Córdoba. Disse-lhes que o participassem à polícia de trânsito para ver se tinham sorte.

Abriu as portas da sua casa, estacionou o carro e fechou-as. Sentia-se pouco à vontade, um formigueiro no corpo. Ficou no pátio e olhou em redor, à escuta, como se pudesse estar a ser assaltado. Chegou-lhe o ruído do trânsito ao longe. Foi para a cozinha. Encarnación, a sua mulher-a-dias, tinha-lhe deixado um pouco de guisado de peixe no frigorífico. Cozeu arroz, acendeu o forno e bebeu um copo de vinho branco. Comeu de frente para a porta num estranho estado de expectativa.

Depois de comer fez algo que já não fazia há muito tempo. Pegou numa garrafa de *whisky* e num balde de gelo e foi para o seu escritório. Tinha instalado uma *chaise longue* de veludo cinzento, trazida de um dos quartos do andar de cima. Deitou-se nela com uma boa dose de *whisky* no copo, que poisou sobre o peito. Estava exausto dos acontecimentos do dia, mas o sono, por muitas razões, ainda vinha longe. Falcón bebeu o *whisky* mais metodicamente do que abordava qualquer das suas investigações. Sabia o que estava a fazer – é preciso alguma força de vontade para apagar os estragos. Ao fim do terceiro copo tinha passado em revista a nova infância de Mario Vega e a difícil vida de Sebastián Ortega com um pai famoso. Agora era a vez de Inés. Mas teve sorte. O seu corpo não estava habituado a esta quantidade de álcool e adormeceu tranquilamente com a bochecha encostada à peliça cinzenta macia da *chaise longue*.

## Capítulo 7

*Quinta-feira, 25 de Julho de 2002*

O CALOR NÃO recuou durante a noite. Quando Falcón chegou à *Jefatura* às 7.30 h, a temperatura na rua era de 36o C e a atmosfera estava opressiva como um antigo regime. O curto trajecto do carro ao escritório com uma ressaca pesada como um machado enterrado na sua cabeça deixou-o sem fôlego a ver estranhos clarões de luz atrás dos olhos.

Espantou-se ao encontrar o inspector Ramírez sentado a uma das secretárias do escritório exterior, já a trabalhar, com dois grossos dedos a movimentarem-se sobre o teclado do computador. Falcón sempre tinha duvidado que ele e Ramírez alguma vez se tornassem amigos, uma vez que ele tinha ficado com o posto que Ramírez julgava dever ser seu. Mas, durante os últimos quatro meses, estava a dar-se melhor com o seu número dois, desde que recomeçara a trabalhar a tempo inteiro. Durante o tempo em que Falcón esteve suspenso das suas funções devido a uma depressão, Ramírez agarrou com as duas mãos a oportunidade de chefiar, só para descobrir que não gostava de o fazer. As pressões resultantes não convinham à sua personalidade. Não apenas lhe faltava a necessária costela criativa para lançar uma nova investigação como podia ser explosivo e causador de divisões. Em Janeiro, Falcón tinha voltado ao trabalho a meio tempo. Chegando a Março tinha sido reinstalado como *inspector jefe* a tempo inteiro e Ramírez tinha-se sentido agradecido. Estes desenvolvimentos tinham reduzido a tensão dentro da brigada. Agora era raro usarem as respectivas qualificações para se dirigirem uns aos outros em privado.

– Meu Deus – disse Ramírez – o que é que lhe aconteceu?

– *Buenos días*, José Luis. Ontem foi um dia mau para crianças – disse Falcón. – Voltei a ficar amigo do *whisky*. Como é que as coisas correram no hospital?

Ramírez levantou a cabeça da secretária e Javier passou pela vertiginosa sensação de oscilar entre dois buracos de elevador escuros e vazios que

levavam directamente à dor e incerteza intoleráveis deste homem.

– Não dormi – disse Ramírez. – Fui à missa de manhã cedo pela primeira vez em trinta anos e confessei os meus pecados. Rezei com mais força do que alguma vez na minha vida – mas não é assim que funciona, pois não? *Esta* é a minha penitência. Tenho de observar o sofrimento dos inocentes.

Inspirou ar e tapou as maçãs do rosto com as mãos.

– Mantiveram-na internada por quatro dias para fazer uma série de exames – disse ele. – Alguns desses exames são sobre sintomas muito graves como cancro linfático e leucemia. Não fazem ideia de qual é o problema. Ela tem treze anos, Javier, treze.

Ramírez acendeu um cigarro e fumou com um braço atravessado no peito como se estivesse a segurar-se todo. Falou dos exames como se já tivesse confirmado a si próprio que ela tinha alguma coisa grave e as palavras terríveis «tratamento futuro» estavam a infiltrar-se no seu vocabulário – quimioterapia, náuseas, perda de cabelo, destruição do sistema imunitário, risco de infecção. Subiram à mente sinistra de Falcón imagens de crianças com olhos medonhos, debaixo das cúpulas perfeitas dos seus crânios frágeis.

O cigarro soube-lhe subitamente a podre e Ramírez esmagou-o e cuspiu o fumo para o colo como se fosse responsável pela saúde da filha. Falcón sossegou-o lembrando-lhe que eram só exames, que ficasse calmo e positivo e que podia tirar o tempo de descanso que precisasse. Ramírez pediu que o pusessem a trabalhar, para que estes pensamentos revoltantes intermináveis parassem. Falcón trouxe-o para o seu escritório, tomou mais duas aspirinas e pô-lo ao corrente da morte dos Vega.

Pérez e Ferrera apareceram mesmo a seguir às oito. Os outros dois membros da brigada, Baena e Serrano, estavam fora a fazer um trabalho porta-a-porta. Falcón decidiu avançar em duas frentes. Ia dirigir uma busca à propriedade dos Vega enquanto Ramírez começaria pelo local de trabalho de Rafael Vega, entrevistando os capatazes dos projectos e o contabilista e visitando todos os locais de construção. Também iam ter de encontrar o jardineiro desaparecido, Sergei, e obter mais informações sobre os russos que Pablo Ortega tinha visto na *Noche de Reyes* a visitar a casa dos Vega.

– Onde é que procuramos o Sergei? – perguntou Pérez.

– Bem, podem descobrir se há russos ou ucranianos a trabalhar nos estaleiros do Vega e perguntar-lhes, para começar. Duvido que ele seja o único.

– Se quisermos revistar o escritório de Vega, pelo que nos disse sobre Vázquez, vamos precisar de um mandado.

– E não vamos conseguir um junto de um juiz, a não ser conseguindo provar circunstâncias suspeitas pelas quais teremos de esperar até recebermos as autópsias – disse Falcón. – Vou ter de levar alguém da família da Lucía ao instituto para identificar os corpos. Devo ir buscá-las por volta do meio-dia e ver se esse pedaço de fotografia que encontrámos no *barbecue* significa alguma coisa para algum deles.

– Então, até lá vamos confiar na amabilidade do Sr. Vázquez? – disse Ramírez.

– Ele já me disse para falar com o contabilista e deu-me os seus contactos – disse Falcón, que se voltou para Ferrera. – Conseguiu mais alguma coisa em relação à matrícula?

– Que matrícula? – perguntou Ramírez.

– Alguém me seguiu até casa a noite passada num Seat Córdoba azul.

– Alguma ideia? – perguntou Ramírez, enquanto Ferrera ligava para a polícia de trânsito.

– É cedo de mais para dizer, mas não pareciam incomodados por mim ou por eu ver a matrícula deles.

– Foi participado o roubo de um VW Golf em Marbella – disse Ferrera. – Mais nada.

Falcón e Ferrera pegaram nas fotografias que Felipe e Jorge tinham tirado às cenas do crime e desceram para o carro. Cristina Ferrera vestia-se sempre como se estivesse prestes a desaparecer sem deixar rasto. Nunca usava maquilhagem e tinha uma única jóia. Um crucifixo num fio. O seu rosto era largo e achatado, com um nariz que acalmava o trânsito de sardas em seu redor. Tinha uns olhos atentos que se moviam lentamente na sua cabeça. Não provocava nenhum impacte físico e no entanto tinha uma presença forte que impressionara Falcón quando da entrevista. Ramírez tinha feito circular a fotografia dela apenas pelo aspecto, mas a curiosidade de Falcón fora espicaçada. Por que havia uma ex-freira de querer tornar-se membro de uma brigada do crime? A resposta que ela tinha já pronta era que queria fazer parte de um grupo que estivesse empenhado do lado do Bem contra o Mal. Ramírez avisara-a de que não havia nada de teológico em trabalhar com o crime, que na verdade era ilógico – resultante de roturas e curto-circuitos na sociedade – e nada tinha a ver com batalhas de quadrigas no Paraíso.



– O *inspector jefe* perguntou pelas minhas razões como alguém que tivesse estado a pensar em tornar-se freira – disse ela friamente. – Nessa altura, acreditei ingenuamente que a segunda instituição onde eu podia praticar o bem a seguir à Igreja era a polícia. Os meus dez anos nas ruas de Cádis ensinaram-me que isso só é possível em ocasiões raras.

Falcón tinha querido dar-lhe o trabalho nessa mesma altura, mas Ramírez ainda não tinha terminado.

– Então por que é que deixou a sua *vocação*?

– Conheci um homem, inspector. Fiquei grávida, casámos e tivemos dois filhos.

– Por essa ordem? – perguntou Ramírez e Ferrera acenou com a cabeça sem tirar dele os seus olhos castanhos.

Então, também era um anjo caído. Uma Noiva de Cristo que encontrou um par de botas mortais. Falcón tinha tomado a sua decisão. A transferência de Cádis fora lenta, mas os poucos dias que ela passou com a sua brigada convenceram-no de que tinha feito a escolha certa. Até Ramírez a levou a tomar um café, mas era assim que as coisas mudavam. Ramírez, com a doença misteriosa da filha, tinha dado consigo mais à procura de apoio espiritual do que a versão corporal que normalmente perseguia por entre as secretárias dos tribunais, os *flirts* de bar, as raparigas dos *shoppings* e até, como Falcón suspeitava, algumas das prostitutas com quem se cruzava.

Ferrera foi a guiar. Falcón preferia perder-se em pensamentos vagos que pudessem levar a melhores ideias. Avançaram para Santa Clara em silêncio. Falcón gostava dela por causa daquela resistência do gene andaluz em falar sem parar. Os seus pensamentos giravam numa lenta espiral. Como os homens eram transformados pelas crises, Ramírez tinha ido para a igreja. Falcón nunca se tinha sentido atraído por isso. Fazia-o sentir-se fraudulento. Ele, tal como o Sr. Vega, tinha ido para o rio, cuja atracção, admitia, nem sempre era positiva. Tinha havido vezes em que isso lhe oferecia uma solução alternativa e em que fora obrigado a recuar e a correr para casa refugiar-se no conforto do *whisky*.

Encostaram em frente da casa dos Vega. Falcón serviu-se do comando para abrir os portões da rampa. O ar condicionado ainda estava ligado na casa. Deu a Ferrera uma visita guiada das duas cenas do crime, do resto da casa e do jardim, com as instalações de Sergei. Foi descrevendo o perfil das duas vítimas à medida que progrediam. Voltaram às cenas do crime e passaram em



revista as fotografias da polícia. Falcón relatou o que sabia sobre as causas que tinham desembocado na crise, mas não enfatizou a hipótese de assassinio nem de suicídio. Queria que Ferrera olhasse para as cenas do crime do ponto de vista de uma mulher que se pusesse mentalmente no lugar de Lucía Vega ao manipular os seus objectos pessoais e a reviver as suas acções.

Foi ao escritório de Vega e sentou-se à secretária, debaixo do cartaz de touradas. O computador portátil tinha sido retirado e estava no laboratório. Sobre a secretária, apenas estava o telefone e o fio de ligação do computador. Olhou para a lista de números pré-programados do telefone. Havia números de escritório e a linha directa de Vázquez assim como o dos Krugman e o de Consuelo. O último número estava em branco. Pegou no telefone e carregou nele.

– *Dá... zdrastvutye, Vasili* – disse uma voz, nitidamente à espera de encontrar uma pessoa diferente na linha.

– O seu número de telefone foi seleccionado no nosso grande sorteio – disse Falcón. – Tenho o prazer de o informar de que você e a sua mulher ganharam um prémio. Só precisa de me dizer o seu nome e morada e poderei dizer-lhe onde levantar o seu maravilhoso prémio.

– Quem é você? – perguntou a voz com um sotaque espanhol carregado.

– Nome e morada primeiro, por favor.

Uma mão tapou o bocal. Ouviram-se vozes abafadas do outro lado da linha.

– Qual é o prémio?

– Nome e...

– Diga-me o prémio – disse ele com brutalidade.

– É um relógio para si e para a sua...

– Já tenho um relógio – disse ele e desligou o telefone com estrondo.

Falcón tomou nota para perguntar a Vázquez sobre estes russos. As gavetas da secretária não revelaram nada de particular. A Hecker & Koch tinha sido retirada para testes. Abriu os armários de arquivo com as chaves que tinha encontrado no dia anterior. Procurou nos ficheiros coisas como telefone, bancos, seguros. Tinham por baixo alguma coisa que os prendia – um diário e um livro de moradas, de folhas soltas, forrado de pele.

O diário era privado. As anotações eram mínimas. Na maior parte dos casos, apenas um «X» traçado em frente da hora e quase sempre reuniões nocturnas. Falcón recuou até à *Noche de Reyes* e descobriu que também lá estava um «X» assinalado. O primeiro encontro durante o dia era em Março

com o Dr. A. Em Junho havia encontros com o Dr. A e outro com o Dr. D. Na secção de moradas encontrou uma lista de médicos – médicos Alvarez, Diego e Rodríguez. Folheou o diário e descobriu que o Dr. R. tinha sido o último médico a ver Vega. Telefonou e combinou falar com ele por volta do meio-dia.

Percorreu a secção de moradas do caderno, que só continha nomes e números de telefone. O nome de Raúl Jiménez estava lá, mas tinha sido riscado. Enquanto virava as páginas, saltaram-lhe à vista nomes que conhecia. Lembrava-se vagamente de muitos deles da investigação do assassinio de Raúl Jiménez – gente da câmara municipal e das obras públicas. Houve um nome que o fez mesmo recuar a essa época turbulenta – Eduardo Carvajal. Também tinha sido riscado. Tal como Raúl Jiménez, estava morto. Falcón nunca tinha descoberto o que ligava os dois homens. Só tinha descoberto que Jiménez tinha recompensado Carvajal com uma companhia de consultadoria falsa durante a Expo’92 e que, quando morreu num acidente de automóvel em 1998 na Costa del Sol, Carvajal estava prestes a ir a tribunal por acusações relacionadas com uma rede de pedofilia.

O nome de Ortega também constava na agenda e o último nome a chamar-lhe a atenção foi um que o tinha feito dar voltas pela casa, lembrando-lhe que não havia praticamente nenhum quadro nas paredes. Ramón Salgado, que tinha sido um dos mais famosos *marchands* de arte de Sevilha, também constava na agenda, riscado. Talvez a Vega Construcciones tivesse investido em arte ou levado alguma peça para os seus escritórios, mas também havia aquela lembrança perturbadora da pornografia infantil que tinham encontrado no disco rígido de Salgado depois do seu brutal assassinio. Nestes círculos toda a gente se conhecia, constituindo anéis de um fio de ouro de riqueza e influências. Outra questão para o Vázquez.

Não havia nomes russos na agenda. Voltou a colocá-la no armário de arquivo. Passou para outro armário que continha caixas de arquivo cheias de projectos e fotografias de prédios. Na gaveta inferior do terceiro armário havia uma caixa sem número de referência. Dizia simplesmente «Justicia». No arquivo havia folhas, na maioria em inglês e deste ano, que tinham sido extraídas da Internet sobre diversos assuntos, mas acima de tudo sobre um sistema judiciário internacional. Também havia artigos de jornal sobre o Tribunal Penal Internacional, o tribunal que era suposto substituir, o estóico juiz Baltasar Garzón e também os pormenores internos e possibilidades

dentro do sistema legal belga para levar à justiça criminosos de guerra internacionais.

A campainha da porta soou na entrada. Fechou o armário e foi atender. A Sr.a Krugman estava com um *top* preto de linho e uma saia, com corte em viés e uma faixa de seda escarlate pendurada de lado. Na extremidade do seu longo braço branco estava uma garrafa térmica em plástico.

– Achei que lhe ia saber bem um café, *inspector jefe* – disse ela. – Energia espanhola. Nada a ver com essa água chilra americana.

– Pensei que tinha havido uma revolução do café na América – disse ele, pensando noutras coisas.

– Os níveis de penetração têm sido desiguais – disse ela. – Não se pode ter a certeza.

Deixou-a passar, fechando a porta sobre o calor grotesco. Não queria esta intrusão. Maddy foi buscar chávenas e pires. Ele gritou lá para cima, para Ferrera, mas ela não queria café. Entraram no escritório de Vega e sentaram-se à secretária. Maddy estava a fumar e sacudiu cinza para o seu pires. Não tentou conversar. A sua presença física, ou antes, sexual, enchia a sala. Falcón ainda sentia náuseas e não tinha nada para lhe dizer. Na sua cabeça tudo corria a grande velocidade enquanto bebia o café.

– Gosta de touradas? – perguntou ela, olhando por cima da cabeça dele logo após o silêncio ter chegado à beira de rebentar num grito.

– Costumava ir muitas vezes – disse ele – mas já não vou desde que... desde há mais de um ano.

– O Marty não me queria levar – disse ela – por isso pedi ao Rafael. Fomos várias vezes. Não entendi bem, mas gostei.

– Muitos estrangeiros não compreendem – disse Falcón.

– Fiquei espantada – disse ela – com a velocidade a que a violência se torna tolerável. Quando vi a primeira farpa enterrar-se achei que não ia aguentar. Mas sabe, aquilo aperfeiçoa-nos a vista. Não temos noção a que ponto a vida de todos os dias está pouco nítida até termos visto uma tourada. Tudo sobressai. Tudo se define. É como se a vista do sangue e a perspectiva da morte acordassem em nós algo de atávico. Dei comigo sintonizada num outro nível de sensibilidade, ou antes, um que já era antigo, que o aborrecimento das nossas vidas vai atenuando gradualmente. Ao terceiro touro já estava bastante habituada, o sangue brilhante a escorrer de uma ferida particularmente profunda e a deslizar pela coxa do touro já não só era

suportável como electrizante. Devemos estar bem conectados à violência e à morte, não acha, *inspector jefe*?

– Lembro-me de uma espécie de êxtase ritual no rosto dos marroquinos em Tânger quando matavam uma ovelha para o festival de Aid el Kebir – disse Falcón.

– Tourear deve ser um prolongamento disso – disse ela. – Há ritual, teatro, emoções... mas também há outra coisa. Paixão, por exemplo, e claro... sexo.

– Sexo? – disse ele, sentindo o *whisky* dar voltas no seu estômago.

– Esses tipos lindos nas suas roupas justas a actuarem com tanta graciosidade com cada músculo do seu corpo, perante o perigo terrível... a possível morte. É o máximo da intensidade sexual, não acha?

– Não é bem assim que eu o vejo.

– Como é que o vê?

– Vou lá para ver os touros – disse Falcón. – O touro é sempre a figura central. É o seu destino e, quanto mais nobre for, mais requintada será a sua tragédia. O toureiro está ali para dar forma à actuação, para fazer sobressair as qualidades nobres do touro e para o matar no final e nos fornecer, a nós, audiência, a catarse.

– Vê-se bem que sou americana – disse ela.

– Não é o que toda a gente acha – disse Falcón. – Alguns toureiros acreditam estar ali para dominar o touro e até para o humilhar e exhibir as suas proezas masculinas ao fazê-lo.

– Eu vi isso – disse ela – quando provocam o touro com os seus órgãos genitais.

– S-s-sim – disse Falcón nervosamente. – Muitas vezes o espectáculo é um *travesti*, mesmo nas melhores praças de touros. Já têm havido noites só para senhoras e outras...

– Decadências? – disse Maddy, entrando na conversa.

– A tragédia grega é bastante rara hoje em dia – disse Falcón – enquanto que as telenovelas não são.

– Então como nos mantermos nobres num mundo assim?

– Temos de nos concentrar nas coisas grandiosas – disse Falcón. – Como o amor. A compaixão. A honra... esse tipo de coisas.

– Agora, quase parece medieval – disse ela.

Silêncio. Ouviu Ferrera que saía da casa. Passou em frente da janela da sala de visitas.

– Ontem, disse-me qualquer coisa em inglês? – disse ele, agora a querer livrar-se dela.

– Não me lembro – disse ela. – Alguma coisa que o irritou?

– Animar. Disse que me animasse.

– Sim, bom, hoje é outro dia – disse ela. – Li a sua história a noite passada na Internet.

– Foi por isso que aqui veio esta manhã?

– Não venho aqui como predadora, pense o que pensar das minhas fotografias.

– Pensava que as histórias dos seus temas de trabalho, as causas da sua luta interior, não eram da sua conta.

– Não se trata do meu trabalho.

– Infelizmente, trata-se do meu. Eu tenho de prosseguir, Sr.a Krugman. Por isso, se me dá licença... – disse ele.

A campainha da porta da frente tocou. Ele foi abri-la.

– Fiquei fechada lá fora, *inspector jefe* – disse Ferrera.

Maddy Krugman pôs-se a andar no meio deles. Ferrera seguiu Falcón até à sala de visitas, onde este se sentou na cadeira.

– Diga – disse ele, olhando pela janela e perguntando a si mesmo o que é que Maddy Krugman pretendia.

– A Sr.a Vega era maníaco-depressiva – disse Ferrera.

– Sabemos que tinha dificuldade em dormir.

– Há todo um leque de drogas na mesa-de-cabeceira *dele*.

– Que, se bem me lembro, estava fechada, e as chaves estão aqui.

– Lítio, por exemplo – disse Ferrera. – Devia ser ele que controlava as drogas que ela tomava... ou que assim julgava. Encontrei um duplicado da chave no armário dela assim como uma reserva secreta de dezoito comprimidos para dormir. Há também muitas provas de comportamento obsessivo-compulsivo nisso. Também encontrei imenso chocolate no frigorífico e mais gelado no congelador do que uma criança pequena alguma vez poderia comer.

– E quanto ao relacionamento dela com o marido?

– Duvido que fizessem sexo, dado o estado de saúde dela e o facto de ser ele a controlar as drogas que ela tomava – disse Ferrera. – Ele devia ir buscar sexo a outro lado... mas isso não impedia que ela comprasse uma grande quantidade de *lingerie sexy*.

– E quanto à criança?

– Ela tinha uma fotografia da criança com ela logo depois do parto na mesa-de-cabeceira. Tem um ar fantástico – radioso, bonito e orgulhoso. Acho que devia ser uma fotografia para a qual olhava muito. Lembrava-lhe a mulher que já tinha sido.

– Depressão pós-parto?

– Talvez – disse Ferrera. – Ela não saía muito. Há pilhas de catálogos de encomenda por correio debaixo da cama.

– Ele deixava a criança a dormir muitas vezes em casa de uma vizinha.

– É difícil aguentar quando a nossa vida foge de nós assim – disse Ferrera, com os olhos postos na chávena manchada de batom. – Trata-se daquela vizinha?

– Não, é outra – disse Falcón, abanando o cabeça.

– Ela não tinha um ar nada maternal.

– Então, o que é que acha que aconteceu aqui? – perguntou Falcón.

– Há desespero suficiente nesta casa para nos levar a acreditar que se ele tivesse decidido matar-se, teria de matá-la para acabar com a sua infelicidade.

– Por que é que ele lhe deslocou o maxilar?

– Para a pôr sem sentidos?

– Não lhe parece demasiado violento? De qualquer modo, ela devia estar atordoada de sono.

– Talvez ele o fizesse como forma de encontrar violência em si próprio – disse Ferrera.

– Ou talvez ela tenha ouvido o marido a agonizar e tenha surpreendido o assassino que, nessa altura, terá tido de lidar com ela – disse Falcón.

– Onde está o bloco em que o Sr. Vega escreveu a nota?

– Boa pergunta. Não foi encontrado. Mas é possível que fosse um velho pedaço de papel que ele tivesse no bolso do roupão.

– Quem comprou o desentupidor de canos?

– A criada não foi – disse Falcón.

– Sabemos quando foi comprado?

– Ainda não, mas, se foi num supermercado, isso não vai ajudar muito.

– Parece que a Sr.a Vega estava sozinha naquela noite a ter pena de si mesma como de costume – disse Ferrera. – Passava muito tempo sozinha e estava bem preparada para isso.

– Com doença mental, está-se sempre sozinho – disse Falcón.



– Ela tem uma caixa dos seus vídeos e DVD favoritos. Tudo coisas românticas. Há um DVD que ainda está no aparelho. Recebe a chamada da vizinha e sabe que a criança fica por lá. Não tem responsabilidades. Quando é que o marido chegou a casa?

– Disseram-me que costumava ser bastante tarde... por volta da meia-noite.

– Faz sentido: adiar a chegada ao desespero da casa o mais possível – disse Ferrera. – De qualquer modo, a Sr.a Vega não devia gostar de o ver. Ouviu o carro... ou talvez não, com estas janelas. Por isso, é mais provável que o tenha ouvido chegar pela garagem. Desligou o DVD e correu lá para cima deixando atrás os chinelos. Ele talvez se tenha juntado a ela na cama ou pelo menos...

– Como sabe que se juntou a ela? A almofada dele não estava amolgada nas fotos da cena do crime.

– Mas os lençóis e cobertores estavam puxados para trás... por isso ele pode ter estado para se juntar a ela...

– E ter sido depois distraído por alguma outra coisa.

– Sabemos pela companhia telefónica se houve mais alguma chamada depois de a vizinha ter ligado a falar da criança?

– Ainda não. Pode trabalhar nisso quando voltarmos.

– A única outra coisa estranha com que me deparei foi que nas fotografias da cena do crime ele tem o relógio com o mostrador para fora do pulso, mas nas fotografias que vi por toda a casa ele trazia-o sempre com o mostrador virado para o interior do pulso.

– Que conclusão tira daí?

– Ou ele escorregou durante a luta consigo próprio, ou com um assaltante – disse Ferrera –, ou o relógio saiu e voltou a ser posto no seu pulso por alguém que não sabe como ele o usava.

– Por que é que alguém havia de querer fazer isso?

– Bem... se ele se soltou em resultado de uma luta com um assaltante, cuja finalidade era fazer com que isto tivesse o aspecto de um suicídio, seria menos denunciador da presença de outra pessoa se o relógio estivesse no pulso e não no chão.

– Que tipo de correia tinha esse relógio?

– Parece uma bracelete de metal, que se solta facilmente numa luta ou que também desliza bem num pulso, por isso...

– Seja o que for... foi bem observado – disse Falcón. – Talvez não nos



ajude a construir um caso crime, mas dá indicações das estranhas circunstâncias da cena do crime. Agora só nos resta encontrar a prova irrefutável que possa convencer o *juez* Calderón de que temos um caso. Sabemos que o Sr. Vega andou a queimar coisas no fundo do jardim. O que é que isso supõe para si?

– Estava a livrar-se de coisas, a preparar-se para algo.

– Eram coisas pessoais, cartas e fotografias, e provocaram nele grande tensão.

– Ou seja, não queria que as descobrissem. Estava a escondê-las, e agora...

– Se você fosse o Sr. Vega e quisesse esconder alguma coisa, onde é que a punha?

– No meu território ou aqui no meu escritório ou na sala do talhante.

– Já revistei o escritório – disse Falcón.

Foram para a sala do talhante. Ferrera voltou-se para as luzes de *néon* cruas e Falcón andou à volta da placa de trincar em madeira, metendo luvas de látex. Abriram o primeiro armário congelador e ele começou a tirar para fora os pedaços de carne. Quando toda a carne estava fora dos armários Ferrera enfiou-se nos buracos congelados com uma pequena lanterna na boca e uma faca para raspar o gelo nas superfícies laterais dos congeladores. Num canto ao fundo do segundo congelador encontrou o que estavam a procurar. Uma embalagem de plástico encastrada no gelo. Tirou-a para fora e entregou-lha. Voltaram a colocar a carne dentro dos armários.

O pacote era um pequeno saco de congelação com um arame retorcido a fechá-lo. Lá dentro estava um passaporte da Argentina emitido em Buenos Aires em Maio de 2000 em nome de Emílio Cruz. A fotografia era de Rafael Vega com uns óculos de armação antiquada. Também havia uma única chave sem identificação.

– Isto era uma rota de fuga – disse Falcón. – O que é que isso implica?

– Bem, se ele tinha uma rota de fuga para a vida de Emílio Cruz – disse Ferrera – então já devia ter escapado antes para a vida de Rafael Vega.

– Então vamos verificar o bilhete de identidade de Vega no local onde foi emitido – disse Falcón.

## Capítulo 8

*Quinta-feira, 25 de Julho de 2002*

NO ESCRITÓRIO de Consuelo Jiménez passaram em revista as velhas fotos do seu marido, encontrando as que incluíam Pablo Ortega e ou Rafael Vega. Saíram da parte velha da cidade para a enfermaria do Dr. Rodríguez, que ficava num *barrio* perto de Nervión. No caminho, o *médico forense* ligou para Falcón para dizer que as autópsias estavam completas e ambos os corpos prontos para identificação. Ferrera ligou para Carmen Ortiz e disse-lhe que se preparasse para ir ao Instituto Anatômico Forense.

O Dr. Rodríguez estava atrasado e Falcón sentou-se a ler o *El País*. Passou por uma fotografia de seis marroquinos afogados na praia de Tarifa, vítimas de mais uma tentativa falhada de entrar na Europa. Os seus olhos pararam num artigo sobre o julgamento de Slobodan Milosevic no Tribunal Penal Internacional de Haia ou antes numa coluna lateral que fazia o ponto de situação de um estranho fenómeno contínuo. Desde o início de Julho, quando o estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional tinha entrado em serviço, os Americanos, por razões pouco claras, andaram a persuadir governos que tinham assinado o tratado para declarar que não iriam pressionar ou pôr em tribunal nenhum cidadão dos Estados Unidos para que fosse julgado por este Tribunal. Davam uma lista dos países que estavam sob pressão americana, mas sem mais nenhuma informação. A enfermeira chamou-o para que entrasse no consultório do Dr. Rodríguez.

O médico tinha trinta e muitos anos. Secou as mãos em toalhas de papel enquanto verificava as credenciais de Falcón. Sentaram-se. Falcón falou-lhe da morte do Sr. Vega. O médico extraiu do computador a ficha de Vega.

– Deu uma consulta ao Sr. Vega a 5 de Julho deste ano – disse Falcón. – Tanto quanto eu saiba, foi a única vez que o viu este ano.

– Foi a única vez, literalmente. Era um novo doente. O seu historial chegou-me através do Dr. Alvarez.

– O seu diário mostrava que ele teve uma consulta com um Dr. Diego antes

de ter vindo ter consigo.

– As notas vieram do Dr. Alvarez. Talvez ele tenha sido visto por um Dr. Diego e tenha decidido que não lhe convinha.

– Havia alguma indicação ou na consulta ou nas notas que lhe foram enviadas pelo Dr. Alvarez de que o Sr. Vega tivesse tendências suicidas?

– Sofria de alguma hipertensão, mas nada de catastrófico. Sofria de ansiedade e descreveu uma série de incidentes que pareciam ser ataques de pânico. Achava que a causa era a pressão que lhe vinha do trabalho. Segundo as notas do Dr. Alvarez ele sofria de uma ansiedade ligeira desde o início do ano, mas nada que fosse suficientemente sério para ser medicado.

– O Dr. Álvarez referiu que a mulher do Sr. Vega tinha uma doença mental muito profunda? Andava a tomar lítio.

– Não o fez, o que me leva a concluir que não o sabia – disse Rodríguez. – Isso terá sem dúvida contribuído para o *stress* do Sr. Vega.

– Sabe por que é que o Sr. Vega parou de ser visto pelo Dr. Alvarez?

– As notas não referem nada de específico, mas notei que o Dr. Alvarez tinha recomendado que fosse feita uma psicoterapia. Quando eu próprio lhe coloquei o problema, mostrou-se bastante resistente à ideia, por isso é possível que se tenham desentendido a esse respeito.

– Então essa ligeira ansiedade devia estar a transformar-se numa coisa mais profunda e ele tinha esperança numa abordagem diferente da sua parte?

– A minha abordagem foi reduzir a sua ansiedade com uma droga ligeira e a seguir, quando ele se sentisse mais controlado, convencê-lo a iniciar algum tipo de terapia.

– Ele falou-lhe de problemas com o sono?

– Referiu-se a um incidente de sonambulismo. A sua mulher tinha acordado às três da manhã a vê-lo sair do quarto. Quando o interrogou sobre isso no dia seguinte, ele não se lembrava.

– Então ele sempre lhe falou da mulher?

– Sim, ao descrever esse incidente, mas também disse que não se podia confiar na mulher, porque ela tomava comprimidos para dormir. Tinha acontecido outra coisa, que o tinha convencido de ter havido sonambulismo, mas não suportava ser abordado a esse respeito – disse Rodríguez. – Lembre-se que era uma primeira consulta. Pensei ter tempo para que mais tarde extravasassem outras coisas dele.

– Achou que ele constituía uma ameaça para si mesmo?

– Claro que não. As perturbações mentais da ordem da dele são muito habituais. Tenho de tomar decisões baseadas num instantâneo da vida de uma pessoa. Ele não estava extremamente agitado nem era uma pessoa completamente calma e são esses dois extremos os indicadores de perigo. Não tinha historial de depressão. Tinha vindo ter comigo por outra razão. Parecia andar a tentar dominar o seu problema. Queria qualquer coisa para reduzir o seu nível de ansiedade e não queria passar novamente por um ataque de pânico. Tudo isso são sinais positivos.

– Parece que ele queria uma droga rápida. Sem terapia.

– Os homens resistem mais a discutir os seus pensamentos íntimos ou acções vergonhosas com outra pessoa – disse Rodríguez. – Se os seus problemas puderem ser resolvidos com um comprimido, tanto melhor. Há imensos médicos que acreditam que somos uns depósitos de medicamentos e que a psicofarmacologia é a resposta.

– Então, na sua opinião, o Sr. Vega era perturbado, mas não suicida?

– Teria sido uma vantagem ter sabido da mulher dele – disse Rodríguez. – Quando se sente pressões no trabalho e não há tranquilidade em casa e possivelmente nenhum amor... é uma situação que pode levar uma mente perturbada ao desespero.

\*\*\*

Falcón sentou-se encostado ao canto do carro, com Ferrera a guiar. Já andava a interrogar os seus instintos ao segundo dia da investigação. Até agora, não havia provas conclusivas que apoiassem uma investigação de assassinio. A hipótese do suicídio parecia mais forte a cada entrevista. Mesmo que não houvesse fibras coincidentes com as da almofada nas unhas do Sr. Vega, isso ainda continuava a ser o único indicador de que outra pessoa ali pudesse ter estado. Não era uma prova evidente.

Ramírez ligou dos escritórios das Vega Construcciones para dizer que Sergei era um imigrante ilegal e que Serrano e Baena tinham agora uma foto e andavam a circular com ela por Santa Clara e pelo Polígono San Pablo.

Os Cabello viviam no andar superior de um bloco de apartamentos construído nos anos 70 no bairro de El Porvenir, em frente ao bingo da Calle Felipe II.

– Nunca se é rico de mais para jogar ao bingo – disse Falcón, enquanto

subiam para o apartamento onde Carmen Ortiz estava a ter um ataque de histeria. Estava no quarto, com o marido, que tinha chegado essa manhã de Barcelona. Os filhos Ortiz, com Mario entre eles, estavam sentados no sofá, submissos. Tinha sido o velho, o Sr. Cabello, a atender à porta. Levou-os à sala de estar. Ferrera ajoelhou-se com as crianças e pô-las a brincar e a rir numa questão de segundos. O Sr. Cabello foi à procura da filha, mas voltou com o genro. Entraram na cozinha.

– Ela não quer ver os corpos – disse o genro.

– Vão estar atrás de um painel de vidro – disse Falcón. – Vão ter o aspecto de estar a dormir.

– Eu vou – disse o Sr. Cabello, composto e determinado.

– Como está a sua mulher? – perguntou Falcón.

– Estável, mas continua nos cuidados intensivos, inconsciente. Agradecia que depois me levasse ao hospital.

Falcón sentou-se na parte traseira do carro com o Sr. Cabello enquanto Ferrera entrava no trânsito anterior à hora de almoço. O velho assentou as suas mãos de operário no colo e olhou directamente para os meandros complicados do cabelo preso de Ferrera.

– Quando viu Lucía pela última vez? – perguntou Falcón.

– Fomos lá almoçar no domingo.

– Com o Sr. Vega?

– Ele veio almoçar. Tinha andado a conduzir o carro novo.

– Como estava a sua filha?

– Acho que já deve saber que ela não andava bem. Não andava bem desde que o Mario nasceu – disse ele. – Nunca foi fácil vê-la naquele estado, mas aquele almoço não teve nada de particular. Foi igual a sempre.

– Vou ter de lhe fazer algumas perguntas que podem ser dolorosas – disse Falcón. – É o elemento mais próximo da família e só através de si podemos começar a entender qual era a situação doméstica entre a sua filha e o Sr. Vega.

– Ele matou-a? – perguntou o Sr. Cabello, voltando pela primeira vez para Falcón os olhos feridos.

– Não sabemos. Temos esperança que a autópsia nos traga esclarecimentos. Acha que ele a podia ter morto?

– Esse homem era capaz de qualquer coisa – disse o Sr. Cabello, sem drama, apenas constatando.

Falcón esperou em silêncio.

– Ele era um homem frio – disse o Sr. Cabello –, um homem implacável, um homem que nunca deixava ninguém aproximar-se de mais. Nunca falava dos pais mortos, nem de nenhum membro da família. Não amava a minha filha, mesmo antes de surgirem problemas, quando ela era uma linda e jovem mulher... quando... quando ela...

O Sr. Cabello fechou os olhos sobre as suas lembranças e mordeu a dor com os músculos dos maxilares.

– Notou alguma alteração no comportamento do seu genro desde o início deste ano?

– Só que ele estava ainda mais retraído do que o habitual – disse o Sr. Cabello. – Passavam-se refeições inteiras em silêncio.

– Fez notar isso?

– Ele disse que era do trabalho, que estava a orientar demasiados projectos ao mesmo tempo. Não acreditámos nele. A minha mulher tinha a certeza de que ele tinha algures uma amante e que tudo estava a correr mal.

– Por que é que ela pensava isso?

– Sem razão especial. Ela é mulher. Vê coisas que nós não vemos. Sentiu que o problema estava no coração e não na cabeça.

– Havia alguma coisa que os levasse a crer que ele tivesse uma amante?

– Ele estava muito pouco em casa com a Lucía. Ela ia para a cama antes de ele voltar de onde quer que viesse e às vezes ele já tinha saído quando ela acordava – disse o Sr. Cabello. – Portanto havia isso e o modo como ele sempre se tinha comportado com a nossa filha.

– Os vizinhos dizem que Mario parecia ser muito importante para ele.

– É verdade. Ele gostava muito do rapaz... e a Lucía achou difícil aguentar a energia dele quando aquela puta de doença lhe invadiu a cabeça – disse Cabello. – Não, não digo que ele fosse inteiramente mau e de certeza que não ia parecer mau a ninguém de fora. Ele compreendia a necessidade do *charme*. Só vivendo perto dele é que se compreendia a sua verdadeira natureza.

– Quando é que passou tempo com ele?

– Nas férias, na costa. Nessa altura, era suposto ele andar descontraído, mas estava pior em muitos aspectos. Sentia-se pouco à vontade se estivesse sempre rodeado de pessoas. Acho que ele detestava a ideia de família.

– Sabe o que aconteceu aos pais dele?

– Ele dizia que tinham morrido num acidente automóvel quando tinha



dezanove anos.

– Sabe mais do que o advogado dele.

– Ele não contaria esse tipo de coisas ao Carlos Vázquez.

– Contou-lhe que o seu pai tinha sido talhante – disse Falcón. – E que costumava castigá-lo.

– Já viu a divisão que ele tinha em casa – disse Cabello. – Ele deu uma explicação ao Carlos Vázquez. Ele nunca me disse o que o pai lhe tinha feito. Sabe, não se trata de um homem normal. É no fundo um homem desconfiado por acreditar que as pessoas são como ele.

– Lucía não gostava do talho?

– Isso só começou depois de o Mario nascer. Antes disso ela não se preocupava.

– Ficou espantado por ela se querer casar com ele?

– Foi um momento difícil.

Estavam parados num semáforo. Um rapaz africano avançou entre os carros, sem chapéu e à chapa do sol, a vender jornais. O Sr. Cabello parecia precisar de movimento para conseguir falar. As luzes mudaram.

– Como eu lhe disse, Lucía era uma bela mulher – disse Cabello, embarcando numa história que tinha construído dentro de si ao longo dos anos. – Homens não faltavam que quisessem casar com ela... e ela casou-se com um homem cujo pai tinha uma grande quinta fora de Córdoba. Foram viver numa casa na quinta e eram muito felizes até se verificar que Lucía não engravidava. Foi fazer exames médicos. Disseram-lhe que não havia nada de errado com ela e que talvez pudessem encarar a hipótese de uma fertilização *in vitro*. O marido recusou. Lucía sempre pensou que ele tinha medo de descobrir que *ele* é que tinha um problema. Houve trocas de palavras irreversíveis, embaladas pela raiva do momento e o casamento foi dissolvido. A Lucía voltou a viver connosco. Tinha vinte e oito anos por essa altura e tinha perdido o melhor da sua juventude.

– Eu ainda possuía alguns pedaços de terreno agrícola dentro e fora de Sevilha. Não eram grandes parcelas de terra, mas algumas eram estratégicas sem as quais uma zona não poderia desenvolver-se com sucesso. Imensos empresários vieram bater-me à porta e um dos mais insistentes era uma pessoa anónima representada por Carlos Vázquez.

– A Lucía estava a trabalhar para o Banco de Bilbao. Eles tinham todos os anos um *stand* na *Feria de Abril*. Lucía era uma bela dançarina. Ela vivia



para a *Feria de Abril* e ia para lá todas as noites, a noite inteira. Ela gostava dessa época do ano. Era uma semana em que se podia esquecer de todos os seus problemas e ser ela própria. Foi lá que o conheceu. Era um cliente importante do banco.

– Era vinte anos mais velho do que ela – disse Falcón.

– Ela tinha falhado a sua própria geração. Todos os homens apetecíveis estavam tomados. Ela não sentia interesse pelos que restavam. Foi então que um homem importante se interessou por ela. Os seus superiores no banco ficaram satisfeitos com isso. Começaram a reparar nela. Foi promovida. Ele já era rico. Tinha encontrado o seu lugar no mundo. Com ele, havia uma certeza. Todas estas coisas eram muito sedutoras para alguém que julgava ter sido deixada na prateleira.

– O que é que você pensou?

– Dissemos-lhe que se assegurasse de que um homem daquela idade ainda queria constituir uma família.

– Ficou espantado por ele não ter sido casado antes?

– Mas ele foi casado antes, *inspector jefe*.

– Sim, já me esquecia, o Sr. Vázquez referiu-se a uma certidão de óbito que tinha de ser emitida.

– Só sabemos que ela tinha vindo da Cidade do México. Pode ter sido mexicana, mas não temos a certeza. Como sempre acontecia com o Rafael, ele só nos contava um mínimo daquilo que era relevante para nós.

– Preocuparam-se com a hipótese de as reticências dele estarem ligadas a um passado criminoso?

– Agora, *inspector jefe*, é que o senhor tocou na minha vergonha. Eu estava preparado para fechar os olhos às reticências dele. A minha situação financeira da época não era o que é agora. Tinha terrenos, mas não tinha trabalho. Capital, mas nenhum lucro. Rafael Vega resolveu para mim essas dificuldades. Tornou-me sócio de um negócio que rendeu grandes somas de dinheiro em vários dos meus pedaços de terreno. Construímos apartamentos financiados pelo Banco de Bilbao e alugámo-los. Ele tornou-me rico e deu-me uma fonte de rendimentos. É por isso que um velho camponês como eu vive num andar destes em El Porvenir.

– O que é que o Sr. Vega obteve disso, para além da mão da sua filha em casamento?

– Um dos talhões que eu lhe vendi separadamente era a chave para um

grande empreendimento em Triana. E havia um segundo lote, que um dos rivais dele queria a todo o custo. Quando esse talhão foi parar às mãos de Rafael tiveram de lho vender. Isso queria dizer que ele podia ser mais generoso comigo do que qualquer outro empresário.

– Então, ele não *teve* de casar com a sua filha? – disse Facón. – De qualquer modo, estava a oferecer-lhe um belo negócio.

– Eu tenho uma mentalidade de camponês. Esse terreno só poderia pertencer a alguém que se casasse com a minha filha mais velha. Eu sou antiquado e Rafael é um tradicionalista. Conhecia a chave que abria o problema. O seu encontro com Lucía não foi nenhum acidente. A minha vergonha é ter deixado que o negócio turvasse a minha avaliação daquele homem. Eu não fazia ideia do ser humano bruto e frio que ele poderia ser para ela.

– Ele era violento?

– Nunca. Se ele lhe tivesse batido, as coisas teriam acabado aí – disse Cabello. – Ele reduziu-a. Quero dizer, ele... isto é difícil... ele tinha relutância em consumir os seus deveres conjugais. Insinuava que era culpa dela, que ela não se tornava atraente para ele.

– Só uma coisa... a certidão de óbito da mulher anterior referia a causa da morte?

– Acidente. Ele contou-nos que ela se afogou numa piscina.

– Ele tinha algum filho do casamento anterior?

– Dizia que não. Dizia que queria ter filhos... por isso era estranho ele não fazer o necessário para que isso acontecesse.

– Tem conhecimento de algumas relações anteriores, por aqui, antes dele ter conhecido Lucía?

– Não. Lucía também não sabia de nenhuma.

Falcón tirou para fora a saqueta de plástico que continha a fotografia parcial da rapariga que Vega tinha queimado ao fundo do jardim.

– Reconhece esta pessoa?

Cabello pôs uns óculos e abanou a cabeça.

– A mim parece-me estrangeira – disse ele.

Chegaram ao Instituto na Avenida Sánchez Pizjuan e estacionaram no parque do hospital. Falcón encontrou o *médico forense*, que os encaminhou para a sala da identificação dos corpos, e deixou-os lá por uns minutos. O Sr. Cabello começou a andar pela sala, nervoso com a razão que o tinha feito ali

entrar: a sua filha morta na maca. O *médico forense* voltou e abriu as cortinas. O Sr. Cabello cambaleou para a frente e teve de pôr uma mão no vidro para se aguentar de pé. Com os dedos da outra mão carregou na cabeça através do seu fino cabelo como se estivesse a tentar apagar esta imagem antinatural do seu cérebro. Acenou com a cabeça e tossiu lutando contra a violência da emoção. Falcón afastou-o do vidro. O *médico forense* forneceu a documentação e o Sr. Cabello assinou a certidão do óbito da filha.

Saíram para a rua, para o calor e luz intensos, cuja ferocidade tinha sugado as cores de todas as coisas, de tal modo que as árvores pareciam vagas, os edifícios se fundiam com o céu branco e apenas o pó parecia estar no seu lugar. O Sr. Cabello tinha encolhido no fato; o seu estreito pescoço, à solta na gola, saltitava e engasgava-se com o esforço de engolir o que acabava de ver. Falcón apertou-lhe a mão e ajudou-o a entrar no carro. Cristina Ferrera levou o homem à entrada do hospital. Falcón ligou para Calderón e combinou um encontro para as sete, para discutir as autópsias.

Voltou a entrar no gelo da morgue. Sentou-se com o *médico forense* no escritório dele, com os dois relatórios de autópsia abertos sobre a secretária. O médico chupou um Ducados, cujo fumo foi sugado pelo ar condicionado e cuspidado para o calor esmagador.

– Vamos começar pelo mais fácil – disse o médico. – A Sr.a Vega foi sufocada até à morte pela aplicação de uma almofada sobre o rosto. Estava provavelmente inconsciente enquanto isso acontecia, devido a uma forte pancada no rosto que lhe deslocou o maxilar. É provável que a base da mão tenha entrado em contacto com o queixo.

O *médico forense* fez uma imitação em câmara lenta da pancada, involuntariamente cómica, torcendo a queixada e os lábios para um dos lados com um beijo baboso de ar.

– Muito gráfico, doutor – disse Falcón, sorrindo.

– Desculpe, *inspector jefe* – disse ele, agora mais acanhado. – Sabe como é. Longos dias na companhia de pessoas mortas. O calor. As férias quase, quase a chegar. A família já à beira-mar. Às vezes esqueço-me com quem estou.

– Não faz mal, continue, doutor. Está a ajudar-me – disse Falcón. – E quanto à hora da morte? É importante sabermos se ela morreu antes ou depois do Sr. Vega.

– Nisso, não lhe vou ser de grande ajuda. As mortes ocorreram as duas dentro da mesma hora. As temperaturas dos corpos eram praticamente iguais.

A Sr.a Vega estava apenas ligeiramente mais quente. As temperaturas ambientes eram as mesmas na cozinha e no quarto, mas o Sr. Vega estava deitado de peito descoberto sobre um chão de ladrilhos enquanto que a mulher dele estava na cama com a cara debaixo de uma almofada. Eu não seria capaz de declarar em tribunal com nenhuma espécie de convicção que ela tenha morrido depois do marido.

– Está bem e quanto ao Sr. Vega?

– Morreu directamente como resultado da ingestão de um líquido corrosivo. A causa da morte foi uma combinação de efeitos sobre os seus órgãos vitais. Tinha sofrido uma falha renal, o fígado e os pulmões foram atingidos... estava um autêntico massacre lá por dentro. A composição daquilo que ele ingeriu é interessante. Julgo lembrar-me que se tratava de uma marca corrente de desentupidor de canos...

– É verdade: Harpic.

– Bem, normalmente esses geles são uma mistura de soda cáustica e de desinfectante. O elemento cáustico constituiria cerca de um terço do conteúdo. Claro que isso não seria nada benéfico para o organismo, mas demoraria tempo a matar um homem adulto e saudável. Este produto matou-o em menos de um quarto de hora, porque tinha sido poderosamente reforçado com ácido clorídrico.

– É fácil de arranjar?

– Qualquer mercearia o vende sob o nome de ácido muriático. É utilizado para limpar cola de pavimentos, por exemplo.

– Vamos conferir na garagem dele – disse Falcón, tomando nota. – Já não há retrocesso depois de se ingerir uma coisa dessa intensidade?

– Haveria danos irreparáveis na garganta, no canal digestivo e, neste caso, também nos pulmões.

– Como é que entrou para os pulmões?

– É muito difícil discernir quais foram os estragos causados pela força ou pela violência e quais os que têm origem na corrosibilidade do líquido. Eu diria que ele, ou outra pessoa, lhe despejou a garrafa na garganta. Nessas circunstâncias, o líquido terá entrado inevitavelmente para os pulmões. Há vestígios de passagem corrosiva pelos canais nasais, por isso o produto foi tossido. Com a boca obstruída, a única saída terá sido o nariz.

– Parece achar que ele possa ter feito isto sozinho.

– Devo dizer que isso é duvidoso.

– Mas não impossível?

– Se fosse matar-se deste modo horrível, calculo que arranjará maneira de tentar pôr-se fora de qualquer hipótese de auxílio, ingerindo um máximo de líquido nos primeiros momentos. Penso que isso envolveria uma certa dose de nervosismo também... e que isso o levaria a enfiar o gargalo da garrafa pela boca abaixo. Claro que isso também accionaria o mecanismo de sufocação. Acho que resultaria numa grande confusão, excepto se houvesse alguém a segurar na garrafa e a manter a vítima com firmeza ao mesmo tempo.

– O chão estava limpo, a não ser umas gotículas perto do gargalo da garrafa.

– O peito e as roupas estavam manchadas, mas nada que se assemelhe à quantidade provável no caso de ele ter sufocado e cuspidido em todas as direcções.

– Alguns vestígios de apreensão: marcas nos braços, nos pulsos, no pescoço, na cabeça?

– Nada nos pulsos. Há marcas de queimaduras nos braços, nas dobras dos cotovelos, mas o roupão tinha descaído e é possível que isso tenha acontecido enquanto ele se torcia de agonia no chão. Há marcas na cabeça e no pescoço e vestígios de pressão na garganta. Eu diria que foram auto-infligidas. Tinha algum produto nas mãos. Mas as marcas também podem ter sido facilmente provocadas por alguém que lhe agarrasse com força o pescoço.

– Sabe o que eu estou a tentar fazer aqui, doutor – disse Falcón. – Tenho de ir ter com o *juez* Calderón e dar-lhe provas concludentes de que outra pessoa esteve na sala com o Sr. Vega e que foi responsável pela sua morte. Se eu não conseguir fazer isso, pode não chegar a haver inquérito de assassinio. Ora, se não me engano, você pensa, tal como eu e os outros técnicos forenses, que se trata provavelmente de um assassinio.

– Mas uma prova conclusiva da presença de uma terceira pessoa é mais difícil – disse o *médico forense*.

– Há alguma coisa que possa ligar o Sr. Vega à morte da mulher dele?

– Não encontrei nada. O Sr. Vega só tinha nas unhas o seu próprio tecido, por ter estado a apertar a garganta.

– Mais nada?

– Qual é o perfil psicológico das vítimas?

– Ela sofria de doença mental – disse Falcón. – Ele não parece ter

tendências suicidas, mas há aspectos duvidosos quanto ao seu estado mental.

Falcón fez um breve resumo daquilo que o Dr. Rodríguez lhe tinha dito e a que ponto Vega andava perturbado desde o início do ano.

– Estou a ver o que quer dizer – disse o *médico forense*. – Isso pode funcionar em ambas as direcções.

– Para compensar isso, a vítima tinha um revólver de 9 mm, um sistema de vigilância que não utilizava e janelas à prova de bala.

– Estava à espera de sarilhos.

– Ou era apenas uma pessoa rica e nervosa a viver no Polígono San Pablo.

– E o sistema de vigilância não utilizado?

– Também os nervos – disse Falcón. – Talvez a sua mulher mentalmente doente fosse paranóica. Ela gabava-se das janelas junto dos vizinhos. Ou talvez o próprio Vega quisesse desencorajar estranhos apesar de não guardar um registo das pessoas que iam lá a casa.

– Por estar envolvido em algo de criminoso?

– Uma vizinha viu visitantes russos que não pareciam saídos do Bolshoi.

– Fala-se imenso da máfia russa, actualmente, especialmente lá para a Costa del Sol, mas eu não sabia que tinham chegado a Sevilha – disse o *médico forense*.

– Que maneira horrível de morrer, não é, doutor?

– Vingança ou castigo, talvez um exemplo para outros. E quanto à vida sexual dele?

– O sogro diz que tinha relutância em cumprir as suas obrigações conjugais... e isso sempre, mesmo antes de a mulher andar deprimida. A sogra acha que ele tinha um caso que correria mal e que era por isso que andava tão retraído desde o início do ano – disse Falcón. – Há mais alguma coisa que eu deva saber?

– Apenas um detalhe curioso. Fez cirurgia plástica nos olhos e no pescoço. Nada de extraordinário, apenas papos retirados debaixo dos olhos e pele retirada do pescoço para o esticar e pôr em relevo o contorno do maxilar.

– Hoje em dia, toda a gente faz cirurgia plástica.

– É verdade e esse é o aspecto curioso. O trabalho já tem bastante tempo. É difícil de dizer quanto, mas mais de dez anos.



## Capítulo 9

*Quinta-feira, 25 de Julho de 2002*

NO CAMINHO de regresso à *Jefatura*, Falcón foi a guiar enquanto Ferrera lia os relatórios de autópsia. Eram horas de almoço e a temperatura tinha agora chegado aos 45° C. Não havia ninguém nas ruas. Alguns carros desciam pelo calor sobre o alcatrão brilhante. Quando chegaram à *Jefatura* ele disse a Ferrera que deixasse os relatórios sobre a secretária de Ramírez e que se voltariam a encontrar às seis da tarde.

O calor tinha tirado o apetite a Falcón. Em casa, arranjou uma tijela de gaspacho, de que Encarnación fazia sempre uma dose diária. Com o calor que se infiltrava por todos os cantos da casa, não foi capaz de arranjar energia para olhar para as fotografias de Jiménez que tinha trazido do carro. Foi lá acima, despiu-se, tomou um duche e deixou-se mergulhar no ar condicionado do quarto. O seu cérebro flutuava, transmitindo-lhe imagens diversas do dia. Começou a dormir e teve um sonho recorrente em que entrava numa casa de banho pública cuja sanita estava transparente até ele puxar a descarga de água, enchendo-se em seguida de quantidades nojentas de merda até transbordar. Dava consigo encurralado e tinha de trepar pelas paredes do cubículo, para vir a descobrir que as outras sanitas estavam a fazer a mesma coisa, por isso sentia-se invadido de um ataque de náuseas seguido de um profundo pânico animal. Acordou com o cabelo todo suado e os pensamentos inexplicavelmente debruçados sobre Pablo Ortega, até que se lembrou do problema da fossa do actor.

Eram 5.30 da tarde. O chuveiro tirou-lhe o suor do cabelo e da cabeça. Sentia-a oscilar para trás e para a frente sob o jorro da água. Sabia por que tinha sonhado aquele sonho – outra investigação, o seu próprio passado e dos outros, tudo envolvido na tragédia. Aquilo para que não se tinha preparado foi para o salto seguinte que a sua cabeça deu, dizendo-lhe que devia ir visitar o filho de Pablo Ortega, Sebastián, na prisão. Isso nada teria a ver com a sua investigação; seria uma missão paralela. A ideia reconfortou-o. Algo se abriu



com um estalido no seu peito. Sentia-se mais capaz de respirar. Levou as fotografias de Jiménez para o escritório e tirou para fora as fotos de Pablo Ortega. Havia uma de Pablo a sorrir e a falar com dois homens. Um destes homens estava obscurecido por pessoas em primeiro plano e o outro não o conhecia. Levou consigo a fotografia colocando-a no lugar do passageiro.

Ramírez estava a passar à máquina o seu relatório sobre os interrogatórios nos escritórios de Vega e as últimas novidades quanto à busca de Sergei. Falcón contou-lhe sobre o passaporte em nome de Emilio Cruz e a chave. Ramírez tomou nota dos pormenores.

– Vou mandar isto por *e-mail* à embaixada argentina em Madrid e vamos ver qual é o resultado – disse Ramírez. – E vou fazer uma pesquisa até à origem sobre o bilhete de identidade de Rafael Vega.

– Podemos ter alguma coisa sobre isso antes do fim-de-semana?

– Acho que em pleno mês de Julho não, mas podemos tentar.

– Há notícias do Sergei?

– Foi visto algures durante as duas últimas semanas num bar na Calle Alvar Nuñez Caleza de Vaca com uma mulher que não era espanhola e falava a mesma língua que ele. A mulher tinha lá sido vista antes e o empregado do bar achava que ela vinha do Polígono San Pablo. Achava também que era uma prostituta. Temos uma descrição detalhada e o Serrano e o Baena estão agora a trabalhar sobre isso.

Falcón escutou as suas mensagens, olhando para a fotografia que tinha trazido do carro. Calderón tinha adiado a reunião deles até à manhã seguinte. Ligou para o *inspector jefe* Alberto Montes do GRUME (Grupo de Menores), que era responsável por crimes contra crianças, e perguntou se podia passar por lá para uma conversa informal. Ferrera chegou quando ele estava de partida e disse-lhe que trabalhasse sobre os números de telefone de que tinha a lista, de chamadas feitas para e da casa dos Vega e do telemóvel de Rafael Vega e que depois se fosse juntar a Serrano e Baena, para procurar a mulher que tinha sido vista com Sergei.

– E quanto à chave encontrada com o passaporte na casa de Vega?

– Neste ponto da investigação, Sergei é mais importante. Precisamos de uma testemunha – disse Falcón. – Trabalhe sobre a chave se tiver tempo. Comece pelos bancos.

A caminho do escritório de Montes deu com Felipe e Jorge no laboratório. Falou com eles sobre as autópsias. Pareciam soturnos. Não tinham nada a

acrescentar sobre a cena do crime. A almofada tinha sido limpa de todo o suor e saliva. A única coisa curiosa que tinham encontrado tinha a ver com a nota encontrada na mão de Vega.

– Como disse o advogado dele, é nitidamente a sua letra, mas achámos interessante ele tê-la descrito como «cuidadosa», por isso observei-a pelo microscópio – disse Felipe. – Foi copiada por cima.

– O que quer dizer?

– Ele já a tinha escrito, o que deixou a página inferior vincada e depois voltou ao bloco e escreveu por cima dos vincos... como se quisesse descobrir o que tinha sido escrito.

– Mas *foi ele* que escreveu da primeira vez? – disse Falcón.

– Só lhe posso contar os factos – disse Felipe.

\*\*\*

Alberto Montes tinha cinquenta e poucos anos, excesso de peso, com papos sob os olhos e um nariz que tinha explodido devido ao excesso de bebida. Tinha passado por um acompanhamento psicológico no final do ano passado por causa do problema da bebida e tinha, de certo modo, ultrapassado isso. Estava a preparar-se para uma reforma antecipada e parecia ansioso por que isso acontecesse. Tinha pertencido ao Grupo de Libertad Sexual, que investigava crimes sexuais adultos e ao GRUME durante mais de quinze anos e tinha um saber enciclopédico de nomes e horrores a eles ligados. Estava sentado, afastado da secretária, olhando pela sua janela de segundo andar, a fumar e provavelmente a pensar numa liberdade futura. Estava a espremer água de um copo de plástico através do seu espesso bigode como se desejasse que se tratasse de *whisky*. Quando Falcón chegou à sua secretária, girou sobre a cadeira e voltou a encher o copo de plástico.

– Pedras nos rins, *inspector jefe* – disse ele. –Aturo isto todos os verões. Disseram-me que bebesse seis litros de água todos os dias. O que posso fazer por si?

– Eduardo Carvajal – disse Falcón. – Lembra-se dele?

– Esse tipo está queimado no meu coração. Ia tornar-me famoso – disse Montes. – Por que é que o nome dele voltou a aparecer?

– Ando a investigar as mortes de Rafael e Lucía Vega.

– Rafael Vega... o construtor? – disse Montes.

– Conhece-o?

– Não sou convidado para o *stand* dele na *Feria*, mas sei de quem se trata – disse Montes. – Alguém o matou?

– É isso que andamos a tentar descobrir. Enquanto eu andava a folhear o livro de moradas dele, dei com o nome Carvajal e era um nome que me lembrava coisas sobre aquele caso que eu investiguei no ano passado – também era conhecido e amigo de Raúl Jiménez. Não tive tempo de o investigar na altura, por isso pensei que podia tentar agora – disse Falcón. – Como é que ele o ia tornar famoso?

– Ele disse que me ia dar todos os nomes daqueles que tinham feito parte da sua rede pedófila.. desde o início. Prometeu-me o maior golpe da minha carreira. Políticos, actores, advogados, vereadores, homens de negócios. Disse que me ia trazer a chave de ouro que abriria a alta sociedade e mostraria os seus podres, o ovo podre que era na realidade. E eu acreditei nele. Achei mesmo que ele ia fazer passar a informação.

– Mas morreu num acidente de automóvel antes de a fornecer.

– Bem, ele saiu da estrada – disse Montes. – Era à noite, já tarde, tinha álcool no sangue e havia uma série de curvas perigosas entre Ronda e San Pedro de Alcântara... mas nunca saberemos.

– O que quer isso dizer?

– Tudo isto foi bastante divulgado, *inspector jefe*. Quando eu fui avisado, ele já estava enterrado e o carro transformado num bloco deste tamanho – disse Montes, afastando as mãos uns cinquenta centímetros.

– Mas algumas pessoas foram condenadas, não foram?

Montes levantou quatro grossos dedos com um cigarro a arder entre eles.

– E não podiam ajudá-lo do mesmo modo que Carvajal ajudou?

– Só se conheciam um ou outro. Eram uma célula da rede – disse Montes.

– Nem sequer conseguimos dismantelar as nossas próprias redes pedófilas.

– Então era uma rede internacional?

– Chama-se Internet, caso não saiba – disse Montes. – O FBI andava a preparar uma apreensão. Descobriram um casal no Idaho que tinha criado um *site* de pornografia infantil e apoderaram-se dele. Extraíram moradas do mundo inteiro e informaram as autoridades locais em cada país. É bom saber que ainda há por aí imensos pedófilos assustados, mas não me parece que se vá conseguir prender alguma das pessoas que Carvajal conhecia. Tenho a certeza de que tudo isso acabou.

– Porquê?

– Carvajal era a chave. Andava a pesquisar. Eles conheciam-no. Ele conhecia-os. Mas não se conheciam mutuamente. Não há nada que os possa relacionar.

– Mas o que andava o Carvajal a fazer sob sua própria iniciativa?

– Fazia parte do esquema negociado com o advogado dele. Ia juntar todas as redes e íamos tomar de assalto o conjunto inteiro numa série de *raids*.

– Chegou a saber como é que ele andava a pesquisar?

– Não é que isso nos tenha servido de muito – disse Montes, acenando com a cabeça. – Era uma coisa que estava a começar na altura. O envolvimento da máfia russa no tráfico de pessoas. A prostituição tornou-se uma coisa importante para eles, porque podiam controlar o fornecimento. Para controlar o negócio de drogas tinham de lutar pelo território, porque não tinham nem heroína nem cocaína caseiras, mas com a prostituição ficavam com todo o material desde a origem. E, o que é mais importante, achavam menos perigoso e igualmente lucrativo. Havia uma rapariga romena aqui na semana passada que já tinha sido comprada e vendida sete vezes. Acredite, *inspector jefe*, demos a volta completa e regressámos ao tempo do escravagismo.

– Não se importa de me dar só um pequeno apanhado desse assunto?

– Os antigos estados soviéticos estão cheios de gente. Muitos deles são capazes e inteligentes – professores universitários, instrutores técnicos de liceu, construtores, funcionários públicos – mas dificilmente qualquer deles pode encontrar um modo de vida na era pós-soviética. Andam a tentar viver com quinze a vinte euros por mês. Nós, na Europa, e especialmente em países como a Itália e a Espanha, não temos *pessoas* suficientes. Li relatórios que dizem que a Espanha precisa de mais um quarto de milhão de pessoas por ano, a pagar impostos, só para manter o país em funcionamento, para que o Estado tenha dinheiro para dar uma reforma. A procura e oferta são mais fáceis de compreender e imediatamente exploradas. É preciso um visto para entrar na Europa. Ouvi falar de imensos ucranianos que atravessam a fronteira para a Polónia e conseguem os seus vistos a partir de embaixadas em Varsóvia. Portugal fornece vistos com bastante facilidade. A Espanha, por causa do problema de Marrocos, é mais difícil, mas é bastante fácil entrar para uma escola de línguas ou qualquer coisa desse género. Claro que é preciso ajuda para fazer isso. É aí que a máfia entra. Facilitam a viagem. Arranjam um visto. Organizam o transporte. Cobram um mínimo de mil

dólares por cabeça... estou a vê-lo pensar, *inspector jefe*.

– Cinquenta pessoas num autocarro, menos uns poucos milhares em despesas – disse Falcón. – Não é difícil ver a que ponto isso funciona bem.

– Tiram daquilo pelo menos quarenta e cinco mil dólares por autocarro – disse Montes. – Mas a coisa não pára aí, porque também há pessoas que podem ser postas a trabalhar ao chegar ao seu destino. Os *gangs* da máfia apoderam-se delas. As mulheres e crianças vão para a prostituição e os homens para o trabalho forçado. Está a acontecer por todo o lado – Londres, Paris, Berlim, Praga. Um amigo meu estive de férias nos arredores de Barcelona no mês passado e na estrada a caminho de Rosas havia uma fila de belas raparigas a acenarem para ele... e não andavam a pedir boleia.

– Em que tipo de trabalho colocam os homens?

– Trabalho de fábrica, lojas com salário de escravo, armazéns, condução de camiões – tudo o que seja submisso. Estão até nas estufas nas planícies a caminho de Huelva. Lá também há raparigas.

– Há quatro ou cinco anos, a prostituição era uma coisa que só se encontrava indo à procura ou entrando pela rua errada da cidade. Os bairros a isso destinados eram delimitados. Agora pode ir-se a uma garagem no meio de nenhures e encontrar uma rapariga a «trabalhar».

Montes acendeu outro cigarro enquanto esmagava o que tinha estado a fumar.

– Ora eu agora sei que estou velho de mais para este trabalho. Já não constitui desafio. É uma coisa que se tornou esmagadora, uma coisa que acabou por me derrubar – disse Montes. – Disse que tinha outra pergunta, *inspector jefe*. Despache-se antes que eu entre em desespero e me atire para o parque de estacionamento.

Falcón balbuciou hesitantemente perante esta observação, pois estava a sentir o cansaço do homem, a sua lassidão profunda e o seu desencanto colossal.

– Estou só a brincar, *inspector jefe* – disse Montes. Estou demasiado perto do fim. Tenho pena dos tipos que estão a meio das suas carreiras: ainda têm um longo calvário.

– Eu ia perguntar-lhe por Sebastián Ortega, mas pode esperar por uma próxima vez.

– Não, não... não tem problema, a sério, *inspector jefe*. Só preciso das minhas férias anuais – disse Montes. – Sebastián Ortega, o que se passa com

ele?

– Pablo Ortega é o vizinho do lado de Rafael Vega. O *juez de instrucción* deste caso é Esteban Calderón.

– Ah, bem, certo, eu por mim não punha esses dois juntos no mesmo quarto.

– O que aconteceu? Parece um caso estranho.

– Qual foi a versão que lhe chegou?

– Estou a ver... é mesmo complicado – disse Falcón. – Ouvi dizer que ele raptou o rapaz, abusou dele sexualmente durante uma série de dias e depois libertou-o. E a seguir ficou à espera que a polícia o viesse prender.

– Foi essa versão que lhe colaram no julgamento – rapto e agressão sexual, razão pela qual o *juez* Calderón e o delegado conseguiram condená-lo por doze anos – disse Montes. – Eu não trabalhei no caso, por isso é apenas o que ouvi dizer, mas sei que é verdade. Dito isto, a única declaração em vídeo que se encontra no ficheiro é a que foi utilizada oficialmente em tribunal – disse Montes. – Antes de mais nada, Sebastián Ortega não andou a facilitar a sua própria vida. Não contou nada do que tinha feito. Nunca declarou a sua versão dos acontecimentos. Portanto, quando nada há a contradizer, as pessoas sentem-se autorizadas a dar largas à imaginação.

– Pergunta número um: por que é que ele raptou o rapaz? Pergunta número dois: por que é que ele tinha um quarto especialmente preparado para lá manter o seu prisioneiro? Pergunta número três: por que é que amarrou o rapaz? E a resposta a todas essas perguntas, na cabeça dos investigadores e advogados, era que Sebastián Ortega planeou e executou os seus planos de modo a dar a si próprio a oportunidade de abusar sexualmente daquele rapaz, à sua vontade. Excepto... que não o fez.

– Não fez o quê?

– Não abusou sexualmente dele... ou antes, não havia prova disso e o rapaz também disse que Sebastián Ortega não tocou nele dessa maneira – disse Montes. – Então, julgo que o juiz teve uma conversa com os advogados, que falaram com os pais do rapaz. E no vídeo que disso resultou a declaração da vítima tornou-se mais persuasora ou imaginativa, conforme preferir.

– Então qual era a finalidade do rapto?

– Conheciam-se. Eram do mesmo *barrio*. Hesito em tratá-los de amigos por causa da diferença de idade, mas é mais ou menos isso que eles eram. Por isso, Sebastián Ortega não teve propriamente que o raptar. Convidou-o para o



seu apartamento. Depois as coisas tornaram-se um pouco estranhas, tanto quanto eu possa discernir. Ele manteve-o no quarto isolado que já tinha previamente construído e amarrou-o. Mas, na primeira entrevista, o rapaz disse que apesar de estar assustado com o comportamento estranho de Ortega, não tinha sido ferido ou tocado de modo sexual.

– Não compreendo – disse Falcón. – Então, o que é que Sebastián fez?

– Leu-lhe histórias para crianças. Cantou cantigas... não era mau guitarrista, pelos vistos. Fez refeições para ele, deixou-o beber toda a Coca-Cola que queria.

– Por que é que o amarrou?

– Por que o rapaz disse que tinha de ir para casa, senão o pai zangava-se.

– E isto durou vários dias?

– Lá fora, todos estavam a dar em doidos, à procura do rapaz. Os pais até chamaram Sebastián, que disse que lamentava, mas não o tinha visto... chamava-se Manolo, penso eu. Então, um dia, ele desistiu simplesmente... Libertou o rapaz, sentou-se na cama e esperou pela retribuição.

– E nada disto se soube em tribunal?

– Uma parte sim, mas é óbvio que a acusação carregou noutros aspectos, diferentes dos meus. Pintaram Sebastián como uma pessoa mais agressiva e predatória.

– E qual é a sua opinião?

– Eu acho que Sebastián Ortega é um jovem perturbado que não devia provavelmente estar na prisão. Fez uma coisa certa ou errada, mas que não justifica doze anos.

– E os seus investigadores?

– A verdadeira história era demasiado estranha. Com alguma experiência, poderia ter sido conduzida de modo a trazer à luz a verdade, mas estava-se no Verão, os dois investigadores eram jovens e inseguros e isso tornou-os maleáveis. O interesse dos *media* no caso por causa de Pablo Ortega acrescentou alguma pressão. Não queriam parecer estúpidos e, tal como o *juez* Calderón, estavam excitados com uma condenação de grande perfil.

– O que acha do papel do *juez* neste caso?

– Não é da minha conta... oficialmente – disse Montes. – Mas pessoalmente acho que a sua vaidade o ultrapassou. Andava muito empolgado com o caso. A cobertura dos *media* foi incrível. Ele é jovem, bem parecido, de boas famílias e com todos os contactos certos e... Bem, é isso.



– O que é que ia dizer?  
– Lembrei-me a tempo da nova mulher que ele tem... desculpe.  
– Então isso já é público, não é?  
– Nós soubemos disso antes dele.  
– Acha que o *juez* Calderón estava ao corrente dos verdadeiros factos do caso?

– Eu não sei o *que é que* lhe passou pela cabeça. Houve imensas discussões não oficiais sobre isso entre ele e os meus homens. Ele *disse* que achava que toda a história era uma fantasia ridícula plantada na cabeça do rapaz por uma besta manipuladora. O tribunal não iria acreditar uma palavra. Disse que era melhor para o rapaz que fornecesse uma versão mais clara e menos ambígua do que lhe tinha acontecido. Os investigadores falaram com os pais e o rapaz fez o que lhe mandavam.

– Onde é que estava nesta altura?  
– De baixa por doença. Operação à hérnia.  
– Não me parece que tenha sido feita justiça.  
– Na verdade, tal como já lhe disse, Sebastián Ortega não contestou nenhum dos factos que surgiram na entrevista por vídeo ao rapaz e que foi mostrada em tribunal. Ele não se defendeu de todo. Deveria haver a possibilidade de um apelo, mas tanto quanto eu sei, Sebastián Ortega não quer isso. Tenho a impressão que, por qualquer razão, Sebastián está onde pretende estar.

– Acha que ele necessita de ajuda psiocológica?  
– Sim, mas não a vai pedir. Disseram-me que deixou de falar. Entrou para uma solitária e comunica o mínimo possível.

Falcón levantou-se para se ir embora.

– Diga-me, reconhece algum dos homens nesta fotografia? – disse ele e poisou sobre a secretária de Montes a fotografia de Ortega.

– Meu Deus, lá está ele, *hijo de puta*. É Eduardo Carvajal. E se não estou em erro, está a falar com Pablo Ortega e com outra pessoa que não se consegue ver – disse Montes. – Tenho de o tirar da minha vista, a não ser que o senhor queira ver chorar um homem crescido, *inspector jefe*.

– Obrigado por isso – disse Falcón, pegando na fotografia.

Apertaram as mãos e ele encaminhou-se para a porta.

– Que trabalho fazia o Eduardo Carvajal, a propósito? – disse ele, pondo a mão na maçaneta da porta.

– Era consultor imobiliário – disse Montes, cujo rosto tinha voltado à sua expressão turva depois da sua calma relativa durante a discussão sobre Ortega. – Costumava trabalhar para Raúl Jiménez, aqui em Sevilha, no negócio imobiliário, até aos anos 70, princípios dos 80. Vinha de uma família abastada que tinha muitas propriedades na zona de Marbella. Quando se afastou de Raúl Jiménez fez empreendimentos nessas terras e vendeu-as. Estabeleceu contactos. Conhecia as pessoas certas. Começou a fazer negócios com companhias de turismo e a construir hotéis. Tinha as câmaras municipais a comerem-lhe na mão, por isso obtinha todas as licenças de construção e ligações ao mundo financeiro. Fez uma fortuna.

– Então a grande promessa que ele lhe fez era totalmente credível?

– Totalmente.

Falcón acenou com a cabeça, abriu a porta.

– No caso de Ortega – disse Montes – eu não atribuo nenhuma culpa aos meus homens – o que não quer dizer que não lhes tenha falado sobre o modo a proceder para a próxima vez, mas é preciso ter força para fazer frente ao tipo de personalidade robusta do *juez* Calderón.

– E faz parte das funções dele constituir um caso que forneça aos delegados a maior hipótese possível de sucesso em tribunal – disse Falcón. – É assim que devem ser tomadas todas as decisões morais melindrosas e o *juez* Calderón é um homem muito hábil.

– O senhor gosta dele, *inspector jefe* – disse Montes. – Nunca teria imaginado.

– Só trabalhei com ele uma vez... no caso de Raúl Jiménez. Ele lidou com isso muito bem. Lidou *comigo* muito bem quando eu não estava em condições de tomar conta de uma investigação.

– O sucesso altera um homem – disse Montes. – Algumas pessoas estão destinadas a uma forma muito elevada de sucesso. Outras, como eu, chegaram ao seu nível e devem satisfazer-se com isso ou enlouquecer. O *juez* Calderón nem tem ainda quarenta anos e no entanto já conseguiu coisas que alguns juízes não atingem numa carreira completa. É uma atitude dura de manter... conseguir atingir planos ainda mais elevados. Às vezes é preciso forçar um pouco as coisas para que o brilho distinto da estrela mantenha o seu fulgor. A ambição turva a capacidade de discernimento e provoca erros. Pessoas dessas caem muito dura e rapidamente. Sabe por quê, *inspector jefe*?

– Porque as pessoas gostam de os ver derrotados – disse Falcón.

– Penso que há imensas pessoas aí fora à espera disso – disse Montes.

## Capítulo 10

*Quinta-feira, 25 de Julho de 2002*

DE REGRESSO ao andar de baixo, parou e pegou na ficha de Sebastián Ortega para a levar para casa consigo. Ramírez ainda estava a agitar o relatório com os seus grandes dedos intrusivos. Cristina Ferrera tinha falado para a companhia telefónica e descoberto que a última chamada recebida na casa dos Vega tinha sido feita por Consuelo Jiménez por volta das 11 da noite. Passou à máquina o seu relatório e foi-se embora. Falcón sentou-se em frente de Ramírez, que olhou para o ecrã como um crítico que insere sistematicamente observações violentas num texto.

- Alguma coisa que me interesse saber sobre os negócios de Vega?
- Ele empregava mão-de-obra russa e ucraniana – disse Ramírez. – Alguns ilegais como Sergei, outros não.
- Como é que soube da mão-de-obra ilegal?
- Eles não vieram trabalhar hoje ou antes foi-lhes dito que se fossem embora quando apareceram e isso deixou dois projectos com equipas fantasma.
- E quanto aos escritórios?
- Vázquez não nos deixou fazer buscas sem um mandado, mas foi bastante compreensivo quanto ao Sergei.
- Ele teve alguma coisa a dizer quanto à equipa de trabalho?
- Não é da sua conta. Não dirigia a Vega Construcciones no dia-a-dia. Era apenas o advogado... com um papel não executivo na direcção, que desde a morte de Vega se tornou executivo.
- Viu o contabilista, o Sr. Dourado?
- *O Rapaz Dourado*. Sim, vimo-lo. Ele explicou-nos o funcionamento do negócio e mostrou-nos as contas.
- Explicou como a mão-de-obra ilegal estava a ser tratada nos números finais?
- Ainda não entrámos na fase dos detalhes específicos da investigação.

Estivemos a falar em termos mais gerais de estrutura, a descobrir se a companhia tinha solvência, se havia bombas relógio financeiras ou se havia alguma cláusula chata de algum projecto que andasse a dar cabo dos lucros.

– Fale-me da estrutura da companhia.

– Vega Construcciones é a empresa de *holding* que agrupa uma série de projectos separados. Cada projecto é uma companhia com a sua própria direcção, incluindo um representante da Vega Construcciones, alguém que pertence aos investidores capitalistas e alguém da instituição financeira que fornece a base. Suponho que a ideia seja que um só projecto que corra mal possa derrubar toda a companhia – disse Ramírez. – De qualquer modo, a *holding* apresentou um lucro decente durante os três últimos anos e não parecia que nada estivesse a correr mal com os projectos em curso. Não havia nenhuma catástrofe iminente. Se foi um assunto de negócios que resultou na sua morte, é mais provável que se trate de alguma coisa relacionada com os parceiros dos projectos.

– Viu alguns nomes?

– Ainda não – disse Ramírez. – Como é que isso correu no instituto?

– Pode dar uma olhada quando estiver terminado. Não há nada aí que seja mesmo suculento que pudesse persuadir um juiz de que tenha sido mesmo assassinio. Vamos ter de trabalhar muito para encontrar um motivo nos três vizinhos mais próximos. Todos pareciam beneficiar da sua relação com ele e estavam todos em casa a dormir na noite passada, como seria de esperar. É por isso que temos de encontrar o Sergei. Foi quem esteve mais próximo da cena do crime. Se alguém viu alguma coisa, foi ele.

– Ainda não olhei bem para esse passaporte, mas uma pessoa totalmente inocente não guarda um documento falso no congelador – disse Ramírez. – Já se viu pessoas a passarem à nossa porta com chapas de impressão roubadas e o cheiro a russos é muito forte na Vega Construcciones. Por isso sabemos que alguma coisa neste caso não está certa. Estamos a descobrir coisas novas todos os dias. Uma delas acabará por ser um motivo.

– Preciso de me ir embora – disse Falcón olhando para o relógio.

– Ah, sim, é noite psi, esta noite. Talvez eu precise de começar a vê-la – disse Ramírez, sorrindo sarcasticamente, batendo nas têmporas. – Ela pode ajudar-me a arrumar as ideias.

– Continua sem notícias da sua filha?

– Não vou ter, até terem terminado completamente.

Falcón foi a guiar para casa. Precisava de tempo para se descontraír antes de estar com Alicia Aguado. Quando entrou na casa estava com a mesma sensação de mal-estar que tinha tido na noite anterior. Deu consigo a escutar novamente.

Largou a ficha de Ortega no escritório e foi lá acima, tomou um duche e mudou de roupa para umas calças de ganga e uma *T-shirt* preta. Voltou para a cozinha e bebeu água. Voltou ao escritório e deitou-se na *chaise longue*. Fez uns exercícios de respiração e estava a começar a sentir-se bastante calmo quando qualquer coisa que não tinha visto antes no painel por cima da sua secretária o atraiu. Levantou-se lentamente como se fosse importante fazer as coisas pela calada. Avançou para a secretária encurvado e debruçou-se sobre ela. No painel havia uma fotografia de Inés. Tinha lá sido espetada com um alfinete de ponta vermelha em plástico que lhe furava a garganta.

\*\*\*

Por volta das 9.30 da noite estava sentado na cadeira em S do consultório de Alicia Aguado. Ela pôs os dedos no seu pulso. Precisava ainda mais desta técnica agora que tinha perdido os últimos vestígios da visão por causa de uma retinite pigmentosa.

- Está cansado – disse ela.
- Estou no final do segundo dia de uma nova investigação – disse ele.
- Uma dupla morte e muita agitação emocional.
- Voltou a estar ansioso.
- Tive outro sonho «merdoso» durante a minha *siesta* – disse Falcón. – Tenho-os sempre à tarde.
- Já me falou deles – disse ela. – Então sobre que assunto está ansioso?
- O sonho «merdoso» foi diferente desta vez. Acordei com uma ideia muito clara na cabeça e uma noção de sentido.

Falou-lhe sobre o caso de Sebastián Ortega, o que sabia dele na altura do sonho (incluindo o estado da casa de Pablo Ortega) e do que tinha descoberto posteriormente através de Montes.

- Será um caso comum?
- Muitas vezes provas que não são admissíveis em tribunal provam sem margem de dúvida a culpa de um acusado – disse Falcón à defesa. – A polícia e os advogados servem-se então da *nuance* e da ênfase para obter a



condenação «certa».

– Mas este caso não é assim, pois não? – disse Aguado. – Uma vítima foi manipulada para dar um relato exagerado do que lhe aconteceu. Quem foi o juiz deste caso?

– Nunca houve dúvidas sobre a condenação. O que eles queriam assegurar era a sentença mínima, mas... não quero entrar em especificações e personalidades – disse Falcón. – O caso é que eu não estava ao corrente disso antes do sonho e no entanto acordei com uma forte sensação de querer ajudar aquele jovem rapaz, que não me está ligado por via nenhuma.

– Isso é bom – disse Aguado.

– Também acho. É o que há de mais aborrecido na depressão: o tempo que temos de passar connosco – disse Falcón. – Estou satisfeito por conseguir sair da minha introspecção.

– O que é que o encaminhou para a situação de Sebastián Ortega?

– Há neste caso algumas ligações interessantes. Pablo Ortega conhecia Francisco Falcón. Era amigo dele. Até me tinha conhecido antes, quando eu tinha dezoito anos, mas eu não me lembrava dele. Tal como o Francisco, é carismático e o tipo de pessoa capaz de concentrar fúrias tremendas. Além disso, disse coisas que eu vim a descobrir serem falsas. Era muito difícil discernir a verdade da representação. É possível que ele esteja a esconder coisas de si mesmo. Numa entrevista posterior alguém disse que sempre tinham suposto que ele fosse ou homossexual ou assexual.

– Meu Deus... estamos a falar de Pablo Ortega, o actor, não estamos?

– Sim, mas não vá ligar para o *Diário de Sevilla* – disse Falcón. – Ele matava-se, se isso se viesse a saber.

– Estou a ver os paralelismos com a sua situação – disse ela.

– Acho que me identifiquei inconscientemente com Sebastián e que é por isso que o quero ajudar.

– Porquê?

– Porque me quero ajudar a mim próprio.

– Isso é bom, Javier – disse Aguado. – Eu só quero regressar a Pablo Ortega...

– Essa história de ele ser homossexual... não há provas. Era só uma coisa que este entrevistador em particular achava ser real.

– Não é isso que me preocupa – disse ela. – Por que é que Pablo Ortega estava tão zangado?

– Estava furioso com o *juez* Calderón...

– Então ele também era o juiz do caso de Sebastián Ortega?

– Exactamente.

– Pensei que estivesse em causa alguma coisa mais complicada.

– Se está, não sei *o que é*.

– Lembro-me que quando estava a investigar o assassinio de Jiménez dizia que gostava do *juez* Calderón. Disse-me que era uma das primeiras pessoas que tinha encarado como possível amigo desde a sua aprendizagem em Barcelona.

– Isso foi antes de eu saber que ele andava com a Inés.

Os dedos dela saltaram-lhe do pulso quando ele disse o nome.

– Aconteceu alguma coisa com Inés?

– Ele disse-me ontem que se iam casar – disse Falcón. – Estive quase para lhe telefonar.

– Já lidámos com a Inés.

– Pensava que sim.

– Estava a contar com o casamento deles – disse Alicia Aguado. – E disse-me que tinha aceitado isso.

– Na teoria, sim.

– E a realidade foi diferente?

– Fiquei espantado por ficar tão amargamente decepcionado com a notícia.

– Há-de ultrapassar isso.

– Foi por isso que não lhe telefonei – disse Falcón. – Mas mesmo antes de vir ter consigo esta noite encontrei uma fotografia dela espetada no painel por cima da minha secretária com um alfinete vermelho na garganta.

Silêncio. Falcón teve a sensação de sentir Alicia estremecer.

– Foi você que a espetou lá? – perguntou ela.

– É isso que me preocupa – disse Falcón. – Não sei.

– Acha que o pode ter feito inconscientemente? – perguntou Aguado.

– Nem sequer reconheço a fotografia.

– E quanto às outras?

– Comprei uma máquina fotográfica digital a semana passada. Até ontem, o trabalho esteve em ritmo brando e eu tenho andado pelas ruas a tirar fotos, a habituar-me à tecnologia e a gravar coisas no computador, a apagar fotografias, a imprimir outras, a deitar fora algumas coisas. Sabe, a brincar com aquilo. Por isso... não posso ter bem a certeza. Talvez eu a tenha

fotografado sem ter noção disso. Não vivemos assim tão longe um do outro. Vejo-a ocasionalmente na rua como você a vê em Sevilha.

– De que outro modo poderia ter ido parar ao seu painel?

– Não sei. A noite passada, fiquei muito bêbedo e desmaiei...

– Não devia deixar que isto o preocupasse – disse Aguado.

– Mas o que é que acha que significa? – disse Falcón. – Não gosto da ideia de a minha cabeça funcionar independente de mim. Foi isso que aconteceu a uma das vítimas da minha investigação.

Falcón descreveu a bizarra nota de Vega e de como lhe tinha seguido a pista.

O lado positivo deste incidente é que parece mostrar que ao espetar a foto de Inés pela garganta ao seu quadro está a libertar-se desse poder que entende que ela tem sobre si.

– Bem, isso é uma interpretação possível – disse Falcón. – Poderia haver outras mais obscuras.

– Não conte com isso. Está em pleno movimento. Viva esse momento.

– Está bem, vamos falar de outra coisa: Sebastián Ortega. O que pensa do comportamento dele psicologicamente? Por que é que ele fez o que fez?

– Ia precisar de saber muito mais sobre ele e sobre o caso até poder arriscar uma opinião sobre isso.

– A minha teoria é que ele estava a reviver um ideal – disse Falcón. – Estava a ser para o rapaz o que teria querido que o seu pai fosse para ele.

– Não faço comentários.

– Não estou a pedir-lhe uma opinião profissional e séria.

– E eu não forneço das amadoras.

– Está bem. Então de que podemos falar que não seja sobre Inés?

– Fale-me mais sobre o *juez* Calderón.

– Já não sei o que hei-de pensar sobre ele – disse. – Estou confuso. Ao princípio, sentia-me atraído pela sua inteligência e sensibilidade. Depois descobri que ele tinha uma relação com a Inés, coisa sobre a qual não podia nem posso falar com ele. Agora vão casar-se. Tenho visto o sucesso dele aumentar consistentemente, mas, por outro lado, tenho ouvido dizer por outros que a vaidade lhe anda a injectar a trajectória...

– Acho que uma coisa lhe escapou.

– Não me parece.

– O *juez* Calderón fez-lhe alguma coisa?

– A mim, não – disse Falcón. – Ainda não posso falar sobre isso.

– Nem sequer ao seu psicólogo clínico, que o está a acompanhar há mais de um ano?

– Não... ainda não. Não posso ter a certeza – disse Falcón. – Podia ter sido apenas um momento de loucura, agora esquecido, ou poderia ter havido intencionalidade clara.

– De fazer uma coisa errada?

– Não propriamente errada... apesar de que seria errada – disse Falcón. – Só lhe posso é garantir que não tem nada a ver comigo.

A consulta terminou pouco depois. Antes de acompanhar Javier à porta ela aproximou-se de um armário, vasculhou lá dentro e retirou dele um gravador de voz.

– Eu não me importo de pensar por si no Sebastián Ortega – disse ela. – O meu Verão está sossegado. Desde que a minha cegueira se tornou total, tenho criado um horror crescente às multidões. A ideia de centenas de pessoas na praia e eu entre elas, faz-me sentir nervosa. Apesar do calor, fico na cidade. Grave tudo o que souber, que eu depois escuto.

Ela entregou-lhe o gravador de voz e algumas fitas. Javier apertou-lhe a mão fria e branca, uma vez que a relação profissional deles nunca tinha ultrapassado esta formalidade, para além de algum desvario da sua parte na primeira fase de tratamento. Mas desta vez, ela puxou-o para si e beijou-o em ambas as faces.

– Boa-noite, Javier – disse ela, enquanto descia as escadas. – E lembre-se: o que é importante é que você é um bom homem.

Falcón saiu da frescura do consultório dela e entrou no calor intenso da rua. Começou a andar e fez aquilo que Alicia lhe tinha dito para não fazer. Pôs-se a pensar naquela fotografia de Inés espetada no seu quadro. Sem pensar atravessou uma rua e deu consigo em frente da Old Tobacco Factory, que acabava de ser incorporada na universidade. Tinha enxergado de longe o Edificio de los Juzgados, onde tinha estacionado o carro. Atravessou a Avenida del Cid e recuou pelos passeios do Palácio de Justicia. Alguém o chamou pelo nome. O som da voz era semelhante ao das mãos de uma mulher subindo pelo peito acima, vindas de trás. O som dos saltos no passeio disse-lhe, antes de se voltar, que ia ver Inés.

– Parabéns – disse ele entaramelando a palavra com os lábios.

Ela pareceu impassível enquanto se beijavam.

– O Esteban contou-me ontem – disse Falcón.

Ela levou a mão à boca como se isso pudesse obscurecer o seu esforço de memória e a seguir revirou os olhos.

– Desculpa. Não me estava a lembrar – disse ela – Obrigada, Javier.

– Fico muito feliz por ti – disse ele. – Não é um pouco tarde para ainda estares a trabalhar?

– O Esteban combinou que eu viesse ter aqui às 9.30. Já o viste hoje? – perguntou ela.

– Ele adiou o nosso encontro para amanhã.

– Ele está sempre aqui a esta hora da noite. Não sei o que poderá...

– O que é que disse o segurança?

– Que ele saiu às seis e ainda não voltou.

– Tentaste o telemóvel?

– Está desligado. Ele agora anda sempre a desligá-lo. Há pessoas de mais a tentar falar com ele – disse ela.

– Bem... posso dar-te boleia para algum lado?

Inés deixou ao segurança um recado e entraram no carro de Falcón. Desceram a Avenida Cristóbal Colón e decidiram comer umas *tapas* no El Cairo na Reyes Católicos.

Sentaram-se no bar e mandaram vir cervejas e umas *tapas* de pimentos *piquillo* recheados com abrótea. Ele perguntou-lhe pelo casamento. Ela falou apenas semiconcentrada no que estava a fazer, olhando para todas as caras que passavam do lado de lá da vitrina. Falcón foi bebericando a sua cerveja e murmurando encorajamentos até que ela se voltou para ele e lhe apertou o joelho com as longas unhas pintadas de branco.

– Ele tem andado bem? – perguntou ela. – Sabes... no trabalho dele.

– Não sei. Tenho andado a trabalhar neste caso com ele em Santa Clara, mas só desde ontem.

– Santa Clara?

– Ao fundo da Avenida Kansas City.

– Eu sei onde fica Santa Clara – disse ela, irritada, mas perdeu de repente a irritação e pôs-se a olhar para ele com os seus grandes olhos castanhos, daquela maneira que tinha quando precisava de obter alguma coisa. – Ele disse... ele disse...

– O quê, Inés?

– Nada – disse ela e soltou o joelho. – Ultimamente parece um bocado

ansioso.

– Isso é só por ter tornado o anúncio oficial.

– Que diferença é que isso faz? – disse ela suspensa de cada sílaba de Falcón, desesperada por mergulhar na mente masculina.

– Sabes... o compromisso total... sem retorno.

– Ele já se comprometeu antes.

– É oficial... está confirmado para o mundo. Este tipo de coisas pode pôr um homem nervoso. Sabes, o fim da juventude. Acabaram-se as loucuras. Família. Responsabilidades adultas, essa coisa toda.

– Estou a ver – disse ela, sem ver coisa nenhuma. – Queres dizer que há dúvida?

– *No, no, no que no* – disse Falcón. – Não há dúvida, apenas um certo nervoso perante a perspectiva da mudança. Ele tem trinta e sete, nunca esteve casado antes. É só uma reacção perante a futura exaltação física e emocional. Não existe dúvida, só um certo nervosismo perante a perspectiva de mudança.

– Física? – disse ela, sentando-se no rebordo do banco.

– Não vão ficar no apartamento dele ou vão? – disse Falcón. – Vão arranjar uma casa... construir uma família.

– Foi o Esteban que te falou disso? – disse ela, perscrutando o seu rosto à procura do mínimo trejeito.

– Eu sou a última pessoa...

– Sempre dissemos que íamos comprar uma casa no centro da cidade – disse ela. – Queríamos viver na cidade velha numa casa como a tua... talvez não tão louca nem tão gigantesca, mas do mesmo estilo clássico. Ando há meses à procura... na maior parte dos casos são casas que precisam de obras e adivinha o que o Esteban disse a noite passada?

– Que descobriu um sítio? – disse Falcón, incapaz de travar mentalmente o pensamento de que Inés se tinha casado com ele só por causa da sua casa.

– Que *ele* quer viver em Santa Clara.

Falcón olhou para aqueles grandes olhos assustados e sentiu formar-se no seu cérebro algo de semelhante a uma demolição em câmara lenta. Entalaram-se consoantes na sua garganta como espinhas.

– Exactamente – disse ela, inclinando-se para trás, quase em triunfo – é o contrário daquilo de que sempre falámos.

Falcón esvaziou a sua cerveja, mandou vir mais e enfiou atabalhoadamente



os pimentos na boca.

– O que é que isto significa, Javier?

– Significa – disse ele, mergulhando em revelações trágicas e contendo-se no último instante –, significa que faz parte da exaltação emocional. Quando tudo muda de repente na tua vida... tu mudas também... mas mais lentamente. Eu sei. Tornei-me especialista nessas questões de mudança.

Ela acenou com a cabeça, fazendo escorregar para dentro do peito as palavras, lá onde as pudesse acarinhar até que os seus olhos pestanejaram e ela saltou do banco do bar e correu para a porta.

– Esteban! – rugiu ela pela rua abaixo, melhor que qualquer peixeira.

Calderón parou como se o tivessem apunhalado no peito. Voltou-se e Falcón ficou à espera de ver a lâmina a saltar para fora das suas costelas, mas em vez disso viu – nos instantes antes de Calderón poder recompor o rosto – medo, perda, desdém e uma estranha selvajaria como se o homem andasse há dias perdido nas montanhas. A seguir, o juiz sorriu e deixou que a energia irradiasse dele. Ela aproximou-se. Ele foi ter com ela. Beijaram-se loucamente no meio da rua. Um velho casal sentado à janela acenou com a cabeça em sinal de aprovação. Falcón pestanejou perante aquela demonstração fraudulenta.

Inés arrastou-o para dentro do bar. O pé de Calderón tropeçou assim que viu Falcón empoleirado no seu banco de bar. Os três explicaram tudo uns aos outros sem ouvir palavra. Escorreram cervejas pelas gargantas. Opiniões iam e vinham. Inés e Calderón foram-se embora ao fim de alguns minutos. Falcón estudou o tendão que se destacava do antebraço de Inés enquanto ela agarrava na camisa do noivo. Era desesperado. Este, ela nunca haveria de largar.

Veio a conta. Ele pagou e foi a guiar para casa. Todas as luzes ficaram vermelhas. As pedras da calçada revolviam-lhe as entranhas. Apesar do seu cansaço, não estava com paciência para ir para a cama. Foi para o escritório e ligou o computador. Passou em revista todas as fotos que tinha tirado ao longo do fim-de-semana. Ficou a olhar para o instantâneo de Inés, tentando entender se ligava com algum dos outros, tentando ver se se lembrava dele. Isso não ajudou. Foi à procura do *whisky*, serviu-se de um copo e deixou a garrafa na cozinha.

Estava prestes a encerrar o computador quando se lembrou de Maddy Krugman a contar-lhe que tinha lido a sua história na Internet. Activou a



ligação e introduziu o nome dela num mecanismo de busca. Havia vários milhares de entradas, a maior parte a respeito de um comentador político chamado Paul Krugman. Falcón introduziu Madeleine Coren no mecanismo de busca. Havia apenas trezentas entradas e rapidamente descobriu referências ao seu trabalho fotográfico. Havia sobretudo artigos antigos e algumas críticas às suas exposições, mas exibiam sempre uma foto da espectacularmente bela Madeleine Coren enquanto jovem, com uma atitude *cool*, inalcançável e exclusivamente vestida de negro. Ele já estava a lutar contra o aborrecimento quando uma pequena notícia do *St Louis Times* chamou a sua atenção. «Investigação criminal do FBI: Madeleine Coren, fotógrafa, tem ajudado o FBI na investigação do assassinio do comerciante de tapetes de origem iraniana Reza Sangari.» O artigo surgia na secção de notícias locais e vinha datado de Outubro de 2000.

#### «Madeleine Coren numa investigação do FBI

A fotógrafa de Nova Iorque Maddy Coren tem estado a colaborar com o FBI na sua investigação consequente à descoberta do corpo espancado de Reza Sangari no seu apartamento de Lower East Side. O FBI não foi autorizado a revelar a razão pela qual falou com a Sr.a Coren a respeito do assassinio do comerciante de tapetes iraniano. Apenas declararam que não havia acusações contra a fotógrafa de trinta e seis anos, cuja mais recente exposição “Vidas Instantâneas” acaba de ser retirada do St. Louis Art Museum. John e Martha Coren, que ainda vivem em Belleville, St. Clair, não fizeram comentários ao interrogatório do FBI à sua filha. Maddy Coren vive actualmente no Connecticut com o seu marido, o arquitecto Martin Krugman.»

O nome do jornalista era Dan Fineman e, após ter lido o artigo várias vezes, Falcón começou a detectar o tom ligeiramente maldoso do texto. O conteúdo noticioso mal preenchia os poucos centímetros de coluna. Introduziu «Vidas Instantâneas» no mecanismo de busca e surgiu-lhe uma crítica com o título «Parco conteúdo. Pequena estatura». O autor era o mesmo Dan Fineman. Um homem com rancor.

Falcón escreveu «Reza Sangari» no mecanismo de busca. O seu assassinio tinha tido bastante cobertura a nível local e nacional e a partir desses artigos

era possível reconstituir toda a história.

Reza Sangari tinha apenas trinta anos. Nasceu em Teerão. A sua mãe vinha de uma família de banqueiros e, na origem, o seu pai tinha a sua própria fábrica de tapetes até partirem antes da revolução iraniana de 1979. Reza foi criado na Suíça, mas partiu para os EUA para estudar História da Arte na Columbia University. Depois de se formar, comprou um armazém no Lower East Side, no qual desenvolveu o seu negócio de importação e venda de tapetes. Transformou o segundo andar em apartamento, no qual o seu cadáver foi encontrado a 13 de Outubro de 2000. Havia sido assassinado três dias antes; tinha recebido duas pancadas na cabeça com um instrumento pontiagudo, que não o mataram, mas deixaram caído de lado sobre a armação de metal da cama, acabando assim por morrer. A arma que tinha causado os primeiros ferimentos nunca fora encontrada. Devido à ampla natureza da investigação e à lista internacional de clientes de Sangari, o FBI tinha substituído o Departamento de Homicídios da Polícia de Nova Iorque e contactado todos os seus clientes e relações sociais. Descobriram que estava relacionado com uma série de mulheres, mas nenhuma em particular. Não havia vestígios de arrombamento e nada tinha sido roubado. Nada faltava no inventário. O FBI fora incapaz de localizar quaisquer suspeitos, apesar de longos interrogatórios com as mulheres que ele frequentava na altura da sua morte. Alguns dos nomes destas tinham saltado para os meios de comunicação por serem famosas. Eram elas: Helena Valankova (*designer* de moda), Françoise Lascombs (modelo) e Madeleine Krugman. As duas últimas eram mulheres casadas.

## Capítulo 11

*Sexta-feira, 26 de Julho de 2002*

FALCÓN acordou e estendeu o braço para pegar numa caneta e num bloco que mantinha ao lado da cama para anotar os seus sonhos. Desta vez, escreveu:

«Ela teria descoberto tudo sobre as outras mulheres matando.

Ele teria descoberto que ela estava a ter um caso matando.»

Ou talvez não fosse nada disso.

Permitiu que o seu cérebro percorresse durante alguns minutos todo o circuito e escreveu:

«Ele poderia ter morto Reza sem lhe contar.

Ela poderia ter morto Reza sem lhe contar.

Ou poderia ter havido alguma cumplicidade.

Ou talvez não fosse nada disso.»

Tinha dormido mal. O *dossier* Ortega estava espalhado sobre a cama, juntamente com o gravador de voz e fitas de Alicia Aguado. Tinha ficado durante horas a pé, demasiado assustado para ir dormir, e tinha gravado o *dossier* Ortega à medida que o lia. Antes de se meter debaixo do chuveiro, verificou a tira de papel que tinha colado no cimo da porta. Estava intacta. Pelo menos, não tinha andado sonâmbulo. Deixou que a água lhe jorrasse na cabeça e parte da sua frustração abandonou-o assim que a fotografia de Inés lhe fez surgir uma nova possibilidade.

O calor do corredor à saída do seu quarto abafou-o. Olhou lá para baixo, para o repuxo da fonte. Ziguezagueou pelos pilares a caminho da cozinha. Comeu uma rodela de ananás fresco e uma torrada besuntada de azeite. Tomou os comprimidos. A sua mente vagueou pela solidão da casa. Inés tinha-lhe chamado «louca e enorme», e assim o era – uma descrição ostensiva, ilógica, labiríntica do estado de espírito bizarro de Francisco Falcón.

Surgiu-lhe com uma clareza que deve ter sido óbvia para todos, excepto

para ele próprio, mergulhado ao longo de meses na sua introspecção:

«Por quê continuar a viver aqui? Esta casa não é tua e nunca será o teu lar. Entrega-a à Manuela. A única razão pela qual ela te anda a perseguir nos tribunais é o facto de ter de vender tudo e contrair ainda um enorme empréstimo para poder comprá-la.»

Sentiu-se livre. Começou a marcar o número de Manuela no seu telemóvel e parou mesmo a tempo. Havia de o fazer através da sua advogada, Isabel Cano. Não fazia sentido apresentar as coisas num tabuleiro à Manuela. Quando as pessoas lhe faziam isso, ela pedia logo mais. O telemóvel tocou.

– Temos aqui uma reunião às 9 – disse Calderón, tenso e em tom oficial.

– Gostava que comparecesses nela a sós, se não te importas, Javier.

\*\*\*

A caminho da *Jefatura* deixou as fitas no consultório de Alicia Aguado, na Calle Vidrio. Antes de ir para o escritório foi ao laboratório buscar a fotografia de Inés, juntamente com algum material virgem que andava a usar para imprimir as suas fotos. Pediu a Jorge que fizesse um teste, para verificar se o papel continuava bom. De regresso ao escritório, leu os relatórios deixados sobre a secretária. Reuniu todos os documentos necessários para a reunião e colocou-os dentro da pasta, separados dos dados recolhidos na Internet sobre Madeleine Krugman, nascida Coren. Colocou lá dentro igualmente a fotografia de Pablo Ortega e Carvajal. Queria ver a reacção do actor perante elas. Ligou para Isabel Cano: do escritório dela continuavam a não responder. Ramírez e Ferrera apareceram no momento em que ia a sair. Disse a Ramirez que Calderón o queria ver a sós e que iria continuar a vasculhar os escritórios de Vega enquanto o resto da equipa iria de porta em porta à procura de Sergei e ou da mulher misteriosa que tinha sido vista a falar com ele.

\*\*\*

O Edificio de los Juzgados estava a preparar-se para uma manhã agitada. O fedor a humanidade suando de esperança e medo tinha atingido uma intensidade animalesca e não havia sistema de ar condicionado neste mundo que pudesse aguentar com isso. Falcón subiu ao escritório de Calderón no

primeiro andar, que dava para o parque de estacionamento e a estação de camionetas de El Prado de San Sebastián. O juiz estava a fumar. Já havia seis beatas no cinzeiro, cada uma das quais fumada até ao filtro. Falcón fechou a porta. Os olhos de Calderón estavam manchados de escuro interiormente. Ainda conservava o aspecto de alguém que regressa à civilização após uma experiência na natureza selvagem. Falcón poisou à sua frente as autópsias e relatórios de polícia e sentou-se.

Calderón leu rapidamente, absorvendo com o seu cérebro de advogado a grande quantidade de informação. Encostou-se para trás logo após acender um cigarro e pôs-se a avaliar Falcón. Parecia estar prestes a dizer algo de pessoal, mas desviou-se disso, como se pudesse ser demasiado cedo para assunto de tão intensa confrontação.

– Então o que acha de tudo isto, Javier? – perguntou ele. – As bases para a constituição de um caso crime não foram propriamente estabelecidas por estas autópsias. Estou espantado que o *medico forense* não tenha estado disposto a entregar-se mais ao assunto nesta fase.

– Oficialmente – disse Falcón. – Oficiosamente, como todos nós na *Jefatura*, ele duvida imenso de que se trate de suicídio, razão pela qual não quer libertar ainda o corpo do Sr. Vega para o funeral.

– Observemos os estados mentais dos falecidos – disse Calderón. – A Sr.a Vega tinha um problema suficientemente grave para andar a tomar lítio. O marido dela andava a comportar-se não só de um modo estranho, como vimos pelas fotografias de Madeleine Krugman, como tinha consultado dois ou talvez três médicos a respeito da sua ansiedade.

Falcón sabia que Calderón tinha tido vontade de dizer o nome dela, tinha sentido a necessidade da sua doçura nos seus lábios e na sua língua. Isso fê-lo decidir que os *downloads* da Internet que trazia na pasta lá iriam ficar.

– A cena do crime... – começou Falcón.

– Sim, a cena do crime – disse Calderón. – Isso parece ser explicável de várias formas. Suicídio ou assassinio, com uma a três pessoas envolvidas nas mortes. Você não tem suspeitos. Não há sequer a mais vaga menção de motivo em nenhum dos relatórios. Não tem testemunhas. O jardineiro Sergei continua desaparecido.

– Estamos a trabalhar nisso. Temos uma foto de identidade e sabemos que foi visto recentemente a falar com uma mulher perto da casa dos Vega. Também estamos a procurar de porta em porta em Santa Clara e no Polígono

San Pablo – disse Falcón. – Quanto a motivos, vamos ter de trabalhar intensamente no aspecto russo e...

– Nada de nos entusiasmos a respeito dos russos, enquanto não soubermos quem são e a que ponto estão envolvidos através dos relatórios do contabilista. Eu sei que em Marbella há imensa lavagem de dinheiro a decorrer, assim como em lugares ao longo da Costa del Sol, mas até agora a única coisa que tivemos aqui em Sevilha foi o facto de Pablo Ortega ter visto alguns russos a fazerem uma visita social há alguns meses.

– Fui seguido na quarta-feira à noite por um Seat azul com matrículas roubadas em Marbella e há trabalho ilegal russo e ucraniano nos estaleiros de construção do Vega – disse Falcón. – Há diversas questões a respeito do estado da cena do crime, do estado do corpo, da relação do falecido com o seu filho e influências exteriores potencialmente nefastas que justificam maior investigação.

– OK, eu aceito o argumento dos russos. Vamos tentar trabalhar nisso e chegar a algum lado – disse Calderón. – Se de momento nos mantivermos na perspectiva do suicídio, qual é a situação do rapaz?

– O ambiente doméstico de Vega não era totalmente desesperado. Mesmo o Sr. Cabello, que não tem afecto pelo seu genro, reconheceu que Vega tinha muito orgulho no rapaz – disse Falcón.

– Preferiu beber ácido a alvejar-se com uma arma, o que poderia indicar que se estava a castigar por pecados desconhecidos e a proteger o filho de assistir a uma possível morte violenta. Talvez ele se tenha morto por existir algo que não suportava que o filho viesse a saber a seu respeito – disse Calderón. – Se tivesse um filho, Javier, qual seria a coisa que não suportaria que ele soubesse a seu respeito?

– Se ele soubesse que eu era um criminoso de guerra, havia de achar difícil encará-lo – disse Falcón. – A diferença entre o criminoso de guerra e o assassino é que um conhecimento de si mesmo era possível. Com o avançar da história no tempo, o criminoso de guerra poderia perceber que havia sido convencido a tornar-se de homem comum num assassino impiedoso com um sentido de dever para com o regime por vias de uma combinação de pensamento político, fervor nacionalista e medo. Mais tarde na sua vida, especialmente se o viessem a perseguir, poderia reflectir sobre o que tinha feito e sentir uma profunda noção de vergonha. Eu não posso imaginar-me a olhar para os olhos do meu filho sabendo que ele tem noção de eu ter sido



capaz de uma tal dose de impiedade.

Silêncio. Mais cigarros fumados pelo juiz.

– Estamos a fazer o que dois homens de lei nunca deveriam fazer – disse Calderón.

– Voltando ao assunto – disse Falcón. – Descobrimos um passaporte falso num dos congeladores de Vega. É argentino, em nome de Emilio Cruz. Estamos a investigar isso, assim como a identidade de Rafael Vega.

Calderón acenou com a cabeça, esmagou o seu cigarro, acendeu outro.

– Vázquez disse que os pais de Vega tinham sido «mortos», sugerindo que não tinham morrido de causas naturais – disse Falcón. – Quem eram? O que lhes aconteceu? Isso poderia ter interesse.

– Como informação de base, sim – disse Calderón.

– E há mais uma coisa que não está no relatório. Descobri no escritório de Vega um ficheiro intitulado «Justicia.» Continha artigos e *downloads* sobre tribunais criminais tais como o Tribunal Penal Internacional...

– Ora aí estão os seus crimes de guerra, Javier.

– ... Baltasar Garzón e o sistema de justiça belga – disse Falcón. – Trata-se de material muito específico para alguém na indústria de construções imobiliárias, ainda que tivesse interesse em assuntos correntes. Se juntarmos isto à estranha nota encontrada na sua mão quando morreu e ao passaporte falso talvez estejamos perante alguém que tinha informações delicadas que poderiam prejudicar outros.

– Tanto os Krugman como Ortega revelaram sentimentos anti-americanos nos seus interrogatórios – disse Calderón.

– Não parecia uma coisa tão vaga como isso. Acho que a raiva de Vega se dirigia mais ao governo. Marty Krugman disse até que era pró-América.

– Seja como for; eu só referi isso porque a administração dos Estados Unidos é contra o Tribunal Penal Internacional, coisa directamente relacionada com o mundo pós 11 de Setembro e, além disso, há a nota bizarra de Vega, como você disse.

– Eu li qualquer coisa a esse respeito ontem no *El País*, mas sem compreender porquê.

– A razão menor é o facto de o governo dos Estados Unidos não querer que nenhum dos seus cidadãos seja injustamente julgado – disse Calderón. – A razão mais premente é que o mundo, depois do 11 de Setembro, necessita de um maior policiamento. Os polícias passam a ser os militares americanos. Os



americanos querem reservar-se o direito de decidir aquilo que é justo. Além disso, não querem nenhum membro da sua administração acusado de crimes de guerra. São a nação mais poderosa da Terra e exercem a sua influência onde bem entendem. Muita gente não gosta das suas táticas: «Se não nos apoiam, cancelaremos todo o apoio militar.» Mas é um mundo complexo. Tal como aquele que luta pela liberdade de um é o terrorista de outro, o alvo militar correcto de uns é a atrocidade de outros.

– Nesse caso, não acha que uma linha de investigação interessante poderia consistir em descobrir a razão pela qual Vega tinha o mais remoto interesse no Tribunal Penal Internacional e outros sistemas judiciais?

– Não sei o que ele esperava disso, porque o Tribunal Penal Internacional só se tornou realidade a 1 de Julho deste ano e não pode julgar crimes cometidos antes dessa data. O sistema judicial belga e Baltasar Garzón apenas significam que se deve ficar afastado da Europa quando se tem receio de ser acusado ou preso. Portanto, não estreite demais a sua visão, Javier – disse Calderón. – Mantenha-se concentrado também nos pormenores. Encontraram algum ácido muriático na residência?

– Ainda não. Ainda não conseguimos revistar a residência a fundo. A minha equipa está espalhada por todo o lado a tentar encontrar Sergei e a investigar os negócios de Vega.

– Sabe o que eu procuro: motivo, suspeito, testemunhas credíveis – disse Calderón. – O que eu não quero é ouvir falar de coisas que não estavam lá. Se não encontrar nenhum ácido muriático, é apenas um indicador, não significa nada. Chega de... fantasmas.

Calderón fez uma imitação razoável de um homem a afogar-se na secretária.

– É por isso que não gostamos de falar dos nossos palpites em frente de juízes.

– Estou a ser volúvel – disse Calderón. – Sei que está concentrado nas realidades e nos factos, mas de momento apenas temos *nuances* e palpites – envolvimento da máfia russa, obsessão de Vega por tribunais internacionais, o elo pedófilo de Carvajal...

– Ainda não discutimos isso.

– São apenas nomes num livro de moradas. Alguns deles estão riscados. Não há carne consistente, Javier. Nem sequer há aqui esqueletos, são apenas fantasmas.

– Lá está você outra vez.

– Sabe qual é a carne consistente que eu estou a procurar e não o vou deixar lançar uma investigação por assassinio enquanto isso não acontecer – disse Calderón. – Tornaremos a analisar a hipótese de haver um caso, no início da próxima semana e, se continuar a não me trazer nada que se aguarde em tribunal, teremos de passar à frente.

Calderón inclinou-se para trás, acendeu outro cigarro – estava a fumar mais do que Javier se recordava – e ficou perdido nos seus pensamentos.

– Queria ver-me a sós – disse Javier, só para tirar Calderón do seu torpor.

– Para além de não querer o inspector Ramírez a querer dominar-me...

– Ele anda mais submisso – disse Falcón. – A filha dele anda a ser examinada no hospital.

– Espero que não se trate de nada de grave – disse Calderón, de um modo automático, deixando passar por si a informação enquanto a sua mente se debatia com o seu próprio mal-estar. – Não sabia que você e a Inés ainda estavam em contacto.

– Não estamos – disse Falcón, que forneceu então uma explicação absurdamente elaborada da razão de ter estado no El Cairo ao mesmo tempo que ela.

– A Inés parecia muito nervosa – disse Calderón.

– Veja o que aconteceu da última vez que ela se casou – disse Falcón, abrindo as mãos, optando por parecer ridículo. – Parecia estar preocupada que você tivesse dúvidas. Eu...

– Por que é que é que ela havia de pensar que eu tinha dúvidas? – perguntou Calderón e Falcón sentiu-se dilacerado pelas pontas de diamante do pensamento do juiz.

– Ela também achou que você parecia nervoso.

– E que comentário fez a isso?

– Que era bastante natural um homem sentir-se nervoso nestas circunstâncias. Eu próprio tinha sentido o mesmo nervoso – disse Falcón. – E o nervosismo é facilmente interpretado como dúvida.

– Duvidou? – perguntou Calderón.

– Nunca duvidei dela – disse Falcón, sentindo o suor escorrer-lhe pelas costas.

– A pergunta não era essa, Javier.

– Eu devo ter duvidado. Retrospectivamente, talvez eu tivesse medo da

mudança, da minha incapacidade...

– De quê?

A cadeira de Falcón estalou enquanto ele se contorcia no espeto das perguntas do juiz.

– Eu nessa época era um homem diferente, mais distante – disse Falcón. – É por isso que ando num psiquiatra.

– E agora?

Com essa última pergunta, o ciclo de Calderón ficava completo. Falcón quase estava agradecido de receber o aviso implícito de que devia manter o nariz afastado da vida privada do juiz.

– Deu-se um grande salto – disse ele.

\*\*\*

Falcón sentou-se na sua secretária relembrando a conversa. Sentia-se aliviado por não ter mostrado os *downloads* da Internet sobre Maddy Krugman. Isso poderia ter enfurecido Calderón. O juiz sabia que Falcón tinha visto alguma coisa. Mas sob as circunstâncias pessoais delicadas em que ambos se encontravam, Falcón não podia começar a falar sobre o envolvimento de Maddy na investigação do FBI até ter a certeza dos factos. Teve pena das duas vidas que estava a ver caminhar para a destruição enquanto ligava para a sua advogada, Isabel Cano.

Ela aceitou encontrar-se com ele durante um máximo de dez minutos. Foi a guiar até ao pequeno escritório que ela tinha na Calle Julio César e passou pelos três estudantes de Direito que estavam no escritório exterior. Ela recebeu-o descalça. Ele sentou-se e expôs-lhe a sua proposta de fazer um acordo com Manuela.

– Está de cabeça perdida, Javier?

– Nem sempre – disse ele.

– Agora quer dar-lhe tudo aquilo por que lutámos ao longo dos passados seis meses. Está a preparar-se para ter um prejuízo de, sabe Deus, talvez meio milhão de euros. Já agora, por que é que não oferecemos também o recheio?

– Não é má ideia – disse Falcón.

Ela inclinou-se para ele por cima da secretária, com o seu longo cabelo negro, olhos castanhos-escuros, quase pretos, um belo olhar mourisco e feroz, que podia recambiar a maior parte dos delegados nos tribunais a cem metros

de distância.

– Essa psiquiatra ainda anda a mexer-lhe na cabeça?

– Sim.

– Houve alterações na medicação?

– Não.

– Continua a tomar os remédios?

Ele acenou com a cabeça.

– Bem, eu não sei o que se passa aí dentro, mas deve ser a um volume altíssimo – disse ela.

– Eu não quero continuar a viver naquela casa. Não quero viver com Francisco Falcón. A Manuela, sim. Está obcecada com aquele lugar... mas não tem dinheiro suficiente.

– Então, não pode ficar com ela, Javier.

– Mas pense ao menos nisso.

– Pensei nisso e rejeitei-o imediatamente.

– Pense melhor.

– Acabaram-se os seus dez minutos – disse Isabel, calçando os sapatos. – Acompanhe-me ao meu carro.

Os estudantes de Direito bombardearam-na com perguntas quando ela atravessou o escritório. Ela ignorou-as todas. Os seus saltos estalaram sobre a entrada de mármore.

– Tenho outra pergunta para lhe fazer – disse Falcón.

– Esperemos que seja mais barata do que a última – disse ela –, senão não vai poder pagar o meu preço.

– Conhece o *juez* Calderón?

– Claro que conheço, Javier – disse ela, parando de repente na rua, de tal modo que Falcón esbarrou com ela. – Ah, agora compreendo. Está perturbado emocionalmente, a respeito dele e de Inés. Vamos esquecer que esta reunião aconteceu e quando você estiver calmo, vamos...

– Não estou assim *tão* perturbado emocionalmente.

– Então o que é que se passa com o *juez* Calderón?

– Ele tem alguma reputação especial?

– Do tamanho do seu braço... mais comprida que a sua perna... mais comprida que esta rua.

– Quero dizer... com as mulheres.

Falcón, que estava a olhar ansiosamente para o rosto dela, viu toda a sua

ferocidade desaparecer, sendo substituída por um vasto sofrimento, que veio à superfície como uma baleia arpoada e em seguida desapareceu. Ela voltou-se e apontou com as suas chaves para o carro, cujas luzes piscaram.

– O Esteban sempre foi um sedutor – disse ela.

Entrou no carro e afastou-se, deixando Falcón sobre o passeio a pensar que Isabel Cano tinha estado casada com sucesso durante mais de dez anos.

## Capítulo 12

*Sexta-feira, 26 de Julho de 2002*

A CAMINHO da casa de Ortega, recebeu uma chamada de Jorge, que lhe disse que o papel utilizado na prova da fotografia de Inés era de um fabrico e qualidade diferentes das do maço de papel virgem que ele lhe tinha entregue. A notícia entusiasmou-o por momentos, até compreender que esta prova da sua sanidade mental também significava que alguém tinha entrado na sua casa e colocando lá a foto. E não só: estavam informados sobre ele e sobre a sua vulnerabilidade. Sentiu o sangue a ferver nas veias, mas acalmou a sua paranóia com o facto de toda a gente o conhecer. Desde o escândalo de Francisco Falcón que a sua história era propriedade pública.

Pablo Ortega estava de regresso, depois de ter ido passear os cães. Falcón, ao passar por ele, fez descer o vidro da janela e perguntou-lhe se lhe poderia dispensar uns minutos. Ortega fez sinal que sim, com a cabeça, e um sorriso forçado. Falcón tirou da sua pasta a fotografia. Ortega manteve a porta aberta para ele. O fedor da fossa era espesso como um muro de lama. Contornaram a casa e entraram na cozinha. Os cães beberam água ruidosamente.

– Recebi boas notícias a respeito da fossa – disse Ortega, incapaz de parecer encantado com isso. – Um dos empreiteiros do meu irmão acha que pode reconstruir sem ter de deitar abaixo as divisões todas e aceita fazê-lo por cinco milhões.

– Isso é bom – disse Falcón. – Ainda bem que as coisas se vão resolver para si.

Entraram na sala e sentaram-se.

– Sou capaz de ter mais boas notícias – disse Falcón, tentando manter as coisas positivas. – Gostava de ajudar, quanto ao caso do Sebastián.

– Não adianta querer ajudar de fora, se o Sebastián não quiser ser ajudado por dentro.

– Acho que também posso ajudar nesse aspecto – disse Falcón, arriscando-se a afirmar que Aguado concordaria. – Conheço uma psicóloga clínica que

está a analisar o caso dele e pode estar já preparada para lhe falar.

– Uma psicóloga clínica – disse Ortega lentamente. – E o que é que ele iria dizer ao Sebastián?

– *Ela* tentaria descobrir por que é que Sebastián sentiu a necessidade de se encarcerar.

– Ele não se encarcerou – disse Ortega, levantando-se num salto e erguendo uma grande mão dramática. – O estado é que o encarcerou, com a ajuda desse *cabrón*, o juez Calderón.

– Mas o Sebastián não se defendeu. Parece ter gostado de receber o seu castigo e não apresentou nada que pudesse ter reduzido a sua sentença. Porquê?

Ortega enfiou os punhos na sua larga cintura e inspirou uma grande dose de ar como se estivesse prestes a deitar a casa abaixo com o seu sopro.

– Por que... – disse ele muito calmamente – ele era culpado... Era só o seu estado mental que estava em causa nessa altura. O tribunal decidiu que ele estava são de espírito. Eu duvido disso.

– Ela pode descobrir isso para ele – disse Falcón.

– E do que é que ela lhe vai falar? – disse Ortega. – O rapaz já é mentalmente frágil. Não quero que ela venha agitar as coisas e trazer mais problemas. Ele já está em isolamento. Não quero que comece a ficar com instintos suicidas.

– A prisão apresentou alguma informação nesse sentido?

– Ainda não.

– Ela é muito boa no seu ofício, Pablo. Não me parece que isto o vá prejudicar – disse Falcón. – E enquanto ela o ajuda a esclarecer as coisas, eu posso analisar vários elementos do caso...

– Quais, por exemplo?

– O rapaz que ele raptou, Manolo. Eu devia falar com os pais dele.

– Por aí, não chega a lado nenhum. O apelido Ortega é proibido de se ouvir naquela casa. O pai teve uma espécie de colapso. Já não consegue trabalhar. Espalharam boatos maldosos, de modo a que todo o *barrio* se voltasse contra mim. Quero dizer, é por isso que aqui estou, Javier... e não lá.

– Eu *tenho* de falar com eles – disse Falcón. – Foi a seriedade do testemunho de Manolo que resultou numa tal sentença de prisão para Sebastián.

– Por que é que ele havia de o alterar? – disse Ortega. – Foi o testemunho



dele.

– É isso que eu tenho de esclarecer: se foi o testemunho *dele* ou coisas que outros o levaram a dizer.

– O que quer dizer com isso?

– Ele é um rapaz muito jovem. Naquela idade faz-se o que nos mandam.

– Você sabe alguma coisa, Javier, não sabe? – disse Ortega. – O que é que sabe?

– Sei que quero ajudar.

– Pois bem, eu não gosto disso – disse Ortega. – E não quero que isso faça ricochete sobre o Sebastián.

– Para ele, a coisa não pode piorar, Pablo.

– Isso vai agitar as coisas... – disse Ortega, voltando a ter medo. Começou por se zangar, mas depois acalmou-se. – Pode ao menos deixar-me pensar um pouco sobre isso, Javier? Não quero precipitar-me nestas coisas. É delicado. Os *media* só há pouco é que se calaram. Não os quero ter outra vez às costas. Pode ser?

– Não se preocupe, Pablo. Tome o seu tempo.

Ortega pestanejou perante a fotografia da qual Javier estava a sacudir o canto.

– Mais alguma coisa? – perguntou ele.

– Eu estava confuso – disse Falcón, virando para trás as páginas do seu bloco de notas – quanto à sua relação com Rafael Vega. Você disse: – Eu conhecia-o. Apresentou-se cerca de uma semana depois de eu me ter mudado para aqui. – Isso quer dizer que *você* já o conhecia antes de se mudar para aqui ou que só o conhece desde que veio viver para Santa Clara?

Ortega estava a olhar para a fotografia, virada para baixo sobre a mesa em frente de Falcón, como se ele fosse um jogador de póquer e se tratasse de uma carta a jogar da qual não se importaria nada de saber o número e naipe.

– Eu conhecia-o antes – disse ele. – Suponho que devia ter dito que ele tornou a apresentar-se. Tinha-o conhecido aqui e ali em festas. Não me lembro quais...

– Uma, duas, três vezes?

– Para mim não é muito fácil recordar-me. Conheço tantos...

– Você conhecia o defunto marido de Consuelo Jiménez – disse Falcón.

– Sim, sim, Raúl. Foi isso. Eles eram da mesma profissão. Eu costumava ir ao restaurante em El Porvenir. Foi isso que aconteceu.

– Pensava que a ligação era o seu irmão e o negócio que ele tinha de sistemas de ar condicionado?

– Sim, sim, sim, agora já sei. Claro.

Falcón deu-lhe a fotografia, olhando para o rosto dele enquanto o fazia.

– Com quem está a falar nesta fotografia? – perguntou Falcón.

– Sabe Deus – disse Ortega. – Aquele que não se vê bem é o meu irmão. Consigo ver isso pela cabeça careca. Este tipo... não sei.

– Foi tirada numa das festas de Raúl Jimenez.

– Isso não ajuda. Fui a dúzias de eventos. Conheci centenas de... Só posso dizer que ele não tinha a mesma profissão que eu. Deve ser alguém da construção imobiliária.

– Raúl dividiu os amigos em celebridades e... pessoas úteis para o seu negócio – disse Falcón. – Espanta-me que você não apareça nas fotografias de celebridades dele.

– O Raul Jiménez pensava que Lorca era uma marca de *sherry*. Nunca na vida tinha estado perto de um teatro. Gostava de se imaginar como amigo de Antonio Banderas e de Ana Rosa Quintana, mas não era. Era tudo um truque publicitário. Eu era um... Não, sejamos rigorosos: aconteceu-me dar apoio ao meu irmão aparecendo em certos eventos. Conhecia o Raúl e tinha-me encontrado com Rafael, mas não era propriamente amigo deles.

– Bem, obrigado por me explicar isso – disse Falcón. – Lamento ter-lhe tirado tempo.

– Não entendo bem o que é que está a investigar, Javier. Tão depressa estamos a falar sobre o suicídio de Rafael como você dá a impressão de ele ter sido assassinado e agora está a pesquisar o caso do Sebastián. E essa fotografia... deve ter sido tirada há anos, antes de eu ganhar todo este peso.

– Não tem data marcada. Só lhe posso dizer que foi tirada antes de 1998.

– E como é que sabe isso?

– Porque o homem com quem você está a falar morreu nesse ano.

– Então, você já *sabe* quem ele é?

Falcón acenou com a cabeça.

– Estou com a sensação de estar a ser acusado de alguma coisa – disse Ortega – quando, na verdade, a minha memória é que foi feita em pedaços desde essa história com o Sebastián. Nunca na vida precisei de ponto e, de repente, dei por duas vezes, no ano passado, em frente de uma câmara ou no palco a perguntar a mim próprio o que estava ali a fazer. É... bah... é melhor

que não saiba. É uma tolice. Nada que possa interessar a um polícia.

– Ponha-me à prova.

– É como se a realidade não parasse de atravessar a ilusão que eu estou a tentar criar.

– Isso parece plausível. Você atravessou tempos difíceis.

– Nunca aconteceu antes – disse Ortega. – Nem sequer depois de a Glória me deixar. Seja como for, esqueça.

– Nem todo o meu trabalho consiste em pôr criminosos atrás das grades, Pablo. Também somos criados do povo. Isso significa que eu também tento ajudar.

– Mas pode ajudar-me com o que se está a passar aqui? – disse ele, batendo na testa.

– Primeiro, tem de me contar.

– Entende alguma coisa de sonhos? – disse Ortega. – Tenho um em que estou de pé num campo com um vento fresco a soprar-me sobre o suor do rosto. Estou a sentir uma fúria terrível e doem-me as mãos. Sinto picadas nas palmas e as costas dos dedos estão magoadas. Ouve-se ruído de trânsito e sinto que as minhas mãos não me estão a provocar dor física, mas sim grande desgaste pessoal. O que acha disso, Javier?

– Dá a impressão de ter estado a bater em alguém.

Ortega olhou-o penetrantemente, de súbito mergulhado em pensamentos. Falcón disse que encontrava sozinho a saída, mas não houve reacção. Quando Falcón chegou ao portão, notou que se tinha esquecido de perguntar por Sergei. Voltou atrás, mas parou à esquina da casa, porque Ortega estava de pé na relva com as mãos erguidas para o céu. Deixou-se cair de joelhos. Os cães vieram cá fora e farejaram-lhe as pernas. Ele acariciou-os e agarrou-os contra si. Estava a soluçar. Falcón percorreu o caminho inverso.

\*\*\*

A garagem de Vega, com o seu Jaguar novinho em folha, estava mais limpa do que as instalações de Sergei e Falcón sabia que não ia lá estar nenhum ácido muriático por perto da carroçaria do carro. Desceu o jardim até ao *barbecue*, pensando que Sergei devia ter um local onde guardava as suas ferramentas de jardinagem. Nada nesta zona do jardim estava por planear. Tinha sido construída por um homem que sabia como grelhar carne. Atrás do

*barbecue*, havia uma zona de plantas espessas, quase tropical. Foi até às traseiras das instalações de Sergei e viu que havia um carreiro até esta selva, que escondia uma barraca de tijolos. Ficou furioso por isto não ter surgido no relatório que Pérez tinha feito sobre o jardim.

Descobriu uma chave na garagem e voltou atrás, sob o calor esmagador. A barraca estava cheia de sacos de carvão e da parafernália habitual dos *barbecues*. Sergei tinha as suas ferramentas numa extremidade, juntamente com algumas pequenas quantidades de materiais de construção. Numa gaveta superior havia tinta e outros líquidos, um dos quais era uma garrafa de plástico aberta contendo ácido muriático, do qual restava um centímetro de altura no fundo. Falcón voltou ao carro para ir buscar um saco de recolha de provas e utilizou uma caneta enfiada na pega em caracol para erguer a garrafa e introduzi-la nele. Enquanto assim fazia, a luz diminuiu de intensidade dentro da barraca.

– Hoje veio sozinho, *inspector jefe* – disse Maddy Krugman, assustando-o.

Estava na soleira da porta, iluminada a contra-luz. Ele podia ver cada curva e pormenor da sua silhueta através do material diáfano do seu vestido. Baixou o olhar para as sandálias dela, em pele de zebra. Ela inclinou-se contra a ombreira da porta, de braços cruzados.

– Gosto mais de trabalhar assim, Sr.a Krugman – disse ele.

– A mim você parece-me um solitário – disse ela. – Pensando nas coisas, associando-as. Construindo a imagem na sua cabeça.

– Ainda a observar-me com cuidado.

– Ando aborrecida – disse ela. – Não posso sair com este calor para tirar as minhas fotografias. De qualquer modo, não há ninguém perto do rio.

– O seu marido ainda trabalha para a Vega Construcciones?

– O Sr. Vázquez e os tipos dos dinheiros ligaram-lhe a noite passada e disseram que ele devia continuar a gerir os seus projectos – disse ela. – Não parecem estar a desligar a ficha... por enquanto. Quer tomar café, *inspector jefe*?

Avançaram para a luz do Sol. Ela inspeccionou o conteúdo do saco-prova. Ele fechou a barraca.

– Podemos cortar por aqui, para a nossa casa – disse ela, encaminhando-o para uma abertura perto das instalações de Sergei.

Falcón voltou à casa, colocou o saco-prova dentro da garagem e fechou a porta. Seguiu-a através da cerca, subindo o jardim, enquanto pensava em

como introduzir Reza Sangari no contexto.

Sentou-se no sofá no fresco da sala de estar enquanto ela fazia o café. As sandálias dela tinham uns saltos curtos que estalavam ligeiramente no chão de mármore. Mesmo fora da sala, mantinha-se uma presença sexual subliminar. Ela serviu o café e baixou-se, encostando-se à outra ponta do sofá.

– Sabe a sensação que tenho quando fico aqui sozinha, dia após dia? – disse ela. – É a sensação de estar num limbo. É uma dessas incongruências estranhas eu achar que a minha vida social melhorou cem por cento desde que Rafael morreu. Ele costumava ser o nosso único convidado. Mas agora, vem você, e ontem passei algum tempo com o Esteban...

– O juez Calderón?

– Sim – disse ela. – Ele é um tipo porreiro e com muita cultura.

– Quando é que o viu?

– Esbarrei com ele de manhã na cidade e encontrámo-nos mais tarde, estivemos juntos à noite – disse ela. – Ele levou-me a uns bares estranhos no centro, onde eu nunca iria sozinha. Sabe, esses lugares com mil *jamones* pendurados do tecto, a escorrerem para aquelas tigelas cónicas de plástico por cima das cabeças de uns tipos gordos com o cabelo preto penteado para trás todo aos trilhos, com brilhantina, a fumarem charutos e a ajeitarem as calças cada vez que passa uma mulher.

– Que horas eram?

– Não consegue parar de ser detective, pois não? – disse ela. – Eram umas seis da tarde, até às dez.

Cruzou as pernas. O vestido escorregou em direcção ao colo. Atirou com a sandália, sacudindo o pé.

– Vi que teve uma exposição chamada «Instantes de Vida» – disse Falcón. – Sobre que era?

– Ou «*Instantes de Vida*» – disse ela, revirando os olhos. – Nunca gostei desse título estúpido. Foi ideia do meu agente. Gostam de coisas chamativas e comerciais. Tenho lá em cima o livro, se quiser ver.

Levantou-se e esticou a bainha do vestido com as pontas das unhas.

– Não é preciso – disse Falcón, querendo manter a coisa no andar de baixo. – Eu só queria saber qual é o tema.

Ela avançou para as portas de correr, poisou as mãos sobre o vidro e olhou lá para fora, para o jardim. A luz tornou a atravessar-lhe a roupa. Falcón

estremeceu. Tudo parecia tão calculado.

– Eram fotografias de pessoas muito comuns tiradas em casa ou nas suas casas. Eram pessoas numa grande cidade, com pequenas vidas e os instantâneos eram apenas momentos da sua vida – a imaginação de quem visse deveria fazer o resto.

– Li uma crítica à exposição – disse Falcón. – Era de alguém chamado Dan Fineman. Não parecia ter gostado.

Olhou para a traseira da cabeça dela, para o seu pescoço e para os seus ombros à medida que as suas palavras penetravam na cabeça dela. Ela estava tão imóvel como um animal nocturno rodeado por uma horda de predadores. Voltou-se de repente e, inspirando ar, veio terminar o seu café. Acendeu um cigarro e atirou com força as costas contra o sofá.

– O Dan Fineman era um cretino que eu conhecia do liceu. Sempre me quis foder, mas arrepiava-me. Nunca teve nenhuma ambição maior do que escrever para o *St. Louis Times* e quando conseguiu, vingou-se.

– Ele escreveu outro artigo sobre si – disse Falcón. – Talvez não o tenha visto.

– Foi a única exposição que fiz em St. Louis. A primeira e a última.

– Neste caso, não tinha a ver com arte. Era uma notícia local.

– Só voltei a St. Louis para ver os meus pais no Dia de Acção de Graças e no Natal.

– Quando é que disse que a sua mãe morreu?

– Não disse – respondeu ela –, mas foi a 3 de Dezembro de 2000. Sabe quem você me lembra, *inspector jefe*?

– Os americanos só parecem conhecer um espanhol e eu não me pareço nada com o Antonio Banderas.

– O Columbo – disse ela, querendo vingar-se dele sem o saber. – Um Columbo muito mais bem-parecido. Faz uma carga de perguntas que não parecem ter nada a ver com o caso e, depois: bang! Apanha o culpado.

– O trabalho da polícia em histórias ficcionais é sempre mais divertido do que na realidade.

– O Marty disse imediatamente que você não se parecia com nenhum polícia que ele já conhecesse.

– E suponho que ele se tenha confrontado com bastantes durante os meses antes de vocês aqui chegarem?

Ela descansou o queixo no polegar e tocou com o dedo indicador no nariz.



– Não chegou a dizer-me sobre o que é que o Dan Fineman escreveu, *inspector jefe*.

– Sobre o facto de você estar a colaborar com o FBI na investigação do assassinio do seu ex-amante, Reza Sangari.

– Você é uma pessoa muito minuciosa – disse ela.

– Foi informar-se sobre mim na Internet – disse Falcón. – Eu informei-me sobre si.

– Então não vai precisar de me perguntar nada – disse ela. – E, de qualquer modo, nada disso é relevante para o que aconteceu aos Vega.

– Teve mais casos amorosos desde que está casada com o seu marido? – perguntou ele.

Ela estreitou os olhos, apertou os lábios e fumou uns dois centímetros de uma única lufada.

– Está mesmo a tentar juntar-me ao Rafael, *inspector jefe*? – perguntou ela.  
– É assim que funciona a sua cabeça? Vê um padrão pateticamente óbvio nas coisas e o seu cérebro de polícia relaciona-as.

Falcón ficou imóvel, de olhos postos nela, à espera que alguma coisa rebentasse. Em vez disso, algo nasceu no seu rosto e ela sentou-se no rebordo do sofá.

– Já entendi – disse ela. – Que estúpida que eu sou. Columbo: perguntas desconexas. Isto é sobre o juiz, não é? Pensa que eu estou a embarcar num caso com o *juez* Calderón. E sim, eu li o artigo... Javier Falcón. A noiva dele é a sua ex-mulher. Tudo isto tem a ver com isso?

As bochechas de Maddy Krugman estavam um pouco coloridas. Ela estava furiosa. Falcón não se teria importado de travar o clarão que os seus olhos verdes emanavam nem as chamas do seu cabelo vermelho. Tomou consciência de que ambos estavam preparados para se magoar mutuamente e que ela não se incomodava com essa ideia.

– Agora que descobri que o motivo que a levou a partir da América era um pouco mais complicado do que me levou a crer, tenho de olhar para as coisas sob um ponto de vista diferente.

– Então o que era isso tudo a respeito de Estebán?

– Foi você que o referiu, não fui eu – disse ele. – Eu estava interessado porque ele decidiu adiar um encontro que tinha comigo ontem. Agora estou a ver que foi por estar consigo.

– Ainda ama a sua ex-mulher, *inspector jefe*?



– Isso não tem a ver com nada.

– Por que é que está tão curioso a respeito do Estebán? – perguntou ela. – Não devia ser da sua conta o que ele faz com a vida privada. E você não devia querer saber para nada da sua ex-mulher... mas quer.

– Eles vão casar-se. Não estou com ilusões.

– Já se atraçouu, *inspector jefe* – disse ela. – Não está com ilusões, mas não se importava de ter uma oportunidade, aposto.

– Você é como um advogado de defesa a pôr palavras na boca de uma testemunha.

– E não tem ninguém com quem objectar – disse ela, olhando com tristeza em redor para a sala, antes de voltar a fixar sobre ele o seu olhar. – Qualquer mulher com mais de vinte anos compreenderia ao primeiro olhar quem é Esteban Calderón.

– Ou seja?

– Um mulherengo que está sempre à procura – disse ela. – Não nota isso, porque não é o seu estilo. Espero que a sua ex-mulher não seja uma romântica.

– E se for?

– Haveria de estar com a ilusão de poder mudar um homem desse tipo – disse ela. – Mas posso dizer-lhe uma coisa... ela sabe como ele é. Nenhuma mulher deixaria de o notar. Por que é que acha que o Esteban andava por aqui a abanar a cauda no primeiro dia da investigação?

– Como é que o seu marido reage a esse tipo de coisas? – perguntou Falcón.

– O Marty não tem razão nenhuma para se preocupar – disse ela. – Tem confiança em mim.

– Como é que ele reagiu a Reza Sangari?

Silêncio enquanto Maddy esmagou o cigarro com uma dúzia de pequenas estocadas precisas no cinzeiro.

– Quase não chegou a acontecer nada – disse ela, olhando para cima com os olhos ampliados por lágrimas suspensas. – Foi o meu primeiro e último caso.

– Ainda frequentava Reza Sangari quando ele foi assassinado?

Ela abanou a cabeça, lentamente.

– Chegou a pensar deixar o seu marido por Reza Sangari?

Ela acenou com a cabeça.

- E o que é que aconteceu?
- Isso é privado – disse ela.
- Tenho a certeza que teve de dizer tudo ao FBI... ou eles tiveram respeito pela sua privacidade?
- Aflige-me. Não quero falar sobre isso.
- Descobriu a existência das outras mulheres? – perguntou Falcón, passando por cima da sensibilidade dela.
- Sim – disse ela. – Eram mais jovens que eu. Eram mais persistentes.
- E uma vez que vê com tanta clareza o tipo de homem que Esteban Calderón é, não topou logo Reza Sangari?
- Cometi o erro crucial de me apaixonar completa e loucamente por ele. Deu passos na sala dominada pelos seus nervos.
- Eu costumava ir duas vezes por semana a Nova Iorque – disse ela.
- Trabalhava para duas revistas e utilizava um estúdio que ficava perto do armazém de Reza. Um dia, ele veio ao estúdio com uma modelo que eu estava a utilizar para uma sessão. A modelo ia de avião para L.A. logo a seguir. Reza convidou-me para almoçar. Quando essa tarde chegou ao fim, tínhamos comido, bebido vinho e ele tinha feito amor comigo sobre uma pilha de tapetes de Qom em pura seda. Foi assim que aconteceu. Nada era comum. Ele era lindo e eu apaixonei-me como nunca me apaixonei por ninguém na vida.
- A modelo que utilizou nesse dia, por acaso chamava-se Françoise Lacombs?
- Sim.
- Deve ter andado por lá a seguir ao seu regresso de L.A. Não a viu?
- O Reza era muito bom a manter todos os aspectos da sua vida amorosa separados. E sabe como as coisas são com homens desses – quando se estava com ele, era-se a única pessoa que contava no mundo. Eu não me punha a pensar em mais nada e muito menos na concorrência invisível.
- Mas descobriu que elas existiam?
- Cerca de seis meses depois de começarmos, quando eu estava tão apaixonada por ele que não sabia o que fazer comigo, fui à cidade num dia estranho. Não fazia tenção de o ver, mas acabei inevitavelmente no seu armazém. Quando ia tocar à campainha, uma mulher veio cá fora e eu reconheci aquele saltitar alegre no seu andar. Não subi. Atravessei a rua e esperei num vão de porta. Estava a tremer. Não sei se sabe como é esse tipo

de traição: é uma sensação de quebranto mesmo esmagadora. Sentia os órgãos dilacerados. Demorei uma hora a parar de tremer. Então decidi que ia subir e acabar com ele e, quando atravessasse a rua, outra mulher apareceu na sua porta. Não conseguia acreditar. Não subi. Consegui não sei como voltar para casa e desmaiei. Nunca o voltei a ver e a seguir alguém o assassinou durante um fim-de-semana e demoraram quatro dias a encontrar o corpo.

– E nunca encontraram o assassino?

– Foi uma investigação demorada e dolorosa. Nunca se viu tanta pressão colocada sobre tantas relações pela morte de um só homem. Os *media* também estiveram em cima do assunto, porque Françoise Lascombs tinha acabado de se tornar a menina da Estée Lauder. O FBI deve ter tido uma dezena de suspeitos, mas não foi capaz de incriminar nenhum deles. A seguir, descobriram que ele era viciado em coca. Tinha à volta de duzentas gramas no apartamento. Eu nunca tinha sabido disso, mas suponho que ele tinha de ter alguma coisa dessas para manter aquele estilo de vida. Acharam que algo terá corrido mal numa transacção.

– E o que é que *você* pensa?

– Penso em muitas coisas: naquilo que o meu romance fez ao Marty, no que me fez a mim e penso em Reza e na loucura daqueles meses, mas não me autorizo a pensar no final dele, nem em quem o matou ou por quê, porque é aí que reside toda a loucura.

– Nunca suspeitou do Marty?

– Deve estar a brincar. No fim-de-semana em que ele foi assassinado, eu ainda estava a lutar para continuar a não ver o Reza. Não suportava estar sozinha. O Marty e eu estávamos bêbedos e pedrados e a ver filmes antigos. Então, na quarta-feira, o FBI contactou-nos e tudo mudou.

– Bem... isso explica o seu fascínio pela luta interior.

– Também explica por que é que eu tenho desprezo por tudo o que fiz antes de vir para aqui – disse ela. – O Dan Fineman tinha razão. Lembro-me do seu cabeçalho, gozava com o nome da exposição: «Pequena no conteúdo, curta na estatura.»

Disse que o Sr. Vega costumava vir aqui jantar... muitas vezes sozinho – disse Falcón. – Isso é pouco habitual para um homem espanhol com família.

– O senhor é tão transparente, *inspector jefe* – disse ela. – E já insinuou isso antes.

– Isto não são perguntas matreiras, Sr.a Krugman – disse ele. – E também

não pressupõem necessariamente nada de inapropriado da sua parte. Estou só a perguntar se ele estava apaixonado ou se tinha um fraquinho por si, como imensos homens parecem ter.

– Mas o senhor, não, *inspector jefe*. Eu notei isso – disse ela. – Talvez a sua luxúria esteja orientada noutra direcção... talvez, é isso, talvez o senhor simplesmente não goste de mim... A sua amiga Consuelo também não gosta de mim.

– Minha amiga?

– Ou será que ela é um pouco mais fervorosa do que uma amiga?

– Pensa que o Sr. Vega estava sexualmente interessado em si? – perguntou Falcón, passando à frente das insinuações dela. – Foram à tourada juntos.

– O Rafael gostava de estar acompanhado por uma mulher bonita. É só isso. Não aconteceu nada. Exactamente do mesmo modo que nada acontece com o homem do gás.

– Sabe se exercia algum efeito na cabeça do Sr. Vega?

– Pensa que *eu* era a causa do estado de perturbação dele – disse ela. – Pensa que ele andava a queimar papéis ao fundo do jardim por *minha* causa. Você é doido.

– Tratava-se de um homem encurralado em circunstâncias conjugais difíceis. Tinha uma mulher profundamente deprimida e um filho que ambos amavam. Ele não ia destruir a família, mas a relação que tinha com a mulher estava limitada pela condição dela.

– É uma teoria plausível... só que eu penso que era uma atracção colateral para o Rafael. O interesse principal dele era conversar com o Marty. Quero dizer, depois da tourada, o Marty ia sempre ter connosco para comer umas *tapas*, a seguir jantávamos, e posso dizer-lhe que muito depois de eu me ter ido deitar, aqueles dois ainda estavam na conversa.

– Sobre quê?

– O tema favorito deles. Os Estados Unidos da América.

– O Sr. Vega tinha vivido na América?

– Falava inglês com sotaque americano e referia-se imenso a Miami, mas não reagia bem a perguntas directas, por isso não tenho a certeza. Mas o Marty está convencido de que ele lá tinha vivido. Ao contrário de muitos europeus, ele não estava cheio dos *clichés* habituais sobre o modo de vida americano – disse ela. – Gostava de falar com o Marty, porque ele não se interessava lá muito por detalhes da vida pessoal. O Marty ficava satisfeito

por falar sobre teorias, pensamentos e ideias sem ter de saber onde o tipo tinha vivido ou qual era a sua cor favorita.

– Falavam em espanhol ou em inglês?

– Espanhol até atacarem o *brandy* e a seguir inglês. O espanhol do Marty desfazia-se com o álcool.

– Alguma vez o Sr. Vega se embebedou?

– Eu estava na cama. Pergunte ao Marty.

– Quando foi a última vez que o Sr. Vega e Marty tiveram uma dessas noites?

– As sessões mesmo demoradas davam-se durante a *Feria*. Nessa altura, ficavam a pé até ao amanhecer.

Falcón terminou o café e levantou-se.

– Não sei se o vou tornar a convidar, se a única coisa que faz é interrogar-me – disse ela. – O Esteban não me interroga.

– Não faz parte da tarefa dele interrogá-la. Sou eu que tenho de chafurdar na lama.

– E descobre umas coisas sobre o Esteban pelo caminho.

– A vida privada dele não é da minha conta.

– Está habituado a manter-se num espartilho, não está, *inspector jefe*?

– É melhor não deixar o tipo de trabalho que tenho e a minha vida social misturarem-se.

– Essa tem graça, *inspector jefe* – disse ela. – Então sempre tem uma vida social? A maior parte dos polícias não tem. Segundo sei, as vidas deles estão cheias de relações destroçadas, separações dos filhos, alcoolismo e depressões.

Falcón não conseguiu evitar de pensar que o seu caso batia certo em dois pontos, talvez três, dos quatro.

– Obrigado pelo seu tempo – disse ele.

– Devíamos tentar encontrar-nos socialmente, só para ver se nos damos bem sem todas estas coisas pelo meio – disse ela. – Interessa-me o polícia com uma visão artística. Ou já tem ideias fixas a meu respeito? Detestava que pensasse que eu faço parte de algum estereótipo como o da mulher fatal.

– Eu volto por onde vim – disse ele, dirigindo-se às portas de correr e saindo para o jardim, e sentindo que a tinha irritado.

– O Columbo guardava sempre a última pergunta para a soleira da porta – disse ela para as traseiras da cabeça dele.

– Eu não sou o Columbo – disse ele, voltando a fechá-la no interior com a porta de correr.

## Capítulo 13

*Sexta-feira, 26 de Julho de 2002*

NO CAMINHO de regresso, ao ir buscar o saco-prova que continha o frasco de ácido muriático, o telemóvel vibrou no seu bolso.

– *Digame*, José Luis – disse ele.

– Descobriram no Polígono San Pablo uma prostituta ucraniana que têm quase a certeza de ser a amiga misteriosa de Sergei – disse Ramírez. – Não fala muito espanhol, mas reagiu à fotografia de Sergei quando lha mostraram.

– Leva-a à *Jefatura* e arranja um intérprete – disse Falcón. – Não a interroguem enquanto eu não chegar.

– É quase hora do almoço.

– Façam o que puderem.

\*\*\*

Na *Jefatura*, Nadia Kouzmikheva, vestida com uma mini-saia preta, um *top* de gola alta branco e sapatos rasos sem meias, dava passos no chão da sala de interrogatórios enquanto o polícia Carlos Serrano a observava através do postigo de vidro da porta. Ela já tinha fumado três dos seus cigarros e tinha esperança de que o interrogador fosse fumador e chegasse depressa.

Ramírez e Falcón desceram o corredor com uma intérprete russa da universidade. Serrano abriu-lhes a porta. Foram feitas as apresentações. As duas mulheres sentaram-se juntas de um lado da mesa, os homens do outro. A intérprete acendeu um cigarro. Ramírez olhou por cima do ombro como se pudesse haver um criado. Serrano abriu a porta.

– Outro cinzeiro, Carlos – disse Ramírez.

Falcón explicou o propósito da entrevista enquanto olhava para o passaporte de Nadia e encontrava o visto, que ainda era válido por seis meses. Os ombros da ucraniana relaxaram-se um par de milímetros.

– Ela está inscrita numa escola de línguas – disse Ramírez.



– Não estamos aqui para lhe dificultar a vida – disse Falcón à rapariga. – Precisamos da sua ajuda.

Na fotografia do passaporte, o cabelo dela era castanho-escuro. As raízes ainda se podiam ver debaixo do tosco tratamento a água oxigenada que ela fizera sozinha de certeza. Tinha uns olhos verdes por baixo de uma sombra azul, coisa que não disfarçava completamente o facto de o olho esquerdo estar a recuperar de alguma moléstia. A sua pele era branca e sardenta como se não visse o sol há meses. Tinha nódoas negras recentes nos antebraços. Ele sorriu, para a encorajar. Ela sorriu-lhe de volta, mostrando que lhe faltava um dente ao lado do incisivo. Ele colocou a fotografia de Sergei no meio da mesa.

– De que zona da Ucrânia veio? – perguntou ele.

A intérprete repetiu a pergunta para o lado da cabeça da rapariga.

– Lvov – disse ela, jogando com o cigarro nos dedos de unhas vermelhas.

– O que é que fazia em Lvov?

– Trabalhava numa fábrica até ela fechar. A seguir, não fazia nada.

– O Sergei veio de Lvov... Conhecia-o?

– Há quase um milhão de pessoas em Lvov – disse ela.

– Mas conhecia-o – disse Falcón.

Silêncio. Voltou a fumar, com lábios trémulos.

– Estou a ver que está com medo – disse Falcón. – E vejo que as pessoas para quem trabalha lhe bateram. É provável que também andem a ameaçar a sua família. Não vamos interferir com nada disso se não quiser. Só queremos informar-nos sobre o Sergei, porque ele trabalhava para uma pessoa que morreu. Ele não é suspeito. Queremos falar-lhe para saber se tem alguma informação para nós. Gostava que nos dissesse como é que conheceu o Sergei, quando é que o viu pela última vez e o que é que ele lhe disse. Nada disso passará desta sala. Pode voltar para o seu apartamento assim que quiser.

Ele não tirava os olhos dela. Ela já tinha aprendido algumas lições bem feias sobre seres humanos e estava a olhá-lo de volta para ver se havia alguma falha na sua natureza – algum deslize, alguma mudança de olhar, algum trejeito denunciador – que pudesse significar mais dor para ela. Olhou para o seu relógio, uma coisa barata de plástico com um mostrador em forma de grande flor.

– Tenho trinta e oito minutos para regressar ao meu apartamento – disse ela. – Vou precisar de um pouco de dinheiro para tranquilizar as pessoas

sobre o lugar onde estive.

– Quanto?

– Trinta euros serão suficientes.

Falcón desdobrou uma nota de vinte e outra de dez e colocou-as sobre a mesa.

– O Sergei e eu somos amigos. Somos da mesma aldeia perto de Lvov. Ele costumava trabalhar numa escola técnica a dar aulas de mecânica. Ganhava vinte e sete euros por mês – disse ela, olhando para o dinheiro que Falcón lhe tinha dado com tanta facilidade. – Eu ganhava dezassete euros por mês. Era mais uma morte lenta do que um modo de vida. O Sergei veio ter comigo um dia muito excitado. Tinha sabido por amigos que Portugal era um bom local para entrar na Europa e que se podia ganhar vinte e sete euros por dia. Ele foi à embaixada de Varsóvia tratar dos nossos vistos e foi lá que conhecemos a máfia. Arranjaram-nos os vistos, arranjaram-nos transporte. Pagava-se em dólares – oitocentos por pessoa. Já tínhamos ouvido dizer que a máfia estava em força em Lisboa. Tínhamos ouvido dizer que tiravam as pessoas da camioneta, lhes batiam e punham as raparigas na prostituição e os homens em trabalho de escravatura até terem pago uma dívida que nunca acabava. Por isso decidimos que não íamos para Lisboa. A camioneta parou numa estação de serviço nos arredores de Madrid. Conheci lá uma rapariga russa na casa de banho. Ela disse-me que não fosse para Lisboa e deu-me um cigarro. Apresentou-me a um homem espanhol que disse que me podia arranjar trabalho num restaurante em Madrid. Perguntei-lhe se podia arranjar trabalho para o Sergei e disse que ele podia lavar loiça sem problema. Que pagavam seiscentos euros por mês. Saímos da camioneta.

Encolheu os ombros, esmagou o cigarro e Ramírez deu-lhe outro.

– Não havia restaurante nenhum. Fomos levados para um apartamento onde nos disseram que podíamos ficar. Deixaram-nos lá dizendo que voltavam de manhã. Mais tarde, bateram à porta e entraram três grandes russos. Bateram-nos imenso e tiraram-nos os passaportes. Os três homens violaram-me. O Sergei foi levado. Eu fui fechada no apartamento. Todos os dias vinham homens fazer sexo comigo e iam-se embora sem dizer uma palavra. Ao fim de três meses, os três russos voltaram com mais outro russo. Ele obrigou-me a despir-me e inspeccionou-me como se eu fosse um animal. Acenou com a cabeça e partiu. Eu tinha acabado de ser vendida. Trouxeram-me para Sevilha e puseram-me num apartamento. Durante seis meses trataram-me muito mal e

depois as coisas melhoraram um pouco. Fui autorizada a sair do apartamento para trabalhar num bar. Servia bebidas e fazia... outras coisas. Deram-me o meu passaporte, mas deslocaram-me o dedo – disse ela, levantando a mão – para que eu me lembrasse... Não era preciso terem-se incomodado. De qualquer modo, eu estava assustada. Assustada demais para fugir e para onde iria eu sem dinheiro e com este aspecto? Disseram-me a morada da minha família e o que lhes fariam. Também me disseram que tinham aqui o Sergei e o que lhe aconteceria se eu fugisse.

Pedi água. Serrano trouxe uma garrafa gelada. Ela fumou intensamente. A intérprete não parecia ter capacidade para aguentar muito mais da história de Nadia.

– Dão-me um pouco de dinheiro para comida e cigarros. Confiam em mim, mas basta um erro para me espancarem e me fecharem no apartamento – disse ela, apontando para o olho. – Isto foi do meu último erro. Viram-me num bar a falar com o Sergei. Era a segunda vez que eu o via. Encontrámo-nos uma noite por acaso e ele disse-me onde trabalhava.

– Há quanto tempo foi isso?

– Seis semanas – disse ela. – Bateram-me e fecharam-me durante duas semanas.

– Mas voltou a vê-lo?

– Duas vezes. Duas semanas depois de eu sair, descobri a casa onde ele trabalhava. Só falámos. Ele contou-me o que lhe tinha acontecido. O trabalho que tinha de fazer nos locais de construção – trabalho perigoso onde morriam homens – e a que ponto odiava a Europa e queria voltar para Lvov.

– Ele disse-lhe para quem trabalhava?

– Sim, não me lembro do nome. Não era importante. Era o dono dos estaleiros de construção onde o Sergei tinha trabalhado.

– Quando foi a segunda vez?

– Na quarta-feira de manhã ele veio ao apartamento e disse-me que pegasse nas minhas coisas... que nos íamos embora. Que o homem para quem trabalhava estava morto no chão da sua cozinha e que ele tinha de fugir.

– Por que é que ele tinha de fugir?

– Disse que não queria voltar para os estaleiros de construção, que tínhamos de ser rápidos, que a polícia ia chegar e que tinha de fazer tudo muito depressa.

– Ele tinha dinheiro?

– Disse que tinha dinheiro suficiente. Não sei quanto era.

Pestanejou, tentou engolir, mas não conseguia. Bebericou a água. Ramírez deu-lhe outro cigarro.

– Você não foi? – disse Falcón.

– Não podia. Estava assustada de mais. Ele disse-me adeus e pronto.

– Pode dizer-me o que é que ele disse exactamente quando contou que o patrão estava morto?

Ela pôs a cara entre as mãos, apertando as pontas dos dedos contra a testa.

– Só disse que estava morto.

– Disse que tinha sido assassinado?

– Não... que estava morto, mais nada.

– E, desde então, alguém a procurou a respeito de Sergei? – perguntou Falcón.

Ela apontou para as nódoas negras nos braços.

– Eles sabiam que o Sergei vinha ter comigo – disse ela. – Agarraram-me e fizeram-me coisas, mas eu não tinha nada para lhes dizer. Só sabia que ele se tinha ido embora.

Levantou a cabeça para o relógio, nervosa.

– O que é que lhe perguntaram?

– Queriam saber por que é que o Sergei tinha fugido e o que é que ele tinha visto e eu disse-lhes que ele só tinha visto um homem morto deitado no chão. Mais nada – disse ela. – Agora tenho de me ir embora.

Falcón mandou entrar Serrano, mas ele já se tinha ido embora e sido substituído por Ferrera. Disse-lhe que levasse a rapariga de volta ao bar na Calle Alvar Nuñez Caleza de Vaca em trinta e três minutos. Ramírez deu à rapariga os seus cigarros. Ela agarrou no dinheiro, enfiou-o na parte da frente da saia e saiu.

A intérprete estava a debater-se para preencher o recibo como se o último quarto de hora tivesse tirado algum do sentido à sua vida. Ramírez lembrou-lhe o acordo de confidencialidade que ela tinha assinado. Ela foi-se embora. Ramírez ficou a fumar em silêncio com as pernas apoiadas de cada lado da cadeira.

– Faz parte do nosso trabalho ouvir isto – disse ele. – E não fazer nada. É para isso que nos pagam.

– Vai dar uma olhada ao Alberto Montes – disse Falcón. – Ele teve muitas dessas histórias.

– Não sei como correu a sua reunião esta manhã com o Calderón – disse Ramírez – mas isto esclarece-me uma coisa. Não há dúvida que temos a máfia russa envolvida neste caso.

Esmagou o seu cigarro no cinzeiro rasca de lata. Voltaram para o escritório. Ramírez estava a chocalhar as chaves do seu carro.

– Vou pôr uns homens esta tarde nas estações de camionetas, verificar o aeroporto, mandar a fotografia de Sergei para os portos e um *e-mail* para a Polícia Judiciária de Lisboa – disse Ramírez e saiu para almoçar.

Falcón ficou à janela. Ramírez apareceu debaixo dela e atravessou a extensão do edifício da *Jefatura* até ao seu carro. No bloco de escritórios adjacente, Falcón podia ver outro homem de pé à janela a observar a mesma cena aborrecida: o inspector Alberto Montes. O telemóvel de Falcón vibrou. Isabel Cano queria falar-lhe no escritório dela antes das nove da noite. Ele disse que faria os possíveis e voltou a desligar o telefone.

Montes abriu a sua janela e olhou através da distância de dois andares para o parque de estacionamento. Falcón atendeu outra chamada. Consuelo Jiménez convidou-o para jantar nessa noite na sua casa em Santa Clara. Aceitou sem pensar, por estar tão fascinado olhando Montes, que agora estava debruçado na janela, com os dois cotovelos sobre o parapeito. Ninguém abria a janela com quarenta e cinco graus de temperatura num escritório com ar condicionado. A cabeça de Montes virou-se. Recuou e fechou a janela.

Falcón foi para casa almoçar. O calor e a história de Nadia tinham-lhe tirado o apetite, mas conseguiu engolir duas tigelas de gaspacho gelado e uma sanduíche de chouriço. Falou com Encarnación para lhe perguntar se ela tinha deixado entrar alguém em casa na véspera. Disse que não, mas que tinha deixado as portas da frente abertas uma hora durante a manhã, para tentar fazer circular um pouco de ar. Ele subiu, deitou-se e mergulhou num sono durante o qual a sua cabeça fez desfilar versões perturbadas das entrevistas do dia, que culminaram com a visão de uma cela cujas paredes tinham as marcas débeis e sangrentas de mãos humanas. Arrastou-se para o chuveiro para se limpar da sensação esmagadora de medo que tinha acompanhado a última imagem. A água correu pelo seu cabelo e pelos lábios e veio-lhe à cabeça a ideia de que estava na altura de deixar de ser o monge detective e mergulhar inteiramente na vida.

\*\*\*

A caminho da *Jefatura* recebeu uma chamada de Alicia Aguado, que já tinha ouvido as gravações de Sebastián Ortega. Estava interessada em falar com ele, se Pablo Ortega assim quisesse e as autoridades prisionais autorizassem.

Falcón falou-lhe da discussão que tinha tido com Pablo Ortega nessa manhã e de como o actor mostrara relutância em permitir uma coisa que poderia resultar na deterioração do estado psicológico de Sebastián, já frágil.

– Bem, deve haver um historial entre esses dois – disse ela. – Assim como havia entre Sebastián e a sua mãe que o abandonou duas vezes, com o divórcio e com a morte. Tenho a certeza de que o Pablo Ortega sabe que, se o filho quiser falar connosco, vão acabar os dois estendidos no sofá. A expressão que ele utilizou – agitar as coisas – não vai estar só na cabeça do filho e isso fá-lo-á sentir-se desconfortável. Talvez eu devesse encontrar-me com ele. Provavelmente tem algumas paranóias quanto à fama e não vai gostar que alguém comece a vasculhar nos seus pensamentos privados.

– Esta noite vou sair para esses lados. Dou lá um salto e torno a falar com ele – disse Falcón.

– Estou livre amanhã de manhã. Se ele quiser um encontro informal.

\*\*\*

Do parque de estacionamento da *Jefatura*, podia ver que os escritórios do brigada de homicídios estavam cheios. Toda a gente se estava a apresentar após uma longa semana nas ruas escaldantes. Enquanto se dirigia à porta das traseiras olhou lá para cima para o escritório de Montes e deu com o homem de pé à janela. Tinha a barriga esticada contra a camisa branca e a gravata descida sobre o peito. Falcón lançou-lhe um pequeno aceno. Ele não reagiu.

O ruído que saía do seu escritório continha a excitação do fim-de-semana iminente de Agosto e das férias que aí vinham. A esquadra estava prestes a perder Pérez, Baena e Serrano durante duas semanas, o que iria significar muito mais trabalho de campo para os três que ficavam para trás. Estava à espera de os encontrar todos de calções e com cervejas frescas na mão, já preparados, mas estavam sentados pelos cantos das secretárias a fumar e a conversar. Falcón manteve-se à porta, sorrindo e acenando com a cabeça.



– *Inspector jefe!* – gritou Baena, como quem estivesse três cervejas adiantado em relação aos outros.

Pérez e Serrano lançaram saudações extravagantes. Ele ia ter de esperar que Pérez voltasse das férias para lhe dar um raspanete por não ter revistado o jardim dos Vega convenientemente.

– Então já começaram as férias – disse Falcón.

– Preenchemos os nossos relatórios – disse Pérez. – Passámos toda a tarde na estação de camionetas de Santa Justa. O Carlos até foi ao aeroporto por si como prenda de despedida.

– Nada de Sergei?

– O mais perto que chegámos, foi a rapariga – disse Serrano.

– Esse tipo vai mesmo desaparecer – disse Baena. – Eu cá também o fazia, se tivesse a máfia russa à perna.

– Tiveram alguma sorte com os outros residentes de Santa Clara?

– Não estava lá quase ninguém – disse Pérez. – A Cristina ligou para todas as empresas de segurança e a maior parte deles está fora. Os que interrogámos não tinham visto nada.

– Conseguiram começar a trabalhar na chave que encontrámos no congelador do Vega?

– Ainda não. Quando eu deixei a Nadia, os bancos já estavam fechados.

– OK. Comecem a trabalhar nisso na segunda-feira de manhã – disse Falcón. – E quanto à pesquisa de identidade sobre o Rafael Vega?

– Nada por enquanto, mas a Cristina e eu tivemos uma conversa interessante nas Vega Construcciones esta tarde – disse Ramírez, com o *Rapaz Dourado*, o contabilista. Foi responsável pela instalação do computador e deu uma olhada de perto a alguns dos projectos.

– O que é o *Rapaz Dourado* na Vega Construcciones? – perguntou Falcón. – É apenas Francisco Dourado, contabilista, ou mais alguma coisa?

– Ele acha que por esta altura já devia ter sido nomeado director financeiro... mas não foi – disse Ramírez. – O Rafael Vega não estava disposto a largar o dinheiro, ou antes, não gostava que alguém soubesse tanto sobre os seus negócios.

– Então ele é o guarda-livros.

– Exactamente, mas desde a morte de Vega que tem liberdade de acesso. Já a tinha antes, mas tinha demasiado medo de ser apanhado. Como eu disse, ele conhece o sistema do computador por dentro e por fora e o Vasquez não tem



nervo suficiente para o travar.

– Então o que é que temos em mãos? – disse Falcón. – Temos alguns nomes, para começar?

– Vladimir Ivanov e Mikhail Zelenov – disse Ferrera, estendendo-lhe duas fotos e perfis dos russos. – Acabámos de receber isto da Interpol.

Vladimir Ivanov (Vlado) tinha uma tatuagem no ombro esquerdo, um belo cabelo, olhos azuis com uma cicatriz debaixo da linha do maxilar do lado direito do rosto. Mikhail Zelenov (Mikhas) era escuro e pesado (132 kg) com olhos verdes que não passavam de frestas na gordura da cara. As actividades ilegais deles abrangiam todo o espectro das actividades da máfia – prostituição, tráfico de pessoas, jogo, fraude na Internet e lavagem de dinheiro. Ambos pertenciam a um dos principais *gangs* da máfia – Solntsevskaya – que tinha mais de cinco mil membros. A sua zona de operações era a Península Ibérica.

– Sobre os dois projectos em que esses tipos estão envolvidos, há dois conjuntos de documentos – disse Ramírez. – Os primeiros foram preparados pelo Dourado, baseados em números que lhe foram fornecidos por Vega. O segundo conjunto foi guardado pelo próprio Vega e ambos mostram como é que os projectos estão de facto a ser geridos.

– Chegou a lavagem de dinheiro ao sector de construções de Sevilha – disse Falcón.

– Os russos andam a financiar mais ou menos todo o esquema. Fornecem toda a mão-de-obra e materiais. A Vega Construcciones fornece o arquitecto, os engenheiros e os trabalhadores responsáveis pela supervisão de cada estaleiro.

– E quem é o proprietário do edifício e o que é que Rafael Vega tirava dele?

– Os detalhes da propriedade tem o Vázquez – disse Ramírez. – Ele trata de todos os bens e negócios imobiliários. Ainda não avançámos sobre ele. Achei que devíamos falar primeiro. De momento, só sabemos que é um projecto conjunto, com todo o dinheiro líquido fornecido pelos russos e a execução técnica por Vega... Deve haver alguma forma de as coisas se conjugarem.

– O Vega fornece a concha dentro da qual todo o esquema pode funcionar – disse Falcón. – Portanto, é significativo. Mas vamos ter de marcar para amanhã uma reunião com Vázquez. Nós os dois.

– Então e eu? – perguntou Ferrera. – Também estive ligado a esta parte da

investigação.

– Eu sei que estiveste e tenho a certeza de que fizeste um bom trabalho – disse Falcón. – Mas é preciso que o Vázquez sinta todo o peso da idade neste caso. Talvez haja até matéria suficiente para pedir um mandado de busca. Vou ligar para o *juez* Calderón.

– Então o que é que eu vou estar a fazer? – disse Ferrera.

– A partir desta noite, ficamos com menos três homens – disse Falcón. – A partir de amanhã de manhã vamos ser todos soldados rasos.

– Mas o único que vai andar a pé sou eu.

Temos de encontrar o Sergei. Está com sessenta horas de avanço sobre nós, o que significa que o devemos ter perdido, mas de momento ele é a única possível testemunha que temos. Deve haver maneira de dar mais um esticão quanto aos seus possíveis caminhos de fuga. Vou perguntar ao *juez* Calderón se podemos pôr a fotografia dele na imprensa.

Falcón despediu-se, disse-lhes que fossem ao bar La Jota que lhes pagava uma cerveja. Todos saíram. Ele reteve Ferrera.

– Acabo de me lembrar de outra coisa – disse. – Tu deste-te bem com o Sr. Cabello. Quero que vás ter com ele, e tem de ser esta noite, porque o José Luis e eu precisamos de ir ter com o Vázquez amanhã de manhã com essa informação. Quero que descubras através dele que propriedades é que vendeu a Rafael Vega e, no caso das que estão colocadas estrategicamente, que desenvolvimentos suscitaram.

Falcón levou-a de carro ao bar La Jota e pagou a sua rodada de cervejas. Ligou para Calderón, sem resposta. Deixou no bar toda a equipa e, a caminho do escritório de Isabel Cano, entrou no Edifício de Juzgados. Estava em silêncio. O segurança disse que Calderón tinha saído às 7 da tarde e que não tinha visto Inés. Falcón ligou para Pablo Ortega e perguntou se podia passar em sua casa para lhe mostrar umas fotografias.

– Você e as suas fotografias – disse Ortega, irritado. – Desde que seja rápido.

O escritório de Isabel Cano estava aberto, mas vazio. Ele bateu no tampo da secretária e ela gritou da sua sala para que ele entrasse. Estava sentada à secretária de pés descalços, a fumar. Tinha a cabeça atirada para trás e o cabelo espalhado sobre a cadeira de couro preto. Sorriu para ele do canto da boca.

– Graças a Deus pelo fim-de-semana – disse ela. – Já arrumou ideias?

– Na pior das hipóteses, a ideia consolidou-se na minha cabeça.  
– Polícias – disse ela, referindo-se às incapacidades mentais dos referidos.  
– Levamos umas vidas muito resguardadas.  
– Mas isso não significa que tenham de ser estúpidos – disse Isabel. – Por favor, não me faça desistir, quando acabou apenas de começar com a Manuela. É mau para a minha imagem.

– Posso sentar-me?

Ela fez um vago aceno em direcção a uma cadeira com os seus dedos que seguravam o cigarro. Falcón gostava de Isabel Cano, mas, às vezes, ela conseguia ser maçadora. Não havia nenhum assunto que fosse demasiado delicado para ser espalmado sobre a mesa e cortado às postas como um peixe.

– Sabe aquilo por que eu passei, Isabel – disse ele.

– Na verdade, não sei – respondeu ela, surpreendendo-o. – Apenas posso imaginar aquilo por que passou.

– Bem, isso é suficiente – disse Falcón. – O caso é que eu me sinto como um homem que perdeu tudo. Todas as coisas que me tornavam humano foram postas em causa. As pessoas precisam de uma estrutura viva para terem um sentido de pertença. Eu só tenho lembranças, o que não é de confiar. Mas aquilo que tenho realmente é um irmão e uma irmã. O Paco é um bom homem que há-de fazer sempre as coisas correctamente. A Manuela é complicada por imensas razões que acabam por se resumir todas ao facto de não ter recebido de Francisco o amor que queria.

– Eu não tenho pena dela e você também não devia ter – disse Isabel.

– Mas, apesar do que eu sei sobre a Manuela – a sua avareza, sentido de posse e inveja –, *preciso* que ela seja minha irmã. *Preciso* que ela me trate por *hermanito*, irmãozinho. É sentimental, ilógico e ofensivo para o seu raciocínio legal... mas é assim mesmo.

A cadeira de couro de Isabel estalou. O ar condicionado soprava. A cidade estava mergulhada em silêncio.

– E acha que vai conseguir isso dando-lhe a casa?

– Chegando a um acordo quanto à casa na qual já não pretendo viver, poderei abrir essa possibilidade. Se não o fizer, terei de carregar com o peso do seu ódio.

– Talvez *pense* que precisa dela, mas ela *sabe* que não precisa de si. Você tornou-se descartável, porque já não é um parente de sangue a cem por cento. É apenas uma barreira – disse Isabel. – Quando se dá a pessoas como

Manuela alguma coisa, só pensam em querer mais. São incapazes de amar. A sua prenda não vai dar-lhe aquilo por que anseia, mas vai criar ressentimento, dando mais consistência ao ódio dela.

Cada frase era um estalo na sua cara como se ela estivesse a trazer um histórico de volta à realidade.

– Deve ter razão – disse ele, sacudido com a brutalidade verbal dela –, mas a minha natureza manda que eu corra um risco e tenha esperança de que esteja errada.

Ela ergeu as mãos e disse que tinha feito o esboço de uma carta para ele ler. Ele ofereceu-se para a levar a tomar uma bebida e umas *tapas* no El Cairo, mas ela recusou.

– Eu podia oferecer-lhe uma bebida aqui, mas não tenho nada no escritório – disse ela.

– Então, vamos ao El Cairo – disse Falcón.

– Eu não quero que aquilo que vamos dizer agora tenha a mínima hipótese de passar a notícia local.

– Temos de falar sobre mais alguma coisa?

– Aquilo que me referiu esta manhã.

– Esteban Calderón – disse Falcón, voltando a sentar-se.

– Perguntou-me agora por ele porque se vai casar com a Inés?

– Anunciaram isso na quarta-feira – disse ele.

– Lembra-se de quem tratou do seu divórcio da Inés?

– Foi você.

– Então em que é que a história do Esteban é da sua conta?

– Estou preocupado... com a Inés.

– Pensa que a Inés é uma inocentezinha que precisa de protecção? – disse Isabel. – Posso dizer-lhe que não é. Esta casa que você tem tanto empenho em dar à Manuela... eu tive de desunhar-me para impedir a Inés de reclamar metade. Não tem de se preocupar com *ela*, ela sabe tudo o que há para saber sobre Esteban Calderón, posso dar-lhe a certeza.

Falcón acenou com a cabeça à medida que pequenos mundos anteriormente fechados para ele, se abriam.

– Esta manhã tratou o Estebán de caçador. O que é que ele está a caçar?

– Diferença. Ele ainda não sabe – disse Isabel. – Mas foi sempre disso que estive à procura.

– E qual é essa *diferença*?

– Alguém cuja cara ele não consegue ler e cujo pensamento não entende – disse Isabel. – As mulheres sempre se atiraram ao Esteban. Costumam ser mulheres ligadas à sua vida profissional. Todas têm mentes legais. Ele conhece-lhes a arquitectura no instante em que lhe entram na sala. Brinca com elas na esperança de que não sejam como parecem. Então, descobre que são iguais às outras e fica aborrecido. A caça recomeça. Aquele homem está condenado aos movimentos implacáveis de um tubarão.

\*\*\*

Falcón saiu a guiar da cidade que ia escurecendo e o mundo real brutalizado pelo calor parecia muito distante à medida que as suas mãos iam passando automaticamente da alavanca das mudanças para o volante dentro do fresco do carro. As luzes da rua lançavam fatias de sombras através dos vidros ao longo das margens de loendros da Avenida Kansas City. Os néones faziam promessas para fora do escuro e altas palmeiras seguravam firmemente a tenda do céu nocturno. Nada lhe chegava para além do verde e do vermelho dos semáforos. Estava a viver dentro da sua cabeça enquanto o seu autómato conduzia para Santa Clara. As palavras de Isabel sobre Calderón e Inés corriam-lhe na cabeça como uma barra de notícias electrónicas. Falcón sabia que tinha atravessado uma zona de loucura, mas agora estava a confrontar-se com o extraordinário lunatismo das pessoas perfeitamente sãs que o rodeavam.

A única coisa que não tinham discutido era o breve olhar que ela tinha lançado essa manhã a Falcón quando a menção do seu nome tinha trazido dor à superfície. Agora compreendia que isso não tinha nada a ver com o próprio Calderón. O juiz tinha-se tornado insignificante na cabeça de Isabel. O que tinha vindo à superfície era a lembrança da sua traição como mulher e mãe, que tinha estado pronta a ameaçar marido e família. Aquilo que ela lhe tinha mostrado era o arrependimento brutal que estava associado a essa imagem.

Teve de encostar o carro na Avenida Kansas City por baixo do de vermelho trémulo de La Casera para atender uma chamada de Cristina Ferrera, que tinha falado com o Sr. Cabello. Falcón abriu o seu mapa da cidade e assinalou os lotes de terra que Cabello tinha vendido a Vega e os dois grandes empreendimentos que se tinham proporcionado com a sua venda. Antes de desligar, disse-lhe que ficasse de olho em Nadia.

Só depois deste telefonema é que perguntou a si mesmo o que estava a fazer, indo jantar com Consuelo.

## Capítulo 14

*Sexta-feira, 26 de Julho de 2002*

AO ENCOSTAR o carro à frente da casa de Pablo Ortega, lembrou-se de Montes de pé à janela. Devia ter-lhe perguntado pelos russos. Ligou para a *Jefatura* e deram-lhe o número de telemóvel de Montes.

Montes respondeu à chamada. Pelo ruído de fundo, estava nitidamente num bar e a primeira troca de palavras mostrou que estava muito bêbedo.

– Sou Javier Falcón da brigada de homicídios – disse ele. – Falámos ontem...

– Falámos?

– No seu escritório. Falámos sobre Eduardo Carvajal e Sebastián Ortega.

– Não consigo ouvi-lo – disse Montes.

A música e as vozes estavam altíssimas.

– Calem a boca! – berrou Montes, sem nenhum resultado. – *Momentito*.

Ruído de trânsito. Buzina.

– Está a ouvir-me, *inspector jefe*? – disse Falcón.

– Quem é você?

Falcón recomeçou. Montes desculpou-se elaboradamente. Agora lembrava-se perfeitamente.

– Também falámos sobre a máfia russa.

– Não me parece.

– Explicou-me o negócio de tráfico de pessoas.

– Ah, sim, sim, as pessoas... essa coisa.

– Tenho uma pergunta. Há dois russos ligados à minha investigação da morte do Sr. Vega, o construtor, lembra-se?

Silêncio. Gritou o nome de Montes.

– Estou à espera da pergunta – disse Montes.

– Os nomes Vladimir Ivanov e Mikhail Zelenov dizem-lhe alguma coisa?

Através do éter ouviu-se uma respiração nasal muito concentrada.

– Está a ouvir-me? – perguntou Falcón.



– Ouvi. Não me lembram nada, mas a minha memória não está como devia estar. Tomei um par de cervejas, sabe, e esta noite não estou no meu melhor.

– Então falamos na segunda-feira – disse Falcón e desligou.

Falcón pressentia as mudanças como se fosse uma ave de rapina lá em cima nas correntes de ar quente sempre atento às coisas do mundo terrestre que pudessem ter interesse. Apoiou-se no tejadilho do seu carro, dando pancadinhas na testa com o telemóvel. Era pouco comum para Montes, um homem casado, estar bêbedo ao princípio de uma noite de sexta-feira num bar apinhado de gente, provavelmente só. Seria uma resposta evasiva aos dois nomes? Teria ele parecido mais bêbedo no final da conversa do que no princípio?

\*\*\*

Ortega fez soar o trinco para que ele entrasse no seu pátio fedorento e cheio de moscas. Não estava tão ríspido como ao telefone, porque tinha atingido o estado afável da bebedeira. Estava vestido com uma camisa branca volumosa, por fora de uns calções azuis. Ofereceu uma bebida a Falcón. Ele próprio estava a bebericar um enorme copo de vinho tinto.

– Torre Muga – disse ele. – Muito bom. Quer algum?

– Só uma cerveja – disse Falcón.

– Uns camarões com a sua cerveja? – perguntou ele. – Um pouco de *jamón*... ibérico de bolota? Comprei-o hoje no El Corte Inglés.

Ortega foi à cozinha e voltou totalmente abastecido.

– Desculpe ter sido duro consigo ao telefone – disse ele.

– Eu não devia estar a incomodá-lo com estas coisas numa sexta-feira à noite.

– Eu só saio ao fim-de-semana quando estou a trabalhar – disse Ortega, que tinha sido completamente amansado pela excelência do Torre Muga. – Sou um péssimo elemento do público. Detecto todas as técnicas. Nunca me deixo perder na peça. Prefiro ler livros. Peço desculpa se estou a divagar, já vou no segundo copo, e, como vê, são uns copos valentes. Tenho de descobrir um charuto. Já leu um livro de... já me vou lembrar.

Encontrou a caixa de charutos no meio da confusão.

– Cohiba – disse ele. – Tenho um amigo que vai regularmente a Cuba.

– Não, obrigado – disse Falcón.

– Eu não ofereço facilmente os meus Cohiba.  
– Eu não fumo.  
– Leve um para um amigo – disse Ortega. – Tenho a certeza que até os polícias têm amigos. Desde que não o dê a esse *cabrón* do juez Calderón.  
– Não é meu amigo – disse Falcón.  
Ortega enfiou o charuto no bolso de cima de Falcón.  
– Folgo em sabê-lo – disse ele, afastando-se. – *Um Coração Tão Branco*. – Era esse o livro. E Javier Marías o autor. Já o leu?  
– Há algum tempo.  
– Não sei como pude esquecer-me do título. É tirado de *Macbeth*, claro – disse Ortega. – Depois de *Macbeth* ter morto o rei volta com um punhal sangrento, que supostamente devia ter deixado nos aposentos dos criados. A mulher fica furiosa e diz-lhe que tem de lá voltar. Ele recusa e *ela* é que de que ir. Quando ela volta, diz:

«As minhas mãos estão sujas da tua cor; mas envergonha-me vestir um coração tão branco.»

– A culpa dela, nesta altura, é só uma cor, ainda não é uma mancha. Ela tem vergonha da sua inocência no assunto. Quer partilhar a culpa. É um momento maravilhoso, porque, claro, chegando ao quinto acto, diz-se: «desaparece, maldita mancha» e «nem todos os perfumes da Arábia poderão suavizar esta pequena mão». Por que é que eu lhe estou a contar isto, Javier?

– Não faço ideia, Pablo.

Ortega bebeu dois enormes goles de vinho tinto, que lhe ficou a escorrer pelos cantos da boca. Na sua camisa branca surgiram pingos vermelhos.

– Hah! – disse ele, olhando para baixo, para si próprio. – Sabe o que isto é? *Isto* é um momento filmico. Só acontece nos filmes e nunca na vida real. É como... oh, vá lá, deve haver centenas... agora não consigo pensar.

– *O Caçador*.

– *O Caçador?*

– Um casal casa-se antes de o tipo partir para ser soldado no Vietname. Bebem de um copo duplo e o copo espalha-se sobre o vestido de noiva dela. Isso preconiza...

– Sim, sim, sim. Preconiza algo de terrível – disse Ortega. – Um embaraço ao jantar. Mais lixívia na lavagem. Coisas horríveis, horríveis.

– Posso mostrar-lhe estas fotografias?

– Antes de eu perder toda a capacidade visual de discernimento, quer você dizer?

– Hum... sim – disse Falcón.

Ortega rugiu com um riso exagerado.

– Gosto de si, Javier. Gosto muito de si. Não gosto de muitas pessoas – disse ele e olhou lá para fora, para a relva escura, para a piscina não iluminada. – Não gosto... na verdade, de ninguém. Achei as pessoas com quem lidei durante a vida... vazias. Acha que é uma coisa que acontece às celebridades?

– A fama atrai um certo tipo de pessoas.

– Dengosos, obsequiosos, servis, lisonjeiros.

– Francisco Falcón odiava-os. Lembravam-lhe a sua fraudulência. Lembravam-lhe que a única coisa que ele queria mais do que a fama era ter um verdadeiro talento.

– Queremos que as pessoas nos amem por aquilo que não somos, por aquilo que pretendemos ser... Ou, no meu caso, todas essas pessoas que eu pretendi ser – disse Ortega, que estava mais dramático a cada instante. – Gostava de saber se, quando eu morrer, vou cair no chão como um epilético e todas as personagens que encarnei vão escorrer de mim numa massa compacta para o silêncio, deixando apenas uma lasca aqui e ali para que seja levada pelo vento.

– Não me parece, Pablo – disse Falcón. – Tem imenso a perder se se tornar numa lasca.

– Eu sou só camadas – disse ele, sem escutar. – Lembro-me que o Francisco disse: «A verdade sobre uma cebola, Pablo, é o nada. Abre-se aquele último pedaço de cebola e é isso que se encontra: nada.»

– Bem, o Francisco era um homem que conhecia as suas cebolas – disse Falcón. – Os seres humanos são um pouco mais complicados. Tentamos abri-los...

– E o que é que se encontra? – disse Ortega, sorvendo uma grande quantidade de Muga. – Devia provar um pouco deste vinho, sabe. É mesmo muito, muito bom.

– As fotografias, Pablo.

– Vamos lá ver-nos livres disso.

– Quando me disse que viu dois russos a entrarem em casa do Sr. Vega na Noite de Reis, eram estes dois homens?

– Ortega pegou nas fotografias e foi à procura dos seus óculos.

– Não vi os seus cães esta noite, disse Falcón.

– Oh, esses dois estão a dormir, todos enrolados com aquelas caras enrugadas. É uma boa vida... a vida canina – disse Ortega. – Eu nunca lhe mostrei a minha colecção, pois não?

– Outro dia.

– Eu não sou definido por aquilo que escondo, mas por aquilo que *mostro* ao mundo – disse Ortega, varrendo lentamente com o braço a sala onde a sua colecção estava poisada sobre tampos de mesa e encostada às paredes. – Sabe qual é a pior coisa que pode dizer a um coleccionador?

– Que não se gosta de uma das peças?

– Não... que *gosta* de uma peça em *especial* – disse Ortega. Eu tenho um desenho de Picasso. Não é nada de *especial*, mas não tem engano possível. Eu divido as pessoas a quem mostro a minha colecção em dois grupos. Aqueles que gravitam na direcção do Picasso com as palavras: «Ora *disto* é que eu gosto» e aqueles que compreendem que uma colecção se refere ao todo. Pronto, Javier, já lhe poupei algum embaraço.

– Vou fazer questão de lhe dizer a que ponto *adoro* Picasso.

Ortega segurou nos óculos com um grito como se tivesse ganho a Taça da Europa. Enfiou neles o rosto com prudência como se se pudesse tratar de uma armadilha accionada por um cabelo que ele tivesse montado para si próprio.

– Os que gravitam para o Picasso são os que se sentem atraídos pela celebridade. Não conseguem ver mais nada.

– Alguma vez mostrou a sua colecção a alguém que olhasse para o conjunto e o achasse...

– Incompleto? – disse Ortega. – Nunca ninguém teve a coragem de me dizer isso na cara. Mas sei que alguns o pensaram.

– Talvez isso queira dizer que teve a coragem de exprimir *tudo* através da sua colecção. O bom e o mau. Todos temos alguma coisa de que nos envergonhamos.

– Tem de a ver, Javier – disse ele ansiosamente. – «A Colecção do Actor.»

Ortega confirmou que os dois homens nas fotografias eram os russos que ele tinha visto entrar na casa de Vega em Janeiro. Atirou novamente com as fotografias para as mãos de Falcón e voltou a encher o copo. Chupou o seu Cohiba, que ainda não tinha acendido. As manchas de vinho na camisa tinham-se fundido no suor do seu peito. Tirou os óculos.

- Lembra-se da nossa conversa sobre Sebastián esta manhã? disse Falcón.
- Já voltou a pensar nisso?
- Eu *estive* a pensar nisso.
- A psicóloga clínica de que eu lhe falei – uma mulher chamada Alicia Aguado. É uma pessoa pouco comum.
- Em que sentido?
- Antes de mais, é cega – disse Falcón e contou a Ortega a técnica chinesa de pegar no pulso que ela tinha. – Eu contei-lhe das suas preocupações a respeito de Sebastián. Ela achou que seria uma boa ideia encontrarem-se. Ela sabe que as pessoas famosas não gostam de intrusos.
- Traga-a cá – disse Ortega, charmoso e amigável. – Quantos mais, melhor.
- Pode ser amanhã?
- Café – disse ele. – Às onze. E talvez, quando a tiver levado a casa, queira cá voltar e eu mostro-lhe tudo o que precisa de ver com a luz clara do dia.

\*\*\*

Consuelo Jiménez estava vestida com um longo vestido de crepe azul e sandálias douradas. Os seus braços nus eram castanhos e musculosos. Estava a manter a forma e não só a nível social. Sentou-o na sala de estar, que dava para o desleixado lingote azul da piscina iluminada, e deu-lhe um copo gelado de *manzanilla*. Colocou sobre a mesa uma travessa de azeitonas, *pickles* de alho e alcaparras e sacudi as sandálias, descalçando-se. O gelo do seu *tinto de verano* tilintou nos rebordos do copo.

– Adivinha quem me veio ver esta manhã, cheio de charme adulator e lisonjeiro?

– Pablo Ortega?

– Para quem é um dos grandes actores do passado, é um pouco fácil de mais de conquistar – disse ela. – Deve querer dizer que tem um domínio pouco vasto.

– Eu nunca o vi no palco – disse Falcón. – Convidaste-o a entrar?

– Deixei-o sofrer no calor um bocado. Estava interessada em ouvir o que ele tinha a dizer em seu favor. Não trouxe consigo os seus dois adereços de palco – *Pavarotti* e *Callas*. Por isso eu sabia que ele não tinha cá vindo para distrair os rapazes.

– Onde estão os teus rapazes?

– Estão com a minha irmã. Ela amanhã vai levá-los à costa e eles são demasiado turbulentos para o jantar. Iam querer ver a tua arma.

– E o que é que queria o Pablo Ortega?

– Falar sobre a morte de Rafael e a tua investigação, claro.

– Espero que não lhe tenhas revelado a minha... indiscrição.

– Utilizei-a – disse ela, acendendo um cigarro –, mas não de maneira frontal. Só o fiz sentir como se ele estivesse sentado num sofá de má qualidade. Foi-se embora mais desconfortável do que quando chegou.

– Ando a dar uma olhadela no caso do julgamento do filho dele – disse Falcón.

– Pessoalmente, acho que as sentenças para abuso de menores são brandas de mais – disse Consuelo. – Quando uma criança foi molestada dessa maneira nunca mais recupera. Tiraram-lhe a inocência e eu acho que não é muito diferente de um assassinio.

Ele contou-lhe o que Montes lhe tinha explicado sobre a manipulação da declaração do rapaz e sobre a recusa de Sebastián Ortega em se defender.

– Bem, isso não renova propriamente a minha fé no sistema judicial – disse ela. – Mas vi o lampejo de vaidade do *juez* Calderón quando andava a trabalhar no caso de Raúl.

– Viste mais alguma coisa nele?

– Por exemplo?

– Aquilo de que falámos antes... como, por exemplo, o Ramírez.

– Queres dizer, quanto à busca de oportunidades? – disse ela. – Bem, eu descobri-o como solteiro portanto um agente livre.

– Sim, suponho que isso é diferente.

– Oh, estou a ver, estás a perguntar-me por que é que ele anda a farejar à volta da Maddy Krugman, uma vez que anunciou o seu noivado à tua pequena pesquisadora da verdade.

– Existe uma coisa que se chame infidelidade pré-conjugal?

– Esta tarde, ele esteve lá – disse ela. – Como sabes, não tenho um horário regular. Estou aqui quando a maior parte das pessoas está a trabalhar, ou, no caso do *juez* Calderón, quando ele *devia* estar a trabalhar.

– O Marty estava lá?

– Presumo que tinha a ver com a investigação sobre a morte do Rafael – disse ela, abanando a cabeça.

– Isso não é um procedimento normal.



– Ele não me parece o tipo de pessoa que dê um mínimo de importância ao procedimento normal – disse Consuelo. – De qualquer modo, por que é que isso te havia de incomodar? Não me digas que ainda estás interessado na Inés?

– Não, não estou – disse ele, como se quisesse dar ênfase à frase para si próprio.

– Mentiroso. Não cometas duas vezes o mesmo erro, Javier – disse ela. – Eu sei que é um traço humano profundamente enraizado, mas devias resistir, porque toda a dor que ficou da primeira vez voltará a estar presente e certa na segunda vez... e a seguir duplicada.

– Não paro de ouvir falar de mulheres que têm o forte poder da experiência.

– Dá-lhes ouvidos – disse ela, levantando-se e enfiando as sandálias. – Agora vou dar-te de comer e não quero ouvir falar mais desses tontos apaixonados ou da tua investigação.

Ela serviu *jamón* sobre torradas, com *salmorejo*, *crostini* de pimentos verdes assados com um filete de anchovas, gambas *al ajillo*, salada de polvo e pimentos *piquillo* recheados com arroz de açafrão e frango. Beberam um *rioja* basco fresco. Consuelo comeu como se tivesse estado todo o dia a passar fome e Falcón encontrou o apetite que o calor do Verão lhe tinha retirado anteriormente.

– Estás autorizado a comer esse último pimento *piquillo* – disse ela, acendendo um cigarro. – Agora vai haver uma pausa antes do prato principal.

– Li num artigo de uma revista que tu sabias fazer de tudo nos teus restaurantes – disse ele.

– São tudo coisas simples, mas bem feitas – disse ela. – Não compreendo aqueles restaurantes com uma ementa do tamanho de um romance que não sabem cozinhar correctamente nenhum dos pratos. Nunca nos devemos espalhar demasiado... nem na vida, nem no amor.

– Vou beber a isso – disse ele e chocaram os copos.

– Uma pergunta – disse ela. – Não é sobre a tua investigação, mas está ligada ao que aconteceu... antes. É uma coisa em que eu penso todos os dias desde que o passado do Raúl veio à superfície.

– Eu sei o que vais perguntar.

– Sabes?

– Eu próprio pensei sobre isso.

– Então diz lá.



– O que é que aconteceu ao Arturo? – disse Falcón. – Foi isso? O que é que aconteceu ao rapazinho do Raúl?

Consuelo contornou a mesa e pegou com ambas as mãos na cara dele e beijou-o com força nos lábios. A corrente eléctrica rebentou-lhe ao longo da coluna e desceu para a terra pelas pernas da cadeira.

– Eu sabia – disse ela e largou-o, roçando pelas suas bochechas as pontas dos dedos, de tal modo que os nervos lhe faiscaram um pouco por todo o corpo.

Falcón perguntou-se se esta invasão física o tinha alterado. Viu-se a si próprio, com o cabelo eriçado e a roupa a fumegar. Tinha o sabor dela na boca. As coisas começaram a formar-se dentro de si, pequenas peças de maquinismos que fizeram girar rodas e avançar correias que puseram rodas ainda maiores em andamento, atirando para a frente peças que se destinavam a engrenar num pistão fora de uso e enferrujado no seu invólucro.

– Estás a sentir-te bem, Javier? – perguntou ela assim que chegou à sua extremidade da mesa. – Vou buscar o prato principal enquanto decides como é que vamos descobrir o que aconteceu a Arturo Jiménez.

Ele engoliu meio copo de vinho com o qual quase se engasgou. «Fica calmo.» Consuelo regressou com duas peças de bife grelhado de três centímetros de espessura. Da carne escorria sangue para um acompanhamento de batatas e uma salada. Na sua mão foi posto mais *rioja* basco assim como um saca-rolhas. Ele tirou a rolha, serviu o vinho. Tinha vontade de a deitar no chão, entre as pernas da cadeira, e descobrir o que é que havia debaixo do crepe azul. «Fica calmo.» Observou-lhe a cintura, as ancas e as nádegas que se moviam em torno da mesa. Os seus globos oculares estavam a arder. Estava com o seu sistema de refrigeração fechado. Ela tornou a sentar-se.

Ele bebeu. Estava bêbedo.

– Como é que vamos encontrar o Arturo? – perguntou ela sem notar a agitação que havia do outro lado da mesa. – Eu nunca fui sequer a Marrocos.

– Devíamos lá ir – disse ele soltando as palavras para fora da boca antes de as poder travar.

– O que é que fazes este Verão?

– Estou livre em Setembro.

– Então vamos em Setembro – disse ela. – O espólio do Raúl Jiménez pode pagar as despesas.

– Este bife está fantástico.

– Cortado à mão por Rafael Vega – disse ela.

– Meu Deus, ele sabia o que fazia.

– Não te estás a concentrar – disse ela.

– Estão a acontecer-me coisas de mais ao mesmo tempo – disse ele deglutindo mais vinho. – Acho que estou a chegar ao estado crítico.

– Não vomites aqui dentro – disse ela. – Acabei de pagar aos decoradores. Ele riu-se e serviu mais vinho.

– Devíamos dar início a uma instituição de caridade – disse ele – que procurasse especificamente crianças desaparecidas.

– Já deve haver uma.

– Usamos polícias reformados. Conheço o homem indicado. É o *inspector jefe* do Grupo de Menores e está prestes a reformar-se.

– Abranda aí, Javier – disse ela. – Estás a falar de mais, a comer depressa de mais e a beber que nem um peixe.

– Mais vinho? – perguntou ele. – Precisamos de *mais* vinho.

– Vais ficar bêbedo e incapaz, se...

Os olhos dos dois cruzaram-se sobre a mesa e coisas sobre as quais era demasiado complicado falar ficaram imediatamente esclarecidas. Falcón largou a faca e o garfo. Consuelo levantou-se. Beijaram-se. Ela trepou-lhe com as mãos pela camisa adentro. O cérebro dele foi invadido por todo o tipo de assuntos de higiene pessoal. Fez correr o fecho pelas suas costas abaixo, passou o dedo pela saliência da coluna dela e não encontrou nenhuma roupa interior. As suas coxas estremeceram. As mãos dela deram com as suas costas. Todo o seu organismo estava a ser percorrido por adrenalina.

«Aguenta-te aí...», pensou ele, «senão nem tens tempo de tirar as calças.»

Ela salvou-o.

– Aqui não – disse ela. – Não quero que a *puta americana* ande por aí a bisbilhotar com a sua máquina fotográfica.

Conduziu-o pelas escadas acima, segurando-o pela cintura.

– Sabes, não faço isto há muito tempo – disse ele, seguindo as duas covinhas na base das costas dela.

– Eu também não – disse ela. – Talvez fosse melhor subirmos o ar condicionado.

## Capítulo 15

*Sábado, 27 de Julho de 2002*

NA CAMA Consuelo Jiménez era como ele a tinha imaginado: excitante, solícitadora e incansável. Numa das várias pausas para fumar um cigarro ela tinha-lhe dito que era a primeira vez que fazia sexo desde que tinha estado com Basílio Lucena na noite em que o seu marido, Raúl, tinha sido assassinado. Desde então tinha-se concentrado nas crianças.

– Além disso, fiz uma análise de sida – disse ela – quando soube da promiscuidade do Basílio. Sabes, não tenho tido muita sorte...

Falcón voltou a cabeça sobre a almofada, encontrando os olhos dela perto dos seus.

– Deu negativo – disse ela.

Era assim que tinham falado, coisa que tinha fascinado Falcón. Não se lembrava de alguma vez ter estado deitado com uma mulher numa cama a falar de tudo e de nada. Mesmo nas duas relações principais que tinha tido na vida, estar deitado na cama nunca tinha sido ocasião para ser franco, mas sim para uma espécie de papel representado do qual não sabia ao certo as letras e cuja personagem não era indicada para ele.

Acordaram de manhã cedo pegajosos de calor. Consuelo levou-o para o duche e ensaboou-o com o seu próprio corpo, de modo que ele precisou de se apoiar nas portas de vidro. Ela aproveitou-se da sua excitação enfiando-o em si e fazendo tremer toda a estrutura. Vestiram-se a olhar um para o outro.

Ele foi para a sua cozinha, tomando um café e uma torrada barrada de azeite. As suas pernas pareciam novas em folha, acabadas de sair da fábrica. Não tinha sequer uma faísca de ressaca e, no entanto, havia três garrafas vazias de *rioja* bascas ao lado do caixote do lixo. No entanto, olhava para ela sem dizer nada com coisas fortes e arriscadas a atravessarem-lhe a cabeça.

– Gostava de te tornar a ver – disse ele.

– Ainda bem que tirámos essa dúvida – disse ela. – Desde a invenção do telemóvel que as mulheres não têm de passar o dia à espera, mas agora temos

a certeza que ele não telefonou.

– Vais ter de me dizer como é que eu me posso encaixar na tua vida – disse ele.

– A tua é mais complicada que a minha.

– Tu tens filhos.

– Vão-se embora.

– Vais segui-los.

– Mais tarde, em Agosto.

– Neste momento, não tenho controlo na minha vida – disse ele. – Se acontece alguma coisa, tenho logo de reagir.

– Então liga-me quando tiveres algum tempo livre – disse ela. – A não ser... que esteja todo tomado a falar da Manuela aos teus advogados e que não possas jantar comigo.

Ele sorriu. Estava a apaixonar-se pelo humor dela, pela sua frontalidade. Contou-lhe da sua ideia de vender a casa a Manuela e o que Isabel Cano tinha aconselhado.

– Segue o conselho dela – disse Consuelo. – O máximo que podes esperar da Manuela é respeito e podes conseguir isso com uma negociação dura. Vou dizer isto uma única vez, Javier, e depois acabou. Podes ouvir-me ou ignorar. Manda avaliar a casa, oferece-lhe um preço privado abaixo da comissão da agência, e dá-lhe uma semana para responder antes de a pões à venda no mercado imobiliário.

Ele acenou com a cabeça. Era disto que precisava na sua vida – simplificação. Puxou-a para si, beijou-a no meio do aroma a café e a torradas.

Eram 9.30. Ligou do seu telemóvel para Ramírez.

– Marcaste encontro para ver Carlos Vázquez esta manhã? – perguntou Falcón. – E então o mandado de busca do *juez* Calderón?

– Não consegui encontrá-lo – disse Falcón. – E fui ver no escritório dele a noite passada.

– Então vamos ter de tentar sacar o assunto ao Vázquez – disse Ramírez. – Eu ligo-lhe quando tiver marcado o encontro com ele. Acabo de meter a cara de Sergei no computador nacional e internacional.

Falcón ligou para Alicia Aguado para lhe perguntar se podia ir buscá-la e trazê-la a Santa Clara para se encontrar com Pablo Ortega ao fim da manhã. De regresso ao interior da cidade Ramírez disse-lhe que Vázquez estaria no seu escritório até ao meio-dia. Falcón apontou a morada e disse que ia lá ter

com ele daí a quinze minutos.

Atendeu uma chamada de Cristina Ferrera.

– A Nadia foi-se – disse ela. – A noite passada vieram dois tipos que a levaram e não a voltaram a trazer.

– Isso já aconteceu antes?

– Ela costuma estar de regresso ao apartamento às cinco ou seis da manhã – disse Ferrera. – O que é que eu faço?

– A não ser que haja alguém disposto a dar-te uma descrição detalhada dos dois tipos – coisa de que eu duvido – não há nada que possas fazer – disse Falcón.

O escritório de Carlos Vázquez ficava no edifício Viapol numa parte sem alma da cidade, nos limites de San Bernardo. Ramírez estava à espera dele na entrada. Subiram no elevador. Ramírez olhou para ele de lado.

– Para onde estás a olhar, José Luis?

– Para si – disse ele, sorrindo maliciosamente. – Já tinha detectado na sua voz. Agora que o vi com a mesma roupa que ontem, está confirmado.

– O quê, exactamente? – disse ele, achando que ia conseguir safar-se desta.

– Eu é que sou o especialista – disse Ramírez, apoiando os seus enormes dedos no peito, quase ofendido pela afronta do seu chefe. – Eu consigo detectar, mesmo pelo telefone, que você chegou finalmente ao final de uma seca.

– Que seca?

– É verdade... ou sou um mentiroso? – disse Ramírez, rindo-se. – Quem é?

– Não sei de que é que estás a falar.

A grande cara escura de mogno de Ramírez avaliou a imagem de Falcón. Os trilhos individuais do cabelo preto e embebido em brilhantina do inspector estavam impecáveis.

– Não foi *la americana*, pois não? Ouvi falar dela pelo Felipe e pelo Jorge. Disseram que ela era capaz de deixar um homem tão esvaziado como um fato usado.

– Acho que devíamos concentrar-nos naquilo que vamos dizer a Carlos Vázquez, José Luis.

– Não, não, não, não foi ela. *La americana* é o último engate do *juez* Calderón.

– Quem é que te disse isso? – perguntou Falcón. – O tipo acaba de anunciar o seu noivado, por amor de Deus.

Ramírez riu-se, com um risinho mirrado. O elevador parou. Entraram no escritório de Vázquez, deparando com um grande quadro representando uma paisagem abstracta de cidade – luzes vagas e contornos de edifícios a surgirem no nevoeiro. Falcón ficou impressionado, pensando que era este o tipo de trabalho que Ramón Salgado poderia ter vendido.

– Eu oriento a conversa – disse Falcón. – Não quero que te ponhas a instigar coisa nenhuma, pois sei coisas que tu não sabes, José Luis. É importante.

– E eu sei coisas em que você nunca pensou – disse Ramírez.

Falcón queria saber que coisas eram essas, mas um dos jovens advogados aprendizes de Vázquez já tinha vindo ter com eles. Foram encaminhados para o escritório de Vázquez, que dava sobre as traseiras dos edifícios da Calle Albino Marrón. Vázquez pediu-lhes que se sentassem enquanto ele continuava a ler um documento. Havia atrás dele um grande mapa de Sevilha, no qual estavam assinalados vários projectos, com diferentes quadrados coloridos. Vázquez atirou os papéis para uma bandeja e encostou-se para trás. Falcón apresentou Ramírez e Vázquez antipatizou instantaneamente com ele.

– Então, tenho direito à brigada de homicídios em peso – disse ele.

– Aquele quadro na sua recepção – disse Falcón. – Quem é o autor?

– É uma pergunta interessante – disse Vázquez, perdido por instantes.

– Ele gosta de começar por um aquecimento – disse Ramírez, sorrindo.

– É de um alemão chamado Keistian Lutze. Penso que é uma abstracção de Berlim. Fez outro sobre Colónia que está pendurado no *foyer* da Vega Construcciones.

– Como é que o senhor e o Sr. Vega os adquiriram?

– Através de um comerciante de arte aqui de Sevilha chamado Ramón Salgado. Ele... claro, como sabem, foi assassinado.

– Como é que o Sr. Vega conheceu Ramón Salgado?

Ramírez afundou-se na cadeira, aborrecido.

– Não sei – disse Vázquez.

– Não foi através de si?

– Devo confessar que é coisa que não me interessa propriamente. Foi uma prenda do Rafael – disse Vázquez. – Eu gosto de carros.

– Que tipo de carros? – perguntou Ramírez.

Eles olharam para ele. Ele encolheu os ombros.

– Posso fumar? – perguntou.



Vázquez acenou com a cabeça. Ramírez acendeu o cigarro, encostou-se na cadeira, com as mãos atrás da cabeça.

– Isto é uma visita social – perguntou Vázquez – ou mais alguma coisa?

– O Sr. Vega tinha dois projectos com sócios russos – disse Falcón. – Vladimir Ivanov e Mikhail Zelenov.

– Não são bem parcerias – disse Vázquez. – A Vega Construcciones foi contratada por dois clientes russos para fornecer apoio técnico. Eram pagos pelos planos arquitectónicos, engenheiros no local de construção, supervisão de equipa e algum equipamento. Para além da estrutura, a Vega Construcciones também estava encarregue da planificação interna – ar condicionado, electricidade, instalação de elevadores, tubagens... esse tipo de coisas.

– São projectos pouco comuns para a Vega Construcciones – disse Falcón.

– Normalmente, fazem todo o trabalho físico enquanto que os sócios fornecem o investimento necessário e... recentemente, tanto quanto sei, sempre ficaram com uma percentagem do controlo sobre os projectos.

– É verdade.

– Quem era o dono do terreno onde os dois projectos estavam a ser construídos?

– Os próprios russos. Vieram ter com o Rafael e fizeram-lhe a proposta – disse Vázquez. – Não estão sediados em Sevilha. O Sr. Zelenov teve alguns projectos em Marbella e o Sr. Ivanov está em Vilamoura no Algarve. Era mais fácil para eles contratar a mão-de-obra do que criar as suas próprias companhias.

– Esses dois russos estão ligados? – perguntou Falcón. – Conhecem-se um ao outro?

– Eu... eu não sei.

– Então lidou com eles separadamente? – disse Falcón.

– Dois negócios pouco comuns com russos diferentes surgidos de repente – disse Ramírez, agora interessado.

– Onde é que quer chegar?

– Só preciso que responda às perguntas – disse Ramírez.

– Pode mostrar-nos nesse mapa atrás de si onde é que os dois projectos russos se situavam? – perguntou Falcón.

Vázquez apontou para dois quadrados verdes que estavam no meio de uma zona laranja. Falcón folheou o seu bloco de notas e aproximou-se do mapa.



– E o que é que estes dois locais têm de especial? – perguntou Falcón.

Vázquez olhou para o mapa como um menino de escola que sabe a resposta certa, mas cuja confiança foi abalada por um professor brutal.

– Até eu consigo ver – disse Ramírez.

– Não estou a ver o que é que isto tem a ver com a morte de Rafael Vega – disse Vázquez, agora furioso.

– Limite-se a responder à pergunta – disse Ramírez, poisando um grande cotovelo carnudo sobre a secretária.

– Estão ambos em zonas onde todos os outros projectos estão sob a alçada da Vega Construcciones – disse Falcón.

– E depois? – disse Vázquez.

– Falámos com o Sr. Cabello. Ele referiu que, de entre as propriedades que trouxe à Vega Construcciones através do casamento da sua filha com Rafael Vega, duas eram a chave do desenvolvimento de zonas inteiras. Uma zona sendo pertença da Vega Construcciones, a outra de outro empresário que, sem a conivência do Sr. Cabello, seria incapaz de se desenvolver. Quando o Sr. Vega se tornou proprietário, esse empresário teve de vender ao Sr. Vega ou... *a amigos* do Sr. Vega. É isso que esses dois negócios russos têm em comum.

Silêncio, exceptuando o facto de Ramírez estar a fumar exuberantemente, saboreando o espectáculo de magia do seu chefe.

– Isto é um trabalho de preparação admirável da sua parte, *inspector jefe* – disse Vázquez. – Mas estaremos mais perto de entender o que aconteceu ao Sr. Vega?

– Os amigos russos do Sr. Vega eram conhecidos mafiosos. Pensamos que se estavam a servir destes projectos para lavarem dinheiro que andam a fazer com tráfico de pessoas e prostituição. Por que é que o Sr. Vega estaria envolvidos com essas pessoas e por quê dar-lhes negócios extremamente vantajosos?

– Não pode provar nada disso.

– Talvez o seu escritório tenha estado envolvido nos negócios imobiliários. Talvez você tenha aqui as escrituras e um registo dos pagamentos efectuados? – disse Falcón.

– Pode lembrar-se agora – disse Ramírez.

– Os únicos documentos que tenho são os contratos para a construção dos projectos, que estão nos arquivos, e a pessoa que trata disso está de férias.

– Então, os negócios imobiliários foram feitos directamente entre o proprietário original da terra e os russos? – perguntou Falcón. – O Sr. Vega terá pedido ao proprietário original que fizesse um negócio vantajoso aos russos, que ele compensaria de outro modo?

– Não faço mesmo ideia, *inspector jefe*.

– Mas podemos dar uma olhadela nos pormenores da venda dos outros lotes – supondo que, como advogado do Sr. Vega, *tenha estado* envolvido neles – e comparar os preços praticados – disse Falcón. – Tem aqui esses pormenores, não tem, Sr. Vázquez?

– Já lhe disse, a pessoa que gere os arquivos está...

– Não tem importância. É claro que podemos falar com os proprietários originais dos lotes. – É mesmo o tipo de pormenor minucioso que o tribunal vai requerer – disse Falcón. – Aquilo que gostaríamos de saber é por que é que o Sr. Vega estava envolvido com esses russos e a viabilizar as suas operações de lavagem de dinheiro.

– Não sei como é que pode justificar essa observação – disse Vázquez. – Há dois projectos com estes russos. Há dois contratos. Há dois conjuntos independentes de documentação que provam o envolvimento financeiro de ambas as partes.

– Fomos aos locais desses projectos – disse Ramírez. – Pareciam um pouco despojados de pessoas sem o trabalho ilegal

– Esse é o problema dos russos e não da Vega Construcciones.

– Nesse caso – disse Ramírez –, talvez nos possa dizer por que é que o Sr. Vega mantinha outro conjunto de documentos para estes dois projectos – a versão oficial para efeitos de impostos e a sua versão privada, que era a realidade.

– Pode também dar uma opinião sobre a razão pela qual Sergei, o jardineiro, desapareceu desde a descoberta do corpo? – perguntou Falcón. – E por que é que o Sr. Vega andava a receber visitas sociais dos seus clientes russos em casa na Noite de Reis, por exemplo? Isso não soa um pouco mais íntimo do que o sócio de negócios habitual?

– Está bem, está bem, já provaram a vossa teoria – disse Vázquez. – Descobriram uma *ligação* russa. Mas nada mais. Se quer saber coisas sobre essa relação então não posso dizer nada, porque desconheço. A única coisa que posso dizer é... pergunte aos russos, se os conseguir encontrar.

– Como é que *você* os contacta?

– Não contacto. Redigi os contratos. Foram-me devolvidos pela Vega Construcciones, assinados e carimbados – disse Vázquez. – E também não vai encontrar nos escritórios deles alguém que os tenha visto.

– Devem ter números de telefone, moradas, contas bancárias? – perguntou Ramírez.

– Vocês pensam que eles são da máfia russa.

– Temos a certeza disso.

– Bem, talvez sejam. E talvez tivessem boas razões para matar um homem que facilitava as necessidades dos seus negócios, mas não consigo ver que razão fosse essa – disse Vázquez. – E duvido que alguma vez descubram que *havia* uma razão e que o *mataram mesmo*. Essa gente mantém-se bem distante da situação. Como disse, nunca os encontrei. Portanto, *inspector jefe*... agora o assunto está nas vossas mãos. Sabem tanto como eu. E acho que isso completa a nossa conversa desta manhã, por isso, se me dão licença...

Quando iam a descer no elevador, Ramírez fez chocalhar os trocos que tinha no bolso. Falcón disse-lhe que fosse buscar Cristina Ferrera para descobrirem os nomes dos proprietários de origem dos dois lotes vendidos aos russos.

– Isto é que é trabalho de polícia – disse Ramírez, marcando no seu telemóvel o número de Ferrera. – Tão depressa pensamos que já os encurralámos como desaparecem no horizonte.

– Que coisas é que tu sabes e em que eu nunca pensei? – perguntou Falcón, lembrando-se do comentário que Ramírez tinha feito há pouco.

– Mesmo que encontremos o Sergei e que ele tenha visto alguma coisa... o que é que nos vai contar? – disse Ramírez, já arrependido de ter soltado a língua.

– Estávamos a falar sobre o *juez* Calderón, quando íamos a subir no elevador, e tu disseste que sabias coisas em que eu nem sequer tinha pensado, José Luis.

– Não foi nada... foi só por falar.

– Não soava nada assim – disse Falcón. – Soava como se fosse uma coisa sobre o *juez* Calderón que me dizia respeito pessoalmente.

– Não é nada... esqueça – disse Ramírez.

Ferrera surgiu na linha e Ramírez transmitiu a mensagem de Falcón sobre os lotes de terra.

– Conta-me, José Luis, conta-me – disse Falcón. – Eu já não ando doido. Não vou atirar-me para cima do trânsito se tu...

– Está bem, está bem – disse Ramírez, quando o elevador estava a chegar ao rés-do-chão. – Eu faço-lhe uma pergunta e você veja se me consegue responder.

Saíram do edifício e ficaram e confrontar-se na rua escaldante.

– Quando é que o *juez* Calderón e a Inés começaram a andar juntos? – perguntou Ramírez.

## Capítulo 16

*Sábado, 27 de Julho de 2002*

DE REGRESSO a casa, no fresco do seu quarto, Falcón despiu as roupas que o tinham feito aparecer perante Ramírez como um amador. Ficou debaixo do chuveiro a olhar para fora através dos vidros embaciados e pensou no modo como Isabel Cano lhe tinha falado sobre Inés: «uma inocentezinha e doce». Ela sabia. Aquelas palavras que o *inspector jefe* Montes tinha usado sobre Calderón: «Você gosta dele, *inspector jefe*. Nunca teria imaginado.» Ele sabia. Felipe e Jorge. Pérez, Serrano e Baena. Todo o Edificio de los Juzgados e todo o Palácio de Justicia. Todos sabiam. É isso que nos acontece quando estamos mergulhados na nossa própria vida. Não vemos nada. Nem sequer vemos que outra pessoa anda a foder a nossa mulher mesmo debaixo do nosso nariz. Abanou a cabeça ao lembrar-se daqueles horríveis cálculos que a psicóloga da polícia o tinha obrigado a utilizar. Quando é que se separou da sua mulher? Quando fez sexo com ela pela última vez? Se nos separámos em Julho, deve ter sido em Maio. Ou seja Maio de 2000.

Vestiu-se e saiu de casa. Precisava de outro café antes de ir buscar Alicia Aguado. Comprou o *El País* e foi ao café San Bernardo, pedindo ao balcão um café. Cristina Ferrera ligou dos escritórios da Vega Construcciones dando-lhe os pormenores sobre o proprietário original dos lotes vendidos aos russos. Infelizmente, o homem estava de férias na América do Sul e não voltava antes de Setembro. Também referiu que o contabilista tinha investigado o livro de moradas de Vega e tinha lá encontrado um número dos russos. Um único número para ambos os russos e que era de Vilamoura, no Algarve, em Portugal.

Ele desligou o telefone e tentou ler o jornal, mas, desta vez, em vez da humilhação de uma relação escaldante a percorrendo-lhe a cabeça, encontrou lembranças da noite anterior a virem à superfície. A imagem de Consuelo espalmada sobre ele, com a pequena risca dos seus pêlos púbicos a pairarem por cima da sua cabeça. O seu olhar firme enquanto o ajudava a entrar nela.

As suas palavras: «Quero ver-te dentro de mim.» Céus. A sua garganta estava demasiado apertada para conseguir engolir. A tinta do jornal estava desfocada. Precisou de sacudir-se para se forçar a regressar à vida real, ao café, às pessoas sentadas à sua volta.

O sexo interessava Consuelo. Ela era boa nisso. Quando estava a atingir o orgasmo, tinha soltado uma espécie de gemido grave e felino e, quando se tinha vindo, era com um enorme grunhido de esforço, como um corredor a chegar à linha da meta. Gostava de ficar por cima e quando terminou ajoelhou-se sobre ele, de cabelos soltos, descaídos, alguns dos quais colados ao rosto, a arfar, desligada do mundo, sacudindo os seios a cada respiração. Ele pensava que o sexo com Inés era bom. Pensava que se tinham dado bem na cama. Mas agora compreendia que havia algo de retraído nela, algo que ela continha. Era como se não conseguisse deixar-se ir até ao limite animal do seu ser. Alguma coisa na sua cabeça lhe dizia que não era bem assim que se devia comportar.

Seria verdade? Será isto que a cabeça nos faz quando somos atraídos por outro parceiro? Talvez também fosse isso que Calderón tinha visto. Que com Inés não havia nenhuma daquela diferença de que Isabel Cano falava. Inés é bonita, inteligente e atraente, mas já sabe como é que tudo se vai desenrolar. E foi nesse momento, quando o telemóvel começou a vibrar no seu bolso, que compreendeu que tudo estava terminado. Não era da sua conta. Já não lhe interessava. Estava-se nas tintas sobre Inés ou Calderón ou o que raio lhes acontecesse nas suas vidas miseráveis. Alguma coisa cedeu dentro de si. Tinha uma sensação física de alívio, de quebra de tensão, de cordas que voavam e partiam a chicotear para dentro do escuro da noite. Sorriu e olhou em redor para a indiferença magnífica de todo o café e a seguir atendeu a chamada de Alicia Aguado que lhe estava a perguntar onde raio ele se tinha metido.

\*\*\*

Por não se tratar de uma consulta, cumprimentaram-se com um beijo e ela notou imediatamente nele uma diferença.

- Está feliz – disse ela.
- Umas quantas coisas foram ao seu lugar.
- Fez sexo.

– Não acredito que consiga sentir isso – disse ele. – E de qualquer modo, isto não é uma consulta.

Seguiram de carro para Santa Clara, para o encontro com Pablo Ortega. Quando Falcón tocou à campainha ao lado do portão, não houve resposta, mas notou que a porta de madeira tinha sido deixada aberta. Tossiram por causa do fedor da fossa sobre o qual Falcón a tinha avisado. Aguada segurou no cotovelo de Falcón quando abriram caminho para a cozinha, do outro lado da casa. Não havia sinal de Ortega e passavam das onze da manhã.

– Deve ter ido passear os cães – disse Falcón. – Vamos arranjar um lugar à sombra ao lado da piscina e esperamos por ele.

– Não sei como é que ele consegue viver com este cheiro.

– Não se preocupe, lá dentro não se sente. Ele selou essa zona da casa.

– Ter de atravessar todos os dias isto ia dar comigo em suicida.

– Bem, Pablo Ortega não é um homem feliz.

Fê-la sentar-se à mesa que havia ao lado da piscina e pôs-se a percorrer o rebordo, em direcção à parte mais funda. Subiu para a pequena prancha de saltos e olhou para baixo. Parecia haver um saco poisado no fundo. Descobriu uma vara que estava poisada ao lado da piscina. Tinha uma rede numa extremidade e um gancho na outra.

– O que está a fazer, Javier? – perguntou Alicia, preocupada com esta actividade silenciosa.

– Está um saco no fundo da piscina. Parece uma velha embalagem de fertilizante.

O saco estava pesado. Teve de o empurrar ao longo do fundo até ao rebordo da piscina e depois arrastá-lo até à extremidade pouco funda de onde o puxou para fora. Devia pesar uns trinta quilos. Desfez o nó da embocadura do saco e sobressaltou-se com o seu conteúdo horrendo.

– O que é? – disse Alicia, de pé, desorientada com os sons que ele estava a fazer, em pânico.

– É o *Pavarotti* e a *Callas* – disse Falcón. – Os cães do Ortega. Isto não me está a cheirar bem.

– Alguém lhe afogou os cães? – disse ela.

– Não – disse ele. – Acho que ele afogou os seus próprios cães.

Falcón disse-lhe que ficasse sentada à beira da piscina. Foi até à porta da cozinha, que estava fechada, mas não trancada. Abriu-a, e o cheiro horroroso da fossa estava muito intenso lá dentro. Havia duas garrafas vazias de Torre



Muga na mesa. Ele foi até à sala de estar, onde havia outra garrafa vazia de vinho e a caixa de Cohiba que Ortega lhe tinha apresentado na noite anterior. Sem copo. O cheiro cru a esgoto estava mais intenso e ele compreendeu que o selo para a outra parte da casa tinha sido quebrado. A porta para o *hall* estava aberta e no outro extremo do corredor a porta que dava para o quarto que tinha a fossa rachada, estava entreaberta.

No chão do corredor estava um frasco vazio de Nembutal sem tampa. Empurrou a porta até a abrir. Contra a parede havia tábuas e extensões de plástico que tinham uma grande racha. No chão tinha sido aberto um buraco por operários para que pudessem inspeccionar os estragos. Fragmentos do copo estilhaçado de Ortega estavam espalhados por todo o cimento cru e sobre os tijolos. Também havia um charuto já queimado. Dentro do buraco, mesmo abaixo da superfície do esgoto, estava a sola branca e amarela do pé direito de Pablo Ortega. Falcón ligou do seu telemóvel para a *Jefatura*. Pediu especificamente que notificassem o *juez* Calderón, pois a morte poderia estar relacionada com o caso Vega. Também mandou chamar Cristina Ferrera, mas deu instruções para que Ramírez fosse deixado em paz.

Receu da sala e percorreu o corredor até ao quarto principal. Sobre a colcha cor de vinho macia e intacta da cama estavam duas cartas, uma dirigida a Javier Falcón e a outra a Sebastián Ortega. Ele deixou-as onde estavam e regressou para perto de Alicia Aguado, que continuava sentada à beira da piscina, muito assustada. Disse-lhe que Pablo Ortega parecia ter cometido suicídio.

– Isto é incrível – disse Falcón. – Vi-o a noite passada e estava a caminho de ficar muito bêbedo, mas estava afável, encantador, generoso. Até disse que depois do nosso encontro de hoje me ia mostrar a sua colecção.

– Já tinha tomado uma decisão – disse Alicia, que estava toda fechada sobre si mesma, como se estivesse a gelar de frio com 42o C.

– Raios – disse Falcón para si mesmo –, não consigo evitar de me sentir responsável por isto. Vim agitar as coisas e é...

– Ninguém é responsável por outra pessoa se suicidar – disse Alicia com firmeza. – Ele tem toda uma história que não terá sido alterada, nem particularmente sacudida sequer, só por ter falado durante um par de horas com Javier Falcón.

– Claro, eu sei disso. O que eu quero dizer é que o precipitei pressionando-o de mais.

- Quer dizer que não falou com ele apenas sobre Sebastián?
- Achei que ele tinha informações que podiam ajudar a minha investigação.
- Ele era um dos suspeitos?
- Não propriamente suspeito. Eu notei que o estava a pôr nervoso. As perguntas que lhe estava a fazer, quer fossem sobre o filho dele ou o caso do Rafael Vega, perturbaram-no de algum modo.
- Só por uma questão de interesse do ponto de vista psicológico – disse ela.
- Como é que ele se matou?
- Embebedou-se, tomou comprimidos para dormir e afogou-se na fossa de esgoto rachada.
- Planeou a coisa com bastante cuidado, não planeou? – disse ela. – Afogar os cães...
- Eu perguntei-lhe pelos cães a noite passada – disse Falcón. – Ele disse que estavam a dormir. Provavelmente já os tinha morto.
- Alguma nota de suicídio?
- Duas cartas: uma para mim e outra para o filho. Deixei-as até o *juez de guardia* chegar aqui.
- Ele sabia que você ia ser a primeira pessoa a entrar aqui esta manhã – disse ela. – Nada de surpresas horríveis a não ser para o profissional. O portão e as portas deixados convenientemente abertos. Ele pensou em tudo até ao mais pequeno detalhe, afogando-se na fossa.
- O que quer dizer?
- Julgava que tinha dito que parte da casa estava selada.
- E disse.
- Então ele deu-se ao trabalho de quebrar o selo, porque era psicologicamente importante para ele afogar-se em merda... a sua própria merda – disse ela. – Tenho a certeza de que os comprimidos e o álcool teriam resultado sozinhos.
- O álcool pode provocar vômitos.
- Está bem. Então ele estava também a tentar assegurar-se... mas podia ter usado a piscina. Menos privado, mas suficientemente bom para os cães.
- Apazigúe a minha culpa, Alicia. Dê-me uma teoria – disse ele.
- Como sabe, houve uma sucessão de eventos mesmo antes de você ter começado a vê-lo por causa de Rafael Vega – disse ela. O filho dele foi preso num caso escandaloso por um crime horrendo. Ele próprio foi ostracizado pela sua comunidade ao ponto de ter de sair do seu apartamento e há por

detrás disso uma história que você ainda não conhece. Ele mudou-se para aqui, para um local, que pelos vistos, lhe convém. Uma cidade jardim, uma comunidade abastada, pacífica e sossegada. Mas as coisas não resultaram desse modo. Sentiu-se deslocado e ansiava por se integrar no *barrio*. A casa que comprou surgiu com um problema desagradável e anti-social. A nós isso pode parecer-nos um incómodo dispendioso e irritante, mas para Pablo Ortega isso deve ter correspondido a algum tipo de significado especial. A seguir, o seu vizinho morreu...

– Ele queria saber se o Sr. Vega tinha cometido suicídio.

– Então a coisa estava-lhe mesmo na cabeça – disse Alicia. – Omiti o facto de o filho dele também não o querer ver... outro factor de isolamento. Então, Javier Falcón surgiu em cena, detectando uma injustiça no caso de Sebastián e querendo ajudar. Como sabe por experiência, não se pode ajudar sem agitar as coisas. E o que é que veio à superfície da cabeça de Pablo Ortega? Fosse o que fosse, ele não queria saber. Não achava que valesse a pena manter-se vivo para o descobrir. Então, *não* só não trouxe as coisas à superfície, como até se afundou. Afogou as lembranças nos seus próprios dejectos. Os seus queridos e inocentes cães não tiveram direito ao mesmo tratamento.

Falcón abanou a cabeça, desalentado.

– Você andava a fazer-lhe perguntas sobre o filho, Javier, e disse que o estava a pressionar através da sua investigação. O que é que suspeitava que ele tivesse feito?

– Não quero falar disso agora. Ajudava-me que viesse ao encontro disto de espírito aberto – disse ele. – Mas não me parece que o assunto vá demorar muito tempo.

Uma ambulância estacionou atrás do carro da polícia. Felipe e Jorge apareceram uns minutos depois, juntamente com o *juez de guardia*, Juan Romero. Houve uma rápida reunião sobre a relevância deste suicídio no caso Vega. Calderón chamou por Romero, que lhe transmitiu oralmente o relatório de Falcón. Decidiu-se que seriam considerados separadamente. Cristina Ferrera chegou a tempo de ouvir a decisão.

Falcón ofereceu-lhes uma visita guiada pela casa, passando pelos cães mortos na piscina e o interior da casa. Felipe tirou as fotografias à cena do crime enquanto Jorge inspeccionou os cães e raspou carne dos seus dentes. Ferrera verificou se havia mensagens no telefone e pediu à companhia dos telefones uma listagem das chamadas recebidas e feitas. Foi procurar um

telemóvel.

Os homens da ambulância entraram e chegaram à conclusão que o corpo tinha levado pesos para ficar submerso e que teria de ser içado até ao telhado com uma grua. Foram buscar uma corda e roldana. Felipe e Jorge entraram e puseram em sacos todas as provas antes de se deslocarem para o quarto. O *médico forense* chegou e sentou-se a conversar com Alicia Aguado à beira da piscina enquanto esperava que o corpo fosse içado.

Felipe estendeu a Falcón as cartas por abrir dentro de sacos-prova. Os homens da ambulância foram dando pancadas no telhado até descobrirem uma viga de betão reforçado e começarem a perfurá-la. Falcón levou para a sala as cartas para as ler. Ferrera não tinha encontrado o telemóvel. Ele mandou-a ir falar com os vizinhos para descobrirem quais tinham sido os últimos movimentos de Ortega durante as últimas vinte e quatro horas.

## «PRIVADO E CONFIDENCIAL

27 de Julho de 2002

Caro Javier,

Penso que já terá constatado que o escolhi e peço desculpa se isso o irritou. Você é o profissional e, tal como eu disse, gosto de si, e quero que isto, a cena final do meu acto final, passe em segurança para as suas mãos.

Para o caso de haver alguma dúvida, ou de algum burlão oportunista ter estado no local e mexido na minha tragédia, desejo declarar inequivocamente que tirei a vida a mim próprio. Não se tratou de uma decisão súbita. Não foi de modo nenhum provocada por acontecimentos recentes, mas sim por um acumular de circunstâncias. Cheguei ao fim do meu caminho e encontrei um beco, sem a possibilidade de tornar a recuar nos meus passos e fazer todas as coisas que eu deveria ter feito. Foi um beco com uma só saída e eu escolhi-o com nitidez de visão, mesmo que me tenha faltado a nitidez de espírito.

As minhas razões para ter acabado com a minha vida são as únicas razões que um suicídio pode ter. Sou fraco e sou egoísta. Não cuidei do meu próprio filho. Foi esta a característica de toda a minha família e relações pessoais e aconteceu provavelmente por eu estar roído pela vaidade. A recompensa por isso é a minha solidão. O meu filho está na prisão. A minha família cansou-se de mim. A minha comunidade expulsou-me. A minha profissão segregou-me.

A vaidade, caso não saiba, precisa de um público. A vida dentro da minha bolha tornou-se intolerável. Não tenho ninguém para quem representar e portanto não sou ninguém.

Deve parecer absurdo que alguém com a minha fama e situação confortável tenha escolhido este fim. Sinto-me à beira de uma explicação longa e demorada, mas seria apenas Torre Muga a falar. As minhas desculpas pelo incómodo, Javier. Por favor, entregue ao meu filho Sebastián a outra carta. Espero que o consiga ajudar naquilo em que eu falhei redondamente.

*Con un abrazo,*

Pablo Ortega

P.S.: Nunca lhe cheguei a mostrar a minha colecção. Por favor, aprecie-a à vontade.

P.P.S.: Por favor, informe o meu irmão, Ignacio. O número dele está no livro de moradas da mesa da cozinha.»

Falcón percorreu a carta várias vezes até os seus pensamentos serem interrompidos pelo som de um guincho eléctrico. Manteve-se à porta enquanto o corpo manchado e inchado emergiu do chão. Os maqueiros encapuzados puxaram-no através do buraco e desceram-no até ao cimento. Tinha uma grande pedra achatada amarrada com fita ao peito e outra enfiada nos seus calções azuis. Falcón chamou o *médico forense* e pediu a Felipe que tirasse mais fotografias. Foi sentar-se com Alicia Aguado e leu-lhe a carta de Ortega.

– Acho que ele não estava tão bêbedo como pretendia.

– Havia ali dentro três garrafas vazias de Muga.

– Não estavam dentro dele quando escreveu esta carta – disse ela. – Declarou-se culpado, mas tomou o maior cuidado para eu não reconhecer nada. O facto de negar que o seu suicídio tenha a ver com quaisquer acontecimentos recentes parece ser importante. Ele está em plena negação. Não consegue enfrentar o que quer que seja que venha a ser revelado por esses acontecimentos recentes.

– Os únicos desenvolvimentos recentes de que eu tenho conhecimento são a morte de Rafael Vega e o facto de eu me oferecer para ajudar o filho dele.

Cristina Ferrera regressou após ter falado com os poucos vizi-nhos que

conseguiu encontrar. Ortega tinha passeado os cães na manhã anterior. Saía de carro duas vezes por volta das 11 da manhã e 5 da tarde. Ambas as ausências demoraram cerca de hora e meia.

– Se fosse matar os seus cães, dava-se ao trabalho de os passear? – perguntou Falcón.

– Parece ter sido para cumprir a rotina – disse Ferrera. O vizi-nho dele passeou o seu cão ao mesmo tempo. E mesmo os homens condenados são alimentados e exercitados.

– Matá-los está relacionado com o egoísmo e vaidade que ele próprio reconheceu. Eles eram uma parte dele, só ele os sabia amar – disse Alicia Aguado. – Viu-o ontem de manhã antes de ele sair, Javier. De que é que falaram dessa vez?

– Eu estava interessado na relação dele com Rafael Vega, em como ele o conhecia, se o tinha conhecido através de Raúl Jiménez e se conhecia alguma das pessoas que rodeavam esses homens. Eu tinha uma fotografia dele com algumas pessoas numa festa, que pareceu enervá-lo. Também lhe falei do caso do filho. Depois, fui-me embora, mas... não, não é bem assim. Ele contou-me um sonho recorrente, depois fui-me embora, mas voltei atrás para lhe perguntar uma coisa de que me tinha esquecido e vi-o deixar-se cair de joelhos, no jardim, a soluçar.

Alicia Aguado perguntou-lhe pelo sonho e ele descreveu a visão que Ortega tinha tido de si mesmo num campo com as mãos feridas.

– Li o seu relatório do vosso primeiro encontro – disse Ferrera. – Nessa altura, ele estava bem diferente.

– Sim, era muito mais o *actor*. A maior parte dessa conversa foi representação – disse Falcón. – Ele foi mais sério em conversas posteriores. A tensão estava a crescer.

– A respeito de que é que estava a ser acusatório, Javier? – perguntou Aguado.

– Não quero falar nisso até o ter bem claro na minha cabeça – disse ele. – Sobre isso tenho muito mais trabalho a fazer.

Jorge ligou para Falcón para marcar uma conferência sobre a cena do crime. Estavam convencidos de que era suicídio. Não tinham encontrado nada que os levasse a crer que tivesse acontecido de outra maneira. As impressões digitais de Ortega estavam em todo o lado. Juan Romero perguntou ao *médico forense* a sua opinião.



– A hora da morte situa-se por volta das três da manhã. A causa é afogamento. Havia uma única marca na testa, o que deve ter acontecido quando ele caiu no buraco. O meu veredicto pré-laboratorial é que ele cometeu suicídio.

O *juez* Romero assinou o certificado de *levantamiento del cadáver*. Falcón disse-lhe que iria informar o irmão, como o defunto tinha solicitado. Os paramédicos levaram o corpo, assim como os dos dois cães. Felipe e Jorge foram-se embora. Falcón disse a Ferrera que continuasse com os números de telefone na segunda-feira e deixou-a ir-se embora. Foi à cozinha, encontrou o livro de moradas e ligou do telemóvel para Ignacio Ortega, cujo telefone estava desligado. Disse a Romero que iriam adiar o anúncio da morte de Ortega à imprensa até o irmão ter sido informado. A ambulância e os carros avançaram para a Avenida Kansas City. Um carro-patrulha ficou com um agente, para manter vigilância sobre a casa. O anúncio da morte de Ortega à imprensa poderia suscitar o interesse público. Falcón ofereceu-se para levar Alicia Aguado a casa, mas ela queria ouvir uma descrição da colecção de Ortega mencionada na carta de suicídio.

A colecção, que Ortega tinha deslocado para a sala de estar quando a fossa tinha rebentado, foi distribuída por uma das extremidades da sala, as pequenas peças sobre mesas, os desenhos maiores no chão e os quadros encostados às paredes. Havia uma folha de papel colada a uma mesa antiga da sala onde constava uma lista de todas as peças da colecção com as suas datas de compras e preços. Falcón passou o olhar pelas dezoito peças da lista, chegando ao quadro de Francisco Falcón que tinha visto na sua primeira visita.

– Isto é interessante – disse ele. – Ortega comprou o quadro de Francisco Falcón a 15 de Maio de 2001. Isso foi *depois* de ele ter sido declarado falso. E comprou-o por um quarto de milhão de pesetas.

– Por quanto costumavam ser vendidos?

– Teria de ter pago cerca de dois milhões – disse Falcón. – Foi uma boa compra, porque agora voltaram a subir. Os coleccionadores antiquados queriam ver-se livres de tudo o que tinham de Francisco Falcón quando a notícia rebentou. Mas agora há um mercado diferente para o seu trabalho. Há uma espécie de grupo de gente pós-moderna que tem uma nova opinião sobre o que é a verdadeira arte entre esses, os caçadores de infâmias e os engolidores de crimes de celebridades refizeram o preço.



– Então ele conhecia Francisco, mas só comprou um dos seus quadros depois de ele ter sido desmascarado – disse Aguado. – Isso revela-nos alguma coisa.

Ele falou-lhe do desenho de Picasso representando um centauro e de como Ortega se tinha servido dele.

– Descreva-me a lista – disse ela. – Eu digo-lhe para parar se precisar de mais informação.

– Duas figuras africanas talhadas em ébano, representando rapazes que seguram em lanças, da Costa do Marfim. Uma máscara do Zaire.

– Descreva a máscara, Javier – disse ela. – Os actores são especialistas em máscaras.

– Tem sessenta centímetros de comprimento e vinte de largura. Tem cabelo vermelho, dois olhos rasgados e um nariz comprido. Na boca, pedaços de ossos e lascas de espelho incrustados à laia de dentes. É um objecto bastante aterrador, mas muito bem moldado. Comprado em Nova Iorque em 1966 por cento e cinquenta dólares.

– Parece tratar-se de uma máscara de curandeiro. Continue.

– Os quatro seguintes são figuras de Messien, todas masculinas.

– Odeio estatuetas – disse ela.

– Um espelho, ao comprido e com uma moldura dourada estilo rococó, Paris, 1984, nove mil francos.

– Um modo de ele olhar para si próprio com um halo dourado.

– Uma garrafa romana de vidro, opaca e com as cores do arco-íris. Um conjunto de oito moedas de prata, também romanas. Uma cadeira de talha dourada Luís XV, Londres, 1982, pela qual pagou nove mil libras.

– É suficientemente caro para ser o trono dele.

– Um cavalo, em bronze, em pleno galope – Romano. Uma cabeça de touro – Grega. Um pedaço de cerâmica representando um rapaz a correr – Grego. Uma obra de Manuel Rivera chamada *Anatomí en el Espejo*.

– Anatomia através do espelho? O que é isso?

– Materiais metálicos sobre madeira. Imagem de espelho. Difícil de descrever – disse Falcón. – Também há aqui um quadro de Zobel chamado *Jardim Seco* e uma pintura erótica indiana.

– Que tipo de erotismo?

– Uma imagem bastante clara de um homem com um pénis descomunal a fazer sexo com uma mulher – disse Falcón. – E é tudo.

– Um homem muito complicado, com as suas figuras, máscaras e espelhos – disse ela. – Há alguma indicação de como é que a colecção foi disposta inicialmente?

Falcón olhou para as gavetas da secretária antiga e encontrou uma série de fotografias da colecção, cada uma das quais datada nas costas. Em todas elas Pablo Ortega estava sentado na cadeira Luís XV. Descobriu a foto mais recente, que incluía todas as peças, excepto o quadro erótico indiano e o Zobel. Depois compreendeu que o Zobel estava colocado de modo a Ortega olhar para ele e que o quadro indiano era uma compra tão recente que não tinha sido incluída. Descreveu a situação a Alicia Aguado.

– Parece estar a mostrar-nos a *Bela e o Monstro*. A máscara do Zaire é ambas as coisas. Todas as peças de um dos lados parecem ser a substância da beleza, da nobreza e da magnificência: o centauro de Picasso, a cabeça de touro, o cavalo a galopar, o rapaz a correr. Estou a simplificar, porque há complicações. Centauros também são monstros. De que é que o rapaz está a fugir? Há as moedas e a garrafa bela, mas vazia. E também o quadro de Rivera reflectido no espelho dourado. Não compreendo isso.

– E o outro lado?

– O fraudulento Francisco Falcón. Ortega passou a vida a fingir. As belas estatuetas fechadas em porcelana – o actor nos seus papéis. E a alusão a «sou tão oco como elas.» O espelho é uma coisa rija e reflectora que faz brilhar o seu narcisismo.

– E os rapazes negros de ébano?

– Não sei... guardar os seus segredos ou conservá-los?

– E por que é que está sempre a olhar para o *Jardim Seco*?

– Deve ser a sua visão da morte – bela, mas dissecada – disse ela. – Sabe que não pode utilizar nada disto em tribunal, Javier.

– Não – disse ele, rindo-se perante o absurdo. – Estou só à procura de uma análise. Pablo disse-me que tinha tudo exposto na sua colecção. Que não tinha nada a esconder. Qual é a sua impressão geral?

– É uma colecção muito masculina. A única figura feminina está na pintura erótica indiana. Mesmo as peças não humanas são masculinas: cavalos, touros e centauros. O que aconteceu à sua mulher, a mãe de Sebastián?

– Morreu de cancro, mas – isto é interessante – só depois de se ter ido embora... e neste ponto vou citar directamente o próprio Pablo... só depois de ter fugido para a América com um tipo de pila grande.

– Ai, ai – disse Alicia, suspirando com ironia. – Sarilhos no quarto conjugal. Agora estou a interrogar-me, com todos esses espelhos, máscaras e figuras se o maior papel que ele alguma vez representou não terá sido dele próprio, na sua própria vida, fingindo ser um macho forte, poderoso, de grande potência sexual quando na verdade... não era.

– Talvez seja altura de falarmos com o filho dele – disse Falcón.

## Capítulo 17

*Sábado, 27 de Julho de 2002*

A CAMINHO da prisão, que era fora de Sevilha, em Alcalá, Falcón ligou para o director, que conhecia bem, e explicou a situação. O director estava em casa, mas disse que faria todas as chamadas necessárias. O prisioneiro seria posto à sua disposição à chegada e não havia problema em trazer Alicia Aguado consigo. Deixou bem claro que seria igualmente necessária a presença de um psicólogo de prisão e de uma enfermeira para o caso de Sebastián Ortega precisar de sedativos.

A prisão, que ficava num pedaço de planície desmatada na estrada de Mantequera, oscilava tão violentamente com a ondulação do tremeluzir do calor sobre o chão que às vezes desaparecia completamente do olhar. Conduziram até aos portões exteriores, entre dois gradeamentos de ferro cobertos de redes metálicas, encimados por arame farpado e subiram até ao edifício da prisão, onde estacionaram.

Depois da brutalidade do calor lá de fora, os controlos de segurança nos frescos corredores da instituição foram um alívio. Quando se aproximaram mais da zona em que eram mantidos os prisioneiros, o fedor de homens encarcerados tornou-se mais intenso. O ar estava repleto de mentes aborrecidas curvadas sobre tempo comprimido enquanto voltavam a beber o forte licor hormonal de frustrações engarrafadas. Foram levados para uma sala com uma única janela alta com grades no exterior. Havia nela uma mesa e quatro cadeiras. Sentaram-se. Dez minutos depois o psicólogo de serviço da prisão entrou e apresentou-se.

O psicólogo conhecia Sebastián Ortega e achava-o inofensivo. Explicou que o prisioneiro não era totalmente silencioso, mas que raramente dizia mais do que o estritamente necessário. Uma enfermeira viria ter com eles dentro de instantes e estavam preparados para todas as eventualidades, incluindo violência, apesar de ele não achar que isso se iria proporcionar.

Dois guardas trouxeram Sebastián Ortega e sentaram-no à mesa. Falcón

nunca tinha visto uma foto dele antes deste encontro e por isso não estava preparado para a beleza do homem. Não tinha nenhum dos traços físicos do pai. Era esguio, 1,85 m, com cabelo loiro e olhos cor de tabaco. Tinha os ossos da face subidos e frágeis, o que lhe dava um ar de não poder sobreviver muito tempo à violência da prisão. Movia-se com uma graciosidade lenta e sentou-se poisando as suas mãos artísticas de longos dedos sobre a mesa na sua frente. Com os dedos de uma mão foi polindo unha por unha da outra. A psicóloga da prisão fez as apresentações. Sebastián Ortega não tirou os olhos de Alicia Aguado um só instante e, quando a psicóloga terminou, inclinou-se ligeiramente para a frente.

– Desculpe – disse ele, numa voz aguda, quase feminina –, mas é cega?

– Sou, sim – respondeu ela.

– *Aí está* uma deficiência que eu não me importaria de ter – disse ele.

– Porquê?

– Acreditamos demasiado no que os nossos olhos nos dizem – disse ele. – Levam-nos a enormes decepções.

A psicóloga da prisão, que estava de pé de um lado da mesa, explicou-lhe que Falcón ali tinha vindo dar-lhe uma notícia. Ortega não acusou a presença dele, mas inclinou-se para trás, acenou com a cabeça, e poisou os seus dedos inquietos sobre a mesa.

– Lamento ter de o informar, Sebastián, que o seu pai morreu às três da manhã esta madrugada – disse Falcón. – Tirou a vida a si próprio.

Não houve reacção. Passou mais de um minuto, enquanto o rosto, de bom aspecto, permaneceu imóvel.

– Ouviu o *inspector jefe*? – perguntou a psicóloga.

Sebastián inspirou e abanou a cabeça.

– Ele escreveu-lhe uma carta – disse Falcón, poisando-a sobre a mesa.

A mão de Sebastián saltou da sua pequena tarefa inconsciente, dando uma pancada na carta e atirando-a ao chão. Enquanto esta deslizava sobre as lajes, a tensão subiu no seu corpo – os músculos e tendões sobressaíram-lhe nos pulsos e antebraços. Agarrou no rebordo da mesa como se estivesse a tentar não cair para trás e esta foi sacudida pelo espasmo muscular. A sua cara começou a alterar-se e, com um terrível soluço, empurrou a cadeira que tinha debaixo de si e caiu de joelhos. As suas feições estavam contorcidas de dor, os olhos fechados com toda a força, os dentes arreganhados. Alicia Aguado estendeu as mãos, sentindo o ar à sua frente. O corpo de Sebastián entrou

mais uma vez em convulsão e ele caiu no chão.

Só nesta altura é que algum dos homens na sala reagiu. As cadeiras e mesa foram puxados para fora do caminho e todos se puseram por cima de Sebastián, que se tinha agora posto em posição fetal, agarrando-se a si próprio. A sua cabeça contorcia-se contra o chão polido e pôs-se a tossir com grandes soluços secos de emoção como se tivesse pedaços de pedra-pomes alojados no peito.

A enfermeira ajoelhou-se, abriu o saco e tirou para fora uma seringa. Os guardas debruçaram-se. Alicia rodeou a mesa às apalpadelas e estendeu as mãos para o peito trémulo de Sebastián.

– Não toque nele – disse um dos guardas.

Ela estendeu uma mão, encontrando a parte traseira do pescoço de Sebastián. Acariciou-o, segredou o seu nome. As convulsões foram acalmando. Ele foi soltando as canelas. Até esse instante, os soluços tinham sido secos, mas agora estava a chorar como Falcón nunca tinha visto ninguém chorar antes. Lágrimas e saliva escorriam dele. Tentou levar as mãos à cara para esconder aquele horrível jorro, mas parecia demasiado fraco para isso. Os guardas recuaram, já recompostos, apenas um pouco atrapalhados. A enfermeira voltou a pôr a seringa no saco. A psicóloga avaliou a situação e decidiu deixar seguir.

Ao fim de dez minutos de choro ininterrupto Sebastián levantou-se de joelhos e enterrou a cara nos braços, no chão. As suas costas estremeceram. A psicóloga decidiu que ele devia ser levado de volta à sua cela e receber um sedativo. Os guardas tentaram fazê-lo levantar, mas ele não tinha força nas pernas. Estava incapaz de ser deslocado neste estado e puseram-no no chão, indo buscar uma cadeira de rodas. Falcón recuperou a carta e deu-a à psicóloga. O guarda voltou com um carrinho do hospital da prisão. Sebastián foi levado sobre rodas.

A psicóloga decidiu que era melhor ela ler a carta para ver se o conteúdo iria perturbar ainda mais Sebastián. Falcón podia ver que havia muito poucas palavras na folha.

«Querido Sebastián,  
Lamento mais do que alguma vez possa exprimir. Por favor perdoa-me.  
O teu pai que te ama,  
Pablo»

Falcón e Alicia afastaram-se de carro da planície deslavada da prisão regressando ao calor esmagador da cidade. Alicia Aguado olhou pela janela lá para fora e o terreno sem vida passava à frente dos seus olhos que não viam. Ocorreram perguntas a Falcón, mas ele não as fez. Depois daquela exposição emocional, tudo parecia banal.

– Mesmo depois de todos estes anos – disse Alicia – continuo pasmada com o poder aterrador da mente. Temos esse organismo instalado nas nossas cabeças, o qual, se o deixarmos, pode destruir-nos ao ponto de nunca voltarmos a ser os mesmos... e, no entanto, é nosso, pertence-nos. Não fazemos ideia daquilo que nos assenta sobre os ombros.

Falcón não disse nada. Ela não estava à espera de uma resposta.

– Testemunhámos uma coisa destas – disse ela, agitando a mão na direcção da prisão – e não pudemos imaginar o que se passou na cabeça daquele homem. O que se passou entre ele e o seu pai. Era como se a notícia da morte do pai tivesse ido parar directamente ao âmago do seu ser e o esventrasse fazendo sair todas aquelas emoções inacreditavelmente intensas, incontidas, polarizadas. Ele estava provavelmente muito pouco vivo, em estado de automatismo. Capaz de se enfiar na prisão, na solitária. O seu contacto pessoal é quase zero. Deixou de funcionar como ser humano e, no entanto, a mente continua a procurar um caminho de saída.

– Por que é que pensa que ele está aliviado por estar ali como o seu amigo dizia?

– Suponho que ele chegou ao ponto em que tinha medo do que a sua mente incontrolável poderia fazer.

– Acha que pode falar com ele?

– Bem, ali estava eu no momento de crise do Sebastián – o suicídio do pai dele – e acho que criámos uma ligação. Se as autoridades prisionais me permitirem, estou certa de que o posso ajudar.

– Eu conheço o director da prisão – disse Falcón. – Vou contar-lhe que o seu trabalho seria útil à minha investigação sobre a morte de Vega.

– Mas acha *mesmo* que há uma ligação? – perguntou ela. – Toda esta história com Pablo... posso ouvir a sua cabeça a mastigá-la.

– Eu sei, mas não faço ideia do que é.

\*\*\*



Deixou Alicia Aguado na casa dela e fez mais uma tentativa para contactar Ignacio Ortega, cujo telemóvel continuava desligado. Consuelo ligou para ele e perguntou-lhe se queria que se encontrassem para almoçar na Casa Ricardo, um bar a meio caminho entre o restaurante dela e a casa de Falcón. Decidiu largar o carro em casa e caminhar. Estacionou entre as laranjeiras e foi abrir as portas. Quando estava à procura das chaves uma mulher chamou-o do outro lado da rua. Maddy Krugman tinha acabado de sair de uma loja especializada em azulejos pintados à mão. O seu ar casual não o convenceu de que se tratasse de um encontro fortuito.

– Então é aqui que mora – disse ela, e ficaram entre as duas fileiras de laranjeiras que conduziam às portas de madeira. – A famosa casa.

– A casa infame – disse ele.

– É a minha loja favorita em Sevilha – disse ela. – Acho que vou levar para Nova Iorque comigo todo o *stock* deles.

– Vai partir?

– Não, não imediatamente – respondeu ela. – Mas acabarei por partir. Sabe, todos regressamos ao ponto de partida.

Ele não tinha a certeza do que ela queria dizer ou do que ela sabia. Brincou com a possibilidade de lhe desejar sorte na sua ida à loja e desaparecer para dentro de casa, mas não conseguia arranjar rudeza suficiente para o fazer.

– Gostaria de espreitar por dentro a casa infame? – perguntou ele. – Posso oferecer-lhe uma bebida.

– Mas que gentil da sua parte, *inspector jefe* – disse ela. – Saí para fazer compras. Estou exausta.

Entraram. Ele convidou-a a sentar-se sob as árvores do pátio em frente da fonte com repuxo e foi buscar uma garrafa de La Guita e umas azeitonas. Quando voltou ela estava do outro lado do pátio a espreitar pelas portas de vidro para uns quadros de Sevilha de Francisco Falcón.

– Estes são?...

– São o seu verdadeiro trabalho – disse ele, dando-lhe um copo de *manzanilla*. – Para fazer estes, não precisou de aldrabar. Era melhor do que isto, no entanto. Isto era o seu subconsciente a rebaixá-lo. Se ele se tivesse ficado por aí teria pintado ciganas de seios nus e crianças com olhos de corça a mexerica em laguinhos.

– E quanto à sua obra?

– Não tenho nenhuma.

– Ouvi dizer que era fotógrafo.

– Interessei-me pelo conceito de fotografia como memória – disse ele. – Eu não tinha talento para a arte. E você? Como é que vê isso? Como é que encara fotografar pessoas perturbadas e angustiadas?

– Que treta é que lhe contei antes?

– Não me lembro... provavelmente algo a respeito de capturar o momento – disse Falcón, lembrando-se que, na verdade, essa tinha sido a *sua* treta.

Voltaram até perto da mesa. Ele encostou-se a um pilar. Ela sentou-se, cruzou as pernas e pôs-se a sorver a *manzanilla*.

– Estou a enfatizar – disse ela e Falcón soube que não ia ouvir nada que fizesse para ele diferença. – Quando vejo pessoas assim, lembro-me da prisão da minha própria angústia e da dor que causei ao Marty. Há uma resposta emotiva. Fiquei surpreendida, quando comecei a ver quantos de nós andavam lá fora. As fotos eram de indivíduos, mas assim que se juntam numa sala transformam-se numa tribo. São uma expressão da realidade da condição humana. Merda – por muito que me esforce, soa sempre a paleio de galeria de arte. Não acha? As palavras têm um dom para aplinar as coisas.

Ele acenou com a cabeça, já enfastiado com ela. Interrogou-se sobre o que Calderón teria visto nela, para além das veias azuis sob a camisa branca, fria como mármore. Esta andava a viver a vida como um projecto. Falcón esboçou um bocejo.

– Não me estás a dar ouvidos – disse ela.

Ele voltou-se, dando com ela bastante perto de si, suficientemente perto para ele poder ver os pequenos pontos vermelhos dentro do verde das íris dela. Ela lambeu os lábios, aplicando neles um brilho natural. A sua sexualidade, na qual ela confiava tanto, estremeceu sob a seda da sua blusa desapertada. Moveu a cabeça, com um pequeno estertor, para lhe dizer que a podia beijar agora, enquanto que os seus olhos diziam que isto se poderia transformar em algo de frenético sobre as lajes do pátio, se ele assim quisesse. Ele desviou a cabeça. Estava ligeiramente enojado por ela.

– Eu só estava a *semiouvir* – disse ele –, mas tenho imensas coisas entulhadas na cabeça e vou encontrar-me com uma pessoa para almoçar, por isso devia ir andando.

– Eu também tenho de ir – disse ela. – Preciso de regressar.

As suas mãos tremeram de raiva quando ela pegou no saco de azulejos

pintados à mão. Ele julgou que ela ia atirar-lhos à cabeça, um por um. Havia algo de destruidor na sua natureza. Era como uma criança mimada que seria capaz de partir coisas para que os outros não disfrutassem delas.

O caminho até à porta de entrada foi pontuado pelo som raivoso dos seus saltos no mármore. Manteve-se à sua frente, para que não pudesse ver a sua humilhação enquanto ela reunia os fragmentos do rosto que tinha perdido e os voltava a ordenar com desdém. Ele abriu-lhe a porta, ela apertou-lhe a mão e encaminhou-se para o Hotel Colón.

A Casa Ricardo ficava em Hernán Cortés, na encruzilhada de três ruas. Era um bar que apenas poderia existir em Sevilha, onde o religioso e o secular estão constantemente encostados. Cada centímetro da parede do bar e o pequeno restaurante do fundo estava coberto de imagens emolduradas da Virgem, das irmandades e de toda a parafernália da Semana Santa. Pelo som ambiente ouviam-se marchas de procissão da Semana Santa enquanto as pessoas se encostavam ao balcão bebendo cervejas, comendo azeitonas e presunto.

Consuelo estava à sua espera sentada a uma mesa do fundo, com meia garrafa gelada de *manzanilla*. Deram um beijo na boca como se fossem amantes há meses.

– Pareces tenso – disse ela.

Ele tentou pensar em algo que não fosse em Pablo Ortega, do qual não podia falar.

– São apenas novos dados. Não paramos de descobrir coisas sobre Rafael Vega, que o tornam um homem misterioso.

– Bem, todos sabíamos que ele era um tipo secreto – disse Consuelo. – Uma vez, vi-o sair de casa no seu carro, o Mercedes que tinha antes de comprar o Jaguar. E uma hora depois estava eu na cidade, em frente de um semáforo, e chega um velho Citroën ou Peugeot poeirento e encosta-se ao meu lado e no lugar do condutor estava Rafael. Se fosse com outra pessoa, eu teria batido na janela para dizer olá, mas com Rafael, não sei... não me apetecia intimidades com Rafael.

– Alguma vez lhe falaste sobre isso?

– Primeiro, ele nunca respondia a perguntas directas, por isso, se estava num carro diferente, qual é o mal? Deduzi apenas que era um carro de serviço que ele utilizava para ir aos locais de construção.

– Deves ter razão, não é nada. Chega-se a um ponto em que a mais pequena

coisa tem um significado.

Mandaram vir um *revuelto de bacalao*, umas amêijoas e lagostins, uma tijela brilhante cor de laranja de *salmorejo* e pimentos vermelhos assados salpicados de alho. Consuelo encheu os copos. Falcón acalmou-se.

– Acabo de ter um... confronto com Maddy Krugman.

– Essa puta americana teve a lata de vir à tua casa no teu dia de descanso? – perguntou Consuelo.

– Fez-me uma espera na rua – disse ele. – É a terceira vez. Já apareceu duas vezes quando eu estava na casa dos Vega... oferecendo café, querendo conversar.

– *Joder*, ela anda a perseguir-te.

– Ela tem qualquer coisa de vampiresco, excepto o facto de não se alimentar de sangue.

– Meu Deus, deixaste-a aproximar-se a esse ponto?

– Acho que ela se alimenta daquilo que ela própria não possui – disse Falcón. – A sua conversa está cheia de frases artísticas sobre «ênfatizar» e «resposta emocional» e «a prisão da sua angústia», mas não faz ideia do que isso significa. Por isso, quando vê pessoas que já estão a sofrer, fotografa-as, tenta capturá-las e torná-las suas. Quando eu vivia em Tânger os marroquinos acreditavam que os fotógrafos lhes roubavam as almas. E é isso que Maddy Krugman faz. Ela é sinistra.

– Estás a fazer com que ela pareça a tua suspeita número um.

– Talvez eu a mande para a prisão da sua angústia.

Consuelo puxou-o para si e beijou-o intensamente na boca.

– Por que foi isso?

– Não precisas de saber tudo.

– Eu sou um *inspector jefe*, está na minha natureza.

A comida chegou. Consuelo soltou-o e serviu mais *manzanilla*. Antes de começarem a comer, ele pediu-lhe que viesse para o seu lado da mesa, para que pudessem estar lado a lado.

– Não posso dizer isto aqui dentro muito alto – disse Falcón, roçando o ouvido dela com os lábios –, mas há outra razão para eu estar um pouco tenso. É só que... estou a apaixonar-me por ti.

Ela beijou-o no rosto e segurou-lhe a mão.

– Como sabes?

– Porque quando eu aqui entrei e te vi à minha espera nunca me senti tão

feliz por saber que a cadeira livre era para mim.

– És um tipo porreiro – disse ela. – Podes ficar.

Ele sentou-se para trás, ergueu o copo à frente dela e bebeu.

Escolheram uma garrafa de vinho branco para beber com os mariscos que tinham pedido para depois das entradas.

– Desculpa, esqueci-me – disse ela, revistando na carteira. – Alguém do teu escritório...

– Do meu escritório?

– Deduzi que ele fosse da *Jefatura*. Disse-me que te desse isto...

Estendeu-lhe um envelope.

– Ninguém sabe que eu estou aqui – disse Falcón – a não ser tu. Repete-me o que ele disse.

– Disse: «Suponho que se vai encontrar com o *inspector jefe* Falcón aqui. Por favor, entregue-lhe isto sem falta.» E deu-me esse envelope.

– Era espanhol?

– Sevilhano.

Falcón voltou o envelope nas mãos. Era muito fino. Segurou-o contra a luz e conseguiu ver que continha um único elemento. Sabia que era mais uma ameaça e que não deveria ser aberto em frente de Consuelo. Acenou com a cabeça e meteu-o no bolso.

\*\*\*

Apanhou um táxi para casa e foi directamente para o seu escritório, onde tinha luvas de látex. Serviu-se de uma faca de papel para abrir o envelope e sacudiu para fora uma fotografia que tinha sido dobrada numa única folha de papel.

O corpo nu de Nadia Kouzmikheva estava muito branco com o *flash* da máquina fotográfica. Tinha uma venda e estava amarrada a uma cadeira com os braços dolorosamente amarrados nas costas. Na parede suja atrás de si havia uma única marca de mão da cor da ferrugem e a negro estava escrito: «*El precio de la carne es barato*» «O preço da carne é barato».

## Capítulo 18

*Sábado, 27 de Julho de 2002*

A LUZ DO SOL ainda batia com força nas fendas das persianas de madeira, enquanto ele estava estendido na cama a pensar em Nadia, cego e vulnerável, de cabeça desperta. Tinha ultrapassado a sua reacção inicial de horror e trazido a parte analítica do seu cérebro a suportar o significado daquela última mensagem. Estas ameaças, cada qual pior que a anterior, cada uma a escavar mais fundo na sua vida privada e envolvendo agora Consuelo – qual era a sua finalidade? O carro que o tinha seguido no final do primeiro dia e a fotografia de Inés espetada no seu painel pretendiam inquietá-lo. Eram fortes: podemos segui-lo e não nos importamos que nos veja, podemos entrar na sua casa e sabemos coisas a seu respeito. A ameaça física implícita a Nadia e a inclusão de Consuelo subia a paragem, mas o que é que estava de facto a passar-se? Desistiu de quaisquer possibilidade de dormir e arrastou-se para o chuveiro deixando que a água lhe limpasse a cabeça do vinho que tinha bebido ao almoço. Cada ameaça tinha apenas um aspecto de pressão. Até agora, nenhuma delas tinha tido consequências. Estavam a tentar distraí-lo... mas de quê?

Começou a pensar em Rafael Vega e nos russos. A frase que Vázquez tinha utilizado – facilitando as suas necessidades negociais – tinha-se imiscuído no seu cérebro. Era um percurso mental natural pensar que um homem que tinha tido negócios duvidosos com mafiosos russos e sido encontrado morto tivesse consequentemente sido assassinado como resultado de alguma desavença. Neste caso, no entanto, parecia ilógico. Os russos estavam a obter enormes lucros dos seus negócios com Vega. Por quê matá-lo?

Não havia razão para que Falcón não acreditasse em Vázquez quando disse que não tinha estado envolvido nos negócios imobiliários e não sabia como contactar os russos directamente. Isto iria condizer com o estilo compartimentado de gestão de Vega. A visão que Pablo Ortega tinha dos russos de Santa Clara parecia indicar que Ivanov e Zelenov só visitavam



Vega em casa. O número programado no telefone do seu escritório parecia confirmar que não faziam parte de nenhum assunto empresarial. Isso podia explicar também por que é que o sistema de vigilância tinha sido desligado. Tanto ele como eles não desejariam nenhum registo dessas visitas.

Falcón vestiu-se e foi para o seu escritório, onde tinha deixado tanto o envelope como a fotografia de Nadia num saco-prova. Inclinou-se para trás na cadeira enquanto fúria e frustração faziam efeito nas suas tripas. Nada podia fazer a esse respeito. Voltar a concentrar a investigação no rapto de Nadia seria inútil. Começou a pensar que os russos o queriam distrair das suas investigações sobre a morte de Vega, porque estavam ansiosos por esconder um crime muito mais obscuro do que o possível assassinio do construtor.

Lembrou-se do seu telefonema falhado para Ignacio Ortega e fez outra tentativa. O telemóvel de Ortega continuava desligado e não havia resposta de nenhum dos outros números que tinha tirado da agenda de Pablo. Pegou no bloco de notas e olhou para a lista de coisas que tinha planeado fazer nessa manhã, antes de ter sido apanhado pelo suicídio de Pablo Ortega: entrevista com Marty Krugman.

Marty Krugman estava nos escritórios das Vega Construcciones na Avenida de la Republica de Argentina. Estava a terminar alguns desenhos no computador mais poderoso que ali tinha. Disse que gostaria muito de falar assim que Falcón lá chegasse. Iria assegurar-se de que o porteiro o deixaria entrar. Enquanto falava, Falcón expôs três tópicos para Marty Krugman – 11 de Setembro, russos, esposa.

\*\*\*

A entrada para o edifício das Vega Construcciones ficava entre duas grandes agências imobiliárias que anunciavam os projectos Vega nas suas montras. O porteiro abriu-lhe a porta e enviou-o directamente para o escritório de Marty Krugman.

Marty estava com os pés esticados sobre a secretária. Tinha ténis vermelhos calçados. Apertaram a mão.

– A Maddy contou-me que tiveram ontem uma conversa sobre Reza Sangari – disse Marty.

– É verdade – disse Falcón, compreendendo que a razão pela qual Marty



tinha sido tão solícito em recebê-lo num sábado à noite era por estar furioso com ele.

– Ela também disse que você sugeriu que ela poderá ter tido um caso com Rafael.

– Essas perguntas precisam de ser feitas – disse Falcón. – Eu só estava a perguntar a mim mesmo se ela tinha tido um efeito na estabilidade mental do Sr. Vega.

– Foi uma pergunta ridícula e ofende-me que a tenha feito – disse Marty. – Não faz ideia daquilo por que passámos por causa de Reza Sangari.

– É verdade... razão pela qual eu tinha de lhe fazer a pergunta – disse Falcón. – Não sei nada a seu respeito. Preciso de descobrir e você é compreensivelmente reticente quanto a certos acontecimentos dramáticos nas vossas vidas.

– Está satisfeito? – perguntou ele, recuando ligeiramente.

– De momento... sim.

Marty fez-lhe sinal para que se sentasse do outro lado da secretária.

– A sua mulher disse-me que tinha uma relação bastante importante com o Sr. Vega – disse Falcón.

– Intelectualmente, sim – disse Marty. – Sabe como é. Não tem graça falar com alguém que concorda com tudo aquilo que dizemos.

– Ela disse que ficava espantado por concordarem em tantas coisas.

– Nunca pensei concordar sempre com o tipo de pessoa que achava que Franco tinha razão a respeito dos comunistas: que deviam ser todos postos em fila e abatidos.

– Então em *que é* que concordavam?

– Partilhávamos a mesma opinião sobre o império americano.

– Não sabia que existia tal coisa.

– Chama-se o Mundo – disse Marty. – Não é necessário passar por toda essa treta dispendiosa e consumista de verdadeira colonização. Basta... globalizar.

– Aquela nota que o Sr. Vega tinha na mão, referindo-se ao 11 de Setembro – disse Falcón, interrompendo bruscamente antes que Marty desviasse a conversa. – Pablo Ortega disse-me que o Sr. Vega achava que a América merecia o que lhe aconteceu no 11 de Setembro.

– Tivemos desavenças violentas a esse respeito – disse Marty. – É uma das poucas coisas com que eu me exalto. Dois dos meus amigos trabalhavam para

Kantor Fitzgerald e, tal como uma série de americanos e, especialmente, os nova-iorquinos de várias culturas, eu não vi razão nenhuma para eles ou os outros três mil terem de morrer.

– Mas qual a razão, a seu ver, para *ele* achar isso?

– O império americano não é diferente de outro qualquer. Achamos que a razão de nos termos tornado tão poderosos não foi apenas por termos dominado os meios necessários no momento certo da história para vencer o outro único adversário, mas também porque temos *razão*. Quebrámos toda uma ideologia, não com uma bomba atómica, mas com a mera brutalidade dos números. Forçámos a União Soviética a jogar o nosso jogo e arruinámos-la. E é essa a grande força da ferramenta do nosso império – podemos invadir sem penetrar fisicamente. Podemos comandar tendo o aspecto de uma força do bem. O capitalismo controla uma população dando-lhe a ilusão de liberdade e escolha enquanto a obriga a aderir a um princípio rígido, ao qual só se pode fazer frente pagando o custo da ruína pessoal. Não há nenhuma Gestapo nem câmaras de tortura... é perfeito. Chamamos-lhe «Império Luz».

Falcón começou a contrariar a teoria de Krugman, mas Marty levantou a mão.

– *Paciencia, inspector jefe*, estou quase a chegar lá – disse ele. – São esses os ingredientes básicos do império americano, e, tal como poderá ter verificado, acabo de servir-me daquilo que Rafael entendia ser o maior talento dos americanos – a arte da representação. A verdade, os factos e a realidade são brinquedos nas mãos de um grande apresentador. Por exemplo, como poderemos ser agressivos se não invadirmos? Olhe para a nossa história de defensores do bem contra as forças do mal. Salvámos a Europa dos nazis, o Kuwait de Saddam.

– O Rafael via essa arrogância, a qual, quando combinada com o fundamentalismo cristão e o apoio aos israelitas pela actual administração, se tornou demasiado intensa para os extremistas islâmicos. Ele achava que isto era a Guerra Santa pela qual ambos os lados tinham estado à espera; regressávamos séculos até às Cruzadas, excepto que a arena era agora maior e que as técnicas disponíveis eram mais devastadoras.

– Quando a Al-Qaeda feriu o símbolo do nosso império americano – e Rafael pensava que para acordar 250 milhões de pessoas de um estado de letargia acomodada era preciso um grande estoiro – ele achava que a coisa verdadeiramente terrível para nós era descobrir que a Al-Qaeda nos conhecia

melhor do que nós próprios. Eles tinham compreendido aquilo que faz mover uma sociedade – *a nossa procura de uma apresentação excepcional e a nossa necessidade de provocar impacte*. Ele atribuía imensa importância ao lapso de tempo entre o momento de impacte do primeiro avião e do segundo. Significava que os *media* de todo o Mundo lá estariam.

– Espanta-me que vocês dois não tenham andado ao murro – disse Falcón.

– Acabo de dar um resumo das convicções dele sobre o 11 de Setembro e não das nossas discussões – disse Marty. – Eu deitava imensas ideias para fora e ele respondia-me. Houve dias em que as relações diplomáticas foram totalmente eliminadas. Ele ficou espantado com a minha raiva. Não tinha noção da quantidade de raiva contida que havia na América.

– Pode relacionar algumas dessas coisas com a nota que foi descoberta na mão do Sr. Vega?

– Tenho tentado e não consigo.

– A sua mulher diz que tem a certeza de que ele viveu na América e que gostava disso – disse Falcón. – E, no entanto, tinha essas ideias que irritariam imensos americanos...

– Não são tão diferentes daquilo que a maior parte dos europeus imagina em segredo, *inspector jefe*. É por isso que imensos dos meus conterrâneos acham agora que os europeus são traiçoeiros e invejosos.

– Invejosos?

– Sim, é outro ponto sobre o qual Rafael tinha uma opinião. Dizia que os europeus não *invejam* o modo de vida americano – que a sua sociedade é demasiado agressiva para eles para terem inveja. E que, de qualquer modo, a inveja não inspira ódio. O que eles estão, disse ele, é *com medo* dos americanos e é o medo *que inspira* o ódio.

– De que é que os europeus têm medo?

– Que, com todo o nosso esplendor económico e força política, tenhamos a capacidade de tornar os esforços deles irrelevantes: sabe, o acordo de Quioto, as tarifas comerciais, o Tribunal Penal Internacional...

– E, no entanto, o Sr. Vega era implacavelmente pró-americano.

– Se você for tão anticomunista como ele era, tem de o ser forçosamente – disse Marty. – O caso é que ele não pensava de forma emotiva. Sem dúvida que não aprovava a Al-Qaeda. Apenas a encarava como... a maneira de as coisas aconteceram. Os valentões nos recreios da escola acabam por levar um murro no nariz, que vem sempre da direcção menos provável. Ele também

achava que quando os outros vissem sangue, atacariam. Para Rafael, isto era o começo do fim do império americano.

– Estou espantado que esteja preparado para defender esse discurso – disse Falcón. – A sua mulher não parava de me lembrar que você acha que se trata da maior nação da Terra.

– Isso não me dava vontade de o matar, se é o que está a sugerir, *inspector jefe* – disse Marty, lançando um olhar carregado sob as sobrancelhas. – A única coisa que é necessário fazer é olhar para a história. O Rafael dizia que a América, tal como outros impérios antes deles, haveria de rebentar. Seria inevitável. Mas isso iria passar-se ou através de uma acção suave e selvagem contra algo demasiado pequeno para se tornar visível ou através de um esmagamento do inimigo errado com força excessiva e brio dispendioso. Haveria um enfraquecimento progressivo seguido de um decréscimo do poder económico. É neste ponto que eu acho que ele estava errado, porque a única coisa a que a América prestará sempre atenção é ao dólar. Nunca permitiriam que o que quer que fosse o ameaçasse.

– Estas discussões estendiam-se por muito tempo. A sua mulher disse que duravam até de madrugada.

– E à medida que a garrafa de *brandy* se esvaziava e que a ponta do charuto de Rafael se tornava mais pequena, as suas ideias tornavam-se mais empolgadas – disse Marty. – Ele achava que o império americano ia acabar, não durante as nossas vidas, mas antes do final do século, e que aconteceria uma de duas coisas. Ou os chineses pegariam na deixa para impor uma forma de capitalismo ainda mais voraz sobre o Mundo ou haveria uma reacção contra a decadência capitalista. Neste caso, haveria um império religioso que viria das nações mais populosas da Terra (em vez das nossas nações moribundas de reformados) e que esse mundo seria islâmico.

– Meu Deus – disse Falcón.

– Alá é grande, quer o senhor dizer, *inspector jefe* – disse Marty.

– Vimos pelas fotografias da sua mulher que o Sr. Vega estava a atravessar uma espécie de crise que datava do final do ano passado. Isso foi confirmado pelo médico dele. Houve alguma diferença no modo como as conversas se desenvolveram nessa altura?

– Ele bebia mais – disse Marty. – Às vezes perdia os sentidos durante uns minutos. Lembro-me de uma vez o ter tapado com um cobertor e, quando estava a chegar perto dele, os seus olhos abriram-se e pude ver que estava

muito assustado. Começou a suplicar como se fosse um prisioneiro a pedir para não ser levado para a tortura, até que se lembrou de quem eu era e onde estávamos.

– O Sr. Ortega referiu que ele parecia muito decepcionado pelo conceito americano de lealdade – disse Falcón. – Que eram nossos amigos até já não precisarem de nós. Faz alguma ideia de onde isso veio?

– Dos negócios, suponho eu. Ele nunca falava de coisas específicas. Levava a honra muito a peito. Parecia agir segundo um código rígido, que tinha um ar antiquado perante as normas modernas. Estava desanimado pela crença americana, muito mais prática: a honra é ótima até se começar a perder dinheiro, altura em que tudo vai por água abaixo.

– Parecia mais pessoal do que isso. Ele não seria um homem de negócios tão bem sucedido se não tivesse um código moral mais descontraído no que diz respeito ao dinheiro. Havia um lado negocial no seu arranjo matrimonial. O seu código era tal que, uma vez que tinha dado a sua palavra, não deixaria a mulher devido ao estado mental dela, mas era suficientemente maleável para se casar de modo a começar por deitar mão à propriedade.

– A quem o diz – disse Marty.

Falcón consultou as suas notas.

– Pablo Ortega referiu que ele tinha dito: «assim que paramos de lhes fazer dinheiro ou de lhes dar informações, deixam-nos cair como uns calhaus.»

– Bem, isso parece estranho, como uma espécie de corporação de espões. Dinheiro, informação. Se ele estava metido nisso, não sei onde esperava encontrar dinheiro nesse mundo.

– Ou seria em política? – disse Falcón. – As vossas conversas eram acima de tudo políticas.

– Não consigo imaginar que a política tivesse alguma coisa a ver com a morte dele aqui em Sevilha.

– Sabe alguma coisa sobre os investidores russos dos projectos do Sr. Vega?

– Sei que eles existem, mais nada. Eu sou apenas o arquitecto. Desenho os projectos, resolvo as questões práticas, mas não me encontro com os investidores. Isso passa-se a um nível superior, um nível negocial.

– Estes russos são mafiosos conhecidos e estamos quase certos de que lavam dinheiro através dos projectos do Sr. Vega.

– É possível. É essa a natureza da indústria de construções. Mas não sei

nada sobre isso. Estou do lado criativo.

– Consegue pensar em alguma razão para os russos quererem matar o Sr. Vega?

– Ele andava a aldrabá-los? É normalmente por isso que se é morto pela máfia. Mas isso vai ser difícil de provar.

– Tivemos ameaças – disse Falcón. – Você foi ameaçado?

– Ainda não.

Se Marty Krugman estava nervoso, não o mostrava a Falcón. Os ténis permaneceram sobre a secretária. Estava descontraído.

– Por que é que deixou a América, Sr. Krugman? – perguntou Falcón, passando para a terceira fase do seu interrogatório.

– Já me perguntou isso.

– A sua resposta vai ser diferente, agora que Reza Sangari está bem à vista.

– Então já sabe a resposta.

– Quero ouvi-la da sua boca.

– Decidimos que, se a nossa relação pretendia sobreviver, precisávamos de nos afastar do local onde tinha nascido. Ambos adoramos a Europa. Achámos que uma vida simples em conjunto nos iria aproximar.

– Mas isto não é uma vida simples – grande cidade, trabalho, casa em Santa Clara.

– Tentámos começar por uma pequena casa na Provença. Não resultou.

– E como é que tem sido trabalhar aqui?

– Isso é muito pessoal *inspector jefe* – respondeu Marty. – Mas, se quer saber tem corrido *bem*.

– Tem quase mais vinte anos que a sua mulher? Isso alguma vez levantou problemas?

Marty agitou-se no seu assento, mostrando desconforto pela primeira vez desde o início da conversa.

– A Maddy faz efeito nos homens. Um efeito previsível e aborrecido. A primeira ligação que estabeleci com a Maddy foi aqui em cima... – disse ele, dando pancadinhas na cabeça. – Surpreendi-a e ainda o faço. Pois pode chamar a essa síndrome o que quiser – pai-filha, professor-aluna – a única coisa que sei é que funciona e que continuará a funcionar, porque, ao contrário dos outros tipos, não estou nem nunca estive exclusivamente concentrado na passarinha dela.

– Então, o que aconteceu com Reza Sangari foi... imprevisível – disse



Falcón, sentindo a tensão crescer na sala.

Marty Krugman encostou-se para trás na cadeira com as suas longas mãos artísticas dobradas sobre a barriga lisa. Olhou fixamente para Falcón com os seus olhos escuros e encovados e acenou com a cabeça.

– O senhor é um homem ciumento, Sr. Krugman?

Silêncio.

– Irrita-o que a sua mulher fale com outros homens, se ria com eles e se interesse por eles?

Mais silêncio.

– Houve alguma coisa que o *surpreendesse*, depois de descobrir que a sua mulher o tinha atraído com Reza Sangari?

Marty franziu a testa, procurando na sua memória. Inclinou-se para a frente.

– O que é esse *alguma coisa* de que me está a falar?

– Que você, o intelectual, o animal político, o homem de ideias e pensamentos, pudesse ser... emotivo?

– O que aconteceu entre Maddy e Reza Sangari foi aquilo a que os franceses chamam *coup de foudre*, um raio fulminante que puxou fogo a alguma coisa e se consumiu a si mesmo. Quando alguém matou Reza Sangari, o que quer que tenha acontecido entre ele e Maddy já era apenas fumo, cinzas e brasas. É essa a natureza da paixão, *inspector jefe*. Arde intensamente e depressa e consome-se com demasiada avidez para que apenas o sexo a mantenha satisfeita. Por isso, assim que o sexo segue o seu curso, as chamas da paixão extinguem-se e, se tivermos sorte, sobrevivemos à queda.

– Isso seria verdade se fosse apenas sexo – disse Falcón. – Mas se fosse algo mais...

– Onde é que está a tentar chegar, *inspector jefe*? – disse Marty. – Enfiou as suas garras. Consigo senti-las. Estão a doer. Estão a agitar lembranças que eu preferia deixar morrer. Mas o que é que está a extrair disso?

– O Sr. Vega costumava levar a sua mulher a touradas – disse Falcón, determinado a levar este ponto até ao fim. – Qual a sua sensação perante isso?

– Se duas pessoas inteligentes querem ver um espectáculo de tal modo asqueroso, com o tormento de um estúpido animal, isso é problema deles e que o façam sem mim.



– A sua mulher disse-me que estava espantada por se ter habituado tão depressa à visão do sangue e da violência – disse Falcón. – Ela pressentia um aspecto sexual naquele drama.

Marty abanou a cabeça, incrédulo.

– Poderia descrever o seu casamento como sendo bastante aberto, Sr. Krugman? Com isso, quero dizer que o senhor não parece sentir a necessidade de se apresentar como casal perante a sociedade. Satisfá-lo bastante que a sua mulher passe tempo com o Sr. Vega e outros homens. Ela era independente em Connecticut. Tinha o seu próprio trabalho e a sua liberdade...

– Que «outros homens»? – disse Marty, abrindo as mãos, satisfeito com a troca.

– O *juez* Calderón, por exemplo – disse Falcón.

Marty pestanejou perante a informação. Enquanto o nome deslizava escorreitamente para a cabeça de Krugman, Falcón entendeu que se tratava de uma novidade para ele.

– A Maddy tem energias e buscas diferentes da minha. Pode ficar sentada à beira do rio durante horas a tirar fotografias. É o mundo dela. Também gosta da vida da rua e dos bares em Sevilha. Eu não tenho tempo para isso. Ela gosta da animação e do permanente sentido teatral das pessoas. Eu não sou alguém que por ela possa dar vida a isso. O Rafael gostava de lho mostrar e estou certo de que o juiz também gosta. Não tenho vontade de a impedir de se divertir. Tentá-lo seria destrutivo.

As palavras surgiram como uma declaração previamente preparada para ser utilizada sob pressão.

## Capítulo 19

*Domingo, 28 de Julho de 2002*

DE MANHÃ Falcón foi acordado por uma chamada de Ignacio Ortega, a quem tinha finalmente conseguido contactar na noite anterior, já tarde, e que acabava de chegar a Sevilha. Queria visitar a casa do irmão. Combinaram encontrar-se ao meio-dia.

Falcón e Consuelo tomaram um pequeno-almoço de *huevos rancheros*. Ela ainda estava atordoada ao saber da morte de Pablo Ortega. As notícias locais na rádio falavam do suicídio de Ortega e também de um gigantesco incêndio florestal, que tinha começado na noite anterior e estava agora a arder descontroladamente perto de uma cidade chamada Almonaster la Real na Sierra de Aracena. Consuelo desligou. Não precisava que o seu domingo fosse ainda mais arruinado.

Ao meio-dia, Falcón atravessou a rua, entrou no jardim de Pablo Ortega e abriu a casa. Ligou o ar condicionado, fechou a porta do quarto onde Pablo tinha morrido e entalou uma toalha empapada na sua base numa tentativa de reduzir o horrível fedor. Verificou no frigorífico se havia cerveja.

Ignacio chegou e bateu nas portas de correr. Apertaram as mãos. Parecia mais novo que Pablo, mas não muito mais. Era careca, mas não tinha cometido o erro drástico de tentar colar o cabelo ainda escuro de um lado ao outro da cabeça, apesar de ser provável que isso lhe tivesse ocorrido. Era mais magro e mais encorpado que o irmão, mas não tinha nenhuma espécie de presença. Era o tipo de homem que desapareceria num quarto e Falcón compreendeu porque é que ele tinha pedido ao irmão que viesse às sessões negociais. Precisava urgentemente de pedir emprestado um pouco de carisma.

Ortega pediu desculpa por lhe estragar o domingo, mas tinha sentido a necessidade de ver o local onde o irmão tinha morrido. Falcón disse que iria estar ocupado no dia seguinte e referiu a identificação do corpo e o local onde teria lugar. Combinaram uma hora. Falcón ofereceu-lhe uma bebida e abriram uma garrafa de litro de Cruzcampo que estava no frigorífico. A cerveja

pareceu tornar Ignacio emotivo. Precisou de limpar as lágrimas e pôr-se a olhar para o chão.

– Vocês eram chegados – disse Falcón.

– Ele era o meu único irmão – disse Ignacio –, mas eu não o via muito. Era um homem famoso, que viajava pelo mundo, enquanto que eu vendia e instalava sistemas de ar condicionado. Os nossos caminhos não se cruzavam muitas vezes.

– Deve tê-lo visto mais vezes desde o julgamento de Sebastián. Ele não tem andado a trabalhar tanto e houve este problema com a casa.

– É verdade – disse Ortega, puxando para fora um maço de Ducados e acendendo um. – Ele passou por um mau bocado, mas... eu tentei ajudá-lo no seu problema. Mandeí cá uma pessoa no outro dia. Nem posso acreditar... é tão estranho ele não estar aqui.

– Eu fui visitar Sebastián à prisão ontem – disse Falcón.

Ignacio levantou uns olhos húmidos como se estivesse prestes a obter mais informações.

– Era uma relação difícil – disse ele. – De pai e filho.

– Alguma razão para isso?

– O nosso próprio pai... era um homem muito difícil.

– Em que sentido?

– Tinha tido uma vida dura – disse Ignacio. – Não sabemos o que lhe aconteceu exactamente. Já não restava ninguém para o ajudar senão nós e ele nunca falava sobre nada. A nossa mãe disse-nos que a sua aldeia tinha sido incendiada pelos nacionalistas durante o avanço, na Guerra Civil, e que os mouros fizeram coisas terríveis às pessoas. Na minha opinião e do Pablo, o pior que lhe fizeram foi deixá-lo viver.

– Pablo era o mais velho?

– Os nossos pais casaram-se no ano em que a guerra acabou e Pablo nasceu no ano seguinte.

– E você?

– Eu nasci em 1944 – disse ele.

– Foram tempos difíceis nesta parte do país.

– Não tínhamos nada... tal como ninguém tinha nada. Por isso foi difícil, mas ninguém estava só na sua pobreza. Isso não explicava por que é que o nosso pai era tão bruto connosco. O Pablo aguentava. Dizia que eram aqueles anos a lidar com o nosso pai que tinham feito dele um actor. Não foi uma boa

infância. Pablo dizia que era por isso que não queria ter filhos.

– Mas teve – disse Falcón. – E você?

– Eu tenho dois... agora são crescidos – disse ele.

– Vivem em Sevilha?

– A minha filha é casada e vive na Califórnia. O meu filho... o meu filho ainda aqui anda.

– Ele trabalha consigo?

– Não – disse Ignacio, fechando a boca com força e afastando de si a ideia.

– O que é que ele faz? – perguntou Falcón, mais para ser educado do que querendo intrometer-se.

– Ele compra e vende coisas... não sei exactamente o quê.

– Quer dizer que o vê poucas vezes?

– Ele tem a sua própria vida, os seus amigos. Acho que represento alguma coisa contra a qual ele se quer revoltar... a respeitabilidade ou... não sei.

– Então é a relação de Pablo com Sebastián? Terá sido marcada pelo facto de ele começar por não querer ter filhos?

– Há algum problema? – perguntou Ignacio, levantando a cabeça e estreitando o olhar, desde o seu copo de cerveja.

– Um problema? – disse Falcón.

– Todas essas perguntas... perguntas muito pessoais sobre a família – disse Ignacio. – Haverá alguma dúvida sobre o que aconteceu aqui?

– Não sobre o que aconteceu, mas por quê – disse Falcón. – Estamos interessados no que possa ter espoletado o suicídio do seu irmão. Pode estar ligado a outro caso.

– Que caso é esse?

– Os seus vizinhos do lado.

– Ouvi falar disso. Havia um artigo sobre o assunto no *Diario de Sevilla*.

– Conhecia-o, claro.

– Eu... eu conhecia-o – disse Ignacio, gaguejando como se fosse uma coisa que não queria admitir imediatamente. – E li que havia alguma dúvida a respeito do que tinha acontecido neste caso... mas não vejo mesmo é a ligação à morte de Pablo.

– Pablo também o conhecia... através de si.

– Sim, é verdade, Pablo vinha às vezes comigo a espectáculos nos anos em que eu andava a tentar erguer o meu negócio – disse Ortega. – Então, por que é que pensa que o suicídio de Pablo está ligado à morte de Rafael e Lucía?

– Estou a olhar para isso mais do ponto de vista das coincidências estranhas, nesta situação – disse Falcón. – Três pessoas mortas a poucos dias umas das outras num pequeno *barrio* como este. É estranho. Terá uma coisa desencadeado a outra? Quais foram as pressões sobre Pablo que levaram à sua morte?

– Para começar, posso dizer-lhe que o Pablo era incapaz de matar uma galinha. Um dos abusos do meu pai consistia em forçá-lo a isso.

– Rafael Vega bebeu ou foi forçado a beber um frasco de ácido.

– O Pablo era uma pessoa totalmente não violenta – disse Ignacio.

– Então, o que acha poder ter desencadeado a decisão fatal do seu irmão?

– De certeza que ele deixou uma carta, não? – disse Ignacio.

– O modo como isso aconteceu foi que ele e eu combinámos encontrar-nos aqui ontem de manhã. Ele queria que eu, como profissional, encontrasse o corpo. Houve uma carta a explicar-me isso e uma nota curta para Sebastián.

– Mas nada escrito para mim? – disse Ignacio, estarrecido. – O que é que ele escreveu a Sebastián?

– Que lamentava e pediu perdão – disse Falcón. – Sabe por que é que ele faria uma coisa assim?

Ignacio tossiu, lutando contra um soluço involuntário. Encostou à testa o copo de cerveja como se o estivesse a tentar enterrar no crânio. Largou-o e deixou a cabeça pendurada, olhando para o chão, como se estivesse a pensar numa coisa plausível para dizer.

– Estava provavelmente arrependido de não ter mostrado ao filho amor suficiente – disse Ignacio. – Está tudo ligado ao nosso pai. Acho que aconteceu o mesmo entre mim e o meu filho. Também falhei com ele. O Pablo costumava dizer que o estrago tinha passado de geração em geração e que era difícil quebrar o ciclo.

– O Pablo tinha teorias sobre isto, não tinha?

– Como lia todos aqueles livros e peças, tinha ideias intelectuais sobre o assunto. Dizia que era um traço atávico que os pais tinham de se tornarem irreconhecíveis pelos filhos de modo a manter a força na família ou na tribo. Mostrar amor enfraquecia essa posição, portanto os instintos dos homens serviam para agredir.

– Interessante – disse Falcón. – Mas evita o assunto, que é muito mais pessoal. O suicídio é um assunto pessoal, também, e a maior parte do tempo, no meu trabalho, não faz diferença por que é que aconteceu, mas, neste caso,

quero saber.

– Também eu – disse Ignacio. – Todos sentimos culpa quando uma coisa assim acontece.

– É por isso que as minhas perguntas têm de ser pessoais – disse Falcón. – O que é que me pode dizer a respeito da relação de Pablo com a mulher dele – a mãe de Sebastián? Ele não esteve casado antes, pois não?

– Não, a Glória foi a sua única mulher.

– Quando é que casaram?

– Em 1975.

– Ele tinha trinta e cinco anos.

– Eu disse-lhe que estava a fazê-lo muito tarde – disse Ignacio. – Mas ele tinha uma carreira, havia actrizes. Era um estilo de vida.

– Houve imensas namoradas antes de Glória, então?

A mão de Ignacio raspou contra o rosto, na aspereza dos pelos nascentes. Olhou para Falcón, com um rápido movimento do branco dos olhos. Durou apenas uma fracção de segundo, mas veio somar-se ao mal-estar que Falcón sentia por este homem. Começou a pensar que a razão pela qual Ignacio lá tinha ido não era tanto a de fazer o luto do irmão ou de ajudar Falcón, mas sim descobrir quanto é que se sabia. O facto de Ignacio não ter escrito uma nota ao seu único irmão estava a enervar a cabeça de Falcón.

– Houve umas quantas – disse Ignacio. – Tal como eu disse, os nossos caminhos não se cruzavam muito. Eu era apenas um electricista e ele era um actor famoso.

– Como é que a Glória o convenceu a ter um filho?

– Não convenceu. Apenas engravidou.

– Sabe por que é que ela deixou Pablo?

– Era uma putazinha – disse Ignacio, com alguma maliciosidade nos finos lábios. – Fodia à esquerda e à direita e depois saiu do país com uma pessoa que lhe dava todas as fodas que pretendia.

– Essas observações são suas?

– Minhas, da minha mulher, do Pablo. Quem quer que conhecesse a Glória ficava a saber quem ela era. A minha mulher viu-o no primeiro dia. Era uma mulher que não deveria estar casada e que o provava ao deixar toda a gente... incluindo o Sebastián.

– E o Pablo criou sozinho o filho?

– Bem, ele ausentava-se imenso, por isso uma boa parte do tempo o

Sebastián juntava-se à nossa família.

– Os vossos filhos tinham a mesma idade?

– Eu casei-me cedo. Os nossos filhos tinham oito e dez anos a mais – disse Ignacio.

– Então, depois de a Glória partir, você foi durante uma boa parte do tempo o pai de Sebastián.

Ignacio acenou com a cabeça, bebeu um pouco de cerveja e acendeu outro cigarro.

– Isso foi há vinte anos – disse Falcón. – Então e as relações de Pablo durante esse período?

– Eu costumava vê-lo na revista *Hola!* com mulheres, mas nunca encontrámos nenhuma delas. Depois da Glória só o víamos sozinho – disse Ignacio. – Anda a fazer imensas perguntas sobre relações, *inspector jefe*.

– As relações falhadas podem tornar as pessoas suicidas, tal como o pode fazer, por exemplo, a possibilidade de um vexame público.

– Ou a ruína económica – disse Ignacio, apontando para a sala com a fossa rachada. – Ou o final de uma grande carreira. Ou a acumulação de todas essas coisas num homem prestes a enfrentar a reforma, talvez a doença, e certamente a morte.

– Espanta-o que ele se tenha suicidado?

– Espanta, sim. Ele recentemente tinha sofrido muito com o julgamento do filho, a mudança de casa, o problema de construção aqui e o declínio da sua carreira, mas andava a enfrentar tudo isso. Era uma pessoa mentalmente forte. Não teria sobrevivido às sovas do meu pai se não tivesse reservas. Não consigo imaginar o que o poderia ter levado a uma acção tão drástica.

– Esta é uma pergunta difícil – disse Falcón – mas teve alguma razão para pôr em dúvida a orientação sexual do seu irmão?

– Não, não tive – disse ele, num tom nu e cru.

– Parece muito seguro de si.

– Tanto quanto eu possa ter a certeza – disse Ignacio. – E lembre-se de que ele era uma figura pública com fotógrafos a persegui-lo. Teriam adorado dizer ao mundo que Pablo Ortega era um *maricón*.

– Mas se uma coisa dessas estava prestes a ser revelada, acha que ele poderia ter sido afectado? Teria sido suficiente para ele rebentar, tendo em conta os outros problemas que ele tinha?

– Ainda não me disse como é que ele o fez.



Falcón deu-lhe alguns pormenores sórdidos. O corpo de Ignacio estremeceu de emoção. Ficou feio de desgosto. Enterrou o rosto nas mãos, com o cigarro a arder na extremidade dos dedos.

– Alguma vez o Pablo lhe mostrou a sua colecção de arte? – perguntou Falcón, para o descontrair e tirar da sua tensão.

– Mostrou-ma, mas não tinha lá muita noção dessas coisas supostamente artísticas em que estava metido.

– Alguma vez viu esta obra? – perguntou Falcón, tirando para fora o quadro erótico indiano que estava atrás da paisagem de Francisco Falcón.

– Ufa! – disse Ignacio, admirativo. – Talvez seja um acaso... Mas *isto* não lhe prova alguma coisa, *inspector jefe*?

– É o único quadro em que surge uma mulher – disse Falcón, achando que estava a ir pelo caminho errado. As coisas não iam funcionar com Ignacio Ortega.

– O quadro que está à frente dele – disse Ignacio, olhando em torno das suas pernas – tem o seu nome escrito – Falcón.

Qualquer coisa se acendeu na cabeça de Ignacio e Falcón entendeu com desânimo que tinha talvez arruinado todo o interrogatório. Todos conheciam a história de Francisco Falcón.

– Ora bem, o Pablo falou-me *dessa* história – disse Ignacio. – Ele conhecia Francisco Falcón pessoalmente... e o caso é que *esse* se revelou ser um *maricón*. E o senhor é o *inspector jefe*, que, se bem me lembro, era filho dele.

– Não, ele não era meu pai.

– Agora compreendo. É por isso que pensa que o Pablo é um *maricón*, não é? Porque o seu pai também era. Acha que eles eram...

– Ele não era meu pai e não penso nada disso. É uma teoria.

– É uma treta. A seguir, vai dizer-me que o Rafael também era e que eles estavam a ter uma «relação» e que ele não aguentava...

– Está espantado que o Pablo não lhe deixasse uma carta? – perguntou Falcón, tentando travar a situação e querendo picar Ignacio ao mesmo tempo.

– Estou sim... estou.

– Quando é que falaram pela última vez?

– Mesmo antes de eu partir de férias – disse ele. – Eu queria saber se ele tinha feito algum progresso na fossa e eu tinha pensado numa pessoa que poderia abordar o problema de outra maneira.

– Quando demos ao Sebastián a carta do pai, ele atirou com ela para fora da

mesa, como se não quisesse saber. A seguir, desatou a chorar muito e foi preciso levarem-no de volta para a sua cela numa cadeira de rodas – disse Falcón. – Você que foi um pai para ele, como me contou, pode explicar-me alguma coisa a esse respeito? Ele parece ter desprezo pelo Pablo e no entanto foi arrasado pela sua morte.

– Não posso dizer-lhe mais nada do que aquilo que já disse – afirmou Ignacio. – Só sei que o Sebastián era um rapaz muito complicado. Não ajudou o facto de a mãe o deixar. Não devia ser bom para o pai ter estado tanto tempo afastado. Não estou qualificado para explicar esse tipo de reacção.

– Já o foi ver à cadeia?

– O Pablo disse que ele não recebia ninguém. Mandeí a minha mulher à prisão na esperança de que conseguisse falar com ele, mas ele também se recusou a vê-la.

– E antes de ter sido mandado para a prisão? Era um jovem que não precisava que tomassem conta dele quando Pablo estava fora. Foi vê-lo nessa altura?

– Vimo-lo. Às vezes vinha almoçar quando andava nas *Bellas Artes*... antes de desistir.

– Por que é que ele desistiu?

– Foi uma pena. O Pablo dizia que ele era muito bom. Não houve nenhuma razão aparente. Apenas perdeu interesse no assunto.

– Quando é que Glória morreu?

– Por volta de 1995 ou 1996.

– Foi nessa altura que o Sebastián parou o curso de arte? Devia ter uns vinte anos.

– É verdade. Tinha-me esquecido disso. Ele ia vê-la todos os anos desde os dezasseis. Ia todos os anos aos Estados Unidos.

– Ele era parecido com ela, não era? Mais com ela do que com o Pablo.

Ignacio encolheu os ombros, um pequeno estremecer, como se uma mosca o estivesse a incomodar. Falcón podia ver as perguntas a formarem-se na cabeça do homem.

– Na carta que ele lhe escreveu, *inspector jefe*, o Pablo fez referência a mim?

– Pôs no final uma nota pedindo que você fosse informado – disse Falcón.

– Ele poderia ter-lhe enviado alguma coisa por correio. Se o tiver feito,

interessava-nos muito ver isso.

Ignacio, que tinha estado sentado durante todo o interrogatório no rebordo da cadeira, encostou-se para trás no assento.

– Suponho que ele também poderia ter mandado alguma coisa por correio para o advogado dele – disse Falcón. – Sabe qual é o advogado que está a tratar do testamento?

Ignacio, perante esta pergunta, tornou a inclinar-se para a frente.

– Ranz Costa – disse ele, a pensar noutra coisa. – Foi Ranz Costa que fez a escritura das posses dele, por isso tenho a certeza que tem o testamento.

– Suponho que ele esteja de folga?

– Também é meu advogado. Não vai de férias senão em Agosto – disse Ignacio, levantando-se, poisando a cerveja, esmagando o cigarro. – Importa-se que eu dê por aí uma olhadela? Só para ver a casa do meu irmão e as coisas dele.

– A sala em que ele morreu continua oficialmente a ser uma cena do crime, por isso é melhor não entrar lá – disse Falcón.

– Ignacio foi para dentro da casa. Falcón esperou e entrou no corredor. Ignacio estava no quarto. A porta estava ligeiramente aberta. Ignacio estava a revistar o quarto desvairadamente. Foi ver debaixo da cama. Levantou o colchão. Perscrutou o quarto, de boca fechada, de olhos penetrantes. Passou em revista as roupas do guarda-fato, verificou os bolsos. Falcón recuou no corredor e voltou ao seu assento.

Saíram pouco depois da casa. Falcón olhou para cima e ficou a ver o Mercedes prateado de Ignacio desaparecer no calor. Voltou para perto de Consuelo, que abriu a porta com a revista de domingo do *El Mundo* segura entre os dedos. Foram para a sala de estar onde ambos se deixaram cair sobre o sofá.

– Como é que o Ignacio está a receber a coisa? – perguntou ela.

– Conheces o Ignacio Ortega?

– Conheci-o em sessões da indústria de construções do Raúl. Passei mais tempo com a mulher dele do que com ele. Ele é um *self-made man* bastante desinteressante e sem uma pitada de cultura. Perante o talento e a capacidade intelectual de Pablo... quase custa a acreditar que sejam irmãos.

– Sabes alguma coisa sobre o filho dele?

– Sei que se chama Salvador e que é agarrado à heroína. Vive algures em Sevilha.

- Ah, é mais do que o Ignacio se dispôs a dizer-me.
- É isso que se descobre quando se fala com a mulher.
- Como é que ele trata a mulher?
- Não é aquilo a que se chama um «homem moderno». É da geração machista. A mulher faz o que lhe mandam – disse Consuelo. – Tinha medo dele. Se estivéssemos a falar e ele viesse ter connosco, calava-se.
- De qualquer modo, é domingo – disse Falcón, fazendo um gesto demissionário. – Vamos tentar esquecer isso durante o resto do dia.
- Bem, estou contente por teres voltado – disse ela. – Estava prestes a cair numa depressão domingueira. Interrompeste a minha leitura sobre a Rússia. Não, não é bem verdade. Liguei as notícias para tentar parar de pensar na Rússia e dei comigo a olhar para o fogo florestal, o que não ajudou. O ruído. Nunca antes tinha ouvido o fogo, Javier. Era como um animal a irromper por entre os bosques.
- O fogo na Sierra de Aracena?
- Já destruiu 2500 hectares e o vento continua a soprar na zona – disse ela.
- Os bombeiros dizem que foi fogo posto. Gostava de saber o que é que deu nas pessoas.
- Fala-me da Rússia. Estou interessado na Rússia.
- É mais uma questão de estatística.
- São o pior das notícias – disse Falcón. – Acho que os redactores têm um lema: «Se não houver reportagem, dêem-lhes uma estatística.» – Sabem que a nossa imaginação irá fazer o resto.
- Estas são as estatísticas russas – disse ela, a ler: «O número de partos ilegítimos duplicou entre 1970 e 1995. Isto significa que em 1997 vinte e cinco por cento dos nascimentos eram ilegítimos. A maior parte dos filhos ilegítimos foram filhos de mães solteiras que não conseguiam manter-se vivas e tomar conta de uma criança ao mesmo tempo por isso abandonavam-nos. Em Dezembro de 2000 a Igreja Ortodoxa calculou que havia entre dois e cinco milhões de crianças vagabundas na Rússia.»
- Está bem, está bem, a tua obsessão por crianças – disse Falcón. – Dois a cinco milhões.
- E agora a única estatística decente. A taxa de fertilidade na Rússia é quase a mais pequena do Mundo. Quase. E foi nessa altura que compreendi por que é que este artigo foi escrito num jornal espanhol, porque o único país com uma taxa de fertilidade inferior à Rússia é...

- A Espanha – disse Falcón.
- Foi por isso que o teu *timing* foi perfeito – disse Consuelo. – Eu tinha acabado de começar com esses pensamentos de domingo, de que o mundo inteiro anda errado.
- Eu tenho uma solução temporária para a crise mundial.
- Conta-me.
- *Manzanilla*. Um mergulho. *Paella*. *Rosé*. E uma longa *siesta* que dure até segunda-feira.

\*\*\*

Acordou a meio da noite perturbado por um sonho agitado. Estava a avançar por um caminho num bosque denso. A caminho vinham duas crianças, um rapaz e uma rapariga, de cerca de doze anos e que ele sabia serem irmão e irmã. A caminhar entre os dois vinha um pássaro totémico portador de uma máscara assustadora. Quando se juntaram, o pássaro explicou: – Preciso destas duas vidas. – O olhar nos rostos das crianças era de um medo insustentável e ele sentiu-se impotente para ajudar. Pensou que tinha acordado até que compreendeu que a televisão estava acesa lá em baixo. Havia vozes a falar em americano. Consuelo ainda estava a dormir ao seu lado.

A luz da televisão pulsava no escuro quando entrou na sala. Apagou-a com o comando. Estava calor e notou que a porta de correr que dava para a piscina estava aberta, cerca de meio metro.

Apagou a luz. Consuelo desceu as escadas ainda meio adormecida.

– O que foi?

– A televisão estava ligada – disse Falcón. – Deixámos esta porta aberta?

Consuelo acordou de repente, abrindo bem os olhos. Apontou e soltou um grito como se houvesse uma coisa má na sala.

Ele seguiu o seu dedo. Poisado sobre a mesa de café estava uma fotografia de grupo das crianças dela. Alguém tinha desenhado uma grande cruz vermelha sobre o vidro.

## Capítulo 20

*Segunda-feira, 29 de Julho de 2002*

ENQUANTO FALCÓN seguia caminho para a *Jefatura*, ouviu nas notícias que o fogo continuava a arder em Almonaster la Real. Ventos de cinquenta quilómetros por hora de intensidade não facilitavam nada a tarefa dos bombeiros que tinham de deixar arder em vez de salvar a floresta activamente.

Foi direito ao escritório do seu chefe directo, o *comisario* Elvira, cuja secretária o mandou entrar. Elvira sentou-se à secretária. Era um homem pequeno e apumado com um bigode fininho e cabelo preto, que mantinha penteado para um dos lados, com a mesma precisão exacta que a do primeiro-ministro. Era um animal totalmente diferente do seu antecessor, Andrés Lobo, que parecia ter uma maior compreensão do ponto de origem de onde vinham os homens. Elvira era um homem que mantinha os lápis direitos.

Falcón fez um relatório verbal do trabalho do seu fim-de-semana e pediu alguma protecção policial discreta aos filhos de Consuelo Jiménez, que estavam na costa perto de Marbella com a irmã dela.

– Esteve a noite passada com a Sr.a Jiménez? – perguntou Elvira.

Falcón gaguejou. Não havia na *Jefatura* nada de sagrado.

– Esta não é a primeira ameaça desde o início da investigação Vega – disse Falcón, evasivo neste ponto. – Encontrei-me para almoçar com ela no sábado e ela disse-me que uma pessoa da *Jefatura* lhe tinha dado um envelope para mim. Esta fotografia estava dentro dele.

Elvira puxou a si o saco-prova e inspeccionou Nadia amarrada à cadeira.

– Esta mulher ucraniana desapareceu depois de nos ter ajudado nas nossas investigações – disse Falcón.

– Mais alguma coisa?

– No primeiro dia, um carro com matrículas roubadas seguiu-me até à minha casa. No segundo dia, encontrei uma foto da minha ex-mulher presa no painel por cima da secretária da minha casa, com um alfinete espetado na

garganta.

– Estes russos são pessoas que parecem conhecer a sua situação, *inspector jefe* – disse Elvira. – O que é que vai fazer a respeito dessas ameaças?

– Penso que o intuito das ameaças é pressionar-me directamente – disse Falcón. – Se tivesse havido uma ameaça inicial que se tivesse desenvolvido, eu estaria mais preocupado, mas cada uma foi diferente e explícita para a minha situação. Andam a tentar distrair-me do meu objectivo e a tentar fazer com que a minha atenção se volte a desviar da investigação Vega.

– Então não está tentado a utilizar nenhuns dos seus recursos?

– Se quer dizer que eu vá assumir a responsabilidade por manter os meus pequenos recursos no caso Vega, então, sim, estou.

– Apenas por uma questão de curiosidade, eliminou a Sr.a Jiménez da sua investigação?

– Não temos nem suspeito, nem testemunha, nem motivo.

– E outra coisa... Pablo Ortega – soube que levou lá uma psicóloga na intenção de ajudar o filho dele. Ela também o acompanhou à prisão. Há alguma ligação entre este caso e as mortes dos Vega?

Silêncio. Falcón agitou-se na cadeira.

– *Inspector jefe*?

– Não sei.

– Mas acha que há um... qualquer coisa?

– É preciso mais trabalho – disse Falcón –, o que significa mais tempo.

– Temos confiança nas nossas habilidades e apoiamo-lo nas suas manobras – disse Elvira – desde que não faça nada em descrédito da corporação. Vou ligar para a *Jefatura* em Málaga e arranjar um agente que fique de olho na irmã da Sr.a Jiménez e nas crianças.

\*\*\*

Falcón voltou para o seu escritório com um dos comentários de Elvira a infernizar-lhe a cabeça. «Estes russos conhecem a tua situação. Conhecem. Como é que a conhecem?»

– Encontrei o telemóvel de Pablo Ortega? – perguntou Falcón a Cristina Ferrera, ao passar pelo seu escritório.

– Estou agora a trabalhar sobre os números – disse ela. – Ele parecia ter usado o telefone fixo só para receber chamadas. Escolhia sempre o telemóvel



para ser ele a ligar.

– Quero saber a quem ele falou durante as horas antes de morrer – disse ele.

– E quanto à chave que encontraram no congelador de Vega? – perguntou Ramírez.

– Ela pode trabalhar nisso depois – disse Falcón. – E quanto à identidade de Vega?

– Está a demorar. Recuaram até onde puderam com o computador. Agora estão a consultar registos escritos.

– E os argentinos? – perguntou Falcón, ao marcar o número de Carlos Vázquez.

– Estão com pouco pessoal por causa das férias – disse Ramírez, entrando no escritório de Falcón. – Mandaram as indicações para Buenos Aires.

Falcón mostrou-lhe a fotografia de Nadia Kouzmikheva. Ramírez bateu na parede de lado com o punho.

– Alguém estendeu isto num envelope a Consuelo Jiménez num bar. Pediram-lhe que mo desse – disse Falcón e levantou um dedo para os mandar calar. – Tenho uma pergunta sobre os carros da empresa Vega – disse ele para o telefone.

– Não havia nenhum – disse Vázquez. – Rafael tinha uma política de não haver carros de empresa. Todos usavam o seu, apresentando as despesas.

– Mas devia haver carros que o pessoal da companhia usava para certos trabalhos?

– Não. As Vega Construcciones *tinham tido* imensos veículos e equipamento, mas acabaram por ser demasiado dispendiosos de manter. Por isso, há alguns anos, Rafael reduziu tudo ao equipamento básico necessário, livrou-se de todos os veículos e começou a alugar o que fosse necessário. Engenheiros de empreitada, arquitectos – todos usavam os seus próprios veículos.

– O Sr. Vega tinha o seu próprio carro velho para o poder esmurrar nos locais de construção?

– Que eu saiba, não.

Falcón desligou.

– Consuelo Jiménez – disse Ramírez, sorrindo.

– Não comeces, José Luis – disse Falcón, passando uma chamada para a Vega Construcciones.

– Por que é que a Cristina está a trabalhar sobre o Pablo Ortega depois de sabermos o que lhe aconteceu? – disse Ramírez.

– Chama-lhe instinto – disse Falcón. – O que eu quero que me contes é quem é que na *Jefatura* possa andar a falar de mim aos russos.

Perguntou pelo supervisor do edifício, que confirmou que não se guardavam no parque de estacionamento nenhuns carros, a não ser os pessoais dos empregados, e que o Sr. Vega só tinha um carro, que costumava ser um Mercedes, mas tinha passado a ter um Jaguar. Desligou e contou a Ramírez as ameaças que lhe tinham feito até agora durante a investigação, assim como o comentário de Elvira.

– Por que é que há-de ser alguém da *Jefatura*? Foste seguido desde o primeiro dia. Qualquer um pode estar a vigiar as chamadas do teu telemóvel. Toda a gente em Sevilha conhece a tua história. Falcón e Ramírez começaram a ligar para os parques de estacionamento de Sevilha a perguntar se Rafael Vega ou Emilio Cruz tinham conta aberta em algum deles. Meia hora depois, o parque de estacionamento por baixo da Plaza de Armas, na Calle Marqués de Paradas, confirmou que Rafael Vega tinha uma conta anual que costumava pagar em dinheiro.

Partiu com Ramírez, que mudou a sintonia do rádio das notícias e de uma série de entrevistas com pessoas da zona que falavam sobre o fogo na floresta que estava a arder à volta de Amonaster la Real. A voz queixosa de Alejandro Sanz invadiu o carro.

– Alguma notícia da tua filha, José Luis? – perguntou Falcón.

– Vai demorar mais do que eles pensavam – disse ele e mudou de assunto.  
– Este parque de estacionamento é perfeito para sair rapidamente da cidade.

– E sem ser visto por ninguém – disse Falcón. – A não ser que se seja apanhado pelos semáforos em Torneo.

– Então, como é que soubeste do carro?

– A Consuelo viu-o uma vez a conduzi-lo fora da cidade – disse Falcón. – Conheces um advogado chamado Ranz Costa?

– Não é um dos advogados criminais habituais.

– Vê se consegues um encontro com ele mais tarde, esta manhã – disse Falcón. – Ele é o advogado de Pablo Ortega.

Ramírez marcou os números no seu telemóvel. Ranz Costa tinha um escritório em Triana, do outro lado do rio. Disse que os podia encaixar no seu horário durante cinco ou dez minutos a qualquer hora daquela manhã.

Estacionaram na Calle Marqués de Paradas, pegaram numas luvas de látex e num molho de sacos-prova e desceram a rampa até ao parque de estacionamento subterrâneo. O supervisor levou-os ao carro, que era um velho Peugeot 505 azul a diesel. A placa de matrícula traseira estava quase ilegível por causa da acumulação de pó.

– Ele usava esta estrada secundária – disse Ramírez, sacudindo as luvas. – O Felipe pode analisar este pó, não pode?

– Tem uma chave para isto? – perguntou Falcón ao supervisor, que abanou a cabeça, mastigando um palito.

– Quer entrar no carro? – perguntou ele.

– Não – disse Ramírez –, ele quer tirar o cadeado do seu cérebro, para ver de onde vem esse ruído flutuante.

– Ele não morde – disse Falcón – a não ser que você faça movimentos bruscos.

O supervisor afastou de Ramírez o seu rosto nada impressionado e assobiou. Surgiram dois rapazes de calções e ténis e nada mais. O supervisor disse-lhes que abrissem o carro. Um puxou de uma chave de parafusos e o outro desenrolou um pedaço de arame que tinha no bolso. O miúdo com a chave de parafusos entalou-a na porta levantando o canto, o miúdo com o arame fez abrir a fechadura. Demorou dois segundos.

– Gosto de um pouco de requinte – disse Ramírez, dobrando as mãos enluvadas. – Nada dessas merdas de chaves mestras.

– O Sr. Vega pedia-lhe que lavasse o carro?

O supervisor, um especialista dos pequenos talentos da vida, fez passar o palito de um lado da boca para o outro, como resposta.

O interior do carro estava coberto por uma fina camada de pó, incluindo os assentos do passageiro e traseiros, o que mostrava que Vega viajava sozinho quando usava este carro. Havia documentos no porta-luvas, duas chaves de porta num anel sem emblema no cinzeiro, e um único cartão de um *hostal-residencia* numa aldeia chamada Fuenteheridos no distrito de Aracena.

Fecharam o carro, disseram ao supervisor que não lhe tocasse e que mandariam um reboque vir buscá-lo. Ramírez varreu algum pó do guardalamas para dentro de um saco-prova. Quando regressavam para o carro de Falcón, Cristina Ferrera ligou para dizer que Pablo Ortega tinha feito quatro chamadas para o exterior na sexta-feira antes do seu suicídio. As duas primeiras chamadas tinham durado trinta segundos cada e eram para um

construtor e para uma pessoa chamada Marciano Ruiz. A terceira era uma chamada de doze minutos para Ignacio Ortega. A última era para Ranz Costa e tinha durado dois minutos.

Ramírez ligou para o construtor que disse que Ortega tinha ligado para cancelar a reunião deles. Falcón conhecia o director de teatro Marciano Ruiz, por isso telefonou-lhe quando estavam a ir para o escritório de Ranz Costa. Ortega tinha deixado uma mensagem obscena no seu atendedor de chamadas.

– Então, qual é a ligação entre o suicídio de Pablo Ortega e a morte de Vega? – perguntou Ramírez.

– No papel, nada, a não ser que se conheciam e que eram vizi-nhos.

– Mas sentes nas tripas uma coisa diferente?

Foram convidados a entrar no escritório de Ranz Costa. Era um homem com o aspecto de um grande urso, que, mesmo com o ar condicionado forte, suava abundantemente.

– O senhor recebeu uma chamada de Pablo Ortega na sexta-feira à noite – disse Falcón. – Qual era o assunto?

– Ele queria agradecer-me por ter alterado o seu testamento e pela cópia que eu lhe tinha enviado nessa tarde em entrega expressa.

– Quando é que ele lhe deu instruções para reescrever o testamento?

– Na quinta-feira de manhã – disse Ranz Costa. – Agora compreendo a urgência em obter o documento.

– Já falou hoje com Ignacio Ortega?

– Na verdade, ele ligou-me na noite passada. Queria saber se o irmão dele me tinha escrito uma carta. Eu disse que todos os contactos tinham sido por telefone ou pessoalmente.

– Ele fez-lhe perguntas sobre o conteúdo do testamento?

– Comecei por contar-lhe que o seu irmão tinha alterado o testamento, mas ele parecia já saber isso. Não parecia preocupado com o assunto.

– As alterações beneficiavam-no de algum modo?

– Não – disse Ranz Costa, mudando o peso para cima da outra nádega, pois a confidencialidade do cliente estava a ser infringida.

– Sabe qual é a próxima pergunta – disse Ramírez.

– As propriedades constando no testamento eram mudadas para a nova casa em Santa Clara e Ignacio deixava de ser um dos beneficiários.

– Quem são os beneficiários?

– Sobretudo Sebastián, que irá agora receber tudo, excepto duas quantias

líquidas a ser entregues aos filhos de Ignacio.

– O que é que sabe sobre Salvador, o filho de Ignacio? – perguntou Falcón.

– Para além de se tratar de um viciado em heroína que vive em Sevilha.

– Tem trinta e quatro anos. A última morada dele que eu tenho é no Polígono San Pablo. Tive de constituir por duas vezes defesa por ele em casos de acusação de tráfico de drogas. Sobreviveu à primeira e consegui-lhe uma sentença reduzida pela segunda, que lhe deu quatro anos de prisão. Foi libertado há dois anos e, desde então, não tornei a saber dele.

– O Ignacio e o Salvador falam um com o outro?

– Não, mas o Pablo e o Salvador falavam.

– Uma última pergunta sobre o testamento e depois vamos deixá-lo em paz – disse Falcón. – Ignacio era um homem rico e duvido que esperasse receber algum dinheiro do irmão.

– Ele sempre tinha querido a cadeira Luís XV da colecção de Pablo.

Falcón grunhiu ao lembrar-se da falta de interesse pela colecção que Ignacio tinha pretendido ter.

– Então, por que é que os irmãos se tinham desentendido? – perguntou Ramírez.

– Eu apenas trato dos documentos legais – disse Ranz Costa. – Nunca me envolvo...

Não terminou. Os dois homens da lei já tinham saído do seu escritório.

\*\*\*

Quando saíram do escritório de Ranz Costa, Falcón ligou para Ignacio para lhe lembrar a identificação do corpo. Também ligou para o *inspector jefe* Montes e disse-lhe que passaria por lá mais tarde nessa manhã para lhe falar dos dois nomes russos que lhe tinha mencionado na sexta-feira à noite. Montes disse que ele podia aparecer a qualquer hora, que não ia a lado nenhum.

Falcón levou Ramírez de volta à *Jefatura*. Queria que Felipe fizesse a análise ao pó enquanto Ramírez iria verificar o *hostal-residencia* em Fuenteheridos. Falcón guiou em direcção ao Instituto Anatómico Forense.

Ignacio Ortega e Falcón ficaram dentro da sala com a cortina fechada sobre o painel de vidro. Esperaram em silêncio enquanto o corpo era trazido da morgue e o *médico forense* preparou a papelada.

– Quando é que diz que falou com Pablo pela última vez? – perguntou Falcón.

– Na noite antes de eu partir – disse ele.

– A companhia telefónica do telemóvel de Pablo informou-nos de que tiveram uma conversa de doze minutos na noite anterior a ele morrer. Pode explicar-me isso, Sr. Ortega?

Silêncio enquanto Ignacio olhava para a cortina por abrir.

– Ranz Costa explicou-nos que Pablo alterou o testamento antes de morrer. Sabe quais foram essas modificações?

Ignacio acenou com a cabeça.

– Foi isso que foi conversado na chamada que ele fez para si na sexta-feira à noite?

A cabeça de Ignacio permaneceu imóvel.

– Fiquei espantado por você parecer mais preocupado em saber se o seu irmão lhe tinha escrito e aquilo que tinha escrito a Sebastián do que com o próprio suicídio – disse Falcón, achando que este era um homem que precisava de ser espicaçado.

Isso fez com que Ignacio se virasse, lançando sobre Falcón uns olhos que pareciam rebitadores industriais.

– Não tem o direito de me falar assim – disse ele. – Não sou um dos seus suspeitos. Não fui acusado de nada. O meu irmão matou-se. Estou a lidar com isso à minha maneira pessoal, o que não é da sua conta. Tem tanta curiosidade em saber por que é que ele se matou como eu, mas não tem o direito de enfiar o nariz nos assuntos da minha família, a não ser que possa provar que eu fui de certo modo responsável pela morte do meu irmão, quando nessa altura eu estava à beira-mar.

– Mentiu-me a respeito da última vez que falou com o seu irmão – disse Falcón. – Os detectives nunca gostam que lhes mintam. Ficamos desconfiados e a achar que tem alguma coisa para esconder.

– Eu não tenho *nada* a esconder. A minha consciência está limpa. Quaisquer que sejam os assuntos de *família* entre mim e o meu irmão são privados.

– Sabe, estamos a pensar em reabrir o caso de Sebastián assim como em dar-lhe algum apoio psicológico...

– Faça o que quiser, *inspector jefe*.

O *médico forense* informou-os de que o corpo estava pronto. Ignacio



voltou-se para as cortinas, que se abriram. Confirmou a identidade do irmão, assinou os papéis e partiu sem outra palavra ou olhar na direcção de Falcón.

Falcón voltou de carro para a *Jefatura* com três pensamentos aos tombos na cabeça. Por que é que Ignacio Ortega o incomodava tanto? Era evidente que não tinha morto o irmão, mas havia alguma coisa fechada na cabeça do homem que o levava a crer que tinha nisso alguma responsabilidade. Como é que se abre uma noz rija como Ignacio Ortega? E como é que se descobre o que os homens mortos encerraram nas suas cabeças? O trabalho da polícia seria mais fácil se fosse possível fazer um *download* das cabeças para o ecrã. O *software* da vida. Que aspecto teria isso? Facto distorcido pela emoção. Realidade transformada pela ilusão. Verdade ocultada pela negação. Isso precisaria de um bom programa para ser deslindado.

O seu telemóvel tocou.

– *Diga* – disse ele.

– Está de regresso? – perguntou Ramírez.

– Estou na Plaza de Cuba.

– Ótimo, porque o *inspector jefe* Montes acaba de saltar da janela do segundo andar e aterrou de cabeça no parque de estacionamento.

Falcón acelerou pela Avenida Argentina. Os pneus chiaram sobre o asfalto quente enquanto ele virava para dentro do parque de estacionamento da *Jefatura*. Havia uma multidão reunida em torno da janela, na qual ainda a semana anterior ele tinha visto Montes a pensar... a pensar: terá chegado o momento?

As luzes da ambulância piscaram quase invisivelmente no clarão da luz brutalmente ofuscante que iluminava a cena no parque de estacionamento. Caras de mulheres olhavam das janelas escuras dos escritórios do rés-do-chão, tapando as bocas. Os homens diante das janelas do primeiro andar de cabeças enfiadas nas mãos, apertando-se perante esta imagem pouco natural. Falcón empurrou a multidão a tempo de ver os paramédicos desistirem oficialmente de Montes inerte. Os seus ombros e cabeça pareciam estar enterrados num asfalto escuro e ensaguentado suficientemente macio para receber essa terrível laceração. Mas Falcón sabia, pelo aspecto que tinha, o que aquele corpo viria a revelar na autópsia: ombro desfeito, fractura da clavícula, fractura de vértebras do pescoço, espinal medula seccionada, crânio esmagado, hemorragia cerebral fatal.

Havia na multidão membros da equipa de Montes. Estavam a chorar. O



*comisario* Elvira saiu da *Jefatura* e fez um discurso cuidadosamente preparado para dispersar a multidão. Os seus olhos caíram sobre Falcón. Disse-lhe que tirasse fotografias, mandasse retirar o corpo e fizesse um relatório verbal inicial dentro de uma hora. O *juez de guardia* chegou com o *médico forense*.

Quando a multidão dispersou, Ferrera pegou em três deles para recolher testemunhos. Falcón disse a Ramírez que selasse o escritório de Montes. Felipe tirou as fotos necessárias. Os paramédicos retiraram o corpo sob instrução do *juez de guardia*. Os responsáveis pela limpeza da cena do crime vieram e lavaram o sangue, que já estava a coagular com o sol.

Quando Falcón subiu ao seu escritório para ir buscar um bloco de notas novo, estava com uma forte sensação de convergência: Vega, Ortega e agora Montes. A equipa de homicídios com três homens a menos por causa do período de férias. Cada morte sem ligação aparente mas sendo no entanto percursora da seguinte.

Encontrou Ferrera, deu-lhe os pormenores de Salvador Ortega e disse-lhe que falasse com alguém da equipa de narcóticos. Apenas precisava de uma morada habitual. Também lhe disse que verificasse todos os postos de correio da área de Sevilha, para ver se Rafael Vega ou um argentino chamado Emilio Cruz tinham um apartado.

– Isso é mais importante do que a chave de Rafael Vega?

– Chegaste a algum lado com isso?

– Ele não tem nenhum cofre particular no Banco de Bilbao. Só cheguei até aí.

– Trabalha mais tarde no assunto da chave – disse ele. – Vai levar tempo.

Pegou no bloco de notas e subiu lentamente os degraus para o segundo andar onde Ramírez estava com uma chave mestra do escritório de Montes. Os membros do GRUME estavam alinhados no corredor, à espera. Felipe subiu do parque de estacionamento a suar com a máquina fotográfica.

Ramírez abriu a porta. Felipe tirou as fotografias e partiu. Falcón fechou a janela. Olharam em redor, suados, enquanto o ar condicionado voltava ao normal. Sobre a secretária de Montes estava uma folha de papel preenchida com a sua letra e um envelope selado dirigido à mulher. Falcón e Ramírez giraram a cabeça para ler o que estava escrito no papel e que era dirigido aos «Meus Colegas de Trabalho»:

«Deve parecer-vos ridículo que eu tenha atentado à minha vida tão perto da reforma. Devia ter conseguido aguentar a pressão do trabalho mais um pouco, mas não consegui. Não se trata de uma reflexão acerca dos homens e mulheres com quem tem sido uma honra trabalhar.

Entrei para a polícia com a crença de que poderia fazer algo de bom. Tinha uma forte noção do valor do polícia na sociedade. Não fui capaz de fazer o bem que eu pretendia. Senti-me progressivamente impotente para agir contra as novas ondas de depravação e corrupção que andam agora a varrer o meu país e o resto da Europa.

Andei a beber, na esperança de que isso me entorpecesse os sentidos em relação ao que me rodeava. Não resultou. Uma pressão crescente aumentava nos meus ombros tornando-me por vezes incapaz de me levantar da cadeira. Senti-me encurralado e incapaz de falar com quem quer que fosse.

Apenas vos peço, meus amigos, que protejam a minha família e me perdoem por este último acto desastroso da minha parte.»

Falcón leu em voz alta a carta aos membros da esquadra que estavam a amontoar-se à porta. As mulheres choravam de olhos abertos, olhando incrédulas. Ele perguntou se alguém que conhecesse a Sr.a Montes podia acompanhar Ramírez para lhe entregar a carta e lhe dar a notícia em pessoa. O braço direito de Montes avançou e saiu com Ramírez.

Não havia nada de interesse no escritório e as entrevistas com os vários membros da equipa, que estavam todos abalados, foram monossilábicas. Quando terminou, Ramírez tinha regressado, tendo deixado o inspector do GRUME com a Sr.a Montes. Selaram o escritório de Montes e voltaram para o deles, onde Cristina Ferrera estava ao telefone. Falcón disse-lhe que verificasse os apartados em nome de Alberto Montes também. Ela acenou com a cabeça e escreveu o nome.

Ramírez seguiu-o até ao seu escritório e ficaram à janela que dava sobre o parque de estacionamento, que já estava seco e limpo.

– Achas que o Montes andava a jogar sujo? – perguntou Ramírez.

– Algumas das palavras que ele utilizou na carta eram interessantes – disse Falcón. – Como: «Não fui capaz de fazer o bem que eu pretendia», «Impotente [...] contra [...] a [...] corrupção», «Opressão crescente», «encurralado» e por fim a frase que chamou mesmo a minha atenção: «protejam a minha família». Por que é que alguém havia de dizer uma coisa

assim? Tomar conta talvez, mas «proteger»? Trata-se de um tipo cujo subconsciente estava a contaminar a sua vida quotidiana e que não o suportava.

Ramírez acenou com a cabeça e olhou para o parque de estacionamento, imaginando-se esborrachado, magoado, ferido para além de qualquer remédio. O homem rejeitado pela vida.

– Não tiveste noção através da carta de que ele estava a ser corrupto – disse Ramírez. – Então que mais sabes sobre o assunto?

– Não sei o que é que sei.

– Não comeces com essa treta.

– A sério. Acho que Montes pensou que eu sabia alguma coisa – disse Falcón.

– Bem, se ele estava a *receber* subornos, pode tratar-se de qualquer fonte de informação que os russos tenham sobre ti.

– O Montes pensava que eu o estava a pressionar, o que é mentira. Só andava a fazer-lhe perguntas sobre os russos... para ver se ele tinha ouvido falar deles. Nada mais do que isso.

– A cabeça dele fez o resto – disse Ramírez.

– E agora sinto-me como um arqueólogo que encontrou alguns cacos raros de cerâmica e a quem pediram que reconstruísse uma civilização a partir deles.

– Descreve-me os cacos – disse Ramírez. – Eu sou bom a colar pedaços.

– Estou quase envergonhado de mais para te contar – disse Falcón. – São pormenores ressuscitados a partir do velho caso de Raul Jiménez. Alguns nomes do livro de moradas de Rafael Vega. O envolvimento da máfia russa nos dois projectos de construção de Vega. As ameaças deles. O *timing* da morte de Ortega. O *timing* do suicídio de hoje. Nem sequer são suficientemente sólidos para se poderem chamar cacos e se o são poderiam não ser da mesma jarra e sim fragmentos dispersos.

– Vamos ver algumas coisas com clareza a respeito de Vega – disse Ramírez. – Antes de mais nada, ele tem noção da segurança: a pistola – que eu verifiquei e não tinha licença –, as janelas à prova de bala, o sistema de vigilância, mesmo que ele não o tenha usado, a porta da frente...

– A porta da frente, que normalmente costuma estar completamente trancada à noite, mas que fomos encontrar apenas fechada na manhã da sua morte.

- Assim como a porta de trás, que dá para o jardim, o que quer dizer...
- O que indica possivelmente – disse Falcón, corrigindo-o – que Vega deixou alguém entrar em casa já tarde à noite, alguém que ele conhecia.
- Todos os seus vizinhos mais próximos o conheciam socialmente – disse Ramírez – mas ninguém lhe ligava primeiro a dizer que ia aparecer, caso o fizessem.
- Sabemos através de Pablo Ortega que os russos costumavam visitá-lo em casa – disse Falcón. – Mas tal como o Vázquez dizia, o Vega andava a «facilitar-lhes as necessidades negociais», por isso não fica claro qual seria o motivo para eles o eliminarem. Marty Krugman levantou a hipótese de Vega andar de algum modo a aldrabar os russos.
- Ele disse isso baseado em alguma coisa?
- Especulação. Eu perguntei-lhe por que é que a máfia queria o Vega morto – disse Falcón. – Devíamos comparar os dois conjuntos de registos sobre os russos de que o Dourado lhe falou.
- Os russos – e estamos bastante certos de serem eles – estão suficientemente informados para fazerem ameaças contra si e Consuelo Jiménez – disse Ramírez.
- É material pesado, caso eles estejam preocupados com alguma lavagem de dinheiro.
- O dinheiro mexe imediatamente com a máfia – disse Ramírez.
- Ou haverá alguma coisa pior no assunto Vega que possa vir à luz ao longo de uma investigação criminal intrusiva?
- Olhei com atenção para o passaporte argentino que descobrimos, em nome de Emilio Cruz esta manhã – disse Ramírez. – Também tinha um visto válido para Marrocos. Na realidade, continha cinco vistos marroquinos. Quatro tinham expirado sem serem utilizados. O quinto era válido até Novembro de 2002. Isso significa que ele podia estar em Tânger em cinco horas, de carro e *ferryboat*, ou ainda menos de avião. Uma pessoa que se mantém assim tão preparada, já está habituada a isso.
- Quer dizer que ele estava treinado? – disse Falcón.
- A única questão é se se trata de crime, de terrorismo ou de um governo que o treinou.
- O estilo compartimentado de gerência – disse Falcón. – Ninguém sabe o que os outros andam a fazer. Krugman falou sobre a importância da hierarquia, da disciplina no local. Dizia que não tinha experiência disso, mas

que parecia um estilo de trabalho militarizado.

– Talvez ele tenha sido treinado militarmente por um governo e o esteja a utilizar para efeitos de crimes terroristas.

– A única razão para estarmos a pensar em terrorismo é a referência ao 11 de Setembro na nota que ele tinha na mão – disse Falcón. – Não sei qual a importância que podemos associar a uma nota copiada a partir de uma marca feita com a letra dele e escrita em inglês. O Marty Krugman falava interminavelmente com ele sobre o 11 de Setembro e não conseguia chegar a conclusões sensatas.

Cristina Ferrera fechou a porta.

– Há um apartado postal em nome de Emilio Cruz no posto de correio de San Bernardo – disse ela. – Mas não se embalem de mais. Está vazio e não recebe nada desde o ano passado.

– Que tipo de correio costumava ele receber lá?

– Ele lembra-se de receber todos os meses uma carta com selos dos Estados Unidos.

– Alguma coisa sobre Alberto Montes?

– Nada, por enquanto – disse ela, fechando a porta.

Os dois homens voltaram-se de novo para a janela.

– O que dizia a carta dele para a mulher?

– Lamento... desculpa-me... falhei-te... – as tretas habituais – disse Ramírez.

– Alguma coisa sobre ser protegido ou cuidado?

– No final, dizia: «Não se preocupem, serão bem tratados» – disse Ramírez.

– Estaremos a ser paranóicos?

– E o braço direito dele, o inspector dele? Tinha alguma coisa para dizer?

– Nada. Estava chocado com tudo isto.

– Tal como o resto da esquadra – disse Falcón. – Se ele estivesse a ser subornado, andava a fazê-lo sozinho.

– E se estava a ser subornado, há-de tê-lo guardado em algum lado. Também teria que deixar pistas para a mulher saber onde, e ela vai ter de o ir buscar ou fazer qualquer coisa com isso.

– Vou agora fazer o meu relatório verbal ao *comisario* Elvira – disse Falcón. – Descobre quem era o advogado de Montes.

\*\*\*

Antes que Falcón pudesse fazer o seu relatório verbal, Elvira mandou tirar uma fotocópia da carta e percorreu-a com um dos seus lápis como se se tratasse de um trabalho de casa. No seu relatório, Falcón manteve-se pelos factos e não apresentou nenhuma conjectura.

– Vou pedir-lhe que arrisque uma opinião, *inspector jefe* – disse Elvira, quando ele terminou. – É o primeiro suicídio que tivemos aqui na *Jefatura*. Os *media* vão interessar-se. O *Diario de Sevilla* já ligou.

– Eu só conhecia Montes de vista até à semana passada – disse Falcón. – Fui perguntar-lhe por um homem chamado Eduardo Carvajal, cujo nome surgia no livro de moradas de Rafael Vega e cujo nome eu conhecia da minha investigação do caso de Raul Jiménez do ano passado.

– Conheço esse nome – disse Elvira. – Estava a trabalhar em Málaga quando ele foi «morto» naquele suposto acidente de automóvel. Era uma testemunha principal de acusação num caso de pedofilia. Foi encoberto como deve saber. O carro foi destruído antes que pudesse ser investigado e parecia haver alguma dúvida quanto ao tipo de ferimentos que ele tinha na cabeça.

– O Montes disse que Carvajal ia torná-lo famoso. Tinha prometido dar-lhe nomes. Depois morreu e, no final, só quatro membros da rede pedófila foram condenados.

– Vou contar-lhe uma coisa que não deve sair desta sala – disse Elvira. – Chegou aqui ao escritório da chefia o recado de que o acidente de automóvel de Carvajal não devia ter nenhuma cobertura mediática.

– Como pode imaginar, havia lembranças desagradáveis para o *jefe* Montes assim que ouvia falar do nome de Carvajal – disse Falcón. – Montes explicou que Carvajal era procurador da rede e que a fonte para as crianças serem utilizadas era a máfia russa. Há uma ligação entre Rafael Vega e dois russos que estão a investir de um modo pouco habitual em dois projectos sob a alçada das Vega Construcciones. Consequentemente, a Interpol disse-nos que os russos eram mafiosos conhecidos. Eu chamei Montes para lhe participar os nomes na sexta-feira à noite. Estava bêbedo. Voltei a ligar-lhe esta manhã e ele disse que estaria disposto a falar sobre o assunto. A seguir, saltou pela janela do escritório.

– Segundo o seu perfil psicológico, estabelecido no ano passado, tinha um problema de bebida desde 1998... que foi o ano do acidente de automóvel em que esteve envolvido Eduardo Carvajal – disse Elvira. – Além disso, não



esteve bem durante os últimos oito meses.

– Ele fez referência a pedras nos rins e a uma hérnia.

– Houve um problema de fígado também, que por vezes o punha muito doente.

– Isso vem acrescentar-se à pressão – disse Falcón.

– O que é que acha desta carta para a equipa dele?

– Eu queria dizer mais uma coisa a respeito de Montes e de Carvajal, que está relacionada com a carta – disse Falcón. – O Montes falou-me da ligação à máfia russa. Deu-me umas luzes sobre o negócio de tráfico humano da máfia. Se ele era corrupto e receava ser descoberto – coisa de que, salvo erro, estamos a falar neste momento –, por que é que ele me daria essa informação? Quando eu li a carta tive a sensação de que a pressão de não contar se tinha tornado tão grande que havia de transbordar. Ele não «foi capaz de fazer o bem que pretendia», o que pode significar que fez o mal. A «corrupção» é talvez aquilo que lhe aconteceu. A «pressão» é a sua culpa. Ele sente-se «encurralado» e «incapaz de falar» porque está a trabalhar contra tudo aquilo em que acreditava. A última linha sobre «protejam a minha família» sugere algum tipo de perigo para eles. Acho que o *inspector jefe* Montes era um homem bom, que fez, ou foi forçado a fazer uma escolha muito má e que a lamentava profundamente.

– Eu pedi-lhe a sua opinião e você deu-ma – disse Elvira. – Claro que não é utilizável. Agora quero as suas provas. Já compreendeu que isto vai ser desagradável, *inspector jefe*?

– Pode ser que queira falar com o *comisario* Lobo sobre as implicações políticas daquilo que eu proporia dentro da *Jefatura* – disse Falcón – ou seja, que deveríamos vigiar todos os movimentos da Sr.a Montes durante os próximos dias.



## Capítulo 21

*Segunda-feira, 29 de Julho de 2002*

AGORA QUE o envolvimento de Alicia Aguado no caso de Sebastián Ortega era evidente, Falcón decidiu falar a Elvira das suas intenções. Tinha-lhe ocorrido que os argumentos que ia utilizar eram fracos e que o director da prisão iria obviamente preferir usar os seus próprios psicólogos. Pressionou Elvira para que falasse com o director em seu nome, descrevendo a abordagem que Alicia Aguado tinha tido do prisioneiro e a sua fé na capacidade dela para extrair informações. Elvira olhou-o com muita firmeza, como se mal acreditasse numa palavra do que ele estava a dizer. Concordou silenciosamente. Falcón também pediu que, devido à falta de pessoal na sua equipa, fosse utilizada outra pessoa para vigiar a Sr.a Montes. Elvira disse que tinha as suas próprias ideias nesse ponto. O escritório exterior da brigada de homicídios encontrava-se vazio. Ramírez estava de pé à janela.

– Onde foi a Cristina? – perguntou Falcón.

– Descobriu um tipo dos narcóticos que pensa saber localizar Salvador Ortega – disse ele. – Podes esclarecer-me sobre isso?

– E quanto aos apartados?

– Só o do Emilio Cruz. Nenhum do Montes ou do Vega – disse Ramírez. – Tenho andado a ligar para os bancos, a tentar descobrir um cofre privado onde esta chave sirva. Há um em nome de Emilio Cruz no Banco Banesto.

– Isso é bom – disse Falcón. – Notícias do advogado de Montes?

– Falei com ele. Há três anos que não sabia de Alberto Montes. Da última vez que falaram, foi para fazer um ajuste no testamento – disse Ramírez, e levantou a mão. – Agora preciso que me fales do Salvador Ortega. Eu sei quem é, diz-me só por que é que precisamos de falar com ele.

– Porque Pablo costumava vê-lo e ele pode saber qual era o problema entre os dois irmãos – disse Falcón.

– Isso vai ajudar-nos a encontrar o assassino de Vega? – disse Ramírez.

– Pensa um pouco na razão pela qual Vega foi morto.

– Foi sujo... vingativo. Queriam que ele sofresse. Os mafiosos são assim. Fazem isso para dar um exemplo a outros que venham a pensar em vigarizá-los.

– É verdade, razão pela qual precisamos de trabalhar no sentido de esclarecer o motivo deles, porque, de momento, só consigo ver que Vega era importante para os seus planos – disse Falcón. – Agora, escuta-me estes nomes e fica sabendo que todos se conheciam: Raúl Jiménez, Ramón Salgado, Eduardo Carvajal, Rafael Vega, Pablo e Ignacio Ortega.

– Achas que há uma ligação pedófila? – disse Ramírez. – Como é que sabes que os Ortega conheciam o Carvajal?

– Estavam todos juntos numa fotografia na parede do estúdio de Raúl Jiménez – disse Falcón. – E todos esses nomes estavam na agenda do Vega...

– Falcón parou. – Acabo de ter uma ideia. Vou ter de verificar. Diz-me que alterações é que o Montes fez ao seu testamento.

– Acrescentou aos seus bens uma propriedade – disse Ramírez. – Uma pequena *finca*, que vale menos de três milhões de pesetas.

– Aposto que isso fez saltar por instantes o teu coração.

– Acho que eu não tinha obtido tão facilmente a informação se se tratasse de uma *villa* de 200 milhões de pesetas em Marbella.

– Ele explicou onde ficava?

– Ele não conseguia lembrar-se. Vai ver na cópia do testamento e voltar a ligar para mim.

– Havia uma hipoteca sobre a propriedade?

– Ele não sabia. Não esteve envolvido na compra.

– Quando tiveres uma morada, verifica na escritura e vê se ele alguma vez falou disso às pessoas desta brigada.

O telefone tocou no escritório exterior. Ramírez atendeu, debruçou-se e escreveu furiosamente durante uns minutos. Desligou o telefone com estrondo, triunfante.

– Temos resultados quanto à pista da identidade de Rafael Vega – disse ele.

– O primeiro Rafael Vega morreu em 1983 com a idade de trinta e nove anos num acidente de embarque no porto de La Coruña; o segundo morreu por ter ingerido ácido na semana passada.

– Como é que ele conseguiu isso?

– A primeira vez que morreu foi exactamente na época em que andavam a passar registos manuais para computadores. Segundo os registos

informáticos, ele ainda estava vivo. Só regressando aos velhos registos em papel é que encontraram a certidão de óbito.

– Tinha a idade certa.

– Tinha a idade certa, era fisicamente semelhante e não tinha família. O Rafael Vega original era um órfão que se tornou marinheiro mercante. Nunca se casou.

– Então, o nosso Rafael Vega não só estava treinado como bem relacionado com o mundo da clandestinidade – disse Falcón. – Descobrimos finalmente uma brecha, José Luis, mas...

– Sim, eu sei – disse Ramírez. – Ele não é quem pretende ser... mas quem diabo é?

– Há uma ligação americana. O Krugman tem a certeza de que ele viveu lá e agora sabemos que recebia correio que vinha de lá – disse Falcón. – E pode haver uma ligação mexicana.

– A mulher mexicana pode também ser falsa – disse Ramírez. – Seria mais plausível para um homem daquela idade ter sido casado antes.

– A mim ele está-me a parecer agora de origem sul-americana ou da América Central.

– Se fosses de origem argentina, usarias um passaporte falso do teu país de origem?

– Talvez não, mas ainda sobra o resto do subcontinente – disse Falcón. – Se calhar precisamos de ter um encontro com o *juez* Calderón. Ficámos de o ver no início desta semana. Acho que isto se pode considerar um progresso.

Pediu uma chamada para a secretária de Calderón. O juiz estava mesmo a terminar uma reunião. Ela ia falar com ele e ver se havia alguma hipótese antes do almoço. Depois do almoço estava fora de questão. Falcón desligou e encostou-se para trás na cadeira.

– Que tipo de pessoas necessitam do nível de secretismo com que Rafael Vega operava? – perguntou ele.

– Alguém que fosse um operacional secreto de um governo ou organização terrorista – disse Ramírez. – Alguém que estivesse envolvido no tráfico de drogas.

– E se fosse um traficante de armas? – disse Falcón. – A ligação russa. Onde é que é mais fácil arranjar material militar?

– Na Rússia por meio da máfia – disse Ramírez. – E o dinheiro vem dos projectos imobiliários. Esses negócios de terrenos foram feitos directamente

entre os proprietários originais e os russos. Não há rasto de dinheiro para o Vega.

– Plausível, mas isso ainda nos levanta mais questões. Quem é o fornecedor e, antes de dar largas à nossa imaginação – disse Falcón, – por quê matá-lo?

– Uma organização terrorista que não quer ser detectada – disse Ramírez.

A secretária de Calderón ligou de volta e informou que ele os podia receber daí a meia hora. Foram de carro até ao Edifício de los Juzgados e directamente para o escritório de Calderón. Ele estava a olhar para longe da secretária, espreitando entre as placas do estore, a fumar. Ouviu-os entrar. Disse-lhes que se sentassem.

– Há caso ou não há caso? – perguntou sem se voltar.

– Complicações – disse Falcón – e contou-lhe da vida secreta de Rafael Vega.

À medida que Falcón falava, Calderón voltava-se na cadeira. Se é verdade que da última vez que Falcón o tinha visto ele parecia alguém que regressava à cidade depois de se ter perdido nas montanhas, agora parecia tão abalado como um homem que tivera que comer os seus camaradas para sobreviver. Estava com um olhar vago, com as rugas sob os olhos escuros como uvas e a testa toda enjelhada. Parecia ter perdido peso. O pescoço não enchia o colarinho. Falcón terminou. Calderón acenou com a cabeça, parecia pensativo, mas distraído. A nova informação não galvanizou a sua atenção.

– Bem, agora têm mais alguma informação básica sobre o Vega – disse ele – mas continuam sem me dar qualquer progresso concreto no caso: nem testemunhas, nem motivo. O que é que pretendem exactamente?

– Podíamos começar com um mandado de busca para o cofre privado do Banco Banesto – disse Ramírez, interrompendo, e trocando um olhar com Falcón.

– De quem é o cofre? – perguntou Calderón.

– Do Vega, é claro – disse Ramírez, siderado pela falta de compreensão do juiz –, mas em nome de Emilio Cruz.

– Vou trabalhar nisso – disse Calderón. – Que mais?

– Temos teorias. Queremos mais tempo – disse Falcón e deu-lhe os exemplos da ligação da máfia russa a material militar e dos nomes dos homens que pareciam conhecer-se todos uns aos outros segundo o livro de moradas de Vega e as fotografias de Raúl Jiménez.

– Isso são conjecturas – disse Calderón. – Onde estão as provas? O Vega

dirige com sucesso há quase vinte anos uma empresa de construção em Sevilha. Construiu-a praticamente de raiz. Por isso, gere o seu negócio de determinada maneira e...

– Parece estar a esquecer-se que se trata de um homem com documentos espanhóis excelentemente falsificados e uma falsa identidade argentina com vistos marroquinos para uma fuga rápida – disse Ramírez. – Custa-me a crer que esse nível de secretismo se possa encarar como, digamos, o de um homem casado que se envolve com negócios ilícitos.

Calderón lançou-lhe um olhar que lhe acertou de raspão na orelha.

– Tenho consciência disso – disse o juiz. – É óbvio que o homem tinha um passado. Escapou de uma coisa para reconstruir a vida. Talvez o passado o tenha vindo a encontrar de algum modo, mas isso não lhes indica a direcção que devem tomar. Estão a falar de tráfico de armas, de circulação de drogas, de tráfico humano e de terrorismo, mas não me deram uma pista que me mostrasse a direcção. Apenas têm teorias. O negócio de terrenos dos russos parece suspeito, concordo com isso. A ligação deles com o Vega não é saudável, na menor das hipóteses. Mas não temos acesso ao proprietário original dos terrenos. Podem verificar o preço de venda na escritura, mas isso não vai indicar grande coisa, porque toda a gente põe preços de valor baixo em vendas de terrenos para efeitos de imposto. Tem de haver um fio condutor lógico que o *juez decano* possa ver, se o dinheiro público vai ser gasto em perseguição destas... noções.

– Não vê nenhuma ligação entre a morte do Sr. Vega e o suicídio do vizinho dele? – disse Ramírez.

– Você não me falou de nenhuma, a não ser nomes num livro de moradas e pessoas que aparecem juntas em fotografias – disse Calderón, esboçando um bocejo. – O *juez* Romero disse que não conseguia ver mais do que isso. As duas mortes parecem ser uma coincidência, com a diferença de não haver dúvida num caso e alguma incerteza no outro. Uma incerteza que temos nas nossas cabeças e não em qualquer prova que você me tenha apresentado.

– E quanto à nota com referência ao famoso acto terrorista? – disse Ramírez.

– Isso é uma prova de pormenor, com tanta relevância para o tribunal como os seus registos em tribunais de guerra ou o facto de ele ter um velho carro amolgado numa garagem ou que não era quem dizia ser. São todas elas informações, mas, tal como as ameaças anónimas, não estão ligadas a nada –

disse Calderón. Voltou-se para Falcón. – Não está a dizer nada, *inspector jefe*.

– Estaremos a perder o nosso tempo com isto? – disse Falcón, cansado com tudo, agora que a indiferença de Calderón se tinha escoado para o seu próprio fluxo sanguíneo. – Poderíamos encontrar mais pedaços de fascinante informação que não fornece nem testemunhas nem motivo. Só temos três funcionários por causa das férias. Estamos com uma situação grave na *Jefatura*...

– Ouvi falar disso – disse Calderón, olhando para o meio da secretária, de mãos apertadas entre os joelhos.

– As hipóteses que temos de encontrar a nossa única testemunha, Sergei, tornam-se de dia para dia mais escassas. Acabamos com isto ou continuamos? Se continuamos, que direcção devemos tomar?

– Está bem, você está irritado. Estou a ver que fez um bom trabalho e descobriu informações interessantes – disse Calderón, pegando no tom de Falcón e tentando introduzir algum entusiasmo na voz. – De momento, na minha cabeça, dado o perfil psicológico da vítima – do qual temos provas nítidas através de um médico e das fotografias de Maddy Krugman – e mesmo tendo em conta as nossas últimas descobertas, ainda estou mais inclinado a acreditar que Vega matou a mulher e depois a si próprio. Se for capaz de aceitar isso, eu devolvo um veredicto de suicídio. Se ainda tiver curiosidade suficiente para prosseguir, dou-lhe quarenta e oito horas.

– Para seguir em que direcção? – perguntou Ramírez.

– A direcção que quiserem – disse Calderón. – Têm alguma hipótese de falar com os russos cara a cara?

– Estão em Portugal – disse Falcón. – É possível que cá venham verificar os seus investimentos.

– Com quem iriam contactar?

– Provavelmente com Carlos Vázquez.

– Aí está um homem que tem coisas a esconder – disse Ramírez.

– E quanto a descobrir quem Vega realmente é? – disse Falcón.

– Como? – perguntou Calderón, semivoltado para a janela.

– A ligação americana – disse Falcón. – Digamos que ele estava mesmo a viver lá há vinte anos e que tinha escapado de alguma coisa e reconstruído a sua vida. Acabo de me lembrar do pormenor do relatório de autópsia sobre a operação plástica. Parece um cenário credível. Talvez ele tivesse um cadastro



criminoso ou fosse conhecido de algum modo pelo FBI.

– Tem contacto com o FBI? – perguntou Calderón.

– Claro.

– Então vai aceitar a minha proposta de quarenta e oito horas?

\*\*\*

Quando vinham a descer do escritório de Calderón, Falcón recebeu uma chamada de Elvira, que tinha acabado de falar com o chefe, o *comisario* Lobo, e em conjunto tinham decidido que Falcón devia investigar o suicídio de Montes. Falcón perguntou a Elvira se ele podia fornecer-lhe um contacto bom e cooperante com o FBI que o ajudasse a estabelecer a identificação de Rafael Vega e lembrou-lhe o director da prisão.

No carro telefonou para Carlos Vázquez e depois de o terem mandado esperar alguns minutos disseram-lhe que tinha saído. O escritório do advogado era mesmo ao cimo da rua do Edificio de los Juzgados. Decidiram fazer uma visita não programada.

– O que se passa com o *juez* Calderón? – perguntou Ramírez quando entraram no carro. – Com a cabeça dele neste estado, não vamos precisar de mandado de busca.

– Acho que ele é capaz de ter arranjado adversário à altura – disse Falcón.

– *La americana* fodeu-lhe as meninges? – disse Ramírez.

– Talvez seja mais grave do que isso.

– Ela fez isso com ele? – disse Ramírez incrédulo. – Pensei que o *juez* Calderón tivesse mais experiência do que isso.

– Do que quê?

– Do que falhar na regra número um – disse Ramírez – e falhar nisso antes mesmo de se casar.

– Qual é a regra número um?

– Não se envolver – disse Ramírez. – Isso é logo a maneira de foder a vida toda.

– Bem, ele está envolvido e a única coisa que podemos fazer é...

– Sentarmo-nos a olhar – disse Ramírez, batendo palmas como se estivesse prestes a assistir à sua telenovela preferida.

– Montes contou-me que havia imensa gente que queria ver o *juez* Calderón cair em desgraça.



– Quem? – disse Ramírez, com a cara mansa de inocência, e com os dedos no peito. – Eu?

\*\*\*

Subiram no elevador, Ramírez ia olhando para os números dos andares à medida que subiam. Os seus ombros estavam hirtos como os músculos de um touro selvagem.

– Desta vez, Javier, eu comando e tu segues – disse ele e saíram de rompante do elevador passando à frente da recepcionista, que ergueu uma unha roxa na tentativa de os travar.

Fizeram o mesmo com a secretária de Vázquez, que os seguiu para dentro do escritório do seu chefe. Vázquez estava a beber água de uma chávena de plástico e de pé, perto do contentor, olhando lá para fora pela janela.

– Numa investigação criminal – disse Ramírez, numa voz cheia de raiva contida – nunca se recusa falar com o *inspector jefe* a não ser que se deseje que comecem a cair-nos imensas merdas em cima da cabeça.

Vázquez estava com um ar suficientemente pungente para fazer frente a Ramírez, mas até ele podia ver que o inspector estava disposto a tudo, incluindo a violência. Fez sinal à secretária que se retirasse.

– O que desejam?

– Primeira pergunta – disse Ramírez. – Olhe-me nos olhos e diga-me o que sabe a respeito de Emilio Cruz.

Vázquez pareceu indiferente. O nome não lhe dizia nada. Sentaram-se.

– Que medidas foram tomadas pelo Sr. Vega em caso de falecimento? – perguntou Falcón.

– Como sabe, cada projecto incluía o Sr. Vega, um representante da companhia e um investidor, como equipa de direcção. Em caso de falecimento, os projectos seriam geridos pelos restantes representantes da companhia, com a condição de todas as decisões económicas e legais serem comunicadas a um conselho temporário da empresa-mãe, composto por mim, pelo Sr. Dourado e pelo Sr. Nieves, que é o arquitecto principal.

– Quanto tempo iria demorar este estado temporário das coisas?

– Até que fosse encontrado um director conveniente para a companhia.

– A quem compete encontrar tal pessoa?

– Ao conselho temporário.

- E quem receberia o primeiro telefonema?
- Eu.
- Então, quando é que os russos o contactaram? – perguntou Ramírez.
- Não contactaram.
- Oiça, Sr. Vázquez, já passou quase uma semana desde que o Sr. Vega morreu – disse Ramírez, conspirativo, amistoso. – Está muito dinheiro metido nesses projectos russos, que estão por gerir. Está mesmo a pensar que vamos acreditar...
- Não estão por gerir. Continuam a ter o representante da companhia a zelar por eles.
- Quem é?
- O Sr. Krugman, o arquitecto.
- É uma boa escolha – disse Falcón. – O que vem de fora.
- De quem é que o Sr. Krugman recebe instruções?
- Não recebeu nenhuma, porque eu não tive notícias do cliente. Ele está apenas a prosseguir com o projecto.
- Nesse caso, depois da morte do Sr. Vega, quem é que disse aos trabalhadores ilegais que não aparecessem? – perguntou Ramírez.
- Que trabalhadores ilegais?
- Podemos arrancar-lhe estas coisas fisicamente, à força, se preferir – disse Ramírez. – Ou, então, o senhor pode falar-nos como um ser humano normal e respeitante da lei.
- Está com medo, Sr. Vázquez? – perguntou Falcón.
- Medo? – disse Vázquez, perguntando-se, de mãos cerradas com as articulações esbranquiçadas, especialmente em torno do grande anel de ouro que tinha no indicador. – Por que é que eu havia de estar com medo?
- Disseram-lhe que não falasse connosco sob pena de acontecer alguma coisa desagradável a si ou à sua família?
- Não.
- Muito bem, vamos à câmara municipal e preenchamos um relatório sobre estes dois projectos – disse Ramírez. – O facto de ter sido utilizada mão-de-obra ilegal deve ser suficiente.
- Não há mão-de-obra ilegal.
- Isso dá a sensação de o senhor estar em contacto com estes projectos.
- E estou – disse Vázquez. – Disse-me que foi utilizada mão-de-obra ilegal na semana passada. Estive a investigar. Não está a ser utilizada.

- E os dois conjuntos de registos que vimos a semana passada nos escritórios da Vega Construcciones?
- Só há um conjunto de registos.
- Não é verdade, segundo o Sr. Dourado – disse Ramírez.
- Não foi isso que ele me contou – disse Vázquez.
- Os russos estiveram *mesmo* ocupados.

\*\*\*

A caminho da *Jefatura* pararam nos escritórios da Vega Construcciones e perguntaram ao Sr. Dourado pelos dois conjuntos de registos. Ele não se lembrava da descoberta de um conjunto de registos alternativo no computador de Vega. Mesmo quando Ramírez o ameaçou com um mandado de busca, não estremeceu. Aceitou a busca.

Falcón e Ramírez desceram pelos corredores dos escritórios em silêncio, sem sentirem nenhuma finalidade neste aspecto da investigação.

– Fizemos muito mal esta jogada – disse Falcón. – Tivemos confiança de mais nestas pessoas.

– O Dourado ia ajudar-nos. Eu sei. Eu estava lá. Vi as cópias impressas. Ele falou-me delas. Eu devia ter tirado uma merda de uma cópia.

– Ele a mim não me pareceu assustado – disse Falcón. – Vázquez parecia assustado, mas Dourado parecia alegre.

– Estes russos sabem o que fazem – disse Ramírez. – O Vázquez acha que é ele que manda, então agarram-no pelos tomates e apertam com força. Quanto ao *Rapaz Dourado*, precisam dos seus conhecimentos de informática, por isso topou logo isto.

Falcón tentou evitar que estas imagens lhe infectassem a imaginação. Disse que iria falar com Krugman enquanto Ramírez regressava à *Jefatura* para pressionar Elvira a contactar com o FBI.

\*\*\*

Krugman estava à janela do seu escritório de pé, olhando lá para fora com um par de binóculos. Falcón bateu à porta. Krugman disse-lhe que entrasse. O homem parecia estranhamente energético, estava com os olhos brilhantes e as pupilas dilatadas e cintilantes.

– Continua a tratar dos seus projectos russos – disse Falcón.

– É verdade.

– Por acaso eles contactaram consigo?

– Claro que sim. Têm aqui um investimento de vinte milhões de euros, não é dinheiro que se deixe ficar à solta.

– Isso é interessante – disse Falcón. – Você estava ao corrente de algumas irregularidades financeiras?

– Isso são negócios. Eu sou arquitecto.

– Estava ao corrente da existência de mão-de-obra ilegal nos locais de construção?

– Sim. Há mão-de-obra ilegal em todos os locais de construção.

– Está disposto a assinar...

– Não seja tolo, *inspector jefe*. Estou a tentar ajudar.

– Quando é que falou com os russos?

– Ontem.

– Sobre o que é que falaram?

– Eles disseram-me que continuasse a dirigir os projectos, mas que não devia falar com a polícia. Eu disse-lhes que ia ter de falar com a polícia, porque estão a vir a toda a hora à minha casa e ao meu escritório. Eles disseram que eu não devia falar sobre os projectos.

– Em que língua falaram?

– Inglês. Eles não falam espanhol.

– Sabe com quem está a lidar, Sr. Krugman?

– Pessoalmente, não, mas já trabalhei em Nova Iorque e já me cruzei anteriormente com a máfia russa no meu próprio pátio. São pessoas poderosas que, com algumas excepções, são bastante razoáveis, desde que se olhe para as coisas do ponto de vista deles. Pode tentar que eles colaborem, caso pense tratar-se de algo com uma finalidade muito importante. Mas, afinal de contas, anda à procura do assassino do Sr. Vega ou da razão pela qual ele cometeu suicídio e duvido que eles o possam ajudar, porque estou bastante certo de que a última coisa que queriam era que o Sr. Vega morresse.

Falcón acenou com a cabeça. Krugman encostou-se para trás na cadeira.

– Para onde estava a olhar com os binóculos?

– Estava só de olho nas coisas, *inspector jefe* – disse ele, num tom muito sério, e depois riu-se. – Estou a brincar. Comprei-os hoje. Estou só a descobrir o que consigo ver.

Falcón levantou-se para sair. Estava perturbado com o olhar evangélico de Krugman.

– Viu recentemente a minha mulher? – perguntou Marty, quando Falcón lhe estendeu a mão.

– Vi-a na rua no sábado – disse Falcón.

– Onde foi isso?

– Numa loja de azulejos na Calle Bailén, perto da minha casa.

– Sabe, ela está mesmo fascinada consigo, *inspector jefe*.

– Isso é só por ela ter alguns interesses especiais um pouco estranhos – disse Falcón. – Pessoalmente, não gosto das intrusões dela.

– Pensei que se tratasse apenas de algumas fotos suas na ponte – disse Krugman. – Ou terá sido mais do que isso?

– Isso já foi suficiente – disse Falcón – para que eu tivesse a sensação de que ela me estava a tentar tirar alguma coisa.

– Bem, esse é o problema específico da Maddy – disse Krugman. – Tal como o seu amigo juiz irá constatar.

Krugman voltou-se para a janela e pôs os binóculos.

## Capítulo 22

*Segunda-feira, 29 de Julho de 2002*

DE VOLTA à *Jefatura* Ramírez sentou-se a fumar na sala exterior. Disse que Cristina Ferrera estava de regresso com Salvador Ortega, que tinha sido encontrado numa «sala de chuto» no Polígono San Pablo. Também o informou de que Virgilio Guzmán, o repórter de assuntos criminais do *Diario de Sevilla*, estava pacientemente à espera no seu escritório. Isso era enervante, porque Virgilio Guzmán já não fazia reportagens.

Virgilio Guzmán era alguns anos mais novo do que Falcón, mas a sua vida e trabalho tinham-no envelhecido consideravelmente. Antes de vir para Sevilha tinha estado em Bilbao e em Madrid, fazendo cobertura da actividade terrorista da ETA. A sua ambição e tenacidade tinham-lhe custado o casamento, a tensão constante deixou-o com hipertensão e arritmia cardíaca e estava convencido de que o facto de não ver o filho de seis anos lhe provocara cancro no cólon, do qual tinha recuperado integralmente à custa da extracção de uma parte das tripas. Tivera que abandonar o medo do seu trabalho para viver com medo da sua anatomia.

Isso transformara-o. A mulher tinha-o abandonado antes do diagnóstico de cancro, porque era um homem demasiado duro. Agora amansara, não apenas em termos físicos, embora isso não tivesse adulterado em nada a sua implacabilidade jornalística. Possuía a ferramenta jornalística vital: um faro infalível para quando as coisas não estavam bem. E sabia que o primeiro suicídio de um agente superior na *Jefatura* significava que algo, algures, estava apodrecido. Era educado. Perguntou se podia pôr o gravador de voz na secretária entre os dois. Ligou-o e encostou-se para trás com o bloco de notas.

Falcón não disse uma palavra. Tomou uma decisão instantânea a respeito de Guzmán: era um homem em quem podia confiar e não só pela reputação. Pensou também e troçou da sua própria ingenuidade a esse respeito que, tendo apenas mais quarenta e oito horas para constituir um caso com o assassinio de Vega, Guzmán, com a sua extensa experiência talvez lhe

pudesse trazer informações diferentes ao jogo, que poderiam transformar-se em diferentes pistas e direcções. Tudo isto poderia ter um custo na investigação do caso Montes, mas a seguir à exposição da corrupção e à sua eliminação deveriam ser positivas ou não?

– Então, *inspector jefe*, soube que está a dirigir a investigação sobre a morte do seu colega, o *inspector jefe* Alberto Montes?

Falcón não disse nada durante dois longos minutos nos quais Guzmán levantou a cabeça, pestanejando como um animal subterrâneo.

– Lamento muito, *inspector jefe* – disse ele, encolhendo os ombros com a atitude habitual da sua dureza jornalística –, mas é a pergunta de abertura mais fácil que me ocorre.

Falcón inclinou-se para a frente e desligou o gravador de voz.

– Sabe que, com esta máquina ligada, só lhe posso contar os factos referentes ao caso.

– Bem, já é um começo – disse Guzmán – e a seguir, será problema meu extrair o resto. É assim que se faz lá de onde eu venho.

– Os factos já conhece – disse Falcón. – São o acontecimento noticiável da queda de um agente de polícia para a sua própria morte. É a razão pela qual isso contém uma história humana.

– E o que é que o leva a pensar que eu ando à procura de uma história humana e não de, digamos, um catálogo de corrupção que atinja o coração do governo regional?

– É possível que vá parar a esse tipo de reportagem, mas vai ter de começar pela reportagem humana para lá chegar. Tem de compreender os pensamentos que levaram um agente respeitado, que nunca tinha revelado a mínima tendência suicida, a tomar uma atitude tão dramática.

– Tenho? – disse Guzmán. – Normalmente, nós, jornalistas, ou antes, os jornalistas com a minha reputação, lidamos com factos. Relatamos factos, construimos as coisas sobre factos, criamos um facto maior a partir dos pequenos factos que descobrimos.

– Então, ligue a sua máquina que eu entrego-lhe a totalidade dos factos sobre a morte de um colega agente que era muito admirado pela esquadra e pelos seus superiores.

Guzmán poisou o bloco de notas e a caneta sobre a secretária e encostou-se para trás, dirigindo-se a Falcón. Sentia que havia ali possibilidades interessantes para si, se fosse capaz de descobrir as palavras certas, e que as



possibilidades talvez não estivessem relacionadas apenas com o trabalho. Tinha chegado sozinho a Sevilha, já era admirado, e segundo pensava, respeitado pelos seus colegas jornalistas, mas sozinho. Dava-lhe jeito um amigo, e era essa a possibilidade que estava a ver do lado oposto da secretária.

– Trabalhei sempre sozinho – disse ele, após um minuto de reflexão. – Tive de o fazer, pois trabalhar com alguém e com a sua imprevisibilidade em situações ameaçadoras era demasiado perigoso. Sempre quis ser responsável pelos meus pensamentos e acções e não ser vítima dos outros. Passei demasiado tempo com homens violentos para ser desleixado.

– Numa história humana como esta, há sempre tragédia – disse Falcón. – As pessoas sentem-se magoadas e atraçadas, enquanto os outros sofrem e se condoem.

– Se bem se lembra, *inspector jefe*, eu trabalhei na reportagem sobre os esquadrões da morte da Guardia Civil que eram enviados pelo governo para desalojar células terroristas da ETA. Eu sei o que é uma traição de valores em grande escala e em escala humana. Sentiram-se as repercussões por todo o lado.

– As conjecturas são coisas que os agentes de polícia têm de utilizar para descobrir uma direcção na sua investigação, mas não é coisa que seja válida em tribunal – disse Falcón.

– Eu contei-lhe da minha crença nos factos – disse Guzmán – mas, nessa altura, não pareceu gostar muito desse aspecto.

– A informação é uma estrada com dois sentidos – disse Falcón, sorrindo pela primeira vez.

– Concordo.

– Se descobrir alguma coisa bombástica, pode contar-me antes de ela aparecer no seu jornal.

– Conto-lhe, mas não a vou alterar.

– Os factos: eu não conhecia Montes até o ter ido visitar na semana passada. Andava, e ainda ando, a investigar a morte de Rafael Vega.

– O suicídio suspeito em Santa Clara – disse Guzmán, pegando no seu bloco e apontando com a caneta para Falcón. – «O vizinho de Pablo Ortega. Crise na Cidade Jardim», não se trata de um título, a propósito.

– Deparei com um par de nomes num livro de moradas, um dos quais era Eduardo Carvajal – disse Falcón.

– O líder da rede pedófila que morreu num acidente de automóvel – disse Guzmán. – Lembro-me sempre das coisas que fedem. A sua investigação também vai arrombar com a tal fossa de esgoto?

Falcón levantou uma mão, já nervoso por ter feito uma espécie de pacto com o Diabo.

– Eu conhecia o nome de uma investigação anterior, por isso fui ter com o Montes e lhe perguntei por Carvajal. Ele era o agente encarregue da investigação no caso da rede pedófila de Carvajal.

– Certo. Estou a ver. Muito interessante – disse Guzmán, aterrorizando Falcón com a voracidade do seu cérebro.

Falcón tentou abrandar o seu próprio cérebro enquanto descrevia em pormenor a sua conversa com Montes sobre Carvajal e a sua ligação com a máfia russa, o negócio de tráfico de pessoas e a sua influência na indústria do sexo. Falou-lhe sobre os dois projectos pertencentes a Ivanov e Zelenov e geridos pela Vega Construcciones e sobre as duas conversas que tinha tido com Montes sobre os russos, uma quando ele estava muito bêbedo, para ver se os nomes lhe diziam alguma coisa.

– Eu ia falar com ele esta manhã – disse Falcón –, mas não cheguei a tempo.

– Acha que ele era corrupto? – perguntou Guzmán.

– Não tenho provas disso, a não ser o seu sentido de *timing* e a sua nota de suicídio, que, na minha opinião, tinha algum subtexto bem feio – disse Falcón, estendendo-lhe a carta. – Só para leitura.

Guzmán leu a carta, sacudindo a cabeça de um lado para o outro como se o seu cérebro factual não estivesse inclinado a concordar com a interpretação mais criativa de Falcón. Devolveu-a.

– Qual era o outro nome do livro de moradas de Vega que lhe chamou a atenção? – perguntou Guzmán.

– O falecido Ramón Salgado – disse Falcón. – Poderia ser totalmente inocente, porque Salgado tinha fornecido um quadro para o escritório do edifício de Vega. Mas depois do assassinio de Salgado no ano passado descobrimos alguma lamentável pornografia infantil no seu computador.

– Há grandes buracos aqui por preencher – disse Guzmán. – Quais são as suas teorias?

Falcón voltou a travá-lo com a sua mão. Disse que tinha havido complicações e contou-lhe a vida secreta de Rafael Vega.

– Estamos com esperança de que ele tenha um ficheiro no FBI e que possam ser capazes de nos ajudar a identificá-lo – disse Falcón.

– Então acha que ele possa ter tido um passado que veio ao seu encontro? – disse Guzmán. – O que consistiria numa teoria diferente da de uma eventual ligação à rede pedófila de Carvajal?

– A situação foi-se complicando com cada novo desenvolvimento da vida secreta de Vega – disse Falcón. – A minha teoria original surgiu quando esses nomes me saltaram à vista no livro de moradas. Depois de eu ter falado com Montes pela primeira vez e ter encontrado a seguir uma ligação entre Vega e os russos, comecei a pensar que Vega teria talvez substituído Carvajal como procurador das redes pedófilas. Mas o maior problema com essa teoria é que não tenho nenhuma prova do interesse de Vega em pedofilia, mas apenas a sua ligação a pessoas que o tinham e a natureza extremamente vantajosa dos negócios que ele andava a fornecer aos russos.

– O que é que fez com que o suicídio de Vega lhe parecesse suspeito? – perguntou Guzmán.

– O método, a limpeza em que se encontrava a cena do crime e o facto de, apesar de haver uma nota, não ser uma nota de suicídio. Antes de mais, era em inglês. Além disso, era apenas uma frase parcial. E mais tarde descobrimos que ele tinha decalcado a sua própria escrita, como se estivesse a tentar descobrir o que ele próprio tinha escrito.

– Quais eram as palavras?

– «No ar rarefeito que respiras desde o 9/11 até.»

– 9/11? – disse Guzmán.

– Estamos a partir do princípio que ele tinha adoptado a expressão americana.

– Quando me estava a contar a sua vida secreta, referiu-se à ligação americana, que o levou a pensar que ele seria provavelmente originário da América Central ou da América do Sul. Pois bem, muita gente se tem esquecido disso desde os acontecimentos do ano passado em Nova Iorque, mas houve dois 11 de Setembro. De onde pensa o senhor que eu venho, *inspector jefe*?

– Você tem o sotaque de Madrid.

– Vivi em Madrid toda a minha vida – disse ele –, por isso a maior parte das pessoas esquecem-se de que na verdade sou chileno. O primeiro 11 de Setembro, aquele de que agora ninguém mais se lembrará, foi o 11 de

Setembro de 1973. O dia em que bombardearam o palácio de La Moneda, mataram Salvador Allende e o general Augusto Pinochet tomou o poder.

Falcón segurou-se aos braços da cadeira, olhou para os olhos de Guzmán e soube, enquanto sentia os órgãos a se reordenarem no seu caos planetário, que ele tinha razão.

– Eu tinha quinze anos – disse Guzmán, cujo rosto pareceu por instantes o de um homem que se afoga com a sua vida a cintilar-lhe à frente. – Foi também o último dia em que vi os meus pais. Mais tarde soube que foram vistos pela última vez no estádio de futebol e você sabe o que isso significa.

Falcón acenou com a cabeça. Tinha ouvido falar dos horrores do estádio de futebol de Santiago.

– Uma semana depois, tinham-me tirado de Santiago e estava a viver em Madrid com a minha tia. Só mais tarde descobri o que tinha acontecido no estádio de futebol – disse ele. – Por isso, quando as pessoas me dizem 11 de Setembro, eu nunca penso em torres gêmeas e em Nova Iorque, penso num dia em que um bando de terroristas financiados pelos Estados Unidos assassinaram a democracia no meu próprio país.

– Espere um instante – disse Falcón.

Foi à porta ao lado. Ramírez estava debruçado sobre o teclado.

– O Elvira já voltou, com o contacto do FBI?

– Estou neste instante a inserir no *e-mail* a fotografia de Vega – disse Ramírez.

– Pode agora acrescentar que julgamos que ele tenha sido chileno de origem.

Falcón voltou ao seu escritório e pediu desculpas a Guzmán, que estava de pé à janela, de mãos atrás das costas.

– Estou a ficar velho, *inspector jefe* – disse ele. – Desde que cheguei a Sevilha, o meu cérebro parece ter mudado. Sinto que não me lembro de nada, a respeito da minha vida de todos os dias. Vejo filmes que seria incapaz de lhe contar. Leio livros escritos por autores de cujo nome me esqueço. E, no entanto, aqueles dias em Santiago, antes de eu partir, estão-me na memória com uma clareza implacável. E chegam-me como um filme no escuro. Não sei porquê. Talvez seja porque estou no final da minha carreira e tudo isso. Sabe, foi a razão pela qual eu me transformei no tipo de jornalista que fui.

– E que ainda é – disse Falcón. – Apesar de eu ter ficado espantado por o ver aqui. Pensava que já não fazia reportagens. Pensava que era o chefe de

redacção.

– Quando chegaram as notícias sobre Montes eu poderia ter cá mandado qualquer pessoa – disse Guzmán –, mas depois soube que era você que ia orientar a investigação e, sem razão particular, decidi que estava na altura de conhecer Javier Falcón.

– Bem, deu-me uma oportunidade, estou muito contente.

– Aquela linha é estranha na nota do Vega. Parece quase poética. Contém emoção. É como um espírito ameaçador – disse Guzmán. – Por que é que acha que eu tenho assim tanta razão a esse respeito?

– Para além da ligação sul-americana – disse Falcón – também soubemos de discussões que Vega teve com o seu vizinho americano, Marty Krugman, e algumas coisas que ele disse a Pablo Ortega. Entre os dois construíram uma imagem de homem com ideias muito de direita, anticomunista, pró-capitalista e intensamente pró-americano em termos de espírito de empresa. Mas também tinha algumas ideias negativas sobre o modo como os governos dos Estados Unidos interferiam com outros países e como eram nossos amigos até ao momento em que deixássemos de lhes ser úteis... esse tipo de coisas. Também descobri no seu escritório ficheiros sobre tribunais de justiça internacional e sobre a obra de Baltasar Garzón. Se olharmos para tudo isso no contexto da sua natureza secreta, o facto de ele parecer ter sido um hispânico treinado, com contactos diversos e um conhecimento da sociedade americana, este tipo começa a ter todo o aspecto de um homem politicamente motivado, e decepcionado, que morreu com aquilo que ele considerava ser uma data importante na mão.

– E por que é que acha que ele fez isso?

– Pessoalmente, acho que foi por ele estar a ser assassinado e por querer ter a certeza de que a sua morte seria investigada como assassínio e que fossem quais fossem os seus segredos, seriam descobertos e contados ao Mundo.

– Então, qual é a sua teoria sobre Carvajal, os russos e Montes? O que quer dizer?

– Parece pensar que Montes estava a responder a pressões que você estava a exercer inconscientemente. A referência a Carvajal e aos russos: Ivanov e Zelenov. Teria sido suficiente para o empurrar para além do limite? Ou estaria ele a olhar para esses nomes no contexto da investigação Vega, sendo isso o que lhe dava a certeza de que estava em cima de alguma coisa?

– Esperemos até termos resposta do FBI. Se ele tinha mesmo um cadastro

criminal, isso talvez esclareça algumas coisas relevantes.

– Se ele for chileno, a mim soa-me a um antigo pró-Pinochet arrependido – disse Guzmán. – E havia imensos desses nas fileiras do Patria y Libertad – a organização de extrema-direita que se dedicou a desestabilizar Allende assim que ele ganhou as eleições. Muitos membros deles fizeram coisas bastante horríveis antes, durante e depois do golpe – os raptos e assassinios no estrangeiro dentro da *Operacion Condor*, as matanças e torturas em terreno nacional, o carro bomba em Washington – e pensavam que mereciam mais. Impediram a entrada do comunismo pela porta traseira da América e achavam que os deveriam recompensar. Mas você diz que ele tinha esses registos sobre justiça e sobre Garzón. Isso dá a sensação de ele se estar a encaminhar para a confissão.

– Eu penso que ele buscava algo de maior do que a confissão – disse Falcón. – Mais do género testemunha num grande julgamento. Algo de pessoal, que o poderia ter transformado. Ele sofria de ataques de ansiedade...

– Bem, talvez isso lhe velasse o julgamento. As pessoas que estiveram envolvidas acham-se sempre mais importantes do que na realidade foram – disse Guzmán. – O coronel Manuel Contreras, o ex-chefe da DINA – a polícia secreta – está agora na prisão, maravilhosamente atraído por Pinochet, e o que aconteceu? Foram divulgados documentos pela administração Clinton em 1999 e o que é que aconteceu? Foi libertado mais material pela própria CIA em 2000 e o que é que aconteceu? Fez-se alguma justiça? Os autores dos crimes foram castigados? Não. Não aconteceu nada. O Mundo é assim.

– Mas o que poderia ter acontecido? Quem resta? Quem é que se pode contabilizar?

– Há agentes da CIA que ainda deviam andar a suar no escuro e há o meu velho amigo, o *Príncipe da Escuridão* – o próprio Dr. K. Era o conselheiro nacional do corpo de segurança de Nixon e secretário de Estado durante todo esse período. Nada aconteceu no Chile sem ele estar ao corrente de tudo. Se alguém deve ser posto em xeque, é ele.

– Bem, se você pudesse apontar para ele, entraria directamente para a história – disse Falcón. – E se Vega estivesse prestes a fazer isso, devia haver imensa gente a querer eliminá-lo, não?

– Pela minha experiência, se a CIA tivesse decidido que ele era perigoso para o perfil de relações públicas deles, haveriam de querer que a coisa



tivesse aspecto de suicídio – e a seguir transformar tudo numa confusão – disse Guzmán. – Esses vizinhos americanos dele, que formação têm?

– Ele é arquitecto e trabalha para Vega e ela é fotógrafa. Foram as fotografias que ela lhe tirou que nos mostraram a sua crise pessoal. É a especialidade dela.

– Bem, isso é uma óptima máscara quando se pretende obter informações sobre alguém – disse Guzmán.

– Ambos têm antecedentes perfeitamente genuínos – disse Falcón. – Foram até suspeitos numa investigação de assassinio do amante da mulher quando estavam ainda nos EUA. Não foram incriminados.

– Eles não têm um ar assim tão ingénuo, mesmo que sejam bem reais – disse Guzmán. – Mas, no fundo, é essa a natureza do disfarce perfeito, suponho eu. Todos temos algo de feio para esconder.

Falcón levantou-se e começou a andar pela sala. As complicações estavam a aumentar de hora a hora e ele não tinha tempo, nunca tinha tempo.

– Se isto é *mesmo* algum tipo de operação de espionagem – disse ele – e os Krugman foram pressionados a entrar ao serviço, deve haver conluio entre a CIA e o FBI. E estamos a pedir ao FBI informações sobre Rafael Vega.

– Para começar, não pode fazer mais nada – disse Guzmán. – E de qualquer modo, estas organizações não são perfeitas. Suponho que muito pouca gente vai saber disto. Já estão sobrecarregados com a guerra contra o terrorismo. Isto é um jogo paralelo, um assunto menor. Possivelmente privado.

Falcón foi até ao telefone e começou a marcar um número.

– Vou tornar a falar com Marty Krugman – disse ele. – Vou abordá-lo de um ângulo diferente.

– Mas ainda não sabe de nada.

– Tenho noção disso, mas não tenho tempo. Preciso de começar já.

Falcón foi salvo pelo facto de Krugman não estar no escritório nem em casa e o seu telemóvel estar desligado. Pousou o telefone com estrondo.

– O Krugman tem um ponto fraco – disse Falcón. – A sua mulher é uma bela mulher que é muito mais nova do que ele.

– E ele é um homem ciumento?

– É o seu ponto fraco – disse Falcón –, uma ponta por onde o atingir.

– Tudo isto se vai desfazer em fumo se não obtiver uma identificação positiva por parte do FBI – disse Guzmán. – Por isso, não faça nada por enquanto. Entretanto, se achar que isso pode ajudar, eu envio essa frase que



ele tinha na mão para as comunidades de chilenos expatriados aqui e em Inglaterra, a ver como é que reagem. E se você conseguir uma identificação positiva e ele tiver sido chileno e militar, ou da DINA, estou em contacto com pessoas que poderiam ajudar a desenhar um perfil.

– Também vou escrever um artigo sobre Montes e o primeiro suicídio de um agente superior na *Jefatura*. Será uma espécie de menção necrológica com os grandes momentos da sua carreira, incluindo o escândalo Carvajal, destacando-o. E vou enfatizar a sua investigação profunda sobre a carreira de Montes.

– E o que é que vamos ganhar com isso?

– Vai ver. Isso vai fazer reagir as pessoas. Vai gerar imensa ansiedade, especialmente naqueles que fizeram olhos cegos perante o «acidente» de Carvajal – disse Guzmán. – Vai ser interessante ver a pressão que lhe vai chegar de cima. Se o *comisario* Lobo não o chamar ao escritório dele amanhã logo de manhã, assim que o *Diario de Sevilla* estiver nas ruas, eu pago-lhe o almoço.

– Só os factos – disse Falcón, atravessado por uma onda de ansiedade.

– É essa a beleza da questão. Tudo o que eu escrever sobre Montes já fará parte do domínio público. Não haverá necessidade de conjecturas. É só a maneira como eu vou juntar as coisas todas que vai pregar um susto de morte às pessoas.

## Capítulo 23

*Segunda-feira, 29 de Julho de 2002*

PASSAVA DAS três da tarde. Falcón estava com fome. Ramírez saiu para almoçar, dizendo-lhe que Ferrera estava na sala de interrogatório número 4 com Salvador Ortega e que Elvira tinha ligado para dizer que obtivera junto do director da prisão autorização para que Alicia Aguado desse apoio psicológico pleno a Sebastián Ortega.

– Liguei para o *juez* Calderón também – disse ele. – Achei que devíamos lembrar-lhe o mandado de busca para o cofre privado. Ele saiu, ninguém o viu, não o esperam de volta e armou confusão com a história do mandado. *Buen provecho*.

A caminho das salas de interrogatório, ligou para o director da prisão para providenciar um acompanhante e marcar uma hora. A secretária disse-lhe que podiam começar imediatamente e que a melhor hora era entre as 18 horas e as 21 horas. Ligou para Alicia Aguado, enquanto espreitava pelo painel envidraçado para o escritório desmantelado de Salvador Ortega. Concordaram com as 18.30 horas e ele ligou para a prisão para confirmar um encontro às 19 horas. Ia ser um dia longo. Cristina Ferrera saiu e disse-lhe que, enquanto o agente dos narcóticos andava à procura de Salvador, ela tinha feito algumas perguntas sobre o prédio de apartamentos de Nadia. Ninguém tinha visto nada. Mesmo as pessoas que a viram ser levada não se lembravam de nada a esse respeito. Foi à máquina tirar três cafés.

Salvador Ortega fumava enquanto olhava para a parte de trás dos dedos amarelos. Cruzou um olhar fulgurante com Cristina Ferrera, que estava sentada ao seu lado e a conseguir em parte interpelá-lo. Tinha uma barba hirsuta e um bigode ríspido que alteravam o seu bom aspecto. A sua *T-shirt* estava tão desbotada que só as cores mais vagas e a palavra *Megadeath* se conseguiam distinguir. Vestia uns longos calções e a parte inferior das pernas estava coberta de marcas de pancadas. Fumava intensamente enquanto sorviam os cafés.

– Quando foi a última vez que falou com o seu pai? – perguntou Falcón.  
– Eu não falo com o meu pai – disse ele. – Ele não fala comigo.  
– Viu recentemente algum jornal?  
– Nestas circunstâncias, as notícias não têm importância para mim.  
– Tinha algum tipo de relação com o seu tio Pablo?  
– Ele distraía-me sempre muito quando eu era criança – disse Salvador. – O que era um alívio.

– Um alívio em relação a quê?

Salvador fumou com força e expeliu o fumo para o tecto.

– O tio Pablo era divertido – disse ele. – Eu só passei algum tempo com ele quando era criança.

– Ainda estava em casa quando ele trazia Sebastián para lá ficar enquanto ele partia em *tournées* teatrais ou rodagens de filmes. Que idade tinha nessa altura?

A boca de Salvador moveu-se, mas nenhuma palavra saiu. Parecia estar a trincar pequenos pedaços de ar. Ferrera deu-lhe palmadinhas no ombro.

– Isto não é um teste, Salvador – disse ela. – Eu disse-te quando vínhamos para cá que não ia haver repercussões. Tu não és suspeito. Só queremos falar contigo para ver se conseguimos ajudar o teu primo.

– Eu tinha dezasseis – disse ele. – E ninguém pode ajudar o meu primo.

– Soubeste o que aconteceu a Sebastián?

A mão que segurava o cigarro de Salvador tremeu. Ele acenou com a cabeça e respirou para dentro o que quer que lhe estivesse a nascer.

– És agarrado à heroína? – disse Falcón, para entrar em terreno mais seguro.

– Sou, sim.

– Há quanto tempo?

– Desde os quinze.

– E antes disso?

– Fumava haxixe a partir mais ou menos dos dez até... já não resultava. Então passei a usar material que resulta.

– Como é que resulta?

– Leva-me para longe de mim... para um lugar onde o meu corpo e a minha cabeça se sentem em casa.

– E onde fica isso?

Piscou o olho e lançou um olhar a Falcón, não estando preparado para este

tipo de perguntas.

– Onde me sinto livre – disse ele – que não fica em lado nenhum.

– Já usavas heroína quando o Sebastián veio estar contigo pela primeira vez?

– Sim, lembro-me que foi... fixe.

– De que é que te lembras a respeito do Sebastián?

– Era um miúdo querido.

– Só isso? – disse Falcón. – Não falavas com ele, nem brincavas com ele? Quero dizer, a mãe dele tinha-o abandonado e o pai tinha-se ido embora. Ele deve ter-te encarado como um irmão mais velho.

– Demora tempo a juntar o dinheiro, quando se é agarrado aos dezasseis anos – disse Salvador. – Andava demasiado ocupado a roubar malas de mão a turistas e a fugir da polícia.

– Por que é que começaste tão cedo a fumar haxixe?

– Toda a gente fumava. Nessa época, podia-se comprar num bar com uma coca-cola.

– Aos dez anos, é muito cedo.

– Eu devia ser infeliz – disse ele, sorrindo sem convicção.

– Seria por causa de problemas em casa?

– O meu pai era muito rígido – disse Salvador. – Batia-nos.

– A quem te referes ao dizer «nós»? Tu e a tua irmã?

– A minha irmã, não... Ele não estava interessado nela.

– Ele não estava *interessado* nela? – disse Falcón.

Salvador esmagou o cigarro e enfiou as mãos entre as pernas.

– Olhe... – disse ele – não gosto que... me pressionem.

– Eu só quero ter a certeza do que tu estás a dizer, mais nada – disse Falcón.

– *Ela* podia fazer o que quisesse, é o que eu quero dizer.

– Então quem é «nós», quando dizes batia-nos?

– Os meus amigos – disse Salvador, encolhendo os ombros num sobressalto. – Era assim naquela época.

– O que é que os pais dos teus amigos diziam sobre o facto de o teu pai bater nos filhos deles?

– Ele dizia sempre que não ia contar como eles se tinham portado mal, por isso eles não contavam aos pais.

Falcón olhou para Ferrera, que franziu as sobancelhas e olhou para

Salvador. A testa dele estava suada, apesar do ar condicionado intenso.

– Quando é que tomaste a última dose? – perguntou Falcón.

– Estou fixe – disse ele.

– Tenho umas más notícias para ti – disse Falcón.

– Eu já estou mal – disse Salvador. – Não vai conseguir pôr-me pior.

– O teu tio Pablo morreu no sábado de manhã. Matou-se.

Cristina Ferrera acendeu um cigarro e ofereceu-lho. Salvador encurvou-se e apoiou a cabeça no rebordo da mesa. As costas tremeram. Ao fim de um minuto, voltou a sentar-se para trás. Escorriam-lhe lágrimas silenciosamente pelo rosto. Limpou-as. Ferrera deu-lhe o cigarro. Ele deu uma baforada e engoliu o fumo.

– Vou perguntar-te outra vez: tinhas uma boa relação com o teu tio Pablo?

Desta vez Salvador acenou com a cabeça.

– Quantas vezes costumavas vê-lo?

– Algumas vezes por mês. Tínhamos uma combinação. Ele dava-me dinheiro para a heroína se eu controlasse o meu vício. Ele não queria que eu andasse a roubar e fosse parar à prisão outra vez.

– Há quanto tempo é que isso durava?

– Durante os três últimos anos depois de eu sair e antes de me prenderem.

– Foste preso por tráfico, não foi?

– Foi, mas não andava a vender. Só que me apanharam com material a mais. Foi por isso que só me deram dois anos.

– O Pablo ficou decepcionado contigo?

– A única vez que ele se zangou comigo foi quando eu roubei uma coisa da colecção dele – disse Salvador. – Era só um desenho, umas manchas sobre papel. Vendi-o por vinte mil pesetas de produto. O Pablo disse que valia trezentas mil.

– Ele não ficou zangado?

– Ficou furioso. Mas, sabe, ele nunca me batia, e segundo a escala de valor do meu pai estava no direito de me esfolar vivo.

– E depois disso fizeram a combinação?

– Assim que ele se acalmou e recuperou o desenho.

– Nessa altura, quantas vezes vias o Sebastián?

– Bastantes, quando Sebastián entrou para as *Bellas Artes*. A seguir não o vi algum tempo até ouvir dizer que o Pablo lhe tinha comprado um pequeno apartamento em Jesus del Gran Poder. Eu costumava lá ir para sair da rua e

chutar-me. Quando o Pablo descobriu, introduziu outra cláusula no nosso negócio. Eu tinha de prometer não ver o Sebastián até ficar limpo. O Pablo dizia que ele andava frágil e que não queria acrescentar drogas ao problema.

– Cumpriste isso?

– O Sebastián nunca se interessou por drogas. Tinha outras estratégias para se isolar do mundo.

– Tais como?

– Ele chamava a isso... um retiro para a beleza e a inocência. Tinha um quarto no apartamento dele que era à prova de som e com a luz vedada. Eu costumava chutar-me lá dentro. Ele tinha pintado pontos luminosos no tecto. Era como ficar embrulhado por uma noite de veludo. Ele costumava ficar ali deitado a ouvir a sua música e fitas gravadas que fazia de si próprio a ler poesia.

– Quando é que ele criou esse quarto?

– Assim que o Pablo comprou o apartamento... há cinco ou seis anos.

– Por que é que ele lhe comprou o apartamento?

– Andavam a achar difícil viver juntos. Costumavam ter lutas... verbais. Depois deixaram de se falar.

– Alguma vez o Pablo bateu no Sebastián?

– Que eu tenha visto ou sabido, não.

– E quanto ao teu pai?

Silêncio.

– Quero eu dizer, quando ele vivia com a tua família – disse Falcón.

Salvador parecia aflito com a respiração. Começou a ficar com falta de ar. Ferrera veio por detrás dele e acalmou-o com as mãos sobre os seus ombros.

– Gostavas de ajudar o Sebastián? – perguntou Falcón.

Salvador acenou com a cabeça.

– Não há aqui nada de que te possas envergonhar – disse Falcón. – Qualquer coisa que tu digas será apenas usada para ajudar Sebastián.

– Mas *há* razões para eu estar envergonhado – disse ele, subitamente lívido, dando pancadas a si mesmo no peito.

– Não estamos aqui para te julgar. Isto não é um tribunal de moralidade – disse Ferrera. – Quando somos novos, acontecem-nos coisas e não temos maneira de...

– O que é que lhe aconteceu a *si*? – disse Salvador maliciosamente, libertando-se das mãos dela. – Que merda é que já lhe aconteceu? Você é

uma merda de uma agente de polícia. *Nada* lhe aconteceu. Você não sabe nada do que se passa lá fora. Vem do mundo seguro. Sinto esse cheiro em si – o seu sabonete. Afasta-se do mundo seguro e limita-se a raspar a superfície das coisas lá onde nós vivemos, quando apanha pessoas a cometerem os seus pequenos delitos. Não faz a mínima ideia de como são as coisas do outro lado.

Ela afastou-se dele. Primeiro, Falcón pensou que estava chocada, mas estava apenas a reposicionar a sua presença. Estava a dizer com o seu silêncio alguma coisa a Salvador e ele não podia olhar para ela. A atmosfera da sala de interrogatório ficou mais dramática do que se ela se tivesse despedido.

– Pensas que por causa do aspecto que tenho e do trabalho que faço nunca me aconteceu nada?

– Então, vá – disse Salvador, a provocá-la –, diga-me o que já lhe aconteceu, mulherzinha polícia.

Silêncio, enquanto Ferrera avaliava as coisas na sua cabeça.

– Não tenho de te dizer isto – disse ela – e não é coisa que eu queira especialmente que o meu agente superior saiba sobre mim. Mas vou dizer-to, porque precisas de saber que acontecem coisas vergonhosas aos outros, mesmo às mulherzinhas polícias, que podem ser relatadas sem as pessoas as julgarem. Estás a ouvir-me, Salvador?

Cruzaram os olhares e ele acenou com a cabeça.

– Antes de eu me tornar polícia, andei a preparar-me para ser freira. O *inspector jefe* sabe isso a meu respeito. Também sabe que conheci um homem e que fiquei grávida. Isso significava eu interromper a minha formação e casar-me. Mas há uma coisa que ele não sabe, da qual eu tenho muita vergonha e que me vai custar muito dizer na frente dele.

Salvador não reagiu. O silêncio soava na sala. Ferrera engoliu a respiração. Falcón não tinha a certeza de que queria ouvir aquilo, mas era tarde de mais. Ela estava determinada.

– Eu venho de Cádiz. É uma cidade portuária com gente rude. Eu vivia com a minha mãe, que não sabia que eu conhecera aquele homem. Cheguei ao ponto em que tinha de contar às freiras o que me sucedera e decidi ir primeiro ver o homem que amava e falar com ele. Eu ainda era virgem, porque acreditava na santidade do casamento e em ser fiel a isso. A caminho do apartamento do meu amante, nessa noite, fui amarrada por dois homens que me violaram. Foi muito rápido. Eu não resisti. Eu era pateticamente pequena



e fraca nas mãos deles. Numa questão de dez minutos, fizeram de mim o que quiseram e deixaram-me totalmente desmantelada. Voltei a cambalear para o apartamento da minha mãe. Ela já estava a dormir. Tomei duche e meti-me na cama a tremer e desfeita. Acordei a desejar ter tido um pesadelo, mas tudo me doía e sentia-me cheia de vergonha. Uma semana depois, quando já não tinha escoriações fui para a cama com o meu amante. No dia a seguir a esse, disse às freiras que me ia embora. Continuo a não ter a certeza absoluta de quem é o pai do meu primeiro filho.

Esticou para trás a perna até sentir o assento da cadeira e deixou-se cair nela com tal força que a fez balançar. Parecia exausta. Os olhos de Salvador desviaram-se dos seus para o cigarro que ele tinha na mão, que tremeu.

– A razão pela qual já não vejo o meu pai é porque o odeio – disse ele. – Odeio-o com um ódio tão gigantesco que se o visse ia cometer um acto de extrema violência. Odeio-o porque ele é um traidor da confiança e não estou a falar de uma confiança qualquer. É o traidor da maior confiança que os seres humanos podem ter: a confiança entre pai e filho. Batia-me para me manter apavorado. Para me impedir de pensar sequer em contar a quem quer que fosse o que ele me andava a fazer. Batia-me porque sabia que a fama das suas tarefas iria espalhar-se pelas redondezas e todos os outros miúdos também teriam medo dele. E quando eles vinham lá a casa, ele era tão meigo com eles que eles o deixavam fazer o que queria, mas nunca ousaram falar. Esses homens arruinam-nos. O meu próprio pai arruinou-me até eu ter doze anos. Então, parou. Eu pensei que ia conseguir lidar com isso. Pensei que ia poder limpá-lo para longe. Limpar a minha infância, livrar-me dele e começar a minha própria vida. Poderia ter sido possível. Mas foi então que o tio Pablo trouxe o Sebastián lá para casa. E a minha vergonha é essa. É por isso que eu sou assim. Porque eu não contei nada enquanto o meu pai fazia a Sebastián o que me tinha feito a mim. Eu devia... devia tê-lo protegido. Devia, como você diz, ter sido o irmão mais velho dele. Mas não fui. Fui um cobarde. E vi-o destruído.

Ao fim de alguns minutos, a vida real voltou à sala. Uma das luzes zumbiu. O gravador soltou um estalido.

– Quando é que viste o teu tio Pablo pela última vez? – perguntou Falcón.

Vi-o na sexta-feira de manhã, só durante meia hora. Deu-me algum dinheiro. Conversámos. Ele perguntou-me se eu sabia por que é que Sebastián fez o que fez. Eu sabia onde ele queria chegar e o que ele queria de

mim. Mas não consegui dizer-lhe o que acabo de vos dizer. Não consegui reconhecer como eu tinha falhado perante o pai de Sebastián, o meu tio, que me tinha ajudado tanto. Acho que ele já tinha descoberto ou que sempre tinha sabido sem querer acreditar que tal fosse possível por parte do próprio irmão. Estava a olhar para mim para eu lhe dar uma confirmação final dos factos. Eu devia ter conseguido falar com ele, mas não consegui. No final da nossa conversa abraçou-me e beijou-me a cabeça. Já não fazia isso desde que eu era rapazinho. Chorei na camisa dele. Caminhámos para a porta do apartamento e ele deu-me palmadinhas de lado na cara com uma das suas enormes mãos e disse: «Não julgues o teu pai com severidade de mais. Ele teve uma vida dura. Recebeu todas as tareias por nós quando éramos crianças. Todas. Era um estafermozinho muito rijo. Recebeu tudo aquilo em silêncio.»

– Sabes por que é que Sebastián fez o que fez? – perguntou Falcón.

– Antes disso, eu já não o via há algum tempo. O acordo, lembra-se? Eu não queria quebrar essa parte. Quando encontramos confiança, tentamos não a estragar.

– Ficaste surpreendido com o crime de Sebastián?

– Eu não queria acreditar. Não conseguia acreditar no que se tinha passado na sua cabeça durante os anos em que não nos tínhamos visto. Isso ia contra tudo o que eu sabia a seu respeito.

– Mais duas perguntas – disse Falcón, desligando o gravador – e depois terminamos. Pedi a uma psicóloga clínica que falasse com o Sebastián para tentarmos desbloquear a cabeça dele. Se eu pudesse fazê-la ouvir esta fita com o que acabaste de dizer, isso iria ajudar. Apenas ela irá ouvi-la e pode ser que queira falar contigo ou pedir-te que ajudes Sebastián de alguma maneira.

– Sem problemas – disse ele.

– A próxima pergunta é mais difícil – disse Falcón. – O teu pai fez algumas coisas más...

– Não – disse Salvador, com uma expressão subitamente dura, como se fosse de madeira – não me pode forçar a isso.

\*\*\*

No caminho de regresso ao Polígono San Pablo Falcón sentou-se no banco de trás com Salvador e arranjou maneira de o contactar no caso de Alicia

precisar da sua ajuda. Também referiu que Pablo lhe tinha deixado qualquer coisa no testamento e disse-lhe que contactasse com Ranz Costa.

Largaram-no nos arredores do *barrio*. Ferrera beijou-o nas duas bochechas. Falcón sentou-se à frente. Observaram o andar desengonçado de Salvador, com um atilho desapertado num dos ténis rotos a chicotear nas canelas finas e desajeitadas.

– Não precisava de fazer aquilo – disse Falcón, enquanto Ferrera dava a volta ao carro.

– Beijá-lo? – disse ela. – Era o mínimo que ele merecia.

– Quis dizer que não era preciso contar-me a história para fazer com que ele dissesse isto – disse ele. – Tornar-se freira, responder que a vocação é, suponho eu, um processo – que nos revela e nos limpa perante Deus. O trabalho de polícia também é uma vocação, mas não há nenhum Deus a que tenhamos de nos revelar.

– Os *inspectores jefes* estão altamente colocados – disse ela, a sorrir. – E, de qualquer modo, foi um ensaio para a coisa a sério. Continuo a ter de contar ao meu marido.

## Capítulo 24

*Segunda-feira, 29 de Julho de 2002*

FALCÓN acordou da sua *siesta* e desligou o despertador com uma pancada. Estava deitado no quarto às escuras, com os braços abertos, a arfar como se acabasse de vir à superfície, com os pulmões a rebentarem, num lago profundo. Algo tinha escurecido na sua cabeça. Aquilo que antes era uma vaga antipatia por Ignacio Ortega tinha tomado forma tornando-se uma massa específica que ia pôr o abusador de crianças sob as grades o maior tempo possível. Estava a sentir prazer naquela raiva tal como Ferrera o tinha sentido quando se tornou polícia, percorrendo as ruas de Cádiz, na esperança de encontrar as duas bestas que a tinham violado.

Tomou duche, pensando em Ignacio Ortega. Sentiu-se arguto. Todas aquelas mentiras fáceis que o outro tinha dito na primeira entrevista. A apresentação já ensaiada de meias verdades. Perguntou a si mesmo se tudo isto tinha começado pela inveja: «Eu era apenas um electricista e ele era um actor famoso.» Dois homens vindos da mesma infância brutal, um que se torna um actor famoso que escapa para os seus papéis, enquanto o outro, anónimo e cheio de ódio, destrói a inocência de crianças. Haveria algum estranho equilíbrio formado na cabeça de Ignacio?

Enquanto se vestia lembrou-se do que lhe tinha ocorrido enquanto falava com Ramírez sobre os nomes no livro de moradas de Vega. Havia nele apenas um Ortega e sem inicial. Foi a guiar até à *Jefatura*, trouxe para cima, da sala de provas, o livro de moradas. Tinha razão, lá estava o número sem inicial, um número de telemóvel, que pertencia a Ignacio. Outra ideia. Ligou para Carlos Vázquez.

– Quem é que a Vega Construcciones costuma usar para as instalações de ar condicionado nos prédios?

– Tem dependido – disse Vázquez. – Há quatro ou cinco empresas que concorrem umas com as outras para esse assunto.

– Alguma das empresas tem conseguido melhores resultados do que as

outras?

– Eu diria que setenta por cento do trabalho é feito pela AAC, Aire Acondicionado Central de Sevilha. É dirigida por um homem chamado Ignacio Ortega, que só pratica preços muito altos, caso não possa fazer o trabalho.

Ligou para a Vega Construcciones e pediu para falar com Marty Krugman; continuava ausente. Krugman atendeu o telemóvel. Parecia estar no meio de muito trânsito, pelo ruído. O sinal era fraco.

– Eu não sou suposto falar consigo, inspector, lembra-se? – disse ele alegremente. – Ainda não falei com os nossos amigos frios e orientais.

– Só uma pergunta sobre os projectos com os russos: com quem acordaram negócio em relação ao ar condicionado?

– Não o fiz – disse Krugman. – O Rafael disse-me que usasse uma empresa chamada AAC.

– Não arranjou um orçamento comparativo?

– Ele disse que o cliente já tinha autorizado.

– Que razão vê para isso?

– Isso normalmente significa que se deve um favor à AAC, provavelmente por ter feito anteriormente um trabalho para eles por muito baixo preço.

– Conhece Ignacio Ortega da AAC?

– Claro, já o encontrei. Trabalha muito para a empresa. Tem mau feitio – disse Krugman. – Está relacionado com Pablo?

– São irmãos.

– Não parecem.

– O que pode dizer-me sobre Ignacio e o Sr. Vega e sobre a relação deles?

– Nada.

– Eram próximos?

– Já lhe disse, *inspector jefe*... – afirmou Krugman, e Falcón perdeu o final da frase porque a linha começou a falhar.

– Podemos falar sobre isto cara a cara? – perguntou Falcón, pensando agora mais sobre o que Guzmán tinha dito.

– Não vai fazer diferença – disse Krugman. – E, de qualquer modo, agora estou ocupado.

– Onde está? Eu vou ter consigo. Tomamos uma cerveja antes do jantar.

– Agora já gosta de mim, *inspector jefe*. O que é que eu fiz?

– Só quero falar – disse Falcón, gritando através da falta de rede.

– Já lhe disse que os russos ainda não me contactaram.  
– Isto não é sobre os russos.  
– Então, sobre que é?  
– Não faço ideia... Quero dizer, é mais sobre os americanos.  
– Estou a começar a ter saudades dos tempos da Guerra Fria – disse Krugman. – Sabe, é uma coisa interessante... os russos são uma força muito mais efectiva em termos de máfia do que eram como comunistas.

A rede caiu. Falcón voltou a marcar. Ocupado. Ramírez enfiou a cabeça no escritório. Falcón informou-o sobre Salvador e Ignacio Ortega enquanto ele se sentou a escutar com a cara toda repuxada pela mão, de boca aberta, e com um ar inteligente. Antes que ele pudesse fazer quaisquer perguntas, Falcón contou-lhe a conversa com Guzmán, o que o deixou com as pálpebras semicerradas.

– *Joder* – disse ele, ao fim de algum tempo, num tom de sevilhano pouco impressionado pelos acontecimentos. – Falou sobre isto com o Krugman?

– Acabo de perder rede a falar com ele ao telemóvel e, de qualquer modo, preciso de me sentar à frente dele se a ideia for falar-lhe sobre a actividade extracurricular para a CIA.

– Não acredito nisso – disse Ramírez. – Acho que Virgilio Guzmán vive num mundo de fantasia de teorias da conspiração. Aqui, estamos em Sevilha, não em Bilbao. Ele ficou com a cabeça afectada por toda aquela espionagem da ETA e da Guardia Civil.

– Vá lá, José Luis, ele é um profissional respeitado.

– Também Alberto Montes era – disse Ramírez. – O que é que pensa que o Guzmán anda a fazer por aqui?

– Uma coisa com menos pressão do que quando estava em Madrid – disse Falcón.

– Na minha opinião – disse Ramírez, passando o dedo pelas têmporas – o tipo passou-se.

– Isso baseia-se em alguma pesquisa empírica ou é só a tua impressão pessoal? – perguntou Falcón. – Então é a teoria de Guzmán sobre o pedaço de papel na mão de Vega? Isso também é treta?

– Não, isso soa verdadeiro. Gosto disso. Não nos ajuda, mas gosto – disse Ramírez.

– Mas ajuda-nos; encurta a investigação para o FBI – disse Falcón. – Já soubeste alguma coisa deles?

Ramírez abanou a cabeça.

– Quero encontrar Krugman – disse Falcón.

– Estás a começar a pensar que *ele* matou Vega.

– Eu tenho o espírito aberto. Ele tinha a oportunidade, uma vez que Vega o teria deixado entrar em casa àquela hora da manhã. E agora temos um possível motivo, mesmo que se pense que é uma fantasia de Guzmán – disse Falcón. – Também estou preocupado com Krugman. Quando o fui ver, depois de termos estado a falar com o Dourado, parecia inquieto. Estava a espreitar pela janela com uns binóculos.

– Provavelmente a tentar ver se a mulher anda a foder com o *juez* Calderón, razão pela qual o nosso mandado de busca nunca mais está pronto.

– Então *piensas* mesmo que o Vega andava de algum modo a «operar» – disse Falcón. – E *piensas* mesmo que o que ele tem no seu cofre privado vai ser importante para nós. Só não *piensas* que o Krugman...

– Bem, *eu* não me serviria do Krugman para porra nenhuma e muito menos uma «operação» – disse Ramírez. – Ele é tão imprevisível. Há coisas de mais a acontecer no seu cérebro. Mas se me deres o número de telemóvel dele, eu ponho os rapazes do centro telefónico a ligarem-lhe e, se ele atender, podemos localizá-lo.

– Está a acontecer alguma coisa com a investigação Montes?

– Ainda estamos à espera que o Elvira nos dê outra ajuda.

– O advogado voltou à propriedade que tinha acrescentado à lista de bens de Montes no testamento?

– Sim, estou a contactar com a câmara de Aracena para verificar se essa propriedade tinha uma licença de construção.

– É lá em cima na *sierra*, não é?

O telefone tocou. Ramírez atendeu, escutou, disse que Falcón estava a caminho e desligou.

– Alicia Aguado – disse ele.

– Gostava que verificasses onde estava exactamente Ignacio Ortega na noite em que Rafael foi assassinado.

– Pensava que estava na praia.

– Ele não entrou na cidade até o irmão morrer. Contactei-o por telemóvel. Nunca o investigámos correctamente.

Guiou até à Calle Vidrio e parou no semáforo com as mãos a darem palmadas nervosas no volante. Uma sensação de ameaça nasceu dentro dele,



enquanto lá fora a cidade resistente era esmagada pelo calor implacável.

Fez passar a gravação da entrevista de Salvador Ortega com Alicia Aguado enquanto estavam a sair da prisão. Demorou todo o trajecto. Sentaram-se no parque de estacionamento a escutar o final e um pouco de silêncio até o gravador se desligar.

– Perguntei-lhe se ele testemunharia contra o pai – disse Falcón. – Ele recusou.

– Pessoas como Ignacio Ortega detêm imenso poder sobre as suas vítimas e as vítimas nunca perdem o medo do abusador – disse Aguado enquanto saíam do carro.

Subiram para a prisão. Ela segurou-lhe no braço.

– Falei com um amigo que trabalha na prisão – disse ela. – Recebe prisioneiros perturbados, mas não estava encarregue do caso de Sebastián quando ele solicitou ir para a solitária, apesar de ter ouvido falar disso. Não houve sinal nenhum de comportamento perturbado. O Sebastián era inteligente, amigável e completamente inocente – coisa que eu sei não garantir nada. Mas disse uma coisa interessante. Todos acharam que Sebastián não só estava feliz por estar onde estava como aliviado.

– Por estar separado dos outros presos?

– Ele não sabia dizer. Só disse que estava aliviado – disse ela. – E a propósito, gostava de falar a sós com Sebastián. Mas, se houver uma sala onde possas observar do exterior, estaria interessada em que assistisses à sessão.

O director foi ter com eles e fez com que a entrevista se passasse numa das celas «seguras», onde eram postos sob observação prisioneiros considerados como um perigo para si mesmos. Havia um circuito interno de videogravação e gravação magnética disponível. Levaram para a cela duas cadeiras, colocando-as lado a lado em direcções diferentes, o que recriava a sala de consultas de Alicia Aguado. Ficou sentada de frente para a porta. Trouxeram Sebastián e puseram-no de frente para a parede. Fecharam a porta, mas esta tinha um grande painel para observação reforçado. Falcón sentou-se de fora.

Alicia Aguado começou por explicar o seu método. Sebastián olhou para o rosto dela de lado, avaliando as suas palavras com a intensidade de um amante. Estendeu para ela o seu pulso, e ela envolveu-o com os seus dedos. Ele tocou-lhe nas unhas com a ponta do dedo.

– Estou contente que tenha voltado – disse ele –, mas não sei bem o que

está aqui a fazer.

– Não é raro os prisioneiros que sofreram notícias desgastantes receberem apoio psicológico.

– Não pensei que lhes tivesse dado razão para preocupações. É verdade que eu me *enervei*. Mas agora estou calmo.

– Foi uma reacção muito forte e você é um prisioneiro no isolamento. As autoridades andam preocupadas com os efeitos do desgaste nervoso, as reacções a ele e os possíveis reflexos na cabeça do preso.

– Como é que ficou cega? – perguntou ele. – Não me parece que tenha sido sempre cega, pois não?

– Não. Tenho uma doença chamada retinite pigmentosa.

– Conheci em Belas-Artes uma rapariga que tinha isso – disse ele. – Pintava, pintava, pintava como uma louca... para largar todas as cores antes de ficar cega, porque depois teria de se ficar pelo monocromatismo. Eu gosto dessa ideia, condensar toda a cor nos primeiros anos, antes de a simplificar na vida posterior.

– Ainda está interessado em arte?

– Não em fazê-la. Gosto de olhar.

– Disseram-me que você é muito bom.

– Quem?

– O seu tio – disse ela e franziu o sobrolho, ajustando os dedos no pulso dele.

– O meu tio não sabe nada sobre arte. Tem um sentido estético nulo. Se ele pensasse que o meu trabalho era bom, eu ficava preocupado. É o tipo de pessoa que tem leões de cimento agarrados aos postes do portão. Pendura paisagens aguadas pirosas nas paredes. Gosta de gastar o dinheiro em sistemas de som caríssimos, mas não tem gosto nenhum para música. Acha que deviam santificar o Júlio Iglesias e que o Plácido Domingo devia aprender umas canções decentes. Tem tanto ouvido que consegue detectar o mais pequeno defeito na emissão de som dos seus altifalantes, mas não consegue distinguir uma única nota – disse Sebastián, que não tinha parado de olhar para Alicia Aguado um só instante. – Gostava de saber o seu nome próprio, Dr.<sup>a</sup> Aguado.

– Alicia – disse ela.

– Como é estar *sempre* no escuro, Alicia? – disse ele. – Eu gosto de estar no escuro. Tinha um quarto onde podia eliminar toda a luz e todo o ruído e

costumava deitar-me em cima da cama com uma máscara de dormir posta. Era de veludo por dentro. Assentava-me nos olhos, macia e quente como um gato. Mas qual é a sensação de não poder escolher, estar no escuro mas sem poder escapar para a luz? Acho que eu ia gostar.

– Por quê? – perguntou Alicia. – Torna a vida muito difícil.

– Não, não, Alicia, não concordo. Simplifica as coisas. Somos bombardeados por demasiadas imagens e ideias e palavras e pensamentos e gostos e texturas. Tira um dos sentidos principais e veja o tempo que isso libertaria. Podia concentrar-me no som. O tacto seria tão excitante, por os dedos nunca se aborrecerem pelo que a mente lhes diz que devem esperar. O gosto seria uma aventura. O único detector seria o cheiro, o delicioso cheiro da comida. Eu invejo-a, porque pode redescobrir a vida em toda a sua riqueza.

– Como é que pode invejar uma coisa dessas – disse ela. – Depois do que fez a si próprio?

– O que é que eu fiz a mim próprio?

– Desligou-se, fechando-se do mundo. Decidiu que não quer nada da vida em toda a sua riqueza.

– Eles estão mesmo preocupados comigo depois da morte do meu pai? – perguntou *ele*.

– *Eu* estou preocupada consigo.

– Sim, eu sei que está, eu sinto – disse ele. – E é esse o problema. Se eu fosse cego ia conhecer a sua beleza e a habilidade em vê-la apenas iria interferir com a pureza disso.

– Ficou muito transtornado com a morte do seu pai e, no entanto, ignorou a carta que ele lhe escreveu.

– Não é assim tão raro conter na cabeça duas emoções contraditórias em simultâneo. Eu amava-o e odiava-o.

– Por que é que gostava dele?

– Porque ele precisava disso. Tinha imensa adoração, mas quase nenhum amor. Era viciado em adoração, que ele confundia com amor. Quando não havia adoração, ele sentia-se mal amado. Então eu amava-o, porque ele precisava de ser amado.

– E por que é que o odiava?

– Porque ele não me podia amar também. Abraçava-me e beijava-me e depois punha-me de lado, como uma boneca, para ir encontrar aquilo que ele

achava que era o verdadeiro amor. Fê-lo porque era menos complicado. Era por isso que ele tinha os cães, o *Pavarotti* e a *Callas*: gostava daquela maneira descomplicada de dar e receber amor.

– Falámos com o seu primo, o Salvador.

– O Salvador – disse ele. – O Salvador que não pode ser salvo.

– Ou o Salvador que era incapaz de salvar?

– Não sei o que quer dizer com isso.

– Alguma vez pensa na sua mãe?

– Todos os dias.

– E o que é que pensa dela?

– Penso em como ela não foi compreendida.

– Mas não pensa em amor materno?

– Sim, penso, mas ao lembrar-me disso acho sempre que o pensamento seguinte era que ela não era compreendida. Fica gravado na cabeça de um filho que tratem a sua mãe por puta. Ela não era uma puta. Amava o meu pai e admirava-o. Ele nunca correspondeu. Foi à procura da fama em Espanha e pelo mundo fora. E ela encontrou outras pessoas para amar.

– Não acha que ela o abandonou?

– Acho, sim. Eu tinha só oito anos. Mas descobri mais tarde que ela não podia ficar com o meu pai e não me podia levar com ela, porque *ele* não tinha consentido. A vida dela estava a caminho. O namorado era realizador de cinema. Eu não soube *isso* pela minha família. Deles, eu soube que ela era uma puta.

– Como é que se adaptou à sua nova família depois de ela se ir embora?

– A minha nova família?

– O seu tio e a sua tia. Passou imenso tempo com eles.

– Passei mais tempo com o meu pai do que com eles.

– Mas como é que foi viver com eles?

O telemóvel de Falcón vibrou na sua coxa. Ele subiu o corredor para ir atender a chamada, que era de Ramírez.

– O FBI apareceu com uma identificação do Vega perfeitamente coincidente – disse ele. – Tamanho, idade, cor dos olhos, grupo sanguíneo, tudo condiz e trata-se de um chileno de origem. Mandaram uma fotografia dele com mais cabelo e uma grande barba. A foto foi tirada em 1980 quando tinha trinta e seis anos. É um ex-militar chileno, ex-DINA e foi visto pela última vez em Setembro de 1982 quando se retirou a coberto de um programa

de protecção de testemunhas.

– Por que é que ele estava a ser protegido?

– Diz que foi testemunha num caso de tráfico de droga, mais nada.

– Fornecem um nome?

– O nome original dele, que é anterior ao do programa de protecção de testemunhas, é Miguel Velasco.

– Envia esses pormenores ao Virgilio Guzmán do *Diario de Sevilla*. Ele disse que tinha contactos que podem fornecer um perfil de qualquer militar chileno ou elemento da DINA – disse Falcón. – Há notícias do Krugman?

– Por enquanto, nada – disse Ramírez. – Fique à espera de uma chamada do Elvira, ele anda à sua procura.

Falcón não voltou à sessão antes de Elvira ligar. Disse-lhe que após uma discussão com o *comisario* Lobo tinham decidido que ninguém dentro da *Jefatura* ia ser utilizado para gerir os movimentos da Sr.a Montes. Um agente dos assuntos internos estava a ser enviado de Madrid e havia de apresentar-se directamente a Elvira para esse efeito. Falcón sentiu-se aliviado.

Alicia Aguado não tinha conseguido tornar a orientar a entrevista no sentido de Ignacio, desde que ele tinha recebido a chamada de Ramírez. Estavam a falar sobre a morte da mãe de Sebastián e o efeito disso nele e a ausência de efeito no seu pai. O resultado tinha sido ele sair de casa e ir para o apartamento que o pai tinha comprado nas proximidades.

– Continuava a dar-se com o seu pai nessa época? – perguntou Aguado. – Ele não era uma pessoa que...

– Eu nunca teria falado com *ele* sobre a minha mãe. Ele não era simpático com ela. Teria sentido satisfação em saber da morte dela.

– Não tem lá grande opinião sobre o seu tio.

– Temos sensibilidades diferentes.

– Que tipo de pai era o seu tio?

– Pergunte ao Salvador.

– Ele foi seu pai substituto.

– Eu tinha medo dele. Ele acreditava na disciplina e na obediência total de qualquer criança que entrasse na sua órbita. Era capaz de enfurecer-se a um ponto que nem imagina. Ficava com as veias do pescoço inchadas. Surgia-lhe um alto na testa. Nessa altura, sabíamos que era melhor fugir e esconder-nos.

– Falou ao seu pai sobre o comportamento violento do seu tio?

– Sim. Ele disse que ele tinha tido uma infância difícil e que isso o tinha

marcado.

– O seu tio alguma vez foi violento consigo?

– Não.

Alicia Aguado terminou aí a sessão. Sebastián estava com relutância em deixá-la partir. Falcón chamou o guarda e recolheu a fita gravada da sessão. Voltaram para o carro em silêncio. Ela disse que ia dormir no caminho de regresso. Só acordou quando chegaram a Calle Vidrio. Subiram as escadas. Ela estava atordoada.

– Ele cansou-a – disse Falcón.

– Às vezes, é assim. O psicólogo sente uma pressão maior do que o doente.

– Pareceu perplexa com o pulso dele no início.

– Para começar, ele não reagiu na altura em que eu tinha a certeza de poder esperar sobressaltos emocionais. Parecia capaz de separar o mental do físico. Primeiro, pensei que ele estivesse drogado. A coisa vai melhorar. Tenho a certeza de que consigo levá-lo a abrir-se. Ele gosta de mim o suficiente para querer que eu o faça.

Ele deu-lhe a fita gravada e voltou para o carro. Quando estava prestes a partir, Inés ligou-lhe. Estava agitada.

– Eu sei que não devia estar a telefonar-te a este respeito – disse ela –, mas sei que viste hoje o Estebán.

– Tivemos uma reunião sobre o caso Rafael Vega esta manhã.

– Ele pareceu-te estar bem? – perguntou ela. – Não é da minha conta, mas...

– Ele pareceu-me cansado e estava distraído.

– Falaram de alguma outra coisa para além do caso?

– Eu estava com o inspector Ramírez – disse Falcón. – Aconteceu alguma coisa?

– Não o vejo desde sábado de manhã cedo. Ele não voltou ao apartamento. Desligou o telemóvel.

– Eu sei que o *juez* Romero falou com ele no sábado de manhã da cena do crime na casa de Pablo Ortega – disse Falcón.

– E o que é que ele disse? – disse ela apressadamente. – Onde é que ele estava?

– Não sei.

– Éramos para almoçar com os meus pais no domingo, mas ele cancelou. Tinha demasiado trabalho.



– Sabes como é, se ele tiver uma segunda-feira de manhã ocupada... – disse Falcón.

– O secretário diz que ele não voltou para o escritório desde a hora do almoço.

– Isso não é assim tão estranho.

– Para ele, sim.

– Não sei o que te diga, Inés. Tenho a certeza de que ele está bem.

– Não deve ser nada – disse ela. – Tens razão.

Desligou. Ele voltou de carro para a Calle Bailén e tomou um duche e mudou de roupa. Consuelo convidou-o para jantar. Partiu no escuro, a ouvir as notícias. O vento tinha amainado na Sierra de Aracena e o fogo em torno de Almonaster la Real já estava controlado. Três mil hectares tinham ardido e quatro casas isoladas tinham ficado destruídas. Arson era suspeito. Um pastor tinha sido preso. Um inquérito a fundo deveria começar no dia seguinte.

Estacionou à frente da casa de Consuelo. A casa dos Krugman estava às escuras. A caminho da porta de entrada, o telemóvel tocou. Ramírez.

– Não sei se isto é relevante, mas acabo de receber uma chamada da *Jefatura*. Eles sabem que andamos à procura do Sr. Krugman. Uma mulher telefonou de um edifício de apartamentos em Tabladilla. Quando entrava no prédio, notou um estrangeiro alto no *hall* de entrada. Estava a suar, nervoso, e a olhar para o relógio. Ele seguiu-a pela escada e parou no segundo andar enquanto ela continuava para o andar de cima. Ele estava de pé fora de um apartamento, que ela sabia estar vazio porque a mulher estava fora em férias. Vinte minutos depois ouviu um tiro no apartamento por baixo do dela, que era aquele para onde o estranho estava a olhar. Mandaram para lá um carro patrulha.

– Sabe-se o nome do dono do apartamento de onde veio o tiro?

– Espera um segundo...

Falcón estava parado na rua a suar.

– Acho que isto é relevante – disse Ramírez. – O apartamento pertencia a uma tal Rosario Calderón.



## Capítulo 25

*Segunda-feira, 29 de Julho de 2002*

FALCÓN explicou o problema a Consuelo. Ela ouviu-o como se ele estivesse a diagnosticar uma doença assimilando sem registar. Ele perguntou se ela tinha sabido da sua irmã e das crianças. Ela disse que um agente da polícia tinha aparecido para as vigiar ao fim da manhã. Ele deu-lhe um beijo e voltou a entrar no carro. Ela fechou a porta da entrada antes de ele se afastar.

A *Jefatura* informou-o que tinham sido enviados mais três carros para o incidente, que ficava num bloco de apartamentos na Calle Tabladilla, na esquina com a Calle del Cardenal Ilundain.

– Não quero nenhum carro estacionado à vista perto do incidente e nada de corvos – disse Falcón. – Todas as saídas devem ser vigiadas, incluindo o estacionamento subterrâneo, se houver um. Nenhum elemento do público deve ser autorizado a entrar no edifício. Ponham dois homens no telhado e dois nos patamares por cima, por baixo e em frente do incidente. Todos os ocupantes dos outros apartamentos devem ser avisados para não se movimentarem. E arranja alguém com binóculos que fique num apartamento do prédio em frente, com uma vista clara sobre o incidente.

Confirmaram-lhe as suas ordens e disseram-lhe que o apartamento pertencia mesmo à irmã do *juez* Calderón e que ela estava actualmente de férias em Ibiza.

O anúncio na Avenida Kansas City piscava quando ele regressou ao centro da cidade. Tinha que atravessar a cidade até ao outro lado, mas havia pouco trânsito e, vinte minutos depois foi autorizado a passar um cordão de polícia e estacionava na Calle Tabladilla, em frente de um edifício do governo a cerca de cinquenta metros do incidente. A rua estava vazia para além dos agentes que se mantinham perto das lojas por baixo da longa faixa de prédios. Um dos homens disse-lhe que estava tudo sossegado. Comunicou por rádio com o seu colega para o bloco de apartamentos em frente à procura de um bom ponto de vista. Estava no apartamento 403 que dava sobre a Calle Tabladilla.

Era uma noite opressiva e o suor concentrava-se no cabelo de Falcón quando atravessou a rua em direcção ao bloco de apartamentos cinzento e forrado de pedra com as varandas cromadas. Era o tipo de lugar que um jovem profissional instalado na vida iria comprar. Apanhou o elevador para o quarto andar e um jovem de calções mandou-o entrar, sem nenhum interesse pelo que se estava a passar. Estava a dar um filme na televisão. Ele sentou-se com a namorada num sofá, bebendo cerveja.

O agente estava lá fora na varanda, com os binóculos apontados para o outro lado da rua. Entregou-os a Falcón. Havia imensas plantas suspensas das varandas dos apartamentos em frente, a maior parte dos quais fechados. O incidente era muito fácil de encontrar. Era o único apartamento com alguma espécie de iluminação. Não havia estores internos ou cortinas corridas. Havia cerca de um metro e meio de parede entre uma grande janela e as portas de correr da varanda. Calderón e Maddy Krugman estavam sentados lado a lado no sofá. O juiz mantinha-se rígido, de pés e joelhos apertados, com os braços envolvendo apertadamente o peito. Maddy Krugman estava quase deitada no sofá, numa posição absurdamente descontraída. Estavam ambos vestidos como se estivessem prestes a sair para jantar. A julgar pela direcção para onde olhavam, Marty Krugman estava de pé em frente deles de costas para a parede que separava a janela da varanda. Ficou por segundos em campo. Não trazia colete, havia uma escura risca de suor ao longo das costas da sua camisa amarrotada e tinha uma arma na mão esquerda.

O filme na televisão terminou e foi substituído por anúncios. O jovem rapaz veio até às portas que davam para a varanda.

- O que é que se passa ali?
- É só uma situação doméstica que perdeu o controlo – disse Falcón.
- Ouvimos um tiro – pensei que fizesse parte do filme.
- A que horas?
- Logo a seguir às dez.

Eram 22.40 h. Falcón vigiava as paredes interiores do apartamento. Descobriu o buraco da bala na parede acima da cabeça de Maddy Krugman. Era evidente que ela não tinha levado o marido a sério quando ele lhe tinha lembrado que isto não era nem um jogo nem uma arma de imitação. Ligou para o *comisario* Elvira e fez o seu relatório.

– Que tal era o estado de espírito do Krugman durante as entrevistas que você fez?

– Ele é um intelectual com um factor obsessivo, com tendência para exaltações, mas controlável. Escuta. Normalmente, é civilizado e fino, mas mostrou-se mais perturbado durante os últimos dias, provavelmente devido à ligação da mulher dele com o *juez* Calderón. Se se tratar de um psicótico, a sua ciumeira incontrolável transbordou – disse Falcón. – Temos-nos dado bem. Há um respeito mútuo. Eu gostava de ali entrar e acalmá-lo...

– Está bem. Ligue primeiro para a linha fixa. Diga-lhe que vai bater à porta. Nada de surpresas. García, da brigada antiterrorista, vai lá ter e vai levar com ele um atirador. Espere até eles chegarem.

– O Krugman não é nenhum terrorista.

– Agora eu sei disso, mas antes não sabia. Alerttei o García quando a informação ainda estava imperfeita. De qualquer modo, ele tem experiência destas situações.

García entrou em contacto daí a uns minutos. Falcón enviou o agente para que o levasse lá acima. Saiu à varanda com o atirador, que parecia satisfeito com o ângulo de tiro e voltou lá para dentro para montar a sua arma.

– Vai entrar? – perguntou García.

– Eu conheço o autor do disparo.

– Vocês vão ser três e ele é só um. Vamos ter de ficar de olho em ti, o que me vai dar daqui algumas possibilidades.

– Eu acho que consigo acalmar este homem. Ele não é doido nem está drogado.

– Isso é bom, mas se ele se descontrolar não vai haver muitas oportunidades para o atirador agir daqui sem pôr em perigo as vidas dos reféns.

– O que é que quer dizer?

– Seria melhor atacar o apartamento.

– Acho que não vai ser preciso chegar a tanto.

Combinaram alguns sinais de emergência para Falcón e ele fez a chamada para o apartamento. Maddy atendeu o telefone antes que Marty pudesse exercer o seu controlo sobre os acontecimentos. Falcón pediu-lhe para falar com o marido.

– É para ti – disse ela ironicamente e estendeu o telefone a Marty.

– Continuo sem ter falado com os russos – disse Krugman, gargalhando. – Estou ocupado.

– Eu estou cá fora, Marty – disse Falcón, saindo do apartamento e

dirigindo-se para as escadas.

– Bem me pareceu que o tiro ia atrair algumas atenções – disse ele. – Isto era para ser uma coisa privada, mas a Maddy consegue ser teimosa e eu precisava de lhe mostrar que não ando a fazer jogos. Seja como for, o que é que eu posso fazer por si, *inspector jefe*?

Falcón atravessou a estrada e começou a subir as escadas para o apartamento da irmã de Calderón.

– Quero entrar e falar consigo. Estou mesmo do lado de fora da porta do apartamento. Deixa-me entrar?

– Suponho que tem consigo alguma equipa de elite?

– Não, sou só eu.

– A rua está muito sossegada.

– Foi esvaziada por uma questão de segurança das pessoas, nada mais – disse Falcón. – Não queremos que ninguém se magoe, Marty.

– Já alguém se magoou – disse ele.

– Eu sei disso...

– Não, quero dizer magoado a sério... fisicamente – disse Marty. – Isto não é o que você julga que é.

– Então, é o quê?

– É privado. Estamos para além de qualquer negociação.

– Não estou aqui para negociar.

– Então deve ter vindo assistir à destruição da vida das pessoas.

– Não, isso é que não vim de certeza – disse Falcón. – Vim apenas para ouvir o que tem a dizer.

– Eu contei à Maddy que não fazem polícias como você na minha terra – disse Marty. – Gostam de gente com cabeças quadradas que encaixam perfeitamente em determinados vícios. Desse modo, é mais fácil estreitar-lhes as cabeças. Não vêm cor nem gradações, só preto ou branco.

– Só entramos na vida das pessoas nas situações de crise – disse Falcón. – Às vezes temos de simplificar, ir direito ao assunto. Eu tento não fazer isso, nada mais. Agora vou tocar à campainha e gostava que me deixasse entrar.

– Está bem, *inspector jefe*, pode entrar. Preciso de um homem justo que me oiça. Mas é preciso que saiba uma coisa primeiro – disse ele. – Ao entrar aqui, só vai pôr-se em perigo. Não vai afectar em nada as consequências. Essas, já estão escritas. O destino ditou-as há algum tempo.

– Compreendo – disse Falcón e tocou à campainha para manter a tensão.

Calderón abriu a porta. Suava imenso e tremia com o frio do apartamento. Tinha os olhos afundados e suplicantes de um pedinte de rua. Maddy Krugman estava de pé atrás dele com um ar feroz e atrás dela Marty segurava na arma apontada à parte traseira da cabeça de Calderón.

– Entre, *inspector jefe*. Feche a porta, dê duas voltas à chave e ponha a corrente.

Krugman estava calmo. Enquanto Falcón tratou da porta, fez com que os dois outros se encostassem à parede, de mãos atrás das cabeças. Krugman revistou a parte superior do corpo de Falcón, assim como as suas pernas, e pediu-lhe que mostrasse as canelas. Foram todos para a sala de estar. Calderón e Maddy voltaram aos seus assentos. Ela estava bastante lânguida nos seus movimentos, como se nada disto fosse da sua conta e se tratasse apenas de uma reunião de família cansativa a que ela tinha tido de acudir.

– Eu sento-me aqui – disse Falcón, escolhendo uma poltrona perto das portas de correr, para que García tivesse uma vista limpa sobre ele.

– Por que não juntar-se a nós na fila da frente? – disse Maddy.

– Está muito bem aí – disse Marty.

– Como é que entrou no apartamento, Marty? – perguntou Falcón.

– Os amantes gostam de sair para jantar.

– Nós *não* somos amantes – disse Maddy, irritada.

– Eu estava lá fora à espera deles.

– Ele pensa que somos amantes – disse Maddy, tentando explicar o absurdo da ideia a Falcón.

– Se não são, então que merda são vocês? – disse Marty em inglês. – Que merda estão vocês a fazer neste apartamento, vestidos dessa maneira, indo sair para um jantar de merda... se não são amantes?

– A sua mulher vai responder às suas perguntas, Marty – disse Falcón –, mas as pessoas ficam nervosas quando se acena com uma arma na cara delas. Ficam defensivas, iradas...

– Ou num silêncio do caralho – disse Marty, sacudindo o cano da arma na direcção de Calderón.

– Está a acusá-lo de ser o amante da sua mulher. Talvez ele ache melhor ficar de boca calada.

– Eu sinto o cheiro do medo dele.

– Isso é uma arma carregada.

– Quando se faz o que ele está a fazer, é preciso estar-se preparado para

isto.

– Eu não sei qual é o teu problema, Marty. Desde o primeiro dia, quando o Esteban veio à nossa casa, que tu sabias que ele, tal como todos os outros tipos, me queria levar para a cama. Também sabias que eu não estava interessada. Não faz o meu tipo.

– Eu conheço-te, Maddy. Sei como funciona a tua cabeça, lembra-te disso. Aqui dentro, as tuas relações públicas não alteram nada, porque estes dois tipos não vão ser capazes de te ajudar... mesmo que acreditem no que tu estás a dizer.

– O que é que te aconteceu, Marty? – perguntou ela, com um rosto subitamente cheio de profunda preocupação.

– Encontrei-te – disse ele, com uns olhos muito abertos e ferozes.

– Agora já vê o meu problema – disse ela, voltando-se para Falcón. – Como é que alguém pode viver com isto? Vivo com isto a toda a hora e preciso de ser aliviada. É demasiado intenso. Por isso, saio com o Esteban. Ele é encantador. Lisonjeia-me...

– Lisonjeia-te – disse Marty. – Lisonjas! Estás a dizer-me que estás a fazer isto por umas quantas lisonjas? Estás-te a passar?

– Fique calmo, Marty – disse Falcón.

– Agora a cabra quer um pouco de lisonja – disse Marty. – Vai atirar quase doze anos de casamento pela janela fora por um pouco de lisonja. Eu posso lisonjear. Lisonjear é canja. Fazes com que o Man Ray pareça uma merda de um amor, querida. Que tal? O teu nome será referido na mesma onda que uma cabra como a Lee Miller. Já te sentes melhor?

– Marty – disse Falcón, e a cabeça de Krugman girou. – Você merece respostas e vai obtê-las, mas trata-se de uma situação doméstica. Isto não merece o uso de uma arma. Dê-me a arma e vamos...

– Lá de onde eu venho tudo merece o uso de uma arma. É como somos educados. Está na nossa constituição.

– Larga isso, Marty – disse Maddy, completamente aborrecida.

– O senhor não entende o que se passa, *inspector jefe* – disse Marty, ajeitando com força a mão na arma. – O senhor não sabe o que eu fiz por *ela*.

– O quê, Marty? O quê? – disse Maddy. – O que é que *tu* fizeste por *mim*?

Marty cambaleou. Toda a lógica parecia estar a faltar-lhe. Todo o seu circuito eléctrico tão cuidadosamente instalado em curto-circuito. Uma parte dele sabia por que estava ali; havia nele uma grande vaga de certeza. Mas



havia outra parte dele que achava tudo um mistério completo. Era a coisa habitual. Queria afastar-se, mas não conseguia. Não queria estar com ela, mas não resistia ao seu apelo.

– Estou aqui por causa do que fiz por ti – disse ele. – Estamos ligados para sempre por esse acto.

– O que é que fez por ela, Marty? – disse Falcón.

– É uma longa história.

– Temos tempo.

– Tenha cuidado – disse Maddy. – Não faz ideia da quantidade de paleio que este gajo tem lá dentro. Se lhe der carta branca, podemos ficar aqui em pleno debate interminável da Assembleia da República.

– Deixe-o falar – disse Calderón, com uns lábios brancos e apertados.

Silêncio. Marty pestanejou com o sorriso dos olhos. Passaram uns segundos, que pareceram minutos.

– Estávamos a viver no Connecticut – disse ele, como se fosse uma história. – Eu andava a trabalhar em Manhattan. A Maddy trabalhava no centro a meio tempo. Eu trabalhava muitas horas. Ia para casa ao fim-de-semana e tinha a sensação de ter estado a viajar, de tão pouco que tinha visto a casa durante o dia. Certa manhã, no trabalho, desmaiei e a minha cabeça bateu na mesa. Mandaram-me para casa. A Maddy era para lá estar, mas quando eu cheguei tinha saído. Fui para a cama, dormi, acordei e pensei em como eu tinha deixado a minha vida a descontrolar-se. Decidi que estava na altura de mudar. Ia tirar algum tempo livre. Podíamos partir, viver na Europa. Eu estava de pé à janela, a pensar imenso nestas possibilidades, quando a vi regressar a casa. Vinha a caminhar numa atitude que eu nunca lhe tinha visto. Era como deslizar... como uma rapariga a patinar. E compreendi que estava a olhar para uma pessoa muito feliz.

– Desci para ir ter com ela. Quando ela atravessou a porta, eu estava ali de pé e vi a cara dela desfalecer. Toda a sua felicidade e alegria desapareceram. Voltou a ter pés de chumbo. Sorriu-me como se eu fosse motor de uma relação mentalmente doente. E compreendi que outra pessoa a estava a tornar feliz.

– Não lhe contei os meus planos, só lhe falei do meu acidente. E comecei a observá-la e a notar todas as coisas que antes não reparava. Não há nada como a suspeita para nos refrescar a vista e apurar o ouvido. Comecei a delegar o meu trabalho nos mais novos. Arranjava tempo sempre que podia.



Comecei a espiá-la e descobri Reza Sangari.

Marty usou a mão que tinha a arma para limpar a testa. Só o facto de dizer aquele nome já lhe tinha custado. Lambeu os lábios.

– Eu sou um bom espião, sabe – disse ele. – Não ao ponto de a mulher com quem eu vivia nunca vir a descobrir, mas suficientemente bom para encostar Reza Sangari à parede. Vim a saber das outras mulheres com quem ele andava. Tinha-as todas a funcionar com um horário. Françoise em determinados dias, Maddy noutros; Helena nos outros e uma série delas pelo meio. Era fácil.

– O que é que era fácil? – perguntou Maddy, largando o seu ar aborrecido.

– Chamar-te à cidade num dia que não era para ser o teu. Almoçámos, lembras-te? E, à tarde, eu sabia que não ias conseguir resistir. Era terça-feira, e era a vez da Helena. Eu estava lá, quando ela saiu pela porta fora e tu recebeste isso como um estalo. Estavas numa entrada, do outro lado da rua. Eu podia ter-te oferecido um cigarro e acender-to, que nem sequer me terias visto, de tal modo estavas a olhar intensamente para aquela porta. Eu estava lá quando atravessaste a rua para ir lá acima arranhar-lhe os olhos e deparar com outra. Dessa eu não sabia o nome. Não era uma das habituais...

– Estavas *lá*? – disse Maddy.

– Voltei contigo no comboio. Vi-te rastejar para dentro de casa. Estive sempre contigo.

– És um merdas doentio, Marty Krugman – disse ela.

– Voltaste a recuperar – disse Marty. – Sabe, *inspector jefe*, eu continuei a observá-la. Fiquei viciado nisso. Dei comigo a fazer o que ela fazia com as fotografias. A observá-la nos seus momentos de inconsciência. A ouvi-la quando ela julgava estar só.

– O choro. Nunca se ouviu ninguém chorar daquela maneira. Chorava como um cão doente quando vomita. Chorava com o rosto virado para a parede da casa de banho, lutando contra os pulmões e a garganta. Alguém alguma vez chorou por si assim, *inspector jefe*?

Falcón abanou a cabeça.

– Já alguma vez viu uma pessoa que ama chorar por outra pessoa dessa maneira? Chorar até perder os sentidos, até dar cabo dos órgãos?

Falcón abanou outra vez a cabeça.

– Ela não voltou para ele – disse Marty. – Não pode imaginar o orgulho que está entalado dentro dessa mulher. É mais gordo que um Buda. E foi

nisso que ela pegou a seguir. O orgulho dela transformou-se em fúria. Ela costumava subir lá acima ao terraço e gritar. Gritar até ficar de garganta rachada.

– Alguma vez falaram sobre isto? – perguntou Falcón.

Marty abanou a cabeça.

– Então começou a escrever – e a Maddy não escreve – disse Marty. – Nunca na vida teve um diário. As fotografias dela é que são o seu diário. Mas umas semanas depois ela compreendeu por que tipo de homem se tinha apaixonado e começou a escrever. E porque é que acha que ela começou a escrever, *inspector jefe*?

Falcón encolheu os ombros.

– Porque sabia que eu a estava a observar. Sabia que eu ia estar morto por assistir. E estava. Tinha de o ver. Tinha de saber. Eu tinha gasto o meu dinheiro com a dor dela e queria a minha parte.

– Ela mantinha os cadernos fechados à chave, mas eu consegui chegar lá. Eu sei que se interessa por psicologia, *inspector jefe*. E lamento que esses papéis já não existam, porque duvido que alguma vez tenha visto uma coisa tão horrível como as garatujas da Maddy Krugman. Ela não queria só que ele morresse, *inspector jefe*. Queria que ele morresse sob uma tortura prolongada e assistida clinicamente. Sabe, tenho a certeza de que o sexo e a tortura estão ligados algures no cérebro humano. A Maddy pensava assim não pensavas, querida?

– Não sei de que é que estás a falar, Marty – disse ela. – Esta cena é decididamente tua e a solo.

– Não te lembras de «a língua do amante como um eléctrodo no mamilo?»; «O toque do seu pénis como uma cafeteira enfiada na vagina?». Tu escreveste essas coisas.

– O que é que fez com elas, Marty? – perguntou Falcón.

– Fiz aquilo que ela queria que eu fizesse. Planeei tudo para um sábado à tarde. Era no Outono, a luz estava a cair cedo e, no fim-de-semana, a parte da cidade de Reza Sangari estava quase silenciosa. Fui vê-lo. Apresentei-me. Ele conduziu-me ao seu apartamento e eu ouvi as suas desculpas. Tinha uma voz amável. Era sedutora, como a de um torturador que não precisa de descobrir nada, mas quer causar-nos dor. Fiquei entre as luxuosas carpetes de seda sobre as quais ele tinha fodido a minha mulher e enchi-me de raiva com a facilidade com que ele se desculpava. Foi surpreendentemente fácil espancá-

lo até à morte. Ouviu o que eu disse, *inspector jefe*? Eu, Marty Krugman, sofisticado, intelectual, esteta, o homem que acha toda a concepção de uma tourada violenta, achei surpreendentemente fácil desfazer um homem até à morte. Aprendi outra coisa: a violência que me circulou nas veias naquele momento. Desde então, nunca tornei a sentir esse poder. Voltei para casa às escuras, o homem das cavernas com o seu bastão, e lá estava ela de avental à minha espera. Cozinhou um jantar especial e comêmo-lo à luz das velas. Foi mais um dos nossos jantares sem palavras, só que este foi diferente, porque no final ela despiu-se e me pediu para a foder. E eu, com aquele sangue novo nas veias, obedeci. Ora essa, inspector, é que foi uma foda memorável. Tinha finalmente descoberto aquilo que excitava Maddy Krugman.

– Não te gables, Marty – disse ela, cheia de desprezo.

– Seja como for, a loucura terminou lá em casa. Recomeçámos a viver como seres humanos. Alguns dias depois a história do assassinio de Reza Sangari veio nas notícias e ela ficou totalmente impassível. Fumámos charros, comemos comidas maravilhosas e bebemos vinho de luxo e fizemos imenso sexo violentíssimo.

– O FBI apareceu a certa altura na semana seguinte. Pediram para falar em privado com Maddy. Deixei-os falar. A seguir, quiseram interrogar-me. Ela perguntou se podia falar comigo primeiro. Entrámos nos nossos papéis sem dizer uma palavra. Ela veio à cozinha e falou-me sinceramente sobre Reza Sangari pela primeira vez. O meu número foi sem falhas. Comportei-me como se as notícias me tivessem surpreendido, quando, no fundo, era apenas o nosso número que me tinha surpreendido.

– Os polícias foram-se embora, mas continuaram a aparecer. Eu não tinha um álibi: tinha um motivo. Tinha sido visto a ir para a cidade no sábado, apesar de ter quase a certeza de não ter sido visto ao regressar. Vieram ver-me ao meu trabalho. Começaram a pressionar-me.

– E a única vez que Maddy e você falaram sobre Reza Sangari foi quando os agentes do FBI estiveram lá em casa pela primeira vez? – perguntou Falcón.

– E nunca mais falámos sobre isso – disse Marty. – A investigação do crime terminou abruptamente. Descobriram que Sangari tinha enormes dívidas devido ao seu vício de cocaína. Arrumaram o assunto como um ajuste de contas de droga. Nós viemos para a Europa. O meu sangue abrandou.

Maddy Krugman estava a ranger de incredulidade.

– Isso é tudo na tua cabeça, Marty – disse ela. – Fantasia pura.

– E agora ela está a fazer outra vez a mesma coisa com o nosso amigo juiz – disse Marty, agitando a arma na direcção de Calderón. – Ela quer que eu o mate, Sr. Calderón. Sabe por quê?

A cabeça de Calderón agitou-se no pescoço trémulo.

– Porque ela o odeia. Odeia o que o senhor representa : o macho errante e predador que larga a sua semente onde pode. Eu agora conheço-a, como nunca conheci ninguém na minha vida. As coisas vão a esse ponto, quando se mata por alguém. Estou a dizer-lhe, *juez* Calderón, ela tem um gozo sexual especial ao imaginá-lo morto. Você aí deitado, com os olhos abertos no vazio e um buraco no seu coração de pedra. Isso vai fazê-la sentir-se óptima.

– Cala-te, Marty! – rugiu ela. – Cala-te, merda.

– Eu descobri esse bónus inesperado. Durou durante bastante tempo. Uniu-nos. Instensificou a nossa... vida sexual – disse ele, como que espantado com o pouco que isso agora significava.

– Até?... – disse Maddy, respirando intensamente após a sua explosão.

– Até quê? – disse Marty.

– Até tu recomeçares *a pensar*, seu cretino de merda. Até desapareceres na merda da tua cabeça. Eu estava apaixonada por Reza Sangari. Ele andava com outras mulheres. Eu parei de o ver. E a seguir tu mataste-o ou não mataste, Marty? Talvez também tudo isso seja na tua cabeça. Talvez seja a tua fantasiuzinha bizarra. Eu não te mandei *matá-lo*. Se o mataste mesmo, fizeste tudo isso por tua conta. E uma vez que ele estava morto eu precisei de ti e tu estavas ali para mim e foi isso que nos uniu. Essa treita que estás a contar sobre o Esteban, não sei onde é que tu...

– Falta uma coisa nessa história – disse Falcón. – Há um grande lapso entre o FBI a fazer pressão e vocês a aparecerem em Sevilha como vizinhos do lado de Rafael Vega.

Três rostos voltaram-se para Marty. Ele mudou a arma para a outra mão, limpou a mão nas calças e voltou a mudá-la para a mão esquerda.

– O que é que aconteceu ali, Marty? – perguntou Falcón. – Os polícias da brigada de homicídios não costumam deixar uma oportunidade às pessoas, nem álibi com um grande motivo à mostra. O FBI não é diferente nisso. Ao fim de anos e anos de profissão temos um instinto para descobrir assassinos e apertamo-los até eles cederem. Por que é que não nos conta por que razão eles o largaram?

Marty Krugman encolheu os ombros. Tanto faz.

– Encontrei uma pessoa num comboio – disse ele.

Maddy levantou-se e franziu o sobrolho.

– As pessoas não conversam muito nos comboios de arredores e não costumam perguntar-nos como é que nos sentimos em relação ao nosso país, mas, por qualquer razão, aquele tipo queria conhecer todas as famosas teorias de Marty Krugman. Queria saber a que ponto ele era um bom americano. Queria saber a que ponto o meu medo era grande, qual a dimensão da minha ganância. Agora, olhando para trás, acho que eu estava apavorado. Disse-lhe que queria que a América permanecesse o país mais poderoso da Terra, porque com eles ao leme, eu sabia com o que contar. Voltámos a encontrar-nos alguns dias depois e fomos passear em Bryant Park atrás da Biblioteca Pública de Nova Iorque. Estava um frio de rachar. Há por lá um bom sítio para almoçar – o Bryant Grill. E foi aí que aquele homem me revelou que conhecia a natureza do meu problema e que o podia resolver.

– Como se chamava esse homem? – perguntou Falcón, olhando para Maddy.

– Foley Macnamara – disse Marty, sem perder o ritmo.

Maddy pestanejou, abrindo um pouco a boca.

– Tornámo-nos clientes regulares do Bryant Grill. Foley contou-me a que ponto era importante a apresentação para manter o controlo. Como os fins justificam os meios e como os meios podem ser necessariamente ultrajantes e executados de modo bastante impiedoso, de forma a lembrar àqueles que têm ilusões de poder contra quem têm de se haver. Disse que este era uma grande parte do papel da Agência: manter a imagem e a lealdade à firma.

– A *Agência*? – disse Maddy, incrédula. – Que agência, Marty?

– Foi quando eu lhe perguntei se ele pertencia à CIA e ele disse que não.

– Oh, merda, Marty... não. – Disse Maddy. – Passaste-te de vez. A Agência. Jesus Cristo.

– Disse que era consultor e que fornecia informações a certos departamentos. Contou-nos que só trabalhava nos campos políticos e económicos e nunca militares.

– Gostava do meu perfil: nunca tinha trabalhado para o governo, tinha um bom *curriculum vitae* de arquitecto e já falava um espanhol quase perfeito. A única coisa que eles queriam que eu fizesse era vir para Sevilha, estabelecer contacto com uma agência do Estado e ser posto por eles perto de Rafael

Vega.

– Para começar, Marty, nós não tencionávamos vir para Sevilha. Se bem te lembras, arranjámos uma pequena casa na Provence. Era lá que íamos passar um ano, a tentar viver a vida daquele livro estúpido de merda – *se bem te lembras*.

– Mas fomos a Barcelona ver o meu velho colega Gaudí e acabámos em Sevilha, Maddy – disse ele. – A única coisa que eu tinha a fazer era manter em circulação toda a informação sobre Vega, a sua situação, o que ele andava a pensar e que planos podia ter. Em troca, a herança da investigação sobre Reza Sangari seria desviada. Éramos livres de sair do país e recomeçar as nossas vidas. Não se incluía nenhum reconhecimento de culpa.

– Isso é uma loucura – disse Maddy, enterrando a cara nas mãos. – Não podes estar a contar isso a esta gente.

– Sabe quem andava a espiar? – perguntou Falcón.

– Só descobri quando as coisas se começaram a desenvolver na vida de Rafael Vega. A teoria era que quanto menos eu soubesse, mais convincente eu seria.

– Quem era o seu contacto aqui em Sevilha?

– O seu nome de código era *Romany*. Costumava encontrar-me com ele lá em baixo à beira-rio, entre as pontes.

– Ele forneceu-lhe a verdadeira identidade de Rafael Vega?

– Não me diga que acredita nestas tretas, *inspector jefe*? – disse Maddy. – Porque posso dizer-lhe... Quero dizer, isto prova que estamos a lidar aqui com um doido.

– Eu descobri sozinho tudo sobre ele – disse Marty, ignorando-a. – O que significa que durante meses eu não aprendi nada. Discutimos todo o tipo de coisas, mas ele nunca falava de si próprio. Era completamente hermético até ao final do ano passado, quando, pela primeira vez, se embebedou completamente na minha companhia e começou a falar sobre a sua outra vida. Não fiquei a saber tudo de uma vez. Tive de juntar as peças de uma série de conversas, mas o que estava a provocar-lhe aqueles nervos era que tinha sido casado antes, com uma mulher que morreu anos antes em Cartagena, na Colômbia. Tiveram uma filha, que mais tarde se casou e teve filhos também. Ele manteve-se em contacto com a filha e as notícias que recebeu no final do ano passado eram que ela, o marido e os filhos tinham sido mortos por um camião que empurrou o carro deles para fora da estrada.



Foi um golpe devastador, e, é claro, ele não tinha ninguém a quem falar a não ser eu.

– Ele acreditava tratar-se de um verdadeiro acidente? – perguntou Falcón.

– No estado confuso e abalado em que ele andava, a verdadeira paranóia do homem surgiu – disse Marty. – Ele não sabia se eram os seus inimigos que estavam a reaparecer ou apenas uma acção de justiça divina.

– Então ele contou-lhe o que tinha feito nessa *outra vida*? – perguntou Falcón. – Por que é que ele teve de se afastar da mulher e da filha?

– Não propriamente – disse Marty. – Disse-me que tinha começado a ver rostos do passado.

Maddy afastou as mãos, como se isto fosse a prova da paranóia total do homem.

– Em sonhos? – perguntou Falcón.

– Acho que começaram como sonhos mas que depois o sonho e a realidade começaram a fundir-se e era isso que o andava a assustar. Enquanto foram rostos em sonho, ficou intrigado com isso, interrogando-se por que é que a sua memória os tinha fixado. Quando começou a ver os mesmos rostos em pessoas vivas, pensou que estava a endoidecer. Não queria ir falar com ninguém a esse respeito. Disse que tinha começado a tomar alguma coisa para a ansiedade. Mas os rostos continuavam a aparecer-lhe em parques, lojas, cafés e ele a continuar a não saber quem eram.

– Veio a revelar-se que ele tinha sido militar – disse Marty. – E, utilizando alguns poderes de dedução muito simples, eu cheguei à conclusão de que ele esteve envolvido no golpe militar chileno em 1973. Calculei que lhe tinham acontecido algumas coisas muito desagradáveis no processo da revolução de Pinochet e que talvez aqueles rostos fossem de pessoas que tinham sofrido nas mãos do novo regime. E quando eu lhe disse isto, soube que acertara no alvo. Ele encolheu-se, refugiou-se na cabeça, falou consigo próprio e ouvi-o dizer: «Eram aqueles que não chamaram pelas mães.» Acho que eram pessoas que ele tinha torturado.

– Foi por isso que o matou, Marty? – perguntou Falcón.

– Eu sei que precisa de esclarecer as coisas, *inspector jefe* – disse Marty. – Por isso precisa de me atribuir o crime. Mas tratava-se de um homem que ia resolver o assunto ele próprio.

– E quanto à *Agência*? – disse Maddy, desta vez mais provocadora.

– Não o queriam morto – disse Marty. – Ainda não tinham descoberto



aquilo que queriam saber.

– E o que era? – perguntou Falcón.

– Não sabiam. Só sabiam que ele estava envolvido com alguma coisa que podia prejudicá-los e aos seus interesses.

– Achas que esta gente vai acreditar nessas merdas? – disse Maddy, com um tom de voz agudo e arranhado. – O meu marido é um espião secreto da CIA? És patético, Marty Krugman. És patético e sempre foste.

– E agora, senhores – disse Marty. – Esta cena acabou.

A bala entrou no peito dela, à direita do seio esquerdo. Marty escorregou para o chão com as costas contra a parede. Pôs o cano da arma na boca. Falcón atirou-se a Marty, tentando atirar a arma para longe, mas tudo tinha sido calculado. Marty carregou no gatilho e a parede branca salpicou-se de vermelho atrás dele.

## Capítulo 26

*Terça-feira, 30 de Julho de 2002*

NÃO É NECESSÁRIA muita força para afastar um lençol de algodão, mas Falcón não a encontrava. Os seus braços tinham ficado enfraquecidos pelos falhanços da noite anterior. Estava contente por já ter escrito o relatório; sentia os dedos de gelatina. O *comisario* Elvira tinha insistido em que ele enviasse o relatório por fax, depois de ter feito o relato verbal enquanto levava Calderón de volta ao seu apartamento.

Imagens soltas dos acontecimentos da noite anterior atravessavam-lhe a cabeça. O plano aproximado da luz a desvanecer-se nos olhos de Marty Krugman. Calderón paralisado no sofá, com o rosto invadido de horror perante o sangue a espalhar-se pelo *top* de seda de Maddy Krugman. O jovem agente a constatar a carnificina na sala e a puxar-lhe pela mão. García a passar à frente deles e a abanar a cabeça perante aquele caos humano. Os três a descerem as escadas, com Calderón a encostá-lo ao corrimão. O atirador da polícia, que não tinha sido utilizado, sentado à frente no carro de García com o estojo sobre os joelhos. O caminho de regresso de carro, com Calderón ao telemóvel, a transmitir a Inés um relato de monossílabos. Inés com os seus sapatos pontiagudos de saltos altos, de pé sob a luz dos faróis, na rua em frente do prédio de apartamentos. Calderón, com as suas mãos de trinta quilos caídas de cada lado, quando Inés o afogou nos seus braços. O rosto dos dois quando ela se afastou – o dela com o lábio inferior a tremer, os olhos brilhantes de lágrimas, e os seus moribundos, a não ser pelo movimento que fizeram em direcção aos cantos, e que dizia: «Já me viu, Javier Falcón, agora vá, afaste-se, deixe-me em paz.»

A distância que sete horas de sono profundo e anestesiado ti-nham posto entre ele e estes acontecimentos transformou-os numa reportagem jornalística de um crime cometido nos anos 50. Sentia-se diferente, como se um cirurgião tivesse extraído por acidente algo que nunca lhe tinha pertencido e o resultado disso fosse alterar a sua vida.

A sua conversa com Consuelo voltou-lhe à cabeça. Tinha ligado para ela, que estava deitada, momentos antes de cair no sono. A última troca de palavras:

– Marty Krugman era nitidamente doido – disse ela.

– Seria?

Guiou até à *Jefatura*, completamente enjoado, como se tivesse bebido café por cima de uma forte ressaca. Agarrou-se com força ao volante. Quando chegou ao escritório vazio exterior viu Ramírez de pé à janela, inclinado para a frente, apoiando-se nas mãos.

– Soube do massacre de ontem à noite – disse Ramírez. – Sente-se bem?

Falcón fez sinal que mais ou menos.

– O Elvira já telefonou pedindo para falar contigo assim que chegasses.

O *comisario* estava de pé à janela, de mãos atrás das costas, a olhar através da Calle Blas Infante para o Parque de los Príncipes. O seu antecessor, Lobo, costumava fazer a mesma coisa – criando a ilusão de poder ao vigiar um território.

– Sente-se, *inspector jefe* – disse ele, encaixando-se atrás da secretária, esguio e ágil, e alisando o bigode com um toque do polegar. – Li o seu relatório e o do *juez* Calderón, que chegaram ao início desta manhã. Já me pus em contacto com o cônsul americano e ele pediu duplicados. Devem voltar esta manhã à carga com o absurdo da CIA. Não vão deixar que essa ideia ganhe nenhuma consistência entre nós.

– Então o senhor não lhe dá nenhuma credibilidade?

– A mim soa-me a divagações de uma mente perturbada – disse Elvira. – Mas o caso é que quando eu soube que o nosso governo enviou esquadrões da morte para eliminar células terroristas da ETA também não acreditei nisso... Não conseguia acreditar. Portanto, oficialmente, eu considerar-me-ia céptico enquanto que, em privado, julgo toda a história completamente fantástica.

– Ele estava perturbado – disse Falcón. – Quanto a isso, não há dúvida. – Mas não se pode ignorá-lo completamente. Estou certo de que o FBI não larga pessoas assim tão facilmente e aquilo que ele me contou sobre Reza Sangari coincide com o que eu próprio descobri. Não vejo razão para ele mentir quanto a ter assassinado o homem – a não ser que também isso fosse algum tipo de fantasia que na sua cabeça confusa pudesse trazer de novo para perto de si a estranha mulher que tinha. As coisas que ele declarou sobre a

Agência... quem sabe. Estou certo de que a mulher não acreditou uma palavra. Vai ser interessante ver o que é que o Virgilio Guzmán nos traz com o perfil de Miguel Velasco.

– O que é que Guzmán tem a ver com isso?

– Ele é chileno. Tem contacto com expatriados que podem ajudar nesse tipo de informação – disse Falcón. – Uma coisa que eu sei sobre estas caras dos sonhos a que ele se referiu é que Pablo Ortega viu Vega muito assustado no El Corte Inglés um dia e acho que ele tinha acabado de ter uma das suas visões.

– Tem de tomar cuidado com Virgilio Guzmán – disse Elvira. – Há pessoas que dizem que ele já não consegue avaliar nada pelo seu justo valor. Vê uma teoria da conspiração em toda a parte.

– Ele esclareceu o elemento do 11 de Setembro na «nota de suicídio» e isso ajudou a identificar Rafael Vega.

– Pensei que ele tinha ido ter consigo por causa do suicídio de Montes?

– E veio. A inclusão do nome de Eduardo Carvajal no livro de moradas de Vega foi a primeira razão pela qual fui falar com Montes – disse Falcón. – Montes referiu-se ao envolvimento da máfia russa no tráfico de sexo e logo a seguir eu dei com uma ligação de Vega com a Rússia. Perguntei ao Montes sobre esses russos e muito pouco depois ele matou-se.

– E falou sobre isso a Guzmán?

– Apresentei-lhe o assunto como contexto, mas combinámos que ele não escreveria sobre nada que fosse circunstancial e só sobre os factos prováveis. E, até agora, não temos nada que ligue Montes aos russos.

– Está a pôr-me muito nervoso, *inspector jefe*. O suicídio de Montes é um assunto interno para já. Se houver corrupção dentro da instituição vamos ter de ser extremamente cuidadosos no modo de lidar com isso.

– Enviaram-me um jornalista para falar comigo enquanto agente encarregue da investigação. Não fui informado sobre aquilo que podia ou não ser discutido com ele. Acredito que com alguém da reputação de Virgilio Guzmán a transparência é a melhor política. Já leu o *Diario de Sevilla* de hoje?

– Sim. Havia uma reportagem muito desenvolvida sobre a carreira do *inspector jefe* Montes.

Falcón acenou com a cabeça, esperou, mas nada mais foi dito.

– Acho que devia revistar a casa dos Krugman antes que os americanos

voltem a contactar-nos – disse Elvira. – Já mandei fazer um mandado de busca.

Falcón dirigiu-se para a porta. Elvira falou-lhe nas costas.

– Se Virgilio Guzmán o abordar quanto aos acontecimentos da noite passada, gostava que fosse bastante desviado quanto à razão pela qual o *juez* Calderón se encontrava no apartamento. Não quero um escândalo sobre o *juez de instrucción* a ter um caso com a falecida.

– Ele admitiu isso?

– Eu pedi um depoimento separado sobre o assunto. Parece que ele andou obcecado com ela – disse Elvira, que acrescentou, sem levantar a cabeça dos papéis: «Estou espantado que não tenha referido no seu relatório o gesto de bravura que ele teve no final.»

– Bravura? – perguntou Falcón.

– «Quando Krugman levantou a arma para disparar» – disse Elvira, lendo a partir da declaração de Calderón – «eu atirei-me na direcção dele na esperança de o distrair dos seus propósitos. A bala atingiu a Sr.a Krugman no peito. O *inspector jefe* Falcón não conseguiu impedir o Sr. Krugman de colocar a arma na sua própria boca e de se matar.»

– Eu vou revistar a casa dos Krugman – disse Falcón, saindo do escritório.

– O García também não viu – disse Elvira, enquanto a porta se fechava.

De regresso ao escritório, Falcón enviou Cristina Ferrera ao laboratório para recolher as chaves dos Krugman junto de Felipe e Jorge, que as tinham tirado da cena do crime lá em Tabladilla. Ramírez ainda estava afundado na secretária.

– CIA? – disse ele, incrédulo.

Falcón levantou as mãos.

– Ou não CIA, mas algum tipo de consultadoria obscura ligada à CIA – disse ele.

– Fantasias – disse Ramírez.

– Suponhamos que a teoria da conspiração de Guzmán está correcta. Se fizesses parte da administração americana tendo feito algumas coisas bastante sujas na América do Sul durante os anos 70, e estivesse preocupado que Rafael Vega soubesse alguma coisa que pudesse provar um envolvimento pessoal dos membros superiores da administração dos Estados Unidos... o que farias?

– Matava-o em qualquer caso.

– Isso é por que tu és um sacana impiedoso, José Luis – disse Falcón. – O caso é que não utilizarias a CIA, pois não? Não terias poder para o fazer. Mas deve haver ex-membros da CIA com contactos e influência que têm «dívidas». Estás a ver o que eu quero dizer quanto ao Krugman maluco... não é possível arrumá-lo simplesmente como maluco.

– Eu acho que é – disse Ramírez. – Ele é demasiado instável para esse tipo de trabalho.

– E se ele for a tua única escolha? – disse Falcón. – E o que fazes tu da sua confissão final, de que a Agência não queria que Vega morresse por que ainda não tinham descoberto o que queriam descobrir? É a modos que um anticlímax, não?

– Queres dizer que ele andou a cumprir todas estas tarefas secretas, mas nenhuma da informação obtida foi suficientemente importante para o Vega ter de ser assassinado? – disse Ramírez. – Talvez o que eles procuravam esteja fechado no cofre-forte de Vega, para o qual *continuamos* sem mandado de busca.

– Estás a começar a acreditar, José Luis. É melhor lembrares isso ao *juez* Calderón, se ele hoje vier trabalhar.

O telefone tocou na sala exterior. Ramírez foi atender enquanto Falcón pensou em Krugman. «Eles», se eles existiam, não podiam estar à espera que Marty encontrasse papéis ou uma cassette vídeo. Isso teria sido de mais. Aquilo que eles procuravam eram relatórios sobre o estado de espírito de Vega. Seria, por exemplo, um homem prestes a ir ter com Baltasar Garzón ou com a polícia belga para oferecer os seus serviços?

– Era da câmara de Aracena – disse Ramírez, encostando-se ao parapeito da porta. – Emitiram uma autorização de restauro para a *finca* em ruínas do Montes, avaliada em vinte milhões de pesetas. Reconstrução total, modernização completa, electricidade trifásica – o pacote inteiro.

Falcón transmitiu a notícia ao *comisario* Elvira, que reagiu como se estivesse à espera dela desde sempre. Disse-lhes que avançassem com a busca em casa dos Krugman. Ferrera regressou com as chaves da casa e partiram para Santa Clara.

A casa estava fria e silenciosa e parecia imperturbável quando os três enfiaram as suas luvas de látex.

– Eu vou lá acima – disse Falcón. – Juntem-se a mim quando tiverem terminado aqui em baixo.



– De que é que estamos à procura? – disse Ferrera.

– De um recadinho do Dr. Kissinger a dizer «Continue com o excelente trabalho» – disse Ramírez. – Isso já bastava.

Falcón subiu as escadas. A porta para a sala de exposição de Maddy Krugman estava aberta. Todas as fotografias tinham sido retiradas das paredes e só uma restava exposta no plinto no centro da sala. Consistia num recorte de uma ampliação de Vega de pé, descalço no seu jardim. O recorte estava enfiado numa moldura e, dentro da sua caixa transparente, como esqueletos das folhas de Outono, havia impressões fantasmagóricas de mãos humanas. Tudo parecia apontar para a figura isolada, que ali estava prisioneira, como que dentro da sua própria história, como um insecto em âmbar. Havia um postal impresso preso à obra e escrito em espanhol: *Las Manos Desaparecidas – As Mãos Desaparecidas*.

Atravessou em direcção à sala de trabalho dela. Ferrera ia ter de passar um dia a revistar todas as provas fotográficas, transparências e negativos. Encostadas à parede estavam as fotos emolduradas que tinham estado penduradas na outra sala. Passou-as em revista, à procura da fotografia que ela lhe tinha tirado. Encontrou a moldura vazia. Foi ver ao triturador de papéis e viu a sua imagem pendurada às tiras.

Marty Krugman tinha convertido um dos outros quartos no seu escritório. Havia uma secretária, um computador portátil e uma prancha de desenho. Nos cantos estavam rolos com plantas. Falcón revistou as gavetas da secretária. Encontrou um caderno com o que parecia ser uma colecção dos mais estranhos pensamentos de Krugman reunidos.

«O aborrecimento é inimigo da humanidade. É por isso que nos erguemos para matar.

O torcionário aprende a sua arte com a agonia da sua própria mente, transformada pelo poder.

A culpa define-nos como humanos, mas, ao consumir a mente destrói tudo o que nos tornou humanos. A nossa humanidade é restaurada através da admissão pública. É essa a medida da nossa dependência mútua.»

Falcón avançou para o último apontamento.

«Eu sei o que estás a fazer. Vou acorrentar-te, recusar-te comida e água,

ver-te vacilar e rebentar, desvanecer e quebrar, e fazer descer um belo vinho tinto pela goela enquanto morres.»

Era esse o problema com Krugman. Era como uma testemunha pouco credível a subir ao púlpito. A pureza do seu intelecto estava sempre a ser infectada pela bactéria da emoção.

Ramírez apareceu na porta.

– Viste a exposição? – disse Falcón. – *As Mãos Desaparecidas*.

– Eu vim aqui para fazer em privado a pergunta da Cristina – disse Ramírez. – De que merda é que estamos à procura?

– Essa exposição, achas que é a interpretação artística da Sr.a Krugman daquilo que se passava na cabeça de Vega ou ela sabia mais coisas? – disse Falcón. – Aqui está um caderno com os pensamentos de Krugman: ele fala da mente de um torcionário.

– Isso são toques, não são sequer pistas – disse Ramírez. – Não se podem utilizar.

– Estamos aqui porque Elvira está a defender as costas. Ele é céptico, mas quer assegurar-se de que não há uma ligação óbvia entre Krugman e – como é que o podemos chamar? – um americano misterioso – disse Falcón. – Isso significa que vamos ter de revistar todas as fotografias da Sr.a Krugman e...

– Mas ela passava a vida a fotografar estranhos.

– Mas não os que estavam à beira-rio a falar com o seu marido.

– E se encontrarmos uma foto? Tornaste a ser um não-crente, José Luis – disse Falcón. – Se há quinze anos eu te tivesse dito que os *gangs* da máfia russa iam controlar setenta por cento da prostituição da Europa, tinhas-me rido na cara. Mas agora, tudo e mais alguma coisa, é possível. As pessoas começaram a ver aviões como bombas. Pode comprar-se uma nova identidade nas ruas de qualquer cidade europeia em quarenta e oito horas por uns milhares de euros. Pode adquirir-se uma AK-47 em minutos. Há células da Al-Qaeda em quase todos os países do Mundo. Por que é que a CIA não há-de estar a fazer decorrer pequenas operações em Sevilha, quando toda a Europa se tornou numa civilização repleta de anarquia e decadência?

– Lembra-me de viver no medo, Javier – disse Ramírez. – A minha ideia é: então e se encontrarmos uma fotografia de Krugman com um americano misterioso? O consulado nega tudo. Krugman era um doido que deu um tiro na mulher e outro em si próprio. Em que é que ficamos?

– Seis pessoas morreram em menos de uma semana. Cinco delas viviam lado a lado. Mesmo que eu não fosse polícia, ia achar isso extraordinário – disse Falcón. – Poderíamos ser testemunhas de implosão colectiva inconsciente, onde cada morte ou suicídio fornece uma pressão mental sobre a próxima vítima ou... poderíamos simplesmente ser capazes de ver as ligações, porque não sabemos o suficiente.

O telemóvel vibrou no seu bolso. Elvira mandou-o regressar à *Jefatura*. O Consulado dos Estados Unidos ia enviar alguém. Falcón deixou-os na busca e voltou à Calle Blas Infante.

O homem do Consulado Americano era um oficial de comunicações chamado Mark Flowers. Tinha cerca de cinquenta anos, bom aspecto, pele bronzeada e um cabelo negro que devia ser pintado. Falava um castelhano impecável e estava bem preparado para o que tinha a fazer.

– Li estas duas declarações do *inspector jefe* Falcón e do *juez* Calderón. Disseram-me que foram escritas separadamente. Os pormenores impressionantes parecem condizer e, na ausência de contradições graves, informei o cônsul que os considerava rigorosos e verdadeiros. Ambas as declarações foram portanto enviadas à CIA em Langley para que as comentasse. Negam categoricamente ter qualquer conhecimento, não só de Marty Krugman, como também deste suposto consultor, Floey Macnamara. O *comisario* Elvira também perguntou se a CIA tinha algum registo de um tal Miguel Velasco, aliás Rafael Vega, que fosse um ex-militar chileno, e tivesse recebido algum treino da CIA. Informaram-me que fizeram uma busca nos arquivos em todo o pessoal desde a criação da CIA a seguir à Segunda Guerra Mundial, e concluíram que ninguém com tal nome tinha recebido treino. Também chamaram a atenção de que na noite passada, em momento algum Marty Krugman se referiu a Rafael Vega como Miguel Velasco, e que a informação que forneceu parecia ser a interpretação dos problemas mentais do Sr. Vega. O próprio Krugman deduziu que Vega tinha sido militar chileno e estado envolvido em tortura. Descrevem o Sr. Krugman como um fantasista clássico, com acesso a uma imaginação infectada pela psicose e que, dada a sua experiência pessoal com a política da América do Sul dessa época, não teria problemas...

– Que experiência pessoal com política sul-americana? – perguntou Falcón.

– O serviço de estrangeiros fez uma busca nas viagens de Marty Krugman fora dos EUA e descobriu que ele estava suficientemente atraído, através da

sua política liberal e de tendência para a esquerda, e que fez quatro viagens ao Chile entre Março de 1971 e Julho de 1973. Como sabe, durante a administração de Allende, o governo americano estava muito preocupado com o desenvolvimento das suas políticas marxistas e que, como consequência, os cidadãos americanos que visitassem aquele país eram vigiados de muito perto.

– E quanto à falecida esposa e à família da filha? – perguntou Falcón.

– Isso, como deve imaginar, é bastante mais difícil para eles de verificar. Só sabem que nem Miguel Velasco nem Rafael Vega se casaram em solo americano – disse Flowers.

– Eu referia-me à declaração de Krugman de que a ansiedade de Vega vinha da sua paranóia de que podiam ter sido mortos pelos seus inimigos.

– Quem são esses inimigos?

– As pessoas que lhe forneceram um programa de protecção às testemunhas do qual ele achou melhor escapar.

– Talvez lhe interesse saber que a pesquisa que a CIA fez junto do pessoal militar chileno revelou que Miguel Velasco era um membro bastante importante do regime de Pinochet, conhecido pelas suas técnicas de interrogatório extremamente anticonvencionais e desagradáveis. O movimento revolucionário de oposição, o MIR, conhecia-o com a alcunha de *El Salido – O Perverso*.

– Mas o que é que a CIA tem a dizer sobre a intervenção do FBI no assunto? – perguntou Falcón. – De certeza que alguém que fugisse de um programa de protecção às testemunhas depois de ter deposto num julgamento de tráfico de drogas deveria ter interesse para a CIA?

– A CIA estava apenas a examinar estes documentos à luz do comportamento e pretensões do Sr. Krugman. Eu sei que eles têm um *dossier* sobre Miguel Velasco por causa das suas acções no seio do governo de Pinochet. Se existisse mais alguma coisa, seria evidentemente informação secreta.

– A sua resposta foi muito rápida e solícita – disse Falcón.

– Eles orgulham-se disso – disse Flowers. – Desde o 11 de Setembro que houve alterações nos serviços, especialmente em tempo de reacção a todas as investigações em que haja referência a essa data, mesmo que ela se referir a 1973.

– Eu acrescentei um resumo do caso Vega às declarações – disse Elvira. –

Para efeitos de esclarecimento.

– Foi muito útil, *comisario* – disse Flowers.

– Qual seria a reacção da CIA se pudéssemos fornecer provas fotográficas de que houve encontros entre o Sr. Krugman e... agentes do governo dos Estados Unidos? – perguntou Falcón, que estava a achar Mark Flowers demasiado amigável e gracioso.

– De extrema surpresa, suponho eu – disse Flowers, cujo rosto se manteve completamente impassível.

– Como sabe, a mulher do Sr. Krugman é uma fotógrafa conhecida e activa que gostava particularmente de tirar fotografias a pessoas perto do rio, local onde o marido teve os encontros com o nome de código *Romany*.

Flowers pestanejou uma vez, mas não disse nada. Entregou o seu cartão a Elvira e saiu.

– Tem provas fotográficas? – perguntou Elvira.

– Não, *comisario* – disse Falcón. – É só um modo de determinar uma linha de investigação. Se o Sr. Krugman era um fantasista, nunca ouviremos falar novamente de Mark Flowers. Mas se ele andava a fornecer informação haverá algumas pessoas inquietas no consulado. Fico interessado em saber se o senhor vier a receber contacto por parte de entidades superiores.

O telefone de Elvira tocou. Falcón levantou-se para partir. Elvira fez-lhe sinal com a mão. O *comisario* escutou, tomou notas e desligou.

– Era um oficial superior de Aracena – disse ele. – Acaba de ser informado pelo departamento dos bombeiros de que o fogo que andou a alastrar em torno de Almonaster la Real nos últimos dias era fogo posto e que determinaram agora onde o fogo começou, numa quinta isolada que pertencia ao *inspector jefe* Alberto Montes. O conteúdo da casa foi quase inteiramente destruído, mas encontraram um mecanismo de relojoaria rudimentar, que acreditam ter estado amarrado a um objecto incendiário que terá largado uma grande quantidade de gasolina.

## Capítulo 27

*Terça-feira, 30 de Julho de 2002*

CONTINUAVA um calor violentíssimo fora da cidade, que se escondia numa névoa atrás de Falcón como um animal na sua toca, mas a planície aberta à sua frente, as ervas castanhas ondulantes, os montes distantes, tudo o libertava do desconforto do seu próprio corpo. A temperatura baixou à medida que ele atravessou a *sierra* e, apesar de o sangue se ter mantido quente, a sensação de alívio de sair do cimento febril da cidade e entrar nos campos verdes de nogueiras trouxe-lhe uma leve euforia. Ou seria por causa de Elton John a cantar *Bennie and the Jets* na rádio?

Era impossível pensar que algo de terrível pudesse acontecer ali. Enquanto a cidade atraía os pobres, os perdidos, os corruptos e os depravados para a teta inchada do seu baixo-ventre confuso, estes campos pareciam intocados. As folhas agitadas das árvores filtravam a luz do sol, trazendo-lhe à memória tempos menos confusos. Até que Falcón virou na estrada principal para Almonaster la Real.

O cheiro a carvão da floresta ardida atingiu-o antes da imagem de cotos escurecidos e árvores esfoladas e desfolhadas com os braços cobertos de cortiça esticados na posição de desespero de vítimas seriamente queimadas. O chão da floresta, de carvão preto e cinzento, continuava a fumar, como se arfasse com a devastadora destruição. O céu branco fornecia um fundo deplorável, como que para frisar bem perante os duvidosos que por ali passassem que o ocorrido tinha sido tão mau como uma guerra.

A polícia e os bombeiros que ele encontrou no local em Almonaster estavam sarcásticos e os habitantes locais chocados e desesperados como se fossem os sobreviventes de alguma atrocidade de guerra. Sabiam coisas que Falcón, por enquanto, ainda não sabia.

Foi encaminhado para a *finca*, que ficava a vários quilómetros da cidade e isolada na floresta. Havia um quilómetro de terra batida até à casa, cuja carcaça sem janelas, sem telhado e obscurecida parecia um gigantesco crânio



humano carbonizado.

Tudo o que era de madeira na casa tinha sido consumido. O primeiro andar já não existia. Tinha ardido ou caído sob o peso do telhado em queda até ao piso de baixo. O rés-do-chão estava empilhado de telhas de barro, varões e móveis carbonizados, colchões fumegantes, televisões sem ecrã e poças de plástico fundido e posteriormente solidificado.

Levaram-no pelo chão de cimento até à cave, que estava muito chamuscada, mas intacta. Não se parecia com nenhuma cave que ele já tivesse visto. Havia quatro portas de metal, duas de cada lado de um curto corredor. As portas tinham puxadores do lado de fora, os quais permitiam que fossem fechadas com cadeados. Nenhum dos quartos tinha janelas. Todos tinham estrados de madeira ardida e colchões. Eram celas onde tinham estado detidas pessoas.

Numa das celas, cujas paredes não estavam rebocadas, mostrando a pedra original, havia alguns escritos raspados numa rocha, no canto ao pé da cama. Estavam escritos em cirílico. Uma placa de metal esmaltada estava poisada do avesso no chão.

Levaram-no de volta lá acima e até à rua, onde a erva tinha ardido, deixando uma faixa careca de terra batida castanha e preta, que parecia agora a pele de um cão doente. No rebordo da terra, dentro do que teria sido a linha de árvores, estavam dois montes de terra.

– Não quisemos cavar mais fundo até termos aqui médicos legais, mas o médico local mediu-os e acha que são um rapaz e uma rapariga de cerca de doze ou treze anos de idade. Ele calcula que estivessem enterrados há cerca de oito meses a um ano, uma vez que já não resta nenhum tecido.

– O que é que sabe do modo como esta casa era utilizada? – perguntou Falcón, precisando de exteriorizar alguma coisa, porque a sua raiva estava a atingir níveis descontrolados.

– Só aos fins-de-semana e nem todos. Sextas-feiras e sábados à noite, sobretudo.

– Alguma vez se encontrou com o dono?

– O *inspector jefe* Montes? Claro. Ele vinha cumprimentar-nos. Dizia que tinha comprado a casa e que alguns amigos a iam restaurar e utilizar como cabana de caça.

Voltaram à casa e Falcón verificou que havia sistemas de ar condicionado para os andares de baixo e de cima.



– Então eles também vinham no Verão? – disse Falcón, apontando para as caixas escurecidas.

– Obviamente que não era para caçar – disse o agente. – No final, já não caçavam quase... Nós não pensávamos muito sobre isso na altura. E como o *inspector jefe* Montes era o proprietário, não pensávamos em nada...

A voz do agente sumiu-se. «Illegal» parecia uma palavra inadequada para descrever aquilo que se tinha passado naquela casa de horrores.

– Quem quer que tenha lançado este fogo precisou de trazer uma grande quantidade de gasolina para dentro da casa – disse Falcón. – Devem ter utilizado jerricanes de plástico e terão precisado de uma carrinha. Pode contactar com todas as bombas de gasolina desta área e... bem, sabe o que fazer.

Falcón ligou para Elvira e fez-lhe um relatório. Pediu que Felipe e Jorge fossem enviados com uma muda de roupa, porque iam de certeza ter de passar lá a noite. Também pediu alguma mão-de-obra para telefonarem para as bombas de gasolina em redor, na região de Sevilha. Desligou e disse ao agente que a zona devia ser isolada e mantida sob guarda. Ninguém devia tocar em nada até chegarem os elementos da medicina legal. Verificou as caixas de ar condicionado do andar inferior, mas não encontrou aquilo que procurava. Pediu uma escada. Enviaram um carro à cidade. Falcón ficou na paisagem obscura e foi sentindo raiva por aquela destruição.

O carro voltou com umas escadas. Falcón ergueu-as encostadas à casa e deu consigo a rezar mentalmente. Tirou para fora um saco-prova e um par de pinças e trepou para as caixas de ar condicionado, uma por uma. À terceira, achou o que procurava – danificada, mas não destruída, estava a identificação da companhia que tinha instalado os sistemas: Aire Condicionado Central de Sevilha. A companhia de Ignacio Ortega.

Pegou noutra saco-prova e desceu o caminho tosco, apanhando um pouco de poeira. Esperava que coincidissem com a poeira encontrada no velho Peugeot de Vega.

Ortega. Vega. Montes, pensou ele. E só um restava vivo.

\*\*\*

Ramírez estava aborrecido quando recebeu a chamada de Falcón no seu telemóvel. Havia milhares de impressões digitais de Maddy Krugman no

papel e nos CD, e a tarefa não o aliciava. O seu aborrecimento evaporou-se quando Falcón o pôs ao corrente sobre a *finca* de Montes perto de Almonaster la Real.

– Verificaste o álibi de Ignacio Ortega? – perguntou Falcón.

– Sim, mas isso foi para a noite em que Rafael Vega morreu.

– Onde estava ele?

– Estava na cama com a mulher, na costa.

– Eu contei-lhe da morte do Pablo já tarde no sábado e ele não regressou a Sevilha antes de domingo de manhã.

– Posso pedir-lhe provas do seu paradeiro para essa semana, se quiseres?

– Não quero assustá-lo.

– Bem, se ele organizou o fogo posto, já o fizeste – disse Ramírez. – Quantas pessoas sabem o que aconteceu na *finca* de Montes?

– Por esta altura, toda Almonaster la Real. Quero dizer, não em pormenor, mas sabem que é coisa suja. Já devem saber dos corpos.

– Então vai tudo aparecer nas notícias esta noite.

– Não temos material suficiente sobre ele para o ligar ao que estava de facto a acontecer na *finca* de Montes. Primeiro, vamos ter de encontrar os incendiários, que talvez nos forneçam o elo de ligação – disse Falcón. – Deixa a Cristina na casa de Krugman e volta para a *Jefatura*, e faz com que tudo aconteça, José Luis.

Falcón voltou à cave da casa e, com uma pequena lanterna na boca, copiou da parede os escritos em cirílico. Quando observou as quatro celas, constatou que os colchões tinham sido regados com gasolina e incendiados, mas que não tinha havido oxigénio suficiente para se manterem acesos.

Foram enviadas mais pessoas à cidade para trazer grandes folhas de plástico, que poisaram sobre a terra queimada. Os colchões e estrados foram numerados e erguidos para fora da cave, sendo poisados sobre o plástico. Falcón fez uma busca de um minuto nas paredes das celas vazias.

Na segunda cela notou uma mancha escura no chão, que vinha desde a parede traseira até ao centro do quarto. Na quarta cela descobriu uma moeda de um euro debaixo de um pedaço solto de estuque. Meteu-a num saco.

Lá fora começaram a trabalhar nos colchões, descascando o tecido exterior e revistando o enchimento. Os colchões da cela dois tinham no interior uma lasca de vidro curvo, um pedaço de um copo de vinho partido. O colchão da cela três continha o verdadeiro tesouro: uma Gillette II usada, com alguns

pelos ainda agarrados.

Às três da tarde pararam para almoçar. Felipe e Jorge tinham chegado a Almonaster la Real e Falcón, em frente de umas costeletas de porco, batatas fritas e salada, disse-lhes que se concentrassem no interior da casa antes de exumarem os corpos.

– Metro quadrado por metro quadrado. Fotografias em todo o percurso. Tudo passado com pó para tirar impressões digitais, mesmo aquilo que pareça completamente ardido – todas as televisões, gravadores de vídeo, comandos. Há ali imenso plástico derretido, que pode vir de vídeos; vejam se há um centímetro de fita recuperável. Também andamos à procura de objectos pessoais – dinheiro, jóias, roupas. As pessoas vêm a um lugar destes e perdem coisas. Quero todo o terreno à volta da casa passado a pente fino. Sejam meticolosos, façam tudo segundo as regras. Ninguém, e digo bem, ninguém que tenha estado nesta casa e esteja envolvido com o que aqui se passou, deveria ter a mínima hipótese de se safar por causa de um detalhe técnico.

Uma determinação ferrenha instalou-se na mesa do almoço. Foram feitos telefonemas para as terras circundantes de Cortegana e Aracena para que mais pessoas ajudassem a fazer a revista do terreno. Quando voltaram à *finca* estavam lá trinta pessoas. Falcón pôs vinte e seis a revistar a terra e quatro a ajudarem Felipe e Jorge a retirarem coisas da casa.

Todos os achados foram fotografados no local, guardados num caderno de escola com o número da fotografia e ensacados. Quando surgiam objectos de grande dimensão com impressões digitais legíveis, eram envolvidos em plástico. Falcón pediu a Elvira que arranjasse dois técnicos de laboratório que estivessem a postos para receber o material e processar as provas.

Pelas sete da tarde tinham completado a busca minuciosa do terreno e cerca de dois terços do interior da casa. Ramírez telefonou.

– Encontrámos os autores do teu fogo posto – disse ele. – Estou a reunir uma brigada para os ir apanhar agora. Vivem em Tres Mil Viviendas e não quero que se escapem de nós nesse buraquinho infernal.

– Que trabalho rápido, José Luis.

– Tive sorte – disse ele. – Calculei que tivessem feito isto de noite, por isso comecei com todas as garagens de estrada que ficam abertas à noite, a caminho de Aracena. Pensei que talvez não fossem estúpidos, mas, com este calor, podiam facilmente tornar-se preguiçosos. Calculei que não enchessem

todos os jerricanes na mesma bomba de gasolina chamando a atenção sobre si, mas que talvez o fizessem pelo caminho. Duas das garagens lembravam-se de uma carrinha com dois tipos a encherem jerricanes de plástico, mas nenhuma delas tinha circuito fechado de televisão. Recuei a partir daí até que descobri uma estação de serviço com circuito fechado de televisão e foi então que tive sorte. Os tipos voltaram duas vezes para se abastecerem. Fui até lá para ver as gravações. Ambos os tipos usavam chapéus, por isso sabiam que eram vulneráveis à filmagem, e não consegui uma imagem deles nem do veículo porque estava estacionado do outro lado das bombas. Mas, da segunda vez, havia um camião estacionado no lugar onde eles queriam estar, por isso tiveram de passar pela luz entre a loja e as bombas. As câmaras de vídeo estavam apontadas para essa zona. O número de matrícula deles surgiu maravilhosamente à vista.

– Tens algum nome?

– Sim, e ambos têm cadastro policial por pequenos furtos e assaltos e um deles também foi condenado por ataque, mas ne-nhum dos dois foi incriminado por fogo posto.

– Estou a caminho com o primeiro camião de provas que partir.

Desligou o telemóvel, que instantaneamente voltou a tocar. Alicia Aguado disse-lhe que podia arranjar uma amiga que a levasse à prisão para a sua próxima sessão com Sebastián Ortega.

Um dos agentes da polícia de Aracena que tinha um parente em Sevilha ofereceu-se para acompanhar o camião de provas. Falcón voltou sozinho para a cidade a toda a velocidade, como se estivesse a correr na direcção de uma conclusão brilhante. Precisou de encostar três vezes para atender três chamadas pelo caminho.

A primeira era de Cristina Ferrera, a dizer que tinha revistado as fotografias de Maddy Krugman e o disco rígido dela e encontrado duas fotos de Marty Krugman sentado com um estranho diferente em cada uma. Numa estava animado e a conversar, na outra parecia estar à espera. Em ambas as fotografias ou aparecia no fundo ou num dos lados. Aquela em que aparecia no fundo tinha sido tirada do disco rígido e ela tinha tido de ampliar essa secção da fotografia para ter a certeza de que era ele.

A segunda chamada era de Ramírez, a confirmar que tinham apanhado os dois incendiários e que estava a fazer uma busca no apartamento deles.

A terceira chamada veio de Elvira, quando ele estava prestes a entrar na via

rápida para Sevilha. O *comisario* queria vê-lo assim que ele chegasse à *Jefatura*.

Falcón foi directamente para o escritório de Elvira. A sua secretária já se tinha ido embora. A porta do *comisario* estava aberta. Elvira estava sentado à secretária, a olhar para ela como se estivesse a contemplar uma terrível perda.

– Está a acontecer alguma coisa – disse Elvira, apontando-lhe uma cadeira.

– Seja o que for, não me está a parecer muito bom.

– Está a haver pressão política que vem de... poderes ocultos – disse Elvira. – Aquele artigo publicado esta manhã no *Diario de Sevilla*...

– Você não parecia muito preocupado com isso esta manhã.

– O extenso obituário ao lado era um texto muito cuidadosamente escrito. Não havia razões para o suicídio de Montes, e o artigo não pretendia nada, mas as pessoas que «sabem» não tiveram dúvidas de que havia implicações e muito sérias. Houve uma reacção a essas implicações por parte de gente mais idosa da câmara e de membros importantes do parlamento andaluz. Querem conhecer o estado da nossa... casa.

Falcón começou a dizer qualquer coisa e Elvira levantou a mão.

– Acabo de ouvir dois outros relatórios, que poderiam ser interpretados como acidentes infelizes de férias ou coincidências sinistras. O Dr. Alfonso Martínez, membro do parlamento andaluz, está agora nos cuidados intensivos, depois de o carro dele ter saído da estrada na auto-estrada entre Jerez de la Frontera e Cádiz e se ter esmagado contra uma ponte. E a mulher de Enrique Altozano encontrou as roupas do marido numa pilha numa praia entre San Pedro de Alcantara e Estepona e alertou as autoridades. Andam neste momento a revistar a costa, mas ainda não o encontraram. Era o homem do departamento de planeamento urbano da câmara de Sevilha que ficou responsável por conceder licenças para novos projectos de construção.

Desta vez, Falcón não tentou dizer nada.

– As pessoas poderosas são como chacais na pradaria. Põem os narizes no ar quando lhes cheira a escândalo e o mais pequeno aroma chega-lhes a quilómetros de distância – disse Elvira. – O trabalho do político é o de manter sempre o poder. Não quer obrigatoriamente negar que algo de lamentável aconteceu, mas deseja contê-lo, para que as instituições não se desintegram completamente.

– Está a preparar-me para alguma coisa, *comisario* – disse Falcón. – Espero que não seja uma decepção com essas instituições, ou com as pessoas que as

dirigem.

– Estou a explicar-lhe como a coisa funciona, para podermos desenvolver este caso, de modo a maximizar o número de condenações e minimizar os estragos políticos graves – disse Elvira. – Se mostrarmos que estamos apenas interessados em abater todas as pessoas envolvidas, seremos impedidos de o fazer. Temos o exemplo do nosso próprio governo. Se bem se lembra, foi assim que Felipe González sobreviveu ao escândalo dos esquadrões da morte.

– Está com medo de que eu seja um zelote fanático?

– Seria compreensível, tendo em conta o que sabemos até agora dos aspectos desagradáveis deste caso.

– Deixe-me falar-lhe claramente – disse Falcón. – Duas pessoas poderosas ou foram mortas ou cometeram suicídio. Isso alertou outras pessoas poderosas, que fizeram sentir na *Jefatura* que, se quisermos levar este caso à sua conclusão lógica, vamos sofrer um exame em profundidade da nossa própria corporação. Por outras palavras, se mostrarmos ao mundo a corrupção deles, eles mostrarão a nossa.

– O *comisario* Lobo disse que você ia compreender perfeitamente.

– O nosso problema é que a condenação crucial neste caso é aquela que vai fazer cair todo o castelo de cartas – disse Falcón. – Vou contar-lhe aquilo que eu acho que aconteceu, *comisario*. Ignacio Ortega assumiu o papel de angariador para as redes pedófilas de Eduardo Carvajal, pois estava ligado aos russos. Essa ligação é suficientemente forte para eles serem capazes de o presentear com contratos sem consultar Rafael Vega. O Montes já era corrupto quando surgiu a morte de Eduardo Carvajal. Foi forçado a incriminar-se ainda mais com a compra daquela *finca* perto de Almonaster la Real, que Ignacio Ortega ajudou a restaurar. Como resultado do envolvimento de Montes na *finca*, as autoridades nunca se deram ao trabalho de verificar como é que a casa estava a ser utilizada. Tenho quase a certeza de que Rafael Vega era um dos clientes. Podemos fazer alguns testes que nos podem confirmar isso. Mark Flowers deu-nos uma indicação sobre os gostos de Vega quando nos falou da sua alcunha no tempo do golpe chileno. Estas duas mortes mais recentes que acaba de me contar significam que Martinez e Altosano podem também ter sido clientes. Para definir tudo isto completamente deveríamos dar cabo dos russos, mas não sei como podemos chegar a eles. O próximo a cair é Ignacio Ortega. O problema é que ele não é o tipo de personagem que se deixe abater facilmente. Ele vai exigir aos seus



amigos que o salvem, senão deitará abaixo indivíduos em algumas das nossas instituições mais importantes.

– Não deixe que nenhuma dessa amargura se venha colar às suas palavras – disse Elvira. – Eu compreendo que se sinta assim, mas as pessoas de fora vão segregá-lo como «difícil» e nunca vai conseguir o que quer. O que é que sabe do Ortega?

– Muito pouco – disse Falcón. – Passou a ser suspeito por causa do seu comportamento perante a morte do irmão. Eu entrevistei o filho dele, que é agarrado à heroína, e ele contou-me com relutância os abusos sexuais sistemáticos de que ele e o primo foram vítimas, assim como uma quantidade de amigos seus, quando eram crianças. Eram feitos favores no mundo da construção imobiliária entre Ignacio Ortega, Vega e os russos. O mínimo que o Ortega fez foi instalar os sistemas de ar condicionado na *finca* de Montes. O inspector Ramírez apanhou os incendiários que puxaram fogo à *finca*. Temos esperança de que nos forneçam uma ligação mais concreta a Ignacio Ortega. Isso poderá dar-nos no mínimo a possibilidade de condenar Ortega por conspiração em fogo posto. O passo seguinte talvez seja mais difícil.

– As acusações de abuso sexual contra o filho não nos dão muita esperança, devido aos seus problemas de droga. Eu sei que está errado, mas é essa a noção.

– Ele disse que não testemunharia contra o pai, de qualquer modo.

– E Sebastián Ortega foi condenado por um crime grave.

– Que esperamos poder vir a provar que ele não cometeu, mas isso não nos vai ajudar em relação a Ortega. Precisamos de mais tempo.

– Está bem – disse Elvira, sentando-se para trás, cansado e exasperado. – Veja se há uma ligação entre Ignacio Ortega e os incendiários. Se houver, temos de planear o nosso próximo passo. E, escuso de lhe dizer, mas não pode falar de nada disto a Virgilio Guzmán.

## Capítulo 28

*Terça-feira, 30 de Julho de 2002*

NA SALA EXTERIOR Cristina Ferrera estava sentada a uma secretária, com os pés enrolados nas pernas da cadeira, a olhar para as provas em papel das fotografias de Marty Krugman à beira-rio. Ele não era o centro da fotografia. O homem sentado ao seu lado era um estranho tanto para Marty como para Falcón.

– A segunda fotografia é uma ampliação do fundo de uma fotografia maior – disse Ferrera.

Nesta fotografia Marty Krugman estava virado de lado no banco e a falar com um homem que Falcón reconheceu imediatamente como sendo Mark Flowers.

– E saíram do disco rígido? – disse Falcón. – Não há negativos?

Ela estendeu-lhe uma caixa com um CD.

– Ela usava duas máquinas fotográficas. Se visse alguma coisa de que gostasse usava a máquina com película de 35 mm. Se estivesse apenas a fotografar pessoas em geral usava uma câmara digital. O único registo destas duas fotos está neste CD e no portátil dela.

– Estou a ver que isto necessitou de imenso trabalho duro e aborrecido.

– Eu sei que teria sido melhor ter negativos – disse ela.

– Isto é suficiente – disse Falcón. – Nada disto vai acabar em tribunal. Onde anda o inspector Ramírez?

– Está lá em baixo, a preparar as salas de interrogatórios – respondeu Ferrera. – Está muito excitado. Descobriu uma coisa importante no apartamento dos incendiários.

– Quero que leve isto para o laboratório – disse Falcón, estendendo-lhe a lâmina de barbear usada que tinha encontrado na *finca*. – Há restos de pelos nas lâminas. É um tiro no escuro, mas eu quero que eles façam um teste de ADN e o comparem com Rafael Vega.

– A propósito, o portátil da Sr.a Krugman está na sala de provas – disse

Ferrera –, mas deixei tudo o resto na casa.

– Então e as chaves?

Ela empurrou-as na sua direcção sobre a secretária.

– Mais uma coisa – disse Falcón, dando-lhe o papel com o escrito em cirílico. – Lembras-te da tradutora russa que utilizámos com Nadia Kouzmikheva? Pede-lhe que traduza isso para nós. Pode ser amanhã.

Ramírez estava sentado na sala de interrogatórios com os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça baixa. Saía-lhe fumo dos dedos da mão direita. Não se mexeu quando Falcón entrou na sala. Não se mexeu até Falcón lhe tocar no ombro. Sentou-se para trás lentamente como se estivesse a sentir dores.

– Qual é o problema, José Luis?

– Tenho estado a verificar uma fita.

– Que fita?

– Estive a rever a minha opinião sobre os incendiários. Eram uns idiotas, *tontos perdidos*. Entraram ali com mentalidade de pequenos ladrões e antes de pegarem fogo à *finca* roubaram uma televisão com o videogravador. E dentro do videogravador...

– Estava uma fita – disse Falcón galvanizado pelo desenrolar da conversa.

– E era aquilo que eu pensava que seria: pornografia infantil. Mas o que eu não esperava era reconhecer um dos participantes.

– Não me digas que era o Montes?

– Não, não, graças a Deus. Isso teria sido demasiado terrível. Era um tipo do *barrio*. Lembras-te de eu te falar daquele que tinha vencido muito bem na vida, mas que nada lhe bastava? Tinha de andar sempre a voltar para nos contar que rico e que importante que ele se tinha tornado... e enfiá-lo pelas nossas goelas abaixo. Era ele o *cabrón* na fita.

– Então esta fita é uma gravação de cenas passadas na *finca*?

– Suponho que sim, mas não passei do primeiro minuto. Comecei a sentir-me enjoado.

– O Elvira vai ter de saber disto – disse Falcón. – Mas há alguma maneira de fazermos uma cópia e a enviarmos lá para cima?

Ramírez lançou-lhe um olhar longo e duro.

– Não me digas o que eu estou a pensar que me vais dizer – disse ele.

– O Elvira está do nosso lado.

– Claro que está – disse Ramírez. – Até que alguém lhe comece a mexer nos tomates.

– É por isso que fazemos a cópia, porque já andam a mexer-lhe – disse Falcón. – Mas neste momento ainda estão em pontas de *ballet*.

– Espere um bocado – disse Ramírez. – Quando souberem desta fita, especialmente se estiver nela alguém importante, vão correr para cá a sapatear.

Ramírez fez um sapateado no chão da sala de interrogatórios com os pés.

– Quem sabe que tens a fita?

– Ninguém. A televisão e o videogravador estavam atirados para dentro da porta de entrada da casa dos incendiários. Só quando eu os trouxe para aqui é que pensei em olhar e ver se o vídeo estava carregado.

– Ótimo. Então copia a fita, entrega o original e vê o que acontece.

– Sabes copiar fitas?

– Sei que são precisos dois leitores de vídeo.

– E não o podemos fazer aqui – disse Ramírez – nem pedir a ninguém que nos explique como se faz de forma rápida e acessível, senão toda a *Jefatura* vai saber.

– Tu tens em casa uma máquina e eu tenho outra – disse Falcón. – Faz com que um dos teus miúdos te explique como se copia uma fita e traz a tua máquina para minha casa que é mais sossegado.

Falcón preparou o vídeo para mostrar aos entrevistados o que tinham roubado. Ramírez deu-lhe os detalhes sobre o veículo, a gravação dos momentos em que tinham sido avistados nas garagens, uma cópia da gravação de circuito interno e o chapéu usado por um dos incendiários, que se chamava Carlos Delgado.

– Temos uma foto de Ignacio Ortega para lhes mostrar? – perguntou Ramírez.

– Nenhuma que seja nítida – disse Falcón. – Mas eles vão saber o nome dele e vão ficar muito assustados de o dizer, tenho a certeza. Toca à porta quando precisares de usar a fita.

– O primeiro a conseguir uma confissão. Quem perder paga uma cerveja – disse Ramírez.

Os dois incendiários foram trazidos para baixo. Ramírez ficou com Pedro Gómez. Falcón sentou-se com Carlos Delgado e fez as apresentações necessárias para o gravador.

– O que estava a fazer no sábado à noite e de manhã cedo no domingo, Carlos?

- A dormir.
- Estava com o seu amigo Pedro?
- Vivemos no mesmo apartamento.
- E ele estava consigo nessa noite?
- Ele está na sala ao lado, por que é que não lhe pergunta?
- Estava lá mais alguém?

Carlos abanou a cabeça. Falcón mostrou-lhe uma foto da carrinha.

- Isto é seu?

Carlos olhou e acenou com a cabeça.

- Estava a utilizar este veículo no sábado à noite ou no domingo de manhã?
- Fomos ver a tia do Pedro a Castillo... por volta das onze horas de domingo de manhã.

– Sabe quem estava a usar o seu veículo no sábado à noite ou no domingo de manhã?

- Não.
- Este chapéu é seu?
- Sim – disse Carlos. – Depois, ao fim de uns segundos reagiu. – De que lado estão? Perguntam pelo meu carro... pelo meu chapéu. Que merda vem a ser esta?

– Estamos a investigar um crime sexual muito grave.

– Um crime sexual? Nós não cometemos nenhum crime sexual.

Falcón pediu-lhe que se aproximasse do ecrã da televisão enquanto ele passava a fita do vídeo da garagem. O ecrã mostrou as imagens cinzentas da carrinha a chegar; Carlos a sair, a encher os jerricanes e a ir pagar na loja. Javier travou a imagem.

– Aquela carrinha tem a mesma matrícula que a que está na mesa, que você disse ser sua.

- Nós não cometemos nenhum crime sexual.
- Mas esta carrinha é sua?
- Sim.
- E esta pessoa é você a pagar a gasolina?
- Sou eu, mas eu não...
- Está bem. É tudo o que eu preciso de saber.
- Que crime sexual é esse? – perguntou Carlos. – Alguém violou a rapariga da loja?
- O que é que fez com os jerricanes, depois de os encher?

– Fomos para casa.  
– Imediatamente?  
– Sim. Comprámos a gasolina para a tia do Pedro.  
– Mas tinha estado antes nesta garagem e em mais duas ou três encheu dois jerricanes em cada. E encheu outros em estações de serviço à saída do cruzamento para Aracena. O que é que iam lá fazer?

Silêncio.

– Por que é que guiaram todo o caminho até Almonaster la Real com toda essa gasolina na vossa carrinha?

– Não fizemos isso.

– Não fizeram – disse Falcón. – Sabe, Carlos, o fogo posto é um crime grave, mas não é só nisso que estamos interessados neste momento. O que nós queremos é pô-los na prisão por muito tempo por causa de um crime sexual também.

– Eu não cometi nenhum...

– Quando vocês foram apanhados no vosso apartamento, o inspector Ramírez revistou-o e descobriu uma televisão e um videogravador em vosso poder.

– Não são nossos.

– Venha comigo.

– Eu não quero ir consigo.

– Vamos só até à televisão.

– Não.

Falcón empurrou a televisão para mais perto. Tirou a fita de circuito interno e colocou a outra fita. Subiu o volume e carregou no *play*. O grito que vinha da televisão até lhe fez dar um salto. Carlos Delgado empurrou a cadeira para trás, sacudiu as mãos para o ecrã e depois agarrou no cabelo espesso e encaracolado como que para pedir apoio.

– Não, não, não. Pare. Isso não tem nada a ver connosco – gritou ele.

– Estava na vossa posse.

– Desligue. Mas desligue.

Falcón parou a fita. Carlos estava abalado. Sentaram-se.

– Abuso de menor é um crime muito grave – disse Falcón. – As pessoas condenadas por tais crimes ficam na prisão muito tempo e têm por lá vidas miseráveis. A maior parte escolhe ir para a solitária durante os sete ou oito anos da sentença.



– Nós roubámos a televisão e o videogravador – disse Carlos.

– Onde?

Carlos contou a história. Tinham-lhes pago 1500 euros para comprarem gasolina e dado instruções e uma chave da *finca*. Eles atearam fogo ao local como lhes foi pedido, e roubaram aquilo à saída. Era tudo. Não faziam ideia do que lá estava dentro. Só queriam algum dinheiro extra pelo equipamento. Falcón acenou com a cabeça, encorajando-o a dar mais detalhes.

– Quem lhes pagou os mil e quinhentos euros para fazer isto? – perguntou ele.

– Não sei o nome dele.

– Como é que o conhece? Como é que ele o conhece? – perguntou Falcón.

– Não se pede a uma pessoa qualquer para pegar fogo a uma casa. É um assunto sério, não é? Tem de existir alguma confiança. Só se confia nas pessoas que se conhece.

Silêncio da parte de Carlos, que engoliu com força.

– Tem medo desse homem? – perguntou Falcón.

Carlos abanou a cabeça.

– Que idade tem?

– Trinta e três.

– Você é sevilhano. Nunca viveu noutra sítio?

– Pois não.

– Ainda tem amigos de infância?

– O Pedro. O Pedro é o único.

– Têm a mesma idade?

Ele acenou com a cabeça, incapaz de compreender onde é que isto ia parar.

– Quando foi a última vez que viu o seu velho amigo de infância Salvador Ortega?

Carlos ficou abismado. Ficou ali sentado a pestanejar, sem compreender.

– Não conheço ninguém chamado Salvador Ortega – disse ele.

Falcón sentiu uma coisa fria a nascer-lhe no estômago.

– O homem que lhe deu mil e quinhentos euros para pegar fogo à *finca* chamava-se Ignacio Ortega?

Carlos abanou a cabeça. Falcón olhou-o nos olhos e viu que ele nunca tinha ouvido esse nome, que não lhe metia medo nem assustava nem lembrava coisas terríveis.

– Diga-me o nome do homem que lhe pagou para queimar a *finca*. Fale

claramente, por favor.

– Alberto Montes.

Falcón saiu da sala e bateu à porta de Ramírez. Ele estava encostado contra a parede do corredor, enjoado.

– Já conseguiste sacar-lhe? – perguntou Ramírez, fechando a porta.

– Sim, mas não consegui o resultado certo – disse Falcón. – Eu devia ter pensado melhor nisto. Tenho acreditado demasiado no meu instinto estúpido. Ele só se chama Alberto Montes.

– *Joder* – disse Ramírez, batendo na parede.

– E agora já foi tudo ao sítio – disse Falcón. – Isto é precisamente o que Montes faria. Entraria em pânico ou a sua repulsa por si mesmo dominaria a situação ou ambas as coisas e ele apenas se quis livrar do problema. Atear fogo ao local. Só que... a *sierra* inteira ardeu, milhares de hectares foram destruídos. E ele tinha estragado tudo outra vez. Foi por isso que saltou.

– No dia em que eu vi Ignacio Ortega soube que ele era um sacanazinho odioso e não me pus a pensar. Ele está num plano diferente. A razão pela qual estamos a ser pressionados é porque ele disse a essas pessoas para nos pressionarem. Ele nunca faria algo de tão estúpido e com tanta falta de subtilidade como fogo posto. Foi direito ao topo da sua lista de clientes e disse-lhes que nos travassem ou que sofressem as consequências.

Carlos e Pedro foram enviados de volta às celas sem escrever os respectivos depoimentos. Falcón pegou na fita áudio da confissão de Carlos e guardou-a consigo. Foi buscar à sala de provas o portátil de Maddy Krugman. Ramírez foi para casa. Encontraram-se na casa de Falcón e copiaram a fita. Era uma imagem tosca, mas descobriram que resultava de uma câmara secreta escondida na parede de um quarto particular. Apenas surgiam quatro clientes. O homem de negócios do *barrio* de Ramírez, um advogado bastante conhecido, um apresentador de televisão e um desconhecido.

– É assim que os russos fazem as coisas – disse Ramírez, quando arrumaram tudo para levar. – Não sei por que o fazem. Não sou um advogado muito sábio nem um homem de negócios e não consigo lembrar-me de nenhuma excitação sexual que me pudesse levar a expôr-me a um risco desta dimensão.

– Isto não é sobre sexo – disse Falcón. – Isto é sobre estragos. Estragos que nos fizeram, ou estragos que fizemos a outros. O sexo está muito longe daquilo que se passa naquela fita.

– Seja o que for – disse Ramírez, servindo mais duas cervejas. – Copiámos a fita. E agora? Estamos lixados, não estamos? Isto não está a levar a lado nenhum. Assim que se souber que Montes pagou aos incendiários, ficamos arrumados. Temos de manter as bocas fechadas, senão eles fornecem-nos um clister para labregos.

– O Elvira fez-me um discurso sobre como não ser demasiado zeloso a perseguir a justiça neste caso – disse Falcón. – As instituições são protegidas por pessoas poderosas que se querem agarrar ao poder e irão assegurar-se de que eu nunca tenha o que quero. Mas quando se vê uma coisa como esta e essa *finca* lá na *sierra* e se começa a compreender o nível de corrupção que tornou isso possível, eu começo a pensar que talvez devêssemos limpar tudo e recomeçar. Compreendi que sou muito ingénuo quando se trata destes níveis elevados de operações.

– Bem, sabe quem isso vai incluir, se quiser limpar os velhos – disse Ramírez, batendo no peito. – O meu passado não é lá muito doce. Acho que o padre a quem me confessei envelheceu anos quando me ouviu.

– Estamos a falar de quê, José Luis? De uns quantos favores de prostitutas?

– Não é bom – disse ele, encolhendo os ombros. – Neste tipo de atmosfera, nada é deixado ao acaso.

– Não estás na mesma liga que estas pessoas.

– E tu sabes qual é o problema com estas pessoas? – disse Ramírez, com a cerveja a fazer efeito no estômago vazio. – Aquele *cabrón* do *barrio* – é bem-sucedido, rico, tem aqui um par de casas, algumas mais na costa, um iate, um barco a motor, mais carros do que calças e, no entanto, continua a querer mais. Sabes, só se pode comer uma determinada quantidade de lagosta, só se pode beber uma certa quantidade de champanhe, só se pode foder por dinheiro algumas raparigas bonitas... e depois?

– A excitação do fruto proibido – disse Falcón. – Portanto, talvez eu antes estivesse errado. Talvez isto não seja sobre estragos neste nível. Talvez seja sobre poder. O poder de fazer estas coisas com impunidade.

– É melhor eu ir. Estou a ver onde esta noite me vai levar – disse Ramírez. – Mas, estou a dizer-te, assim que pegarem na merda sobre o Montes, vão assegurar-se de que nós vivemos com medo.

– Viste as cópias impressas que a Cristina encontrou de Marty Krugman?

– Eu não reconheci o tipo com quem ele estava a falar.

– Chama-se Mark Flowers – disse Falcón. – É o agente de comunicações

do Consulado Americano.

- Ah! O Krugman não era assim tão doido.
- Deve haver uma explicação muito sensata para isso.
- Eram amantes – disse Ramírez. – Boa noite.

\*\*\*

Desesperado para ouvir algumas notícias boas, Falcón ligou para Alicia Aguado e ficou contente de a encontrar ainda com energia depois da sua sessão com Sebastián Ortega. O primeiro grande passo estava dado. Revelara a dimensão dos abusos sexuais por que tinha passado nas mãos de Ignacio Ortega. Apesar do horror daquilo por que o rapaz passou, o quebrar de barreiras tinha-lhe dado alegria: o processo de cura começava. Falcón ansiava por esse tipo de satisfação no trabalho. Em vez disso, em noites como estas, com os sinais do destino a pairarem, ele só conseguia ver o trabalho como um somatório desesperado de pistas encontradas, um estuque pegajoso aplicado sobre o abcesso fedorento em forma de abóbora que estava aberto no corpo da sociedade. Desejou-lhe boa sorte e desligou.

Escondeu o vídeo atrás de duas portas fechadas no velho estúdio de Francisco. De regresso ao escritório, verificou se tinha as chaves de casa de Krugman, o portátil, a prova impressa de Mark Flowers e o revólver carregado. Foi a guiar até Santa Clara e estacionou o carro na entrada de Consuelo. Foi lá dentro explicar-lhe o seu trabalho nocturno e ela insistiu em dar-lhe de comer. Estava fora de si. Estava inerte, silenciosa, distraída, até deprimida. Disse que tinha saudades dos filhos, que estava preocupada com eles, mesmo com a protecção da polícia, mas parecia haver outra coisa. Às 22 h 30 ele atravessou para a casa dos Krugman, entrou e foi lá acima, voltando a pôr o portátil de Maddy Krugman na sala de trabalho dela. Foi ao quarto, desligou o seu telemóvel, deitou-se e passou pelas brasas.

Às duas da manhã os seus olhos abriram-se com um clique abrupto que vinha lá de baixo. Esperou à escuta no silêncio total de um bom ladrão em pleno trabalho. Durante vários minutos não se ouviu nenhum som. Então, uma lanterna surgiu no corredor por fora do quarto. Era um ladrão de primeira, metódico, e não um ladrãozeco rasca qualquer, daqueles que defecam no chão. Entrou na sala de trabalho de Maddy Krugman. Quando o ladrão ligou o portátil, ouviu-se um som semelhante ao de um fecho *éclair* de

*nylon* a abrir-se.

Quando um ladrão de qualidade está a trabalhar, até a respiração soa alto. Mas enquanto ele esperava que o portátil acendesse utilizou o tempo para ver as provas impressas físicas. Falcón usou esses ruídos para sair da cama, esperar que a sensibilidade lhe voltasse à mão direita, tirar para fora o revólver e descer o corredor em direcção à luz que tremia na sala.

– Está à procura disto? – perguntou ele, segurando na arma.

O ladrão levantou a cabeça do portátil, cujo ecrã iluminou a sua irritação. Sentou-se para trás no banco de Maddy e pôs as mãos na cabeça encoberta e pareceu enfasiado.

– Não estou interessado em si – disse Falcón. – Estou interessado no que vai fazer quando encontrar o que ele quer.

– Ligo para ele e encontramos-nos à beira-rio.

– Ligue e diga-lhe que teve sorte – disse Falcón. – Movimentos lentos.

O ladrão fez a chamada, que demorou segundos, porque ele disse apenas uma palavra: *Romany*. Desceram para o carro de Falcón e o ladrão guiou-os de volta para a cidade. Estacionaram em Cristóbal Colón e desceram os degraus para o cais à beira-rio. Esperaram no escuro. Ao fim de alguns minutos ouviram-se passos que desciam para o cais. Um homem surgiu e olhou em redor. Falcón aproximou-se dele, vindo da sombra.

– É isto que está à procura, Sr. Flowers? – perguntou Falcón, segurando na foto impressa iluminada pela sua caneta lanterna.

Flowers acenou com a cabeça, estudando a imagem.

– Acho que devíamos sentar-nos – disse ele.

O ladrão correu pelas escadas acima. Flowers devolveu a fotografia. Tirou para fora um lenço.

– Desculpe tê-lo subestimado, *inspector jefe* – disse Flowers, limpando a sobancelha e a cara. – Eu vim de Madrid para aqui há dez meses. Os madrilenos têm uma ideia muito deformada da mentalidade do sevilhano. Eu devia ter sido menos rude nos meus métodos.

– Há dez meses?

– Estamos a ter um interesse mais activo pelos nossos amigos da África do Norte e pelo modo como entram na Europa desde o último mês de Setembro.

– Pois claro que estão – disse Falcón. – E de que modo é que Marty Krugman encaixava em tudo isso?

– Não encaixava – disse Flowers. – O negócio de Vega era uma coisa

paralela, embora tenhamos apanhado um susto quando ouvimos falar da sua «nota de suicídio» e até descobrirmos de onde isso vinha.

– Ou seja?

– Tinha sido escrevinhado na parede de uma das celas no centro de tortura da *villa* Grimaldi em Santiago do Chile por um americano chamado Todd Kravitz, que lá esteve detido durante um mês em 1974 antes de se ter tornado «desaparecido» – disse Flowers. – A inscrição completa é: «Estaremos no ar escasso que tu respiras desde o 11 de Setembro até ao fim dos tempos.» Suficientemente poético para se fixar na cabeça dele e voltar quase trinta anos depois para o assombrar.

– Ele referiu ao médico que andava com problemas de sonambulismo – disse Falcón –, mas sem escrita inconsciente.

– As pressões sobre uma cabeça que não sabia que era culpada – disse Flowers.

– Vamos falar sobre Marty Krugman – disse Falcón. – Por que é que não começamos com o que ele andava a fazer e para quem?

– Isso é um pouco mais estranho para nós discutirmos.

– Não estamos na América, Sr. Flowers. Eu não estou armado com um gravador. O meu único interesse como *inspector jefe* da brigada de homicídios é quem matou Rafael Vega e por quê.

– Temos de tomar precauções – disse Flowers.

Falcón levantou-se. Flowers revistou-o com sabedoria e encontrou imediatamente a arma. Voltaram a sentar-se.

– O negócio com Vega não era uma operação estritamente governamental – disse Flowers. – Era mais um assunto da Agência – assunto da Companhia. Uma maneira de atar pontas soltas.

– Mas havia cooperação entre o FBI e a Agência, que foi ao ponto de permitir a Krugman afastar-se do assassinio de Reza Sangari.

– Eles não podiam construir um caso sem que Marty rebentasse e lhes confessasse tudo e eu contei-lhe das suas viagens ao Chile nos anos 70. O que eu não lhe disse foi que as autoridades chilenas acabaram por dar com ele e que passou três semanas na London Clinic, que era outro centro de tortura, na Calle Almirante Barroso. Em três semanas de sofrimento ele não denunciou ninguém. A única razão pela qual não teve o mesmo destino que Todd Kravitz foi o facto de isso se ter passado numa fase mais adiantada e de o pessoal dos direitos humanos estar a ser mais assíduo nessa altura. Não se



tratava de um tipo que ia ceder num interrogatório do FBI.

– Então acharam que fazia sentido ele ir denunciar-vos alguém que tinha sido um membro notável desse regime? – disse Falcón.

– A maior parte dos europeus julga que os americanos não têm sentido de ironia, *inspector jefe*.

– Foi por isso que não lhe deu nenhuma informação sobre a verdadeira identidade de Rafael Vega?

– Uma das razões – disse Flowers. – Mas quando é suposto estar a relatar-se o estado de espírito de uma pessoa, é melhor não se ter a percepção distorcida pela história.

– O que é que havia de tão importante no estado de espírito de Vega?

– Era um tipo de quem tínhamos perdido o rasto em 1982 quando ele fugiu de um programa de protecção às testemunhas.

– Então foi verdade que ele testemunhou num julgamento de tráfico de droga?

– Essa era a verdade superficial. Ele tinha informação nefasta sobre oficiais do exército americano e elementos da Agência que estavam envolvidos na circulação de drogas duras no final dos anos 70 e início dos anos 80, por isso fizemos um acordo. Ele faria de testemunha num julgamento espectáculo e nós dávamos-lhe uma nova identidade e cinquenta mil dólares. Ele aceitou as duas coisas e desapareceu. Não o conseguimos reencontrar.

– Mas sabiam da mulher e filha dele?

– Era a única coisa que podíamos fazer, ficar de olho nela e esperar que ele tornasse a aparecer. Foi cuidadoso. Não regressou para o casamento da filha, que todos esperávamos, e deduzimos que estava morto. Parámos de vigiar, mas mandámos uma pessoa ao funeral da mulher.

– Quando foi isso?

– Não foi há muito tempo, cerca de três anos, não me lembro exactamente. Mas foi no funeral que o voltámos a encontrar. Tinha finalmente pensado que estava a salvo – disse Flowers. – Investigámos a vida dele, descobrimos que era um homem de negócios bem-sucedido e achámos que não havia razões para nos preocuparmos até que a ligação à máfia russa veio à luz há dezoito meses.

– Pensaram que ele estava outra vez metido em tráfico de armas?

– Só pensámos que era melhor observar Rafael Vega mais de perto – disse Flowers. – Mas eu menti-lhe quando falámos, pois é verdade que o

treinámos. Ele conhecia os nossos métodos. Conhecia o nosso tipo de gente. Então procurámos outros candidatos e foi aí que o FBI entrou em jogo. Marty Krugman era o nosso candidato perfeito, para além de alguma instabilidade no casamento.

– Sabe o que estou a sentir neste momento, Sr. Flowers? – disse Falcón. – Que me está a dar apenas a informação suficiente para satisfazer a minha curiosidade.

– A história inteira ia demorar muito tempo.

– Tão depressa fala de atar pontas soltas como de relatar o estado de espírito dele.

– Eram ambas as coisas.

– Que pontas soltas é que vos ameaçavam realmente?

– Tínhamos começado a pensar que ele podia estar a operar outra vez de algum modo – disse Flowers. – É uma profissão viciante, *inspector jefe*. Descobrimos que ele comprou um passaporte com o nome de Emilio Cruz e que pediu vistos para Marrocos.

– Eu achei que isso era o seu caminho de fuga.

– De que é que ele precisava de escapar?

– Talvez fosse de si, Sr. Flowers – disse Falcón.

– Ele tinha o passaporte de Emilio Cruz antes de nós termos Marty Krugman perto dele, antes de descobrirmos a sua ligação com a máfia russa.

– Por que é que ele começou por fugir do programa de protecção às testemunhas?

– Essas coisas são mortes vivas – disse Flowers. – Eu teria feito a mesma coisa.

– Ele tinha alguma razão para suspeitar de que a família da filha não tivesse morrido de acidente?

– Isso foi vinte anos depois de ele ter fugido – disse Flowers. – É um dos efeitos secundários lamentáveis de ficar viciado numa profissão como esta: nunca se pode julgar as coisas pela aparência. As pessoas morrem por acidente a toda a hora, *inspector jefe*.

– E descobriram em que consistia a ligação à máfia russa?

– Ele permitiu-lhes fazer uma lavagem de dinheiro através dos seus projectos e eles saciaram-lhe a pedofilia. Segundo sei, gostava de assistir. *El Salido*, lembra-se?

– Então qual era o trabalho de Marty, se vocês já sabiam tudo isso?

Silêncio do Sr. Flowers. Um grande suspiro enfastiado.

– Quando é que lhe contou que Rafael Vega era Miguel Velasco? – perguntou Falcón.

– Não, não, nesse aspecto está errado, *inspector jefe*. Não lhe vou mentir a esse respeito – disse Flowers. – Está a pensar que lhe contámos e que, por causa do passado chileno com o envolvimento na política, isso era o suficiente para o incitar ao assassinio.

– Forçar um homem a beber ácido... – disse Falcón.

– É uma maneira horrível de morrer – disse Flowers. – *Tem ar* de crime de vingança. Mas quero que isso fique claro. Nós não revelámos a verdadeira identidade de Vega. Não queríamos que ele morresse. Tem de acreditar no Marty quando ele lhe disse...

– Então o que é que queriam fazer?

– Não temos a certeza.

– Isso não soa lá muito convincente, Sr. Flowers – disse Falcón.

– Provavelmente por ser a verdade e nós termos desenvolvido esse magnífico mito americano da infalibilidade.

– Então e esta teoria... – disse Falcón. – Você queria conhecer o estado de espírito dele, porque estava com medo que ele tivesse informações que poderiam vir a comprometer elementos mais importantes da administração americana dessa era. O secretário de Estado, por exemplo.

– Tínhamos medo que ele tivesse alguma coisa da qual se pudesse servir como meio contra nós, mas não sabíamos de que se tratava.

– Quem é *nós*? – perguntou Falcón.

– Não lhe vou dizer mais nada sobre o assunto – disse Flowers. – Disse-me que a sua preocupação era saber se Krugman o tinha assassinado e posso dizer-lhe que não o fez. Pode ficar descansado.

– Como é que eu posso ficar com a certeza disso?

– Porque Marty Krugman estava comigo na noite em que morreu Rafael Vega, das duas às cinco da manhã – disse Flowers. – Eu tenho um registo desse encontro, cronometrado e datado, porque teve lugar no consulado americano.

## Capítulo 29

*Quarta-feira, 31 de Julho de 2002*

A CAMINHO da *Jefatura*, Falcón parou para tomar um café na Avenida Argentina. Sentia-se ensonado e abatido como todas as outras pessoas no café. O calor tinha eliminado toda a alegria natural dos sevilhanos, deixando que uma versão introvertida deles vagueasse pelas ruas e povoasse os cafés.

Não havia sinal de Ramírez nem de Ferrera no escritório. Pegou nas fitas gravadas das entrevistas com os incendiários e na fita original roubada na *finca* de Montes e subiu ao escritório de Elvira. Encontrou Ramírez que vinha a descer.

– Falei com os incendiários outra vez e perguntei-lhes como é que conheciam Montes – disse Ramírez. – Há vinte anos, Montes dirigia um clube de futebol juvenil para crianças desprotegidas. Eles faziam parte da sua equipa. Estive a verificar com o inspector do GRUME e dei uma olhada como deve ser nas fichas deles. Montes ajudou-os em todos os atritos que tinham com a lei.

– Eles sabiam que o Montes se suicidou?

Ramírez abanou a cabeça e desejou-lhe boa sorte com Elvira.

Não o deixaram entrar para falar com o *comisario*, nem sequer no escritório da secretária. Ela pô-lo no corredor com uma explicação de uma só palavra: Lobo.

Dez minutos depois, chamaram-no. Lobo estava à janela, de braços cruzados sobre o peito: tenso, zangado. Elvira estava sentado à sua secretária, de rosto caído, como se tivesse estado ali toda a noite.

– O que é que nos traz? – perguntou Lobo, saltando por cima da cadeia de transmissão da sua fúria.

– Duas gravações áudio com os incendiários...

– Eles acusaram Ignacio Ortega?

– Não, acusaram Alberto Montes.

Lobo bateu na mesa de Elvira, dando três enormes pancadas que fizeram

saltar os lápis e canetas, espalhando-os completamente.

– E que mais? – disse Lobo.

– Uma gravação vídeo com filmagens de uma câmara oculta na *finca*, mostrando quatro homens a participar em actos sexuais com menores.

– Algum deles é nosso conhecido?

– Há um advogado e um apresentador de televisão.

– *Joder* – disse Lobo.

– Ramírez pode identificar um dos outros indivíduos – um homem de negócios que é do *barrio* dele. O quarto é desconhecido.

– Quem sabe da existência desta fita?

– Ramírez e eu.

– Mantenha as coisas assim – disse Lobo, ainda brutal e cheio de raiva.

– E quanto aos incendiários? – perguntou Elvira.

– Não me parece que eles soubessem o que tinham roubado.

– Então, a única ligação entre Ignacio Ortega e a *finca* de Montes é o facto de ele ter instalado o ar condicionado – disse Elvira. – Não tem nenhuma prova de que ele angariava crianças junto dos russos para as utilizar na *finca*. E não tem provas de que ele trazia clientes para a *finca* para participarem em actos sexuais com menores.

– É exacto – disse Falcón, sabendo que tudo isto tinha saído mal antes mesmo de ele ter começado. – A única maneira que eu tenho para estabelecer que ele trazia clientes para a *finca* é falando com os homens que surgem na fita.

– Há alguma coisa no vídeo que prove que as filmagens vêm da *finca* de Montes? – perguntou Lobo.

– É difícil de dizer, agora que o edifício foi completamente engolido pelo fogo.

– Já recebeu um relatório de Felipe e Jorge sobre os seus achados?

– Ainda não. Devem ter ficado a noite passada na *sierra*. Na noite em que eu parti ainda estavam a trabalhar às sete da tarde. Os técnicos do laboratório daqui devem estar a trabalhar na primeira remessa de provas. Esperamos que haja impressões digitais que tenham sobrevivido nos...

– Tentei ligar-lhe ontem à noite – disse Lobo.

– Tinha o telemóvel desligado – disse Falcón. – Estava a trabalhar no meu outro caso, o de Rafael Vega.

– Que progressos fez?

Falcón contou o seu encontro com Mark Flowers.

– Acho que eu devia ter uma reunião com o cônsul americano sobre isso – disse Lobo.

– Em que termos está a sua investigação? – perguntou Elvira.

– O *juez* Calderón deu-me quarenta e oito horas. O meu tempo terminou. Estou arrumado. Não tenho nenhum suspeito, a não ser que Sergei, o jardineiro, apareça, e não tenho nem pistas possíveis nem testemunhas – disse Falcón.

– E quanto à chave do cofre-forte que encontraram na casa de Vega? – perguntou Elvira.

– Pertence a um cofre que está em nome de Emilio Cruz no Banco Banesto. O *juez* Calderón ainda não teve tempo para fornecer um mandado de busca.

– Venha informar-nos quando ele o fizer – disse Elvira.

– É capaz de ter de se consolar com o facto de que Rafael Vega era um homem mau que ou se castigou a si próprio ou teve o que merecia – disse Lobo.

– Calculo que o *juez* Calderón vai encerrar o caso quando eu estiver com ele mais tarde esta manhã – disse Falcón. – Quanto a ligar Ignacio Ortega à *finca*, temos uma última possibilidade com os dois corpos enterrados na propriedade.

– Alguma ideia do que lá aconteceu?

– No canto de uma cela ao lado da cama encontrei uma inscrição arranhada na parede em cirílico. Está a ser traduzida. Suspeito de que tenha algo a ver com a grande mancha no meio do chão, que eu não vi até todos os conteúdos serem retirados. A mancha deve ser de sangue. Uma amostra do cimento está a ser analisada. No colchão da mesma cela encontrei um pedaço de vidro. Calculo que haveria outro pedaço utilizado pelos ocupantes para abrir os pulsos. Suspeito que estes dois corpos fossem suicídios.

– Um *juez de instrucción* local está a ser utilizado na cena do crime na *finca*. Sugiro que seja nomeado um *juez de instrucción* para supervisionar o caso aqui, pois é onde todas as provas vão ser analisadas e espera-se que seja onde condenaremos Ignacio Ortega.

– Isso está a ser discutido com o *juez decano* de Sevilha neste momento – disse Elvira. – O que é que tenciona fazer agora, *inspector jefe*?

– O passo óbvio é estabelecer uma ligação a Ignacio Ortega interrogando um ou mais dos homens que surgem na gravação em vídeo. Desde que ele se



confirme como figura central desta rede pedófila, podemos prendê-lo e caminhar na direção dos mafiosos russos – Vladimir Ivanov e Mikhail Zelenov – disse Falcón. – Estou a ver que o último elemento desta equação tão suja pode ser o mais difícil de satisfazer.

A expressão carregada de Elvira desviou-se da intensidade do brilho de Falcón. Ambos acabaram a olhar para a pele morena do rosto em fúria de Lobo.

– De momento, *inspector jefe* – disse ele – à luz daquilo que acaba de nos contar sobre o envolvimento de um dos nossos mais antigos elementos neste caso, vou pedir-lhe que não faça nada e que não diga nada.

No silêncio que se seguiu a este pedido, que incluiu um reconhecimento pesado, as perguntas começaram a acumular-se na cabeça de Falcón. Ele não conseguia fazer nem uma. Disse bons-dias e foi à secretária pegar nas fitas.

– É melhor deixar isso – disse Lobo.

A mão de Falcón recuou como se o lobo tivesse arranhado.

Lá em baixo, no escritório exterior, Ramírez estava sentado com os pés para cima, a fumar. Pôs um dedo nos lábios, apontou para a sala ao lado e fez com a boca as palavras Virgilio Guzmán.

– Não posso falar consigo agora, Virgilio – disse Falcón, passando atrás de Guzmán e sentando-se na sua secretária.

– Sobre quê?

– Seja o que for.

– E quanto a Afonso Martinez e Enrique Altozano?

– Um está nos cuidados intensivos, o outro desapareceu.

– Enrique Altozano *reapareceu* milagrosamente esta manhã – disse Guzmán. – Isso não soa a alguém a quem disseram que a costa está livre?

– Pode soar ao que se quiser, para uma mente especulativa.

– Está bem – disse Guzmán. – Posso falar-lhe de Miguel Velasco?

– Já estou ao corrente quanto a ele.

– O que é que sabe?

– Que foi militar chileno...

– Isso é um pouco vago.

– Vai ajudar-me a saber mais do que isso?

– Eu conto-lhe a versão abreviada da história e você me dirá – disse Guzmán. – Nasceu em 1944, filho de um talhante de Santiago. Foi estudante da Universidade Católica e membro do Patria y Libertad. A mãe morreu em

1967 de um ataque de coração. Ele alistou-se no exército chileno em 1969. A seguir ao golpe de Estado, foi transferido para a força que viria a transformar-se na DINA em Junho de 1974. O pai, que não gostava da política de Allende e também não concordava com o grupo de Pinochet, desapareceu em Outubro de 1973 e nunca mais foi visto. Durante o seu serviço com a DINA tornou-se um dos chefes de interrogatórios na *villa* Grimaldi e amigo próximo e pessoal do chefe da DINA: o coronel Manuel Contreras.

– A nota que tinha na mão, quando morreu, soube que era uma inscrição na parede de uma cela na *villa* Grimaldi – disse Falcón. – Também me disseram que ele era conhecido pelo MIR como *El Salido*.

– Talvez não tenha ouvido falar no trabalho dele em La Venda Sexy – disse Guzmán. – Foi esse o nome de um centro de tortura no 3037 da Calle Irán, no bairro Quilí de Santiago do Chile. Também era conhecido por La Discoteca porque se ouvia música alta durante todo o dia e toda a noite. Antes de Miguel Velasco se ter mudado para a *villa* Grimaldi aprendeu as técnicas que lá eram utilizadas. Forçava os membros das famílias a observar e participar em actos sexuais tabu tais como o incesto e a pedofilia. Às vezes encorajava os seus colegas torturadores a juntarem-se a eles.

– Isso ajuda a explicar coisas... ou antes, não a explicar, mas...

– Conte-me.

– Termine a biografia, Virgilio.

– Era um interrogador excepcional e da *villa* Grimaldi foi enviado para uma das células activas da Operation Condor, especializada em raptos, interrogatórios e assassínios no estrangeiro. Em 1978 foi deslocado para a embaixada chilena em Estocolmo, onde chefou operações subterrâneas contra a comunidade de chilenos expatriados. Foi de novo transferido para o exército no final de 1979 e acredita-se que recebeu algum treino da CIA antes de ter desenvolvido um lucrativo negócio de drogas por armas. Esse comércio foi exposto em 1981 e seguiu-se um julgamento no qual ele foi testemunha de acusação. Em 1982 foi posto num programa de protecção às testemunhas, do qual desapareceu quase imediatamente.

– Estocolmo? – perguntou Falcón.

– O primeiro-ministro sueco, Olof Palme, foi enérgico na sua repulsa pelo regime de Pinochet. Nos dias que se seguiram ao 11 de Setembro, o embaixador sueco em Santiago, Harald Edelstam, correu pela capital oferecendo asilo a quem quer que andasse a resistir ao golpe de Estado e,

portanto, Estocolmo, naturalmente, tornou-se um centro de movimentos europeus antipinochet. Uma célula da DINA/CNI foi lá montada para controlar operações de contrabando de drogas na Europa e para espiar os expatriados chilenos.

– Interessante... mas já nada disso me pode ajudar – disse Falcón. – Esse caso está prestes a ser encerrado.

– Estou a sentir em si alguma decepção, Javier.

– Pode sentir o que quiser, Virgílio, que não tenho nada para lhe contar.

– As pessoas acham que eu sou um chato, porque muitas das minhas frases começam assim: «Quando eu trabalhava na reportagem sobre os esquadrões da morte...» – disse Guzmán. – Chame-lhe *zeitgeist* ou bater no inconsciente colectivo. Acredita nessa treta, Javier?

– Sim.

– Tornou-se monossilábico, Javier. É um dos primeiros sinais.

– De quê?

– De eu não ter perdido o meu sentido de *timing* – disse Guzmán. – O que é que pensa que é o inconsciente colectivo?

– Não estou com disposição, Virgílio.

– Onde é que eu já ouvi isso?

– Na sua própria cama – gritou Ramírez do escritório exterior.

– Faça uma tentativa, Javier.

– Não vai ficar a falar aqui – disse Falcón, empurrando uma nota com a sua morada de casa e 10 da noite escrito nela.

– Sabe por que é que eu saí de Madrid? – disse Guzmán, ignorando a nota.

– Fui empurrado. Se perguntar às pessoas porquê, vão dizer-lhe que eu comecei a viver numa casa de espelhos. Eu já não sabia o que era real. Andava paranóico. Mas a realidade era que eu fui empurrado, porque me tinha transformado num zelote. Tornei-me assim porque as reportagens que fazia me levavam sempre a torcer-me de raiva. Não conseguia controlar isso. Tinha-me transformado na pior coisa possível: o jornalista emotivo.

– Também não autorizamos isso no seio da polícia... senão começávamos todos a rebentar.

– É uma doença incurável – disse Guzmán. – Eu agora sei isso, porque quando li o que fazia Velasco levantar-se em La Venda Sexy acertou-me na mesma veia branca da fúria. Era o que ele costumava fazer aos seres humanos. Não era só torturá-los, mas enchê-los da sua corrupção

esmagadora. E logo a seguir dou comigo a pensar: aquilo era Pinochet. *Era* o que Pinochet pensava dos seres humanos. E por que é que ele lá estava? Porque Nixon e Kissinger o queriam lá. Preferiam ter alguém que promovia a electrocução de órgãos sexuais, a violação de mulheres, o abuso de crianças em vez de... de quê? De um marxistazinho gorducho e de óculos que ia tornar difícil a vida para os ricos. Agora já vê o meu problema, Javier. Tornei-me naquilo que os meus patrões chamavam: o meu pior inimigo. Você não é autorizado a sentir, só é autorizado a relatar os factos. Mas, sabe, é nesse sentimento que reside o meu instinto e ainda nunca me falhou, porque sei que a raiva que senti quando descobri a especialidade de Miguel Velasco, foi o que me guiou esta manhã até aqui. E guiou-me, porque quero o meu nariz na porta do encobrimento quando ela se fechar com estrondo.

Guzmán agarrou na nota, empurrou a cadeira para trás e saiu de rompante.

Ramírez entrou na soleira da porta, a olhar para o rasto de vapor deixado por Guzmán no escritório exterior.

– Ele ainda se vai magoar se continuar assim – disse Ramírez. – Terá razão?

– Viu-me retorquir alguma coisa? – perguntou Falcón, abrindo as mãos para mostrar as fitas.

– O Lobo é um homem bom que está numa situação diferente – disse Falcón. – Não se chega a *jefe superior de la Policia de Sevilla* a não ser quando se quer mesmo. Ele tem a pressão política sobre os ombros e uma grande confusão na sua própria casa, deixada por Alberto Montes.

– E quanto aos corpos daquelas duas crianças na *sierra* de Aracena? Já foram vistos. Toda a gente está ao corrente. Ninguém consegue esconder esse tipo de coisa.

– Se fossem miúdos da zona, claro que não. Mas quem são? – disse Falcón. – Estão mortos há um ano. A única prova verdadeiramente dita que tirámos da casa é a fita de vídeo e, tal como Lobo referiu, nem sequer podemos provar que aquilo que estavam a fazer se passou na *finca* de Montes. A nossa única hipótese é se formos *autorizados* a entrevistar essas pessoas que estão na fita.

Ramírez foi até à janela e pôs as mãos contra o vidro.

– Antes de mais nada, tivemos de escutar a história de Nadia Kouzmikheva e não fazer nada. Agora vamos ficar a ver esses *cabrones* partir impunes também?

– Nada é definitivo.

– Temos a fita – disse Ramírez.

– Depois daquilo que Montes fez temos de ser muito cuidadosos quanto à fita – disse Falcón. – Isso não é coisa com que se possa lidar de ânimo leve. Agora vou sair.

– Para onde?

– Fazer uma coisa que espero me faça sentir melhor comigo mesmo.

Ao sair do escritório esbarrou com Cristina Ferrera, que tinha estado com a tradutora russa por causa da inscrição na parede da *finca*.

– Deixe em cima da minha secretária – disse Falcón. – Não suporto olhar para isso.

Falcón atravessou o rio de carro e percorreu a Avenida Torneo. Quando a estrada se desviou do rio em direcção a La Macarena ele virou à direita entrando em La Alameda. Estacionou e caminhou ao longo da Calle Jesus del Gran Poder. Era o velho *barrio* de Pablo Ortega. Estava à procura de uma casa na Calle Lumbreras, que pertencia aos pais do rapaz, Manolo López, que tinha sido vítima no caso de Sebastián Ortega. Ele não tinha ligado porque, não pensava que os pais fossem receber bem esta nova intromissão, tendo em conta sobretudo aquilo que ele tinha ouvido dizer sobre os problemas de saúde do pai.

Avançou entre os cheiros a cozinhado de azeite e alho e subiu à casa onde viviam os pais do rapaz. Era um pequeno prédio de apartamentos que precisava de reparações e pintura. Tocou à campainha. A Sr.a López atendeu e olhou com atenção para o seu cartão da polícia. Não queria que ele entrasse, mas não encontrava confiança suficiente para lhe pedir que os deixasse em paz. O apartamento era pequeno, abafado e muito quente. A Sr.a López sentou-o a uma mesa com uma toalha de renda e uma tigela de flores de plástico e foi buscar o marido. A sala estava cheia de ícones marianos. Virgens penduradas nas paredes, encaixadas em estantes, abençoavam pilhas de revistas. Uma vela ardia num nicho.

A Sr.a López empurrou o marido para dentro da sala como se ele fosse uma vaca aleijada a precisar de ser mungida. Parecia ter quarenta e muitos anos mas aguentava-se muito mal nos pés, o que lhe dava um ar mais velho. Ela sentou-o numa cadeira. Um braço parecia estar morto, pendurado e inerte ao seu lado. Pegou no cartão de identidade de Falcón com uma mão trémula.

– Homicídios? – disse ele.

– Não, neste caso – disse Falcón. – Queria falar-lhe do rapto do seu filho.  
– Não posso falar sobre isso – disse ele e começou imediatamente a levantar-se.

A mulher ajudou-o a sair da sala. Falcón observou a operação complicada num estado de desolação crescente.

– Ele não pode falar sobre isso – disse ela, voltando para a mesa. – Ele já não é o mesmo desde... desde...

– Desde que Manolo desapareceu?

– Não, não... foi depois. Foi depois do julgamento que perdeu o emprego. As pernas começaram a ter um comportamento estranho, era como se tivessem formigas a trepar por elas. Tornou-se frágil e desequilibrado. Uma mão começou a tremer, o outro braço parece que desistiu. Agora ele não faz nada o dia todo. Vai daqui até ao quarto e volta... mais nada.

– Mas o Manolo está bem, não está?

– Está óptimo. É como se nunca tivesse acontecido. Ele está de férias... a acampar com os sobrinhos e primos.

– Então, também tem filhos muito mais velhos?

– Tive um rapaz e uma rapariga quando tinha dezoito e dezanove anos, e depois, vinte anos mais tarde veio o Manolo.

– O Manolo teve alguma reacção ao que lhe aconteceu?

– Não exactamente ao que *lhe* aconteceu – disse a Sr.<sup>a</sup> López. – Ele sempre foi em si um rapaz feliz. Ficou mais perturbado pelo que aconteceu a Sebastián Ortega. Acha difícil imaginá-lo na prisão.

– Então, o que é que tem preocupado o seu marido? – disse Falcón. – Parece ser ele que reagiu mal.

– Ele não consegue falar nisso – disse ela. – Tem a ver com o que aconteceu com o Manolo, mas não consigo que ele diga o que é.

– Tem vergonha? Não é uma reacção rara.

– Pelo Manolo? Ele diz que não.

– Importa-se que eu fale a sós com ele?

– Não vai conseguir nada.

– Tenho novas informações que talvez o ajudem – disse ele.

– É a última porta à esquerda, ao fundo do corredor – disse ela.

O Sr. López estava deitado numa cama de madeira escura debaixo de um crucifixo. Uma ventoinha de tecto mal conseguia perturbar o ar espesso e bafiento. Tinha os olhos fechados. Uma mão tremia onde estava poisada,



sobre a barriga. A outra estava deitada ao seu lado, inerte. Falcón tocou-o no ombro. Os seus olhos saíram de uma mente assustada.

– Só tem que me ouvir – disse Falcón. – Não sou juiz de ninguém. Vim aqui tentar endireitar as coisas, mais nada.

O Sr. López pestanejou uma vez, como se se tratasse de uma linguagem codificada.

– As investigações são coisas estranhas – disse Falcón. – Partimos numa expedição para descobrir o que aconteceu, para acabar por encontrar outras coisas pelo caminho. As investigações têm uma vida própria. Julgamos que as estamos a controlar, mas às vezes são elas que nos controlam. Quando eu soube o que Sebastián Ortega fez, isso não tinha nada a ver com a investigação em que estava a trabalhar, mas fiquei fascinado. Fiquei fascinado porque nesses casos é muito raro que a vítima seja autorizada a partir e leve lá a polícia onde o autor do crime está à espera de ser preso. Compreende o que eu estou a dizer, Sr. López?

Ele voltou a pestanejar. Falcón falou-lhe da *Jefatura* e de como as histórias circulam e como soube o que tinha realmente sucedido no caso de Manolo. O pedido de um depoimento mais forte para ajudar a acusação não era coisa pouco comum. O facto de Sebastián não se defender contra o depoimento mais forte tinha sido inédito e resultado numa sentença muito mais severa do que o crime cometido propriamente dito.

– Não faço ideia do que se está a passar na sua cabeça, Sr. López. Só sei que – sem que o senhor tenha nenhuma culpa, e talvez graças aos problemas mentais de Sebastián – uma justiça desnecessariamente severa foi feita. Estou aqui para lhe dizer que, se o desejar, pode ajudar a equilibrar os pratos da balança. A única coisa que precisa de fazer é telefonar-me. Se eu não souber de si, nunca mais me volta a ver.

Falcón deixou o seu cartão na mesa-de-cabeceira. O Sr. López ficou deitado na cama, a olhar para cima para a ventoinha lenta. A caminho da saída Falcón disse adeus à Sr.a López, que o levou à porta.

– Pablo Ortega disse-me que tinha de sair deste *barrio* porque ninguém voltaria a falar com ele, nem o serviriam em lojas ou em cafés – disse Falcón enquanto estava na entrada. – Porquê isso, Sr.a López?

Ela pareceu sacudida e atrapalhada; movia as mãos à toa, ajeitava as roupas. Deslizou para trás da porta e fechou-a sem responder à pergunta.

No clarão ofuscante da rua Falcón recebeu uma chamada do *juez* Calderón,

que o queria ver por causa do caso Vega. Antes de voltar para o carro, entrou num bar na Alameda e pediu um café. Mostrou o seu cartão de identificação da polícia e fez ao empregado do bar a mesma pergunta que tinha feito à Sr.a López. Era um tipo mais velho, que parecia ter visto algumas coisas no seu tempo como dono de bar no extremo da Alameda.

– Todos conhecíamos o Sebastián – disse ele – e gostávamos dele. Era um bom rapaz até... se portar mal. Quando ele fez o que fez, as pessoas começaram a falar de como os abusadores começam por ser os abusados. Tiraram conclusões e o facto de ninguém gostar muito de Pablo Ortega não ajudou. Era um cretino arrogante que achava que o mundo inteiro o amava.

\*\*\*

O suor arrefeceu rapidamente no corpo de Falcón quando se sentou no escritório de Calderón, à espera que ele voltasse de outra reunião. Quando Calderón tomou o seu lugar era claro que, qualquer que fosse a razão de ele andar perturbado estes últimos dias, tinha passado. Estava com o seu aspecto sólido habitual. A certeza tinha voltado.

Falcón disse-lhe que parara com o caso Vega, que tinha descoberto tudo o que havia a descobrir sobre ele, a não ser quem o tinha assassinado. Deu a Calderón um relatório condensado sobre o que soube por Mark Flowers e Virgilio Guzmán.

– Verificou essa gravação de Marty Krugman no consulado americano tirada na noite da morte do Sr. Vega?

– O *comisario* Lobo vai contar todo o caso ao cônsul – disse Falcón. – Não estou à espera de ouvir dizer se essa gravação existe ou não.

– Então acha que Marty Krugman matou Rafael Vega?

– Acho – disse Falcón. – E, apesar da negação que a mulher dele faz quanto a sábado à noite, penso que ela o levou a matar Reza Sangari.

– Se ele não tivesse morto Reza Sangari acha que não teria sido capaz de matar Rafael Vega?

– Não me parece que ele estivesse a tomar gosto nisso, mas não há dúvida de que tinha ficado excitado com o poder sentido quando da primeira experiência – disse Falcón. – E quando ele descobriu quem Vega era verdadeiramente, fosse pela sua própria dedução ou por Mark Flowers lhe ter contado, sentiu que tinha o poder de o tornar a fazer. Acho que ele matou

Sangari apaixonadamente e Vega intelectualmente.

– E a Sr.a Vega?

– O problema foi esse. Krugman sabia que Mario estava na casa da Sr.a Jiménez, por isso não tinha de se preocupar com o rapaz. Também sabia que Lucía Vega dormia profundamente. Ele e Rafael tinham às vezes longas discussões na casa de Vega que nunca a incomodaram, mas ele não sabia que ela tomava *dois* comprimidos para dormir por noite para ficar completamente adormecida, o segundo dos quais por volta das três da manhã. Portanto, quando Rafael Vega entrou em agonia ela deve ter vindo cá abaixo, visto o horror e corrido de volta para cima com Krugman atrás dela. Foi por isso que ficou com o queixo partido. Estava a gritar, e ele bateu-lhe. A seguir, teve de a matar também, o que pode explicar por que é que Krugman ficava tão inseguro no local.

– E todas aquelas ameaças por parte dos russos?

– Talvez andassem só a tentar desencorajar-nos de investigar tanto e a dissuadir-nos de descobrir o seu esquema de lavagem de dinheiro.

– Só isso? – perguntou Calderón. – É um bocadinho exagerado, não acha?

– Eles são pessoas exageradas – disse Falcón.

– Você está deprimido, Javier.

«E você não está», pensou Falcón, mas disse:

– Eu falhei no caso Vega. Falhei em impedir que os Krugman morressem à minha frente e... bem, a minha psicóloga explica-me que é mau usar a palavra «falhar» na primeira pessoa do singular, por isso vou calar-me.

– Ouvi barulho – disse Calderón.

– São horas de almoço.

– Barulho tectónico que vem da *Jefatura* – disse Calderón. – Vão rolar cabeças. Vão perder-se empregos. Vão cancelar-se reformas.

– Por Montes ter saltado da janela do escritório?

– Isso foi o começo – disse Calderón, de novo divertido com a intriga do momento. – E então Martinez e Altozano?

Falcón encolheu os ombros. Calderón podia descobrir por si mesmo por que é que os russos eram realmente ameaçadores.

– Sabe alguma coisa, Javier, não sabe?

– E o senhor também – disse ele, estranhamente irritado com a familiaridade de tratamento.

– Sei que o *juez decano* e o *fiscal jefe* tiveram uma reunião à porta fechada

durante uma hora esta manhã e é raro estarem os dois no mesmo edifício e na mesma sala.

– Esses ruídos que ouviu são o som do poder que nos controla e nos fecha portas – disse Falcón.

– Conte-me – disse Calderón.

– Hoje, nós somos os cegos, surdos e mudos, Esteban – disse ele e levantou-se. – Eu continuo interessado naquele mandado de busca para o cofre-forte privado do Vega. Já agora, podíamos satisfazer a nossa curiosidade.

– Há-de estar pronto esta tarde – disse Calderón, consultando o relógio, e juntando-se a ele à porta. – Eu acompanho-o lá abaixo. A Inés e eu temos umas compras para fazer.

Desceram as escadas e atravessaram o pátio da justiça, onde as pessoas gritavam e se esgatanhavam em torno do jovem juiz. Estava de volta ao seu elemento. Os horrores tinham desaparecido do horizonte. Passaram pelo segurança. Inés estava do outro lado. Falcón deu-lhe um beijo. Ela pôs um braço em torno das costas de Calderón e ele puxou-a contra o seu peito, beijando-a na cabeça. Inés fez um aceno hesitante a Falcón antes de se voltar com um pequeno sacudir dos saltos altos e fazer um grande sorriso de felicidade que lhe lançou por cima do ombro. O cabelo ondulou-se-lhe nas costas como o das raparigas dos anúncios a champô.

Falcón observou-os afastarem-se e tentou imaginar o que poderia ter-se passado entre eles desde aquela segunda-feira à noite fatal. E com esse pensamento veio a resposta: absolutamente nada. Tinham-se agarrado um ao outro com o pavor das suas possíveis solidões, afastando-as de si e atirando os braços para aquilo que a vida tinha sido antes. Seria aquele o homem a quem Isabel Cano se tinha referido dizendo que ele andava em busca da diferença? Seria aquela a mulher cujo aval de aprovação Falcón tinha julgado necessitar tão desesperadamente? Observou-os dirigirem-se para a cidade e para uma vida de pequenas destruições dolorosas.

Consuelo telefonou, pedindo que se encontrassem ao almoço. Soava como na noite anterior: distante e preocupada. Combinaram encontrar-se na casa dele na Calle Bailén e que seria ele a cozinhar. Falcón comprou comida no El Corte Inglés a caminho de casa. Uma vez na cozinha esvaziou a cabeça. Cortou cebolas, fritou-as lentamente em azeite até elas caramelizarem. Ferveu batatas e regou com *sherry* aromático as cebolas reduzindo-as a um

xarope. Limpou e temperou o atum, fez uma salada. Preparou os camarões com cascas de limão e maionese. Bebeu *manzanilla* gelada e sentou-se à sombra no pátio à espera de Consuelo.

Ela chegou às duas horas. Assim que ela entrou em casa, soube que algo estava errado. Ela estava fechada, bloqueada. Já tinha tido antes aquela sensação noutras mulheres, uma sensação de que tudo será contido até o ar estar mais leve. A boca dela não respondeu ao seu beijo. O corpo manteve a distância. Sentiu na barriga o esticão do amante que está prestes a ouvir algo de muito delicado. Levou-a à cozinha como se estivessem condenados e esta fosse a sua última refeição.

Comeram os camarões e beberam *manzanilla* enquanto ele lhe contava que o caso Vega estava oficialmente encerrado. Levantou-se para fritar os bifés de atum. Voltou a aquecer o xarope aromático e despejou-o sobre o peixe. Sentou-se com a frigideira entre eles, incapaz de aguentar mais.

– Já te cansaste de mim – disse ele, servindo-lhe um bife.

– É exactamente o contrário – disse ela.

– Ou é por causa da minha profissão? – disse ele. – Eu sei que vieste aqui contar-me alguma coisa, porque já me fizeram esse tipo de discurso antes.

– Tens razão, mas não é por eu estar cansada de ti – disse ela.

– É por causa do que aconteceu no domingo? Eu posso compreender isso. Eu sei a que ponto os teus filhos são importantes para ti. Eu teria...

– Eu aprendi a reconhecer aquilo que quero, Javier – disse ela, abanando a cabeça. – Demorei toda a vida, mas *aprendi* essa lição preciosa.

– Poucas pessoas conseguem fazê-lo – disse Falcón, servindo-se de um bife de atum, que agora no prato parecia banal.

– Eu costumava ser romântica. Estás a falar com uma mulher que em tempos se apaixonou por um duque, lembras-te? Mesmo quando vim para aqui, continuava com essas ilusões românticas. Assim que tive filhos compreendi que não valia a pena continuar a iludir-me. Deram-me todo o amor de que eu precisava, daquele que é incondicional e eu devolvi-o a duplicar. Tive um caso para satisfazer as minhas necessidades físicas. Tu conheceste-o: aquele idiota do Basílio Lucena e compreendeste o tipo de relação que tínhamos. Não era amor. Era muito menos complicado e fácil de gerir do que isso.

– Não precisas de me deixar com delicadeza – disse Falcón. – Podes apenas dizer: «Eu já não quero fazer mais isto.»

– Isto, sou eu a ser honesta com um homem pela primeira vez na vida – disse ela, olhando-o directamente nos olhos.

– Julgava que o que se estava a passar entre nós era uma coisa boa. Sabia bem – disse Falcón, deixando que a emoção lhe subisse na garganta. – Pela primeira vez na vida, parecia absolutamente certo.

– *É* uma coisa boa, mas não é aquilo que eu agora quero.

– Queres dedicar-te aos teus filhos?

– Isso é uma parte – disse ela. – O resto, sou eu. Estamos a ter uma coisa boa agora, mas isso irá mudar. E eu não quero a intensidade, as complicações, a responsabilidade... Mas, acima de tudo, e essa é a *minha* falha, não quero confrontar-me todos os dias com a minha fraqueza.

– A tua fraqueza?

– Eu tenho fraquezas. Ninguém as vê, mas estão aqui – disse ela. – Esta é a minha grande fraqueza. Sabes tudo sobre mim, todas as coisas terríveis, porque a nossa relação começou na terrível arena de uma investigação de assassinio. Mas não sabes isto: estou desesperadamente apaixonada e não suporto isso.

– Como é que sabes, se antes apenas tiveste a ilusão de o sentir?

– Porque já começou – disse ela.

Levantou-se, com o atum por começar, o molho a solidificar-se no prato. Veio ter ao lado dele da mesa. Ele tentou dizer-lhe coisas. Ele queria dissuadi-la. Ela colocou os dedos nos lábios dele. Segurou-lhe na cara, passou-lhe a mão pelo cabelo e beijou-o. Ele sentiu a humidade das lágrimas dela. Ela recuou, apertou-lhe mais uma vez o ombro e partiu.

A porta bateu. Ele olhou para o prato. Nada poderia atravessar o que ele sentia na garganta. Despejou o atum para o lixo, olhou para a mancha castanha que tinha ficado no prato e a seguir atirou-o contra a parede.



## Capítulo 30

*Quarta-feira, 31 de Julho de 2002*

UMA SESTA com um sono sobressaltado deixou Falcón a sentir-se estranhamente descansado, mas com o cérebro a sentir-se esquisito dentro da cabeça como uma excrescência. Os acontecimentos da manhã vagueavam na sua cabeça tão lentamente como uma neblina no rio. Tinha sido tão desastroso que um positivismo histórico se estava a instalar na sua cabeça. Sentou-se no rebordo da cama, abanando-a, à procura de risos, e teve uma ideia que o fez correr para o duche, e aí cresceu, clarificando-lhe a mente.

Guiou para San Bernardo, agarrando-se ao volante e batendo-lhe com compassos estranhos, pensando que as coisas não estavam terminadas entre ele e Consuelo. Ela não ia abandoná-lo tão facilmente. Ainda havia coisas para falar, coisas que a persuadissem. Foi ter com Carlos Vázquez e reparou na sua imagem no espelho do elevador: estava com uma determinação louca.

– Gostava de falar com os russos – disse Falcón, caminhando para o escritório de Vázquez. – Acha que pode conseguir-me isso?

– Duvido.

– Por que não?

– Eles não teriam nada a dizer-lhe... *inspector jefe* da brigada de homicídios.

– Podia convidá-los. Sabe, alguma coisa que tivesse a ver com os projectos deles... E eu podia juntar-me à vossa reunião.

– Isso não seria possível.

– Convença-os, Sr. Vázquez.

– A Vega Construcciones já não está activamente envolvida no projecto deles. Não têm nenhuma razão para vir ter comigo – disse Vázquez. – Venderam os prédios.

– *Venderam-nos?*

– Pertenciam-lhes, podiam vendê-los.

– Não acha, Sr. Vázquez, dado o complicado problema que eles tiveram

com o seu defunto cliente, que teria sido correcto informar-nos?

– Disseram-me que não informasse ninguém, a não ser o terceiro elemento constante na venda.

– Mas não acha que nós merecíamos algum tipo de notificação?

– Em circunstâncias normais eu ter-lhe-ia dito – disse Vázquez, de mãos cerradas e articulações brancas.

– E o que é que havia de tão anormal nestas circunstâncias?

Vázquez abriu a gaveta da secretária e tirou de lá um envelope.

– Eu comprei um cão para os meus filhos no Natal passado. Um cachorro. Eles levaram-no para a costa durante as férias – disse Vázquez. – Chamaram-me no final da semana passada para dizer que o cão tinha desaparecido. Estavam a chorar imenso. Na segunda de manhã recebi um pacote enviado de Marbella que continha uma pata de cão e este envelope.

Falcón sacudiu para fora o conteúdo: uma única fotografia da família de Vázquez sentada na praia com um ar feliz. Nas costas, havia uma nota: «Eles são os próximos.»

– Que tal acha isto, em termos de psicologia, *inspector jefe*?

\*\*\*

Falcón guiou para a *Jefatura*. Ocorreu-lhe que desde domingo que tinham parado as ameaças por parte dos russos e agora sabia por quê. Cumpriram aquilo que lhes fora proposto. Afastaram-se dos projectos Vega e a investigação dele estava agora oficialmente terminada. E a sua acção mais criminosa tinha sido cortar a pata de um cão de estimação.

Ramírez e Ferrera estavam no escritório calados.

– O que é que se passa? – perguntou Falcón. – Não deviam estar lá em baixo no laboratório com o Felipe e o Jorge?

– Disseram-lhes que trabalhassem à porta fechada e que só comentassem os achados com o *comisario* Elvira – disse Ramírez.

– E quanto à lâmina de barbear que eu mandei para lá?

– Não estão autorizados a falar-nos de nada.

– E os incendiários?

– Ainda cá estão – disse Ramírez. – Não sabemos por quanto tempo mais. Na tua ausência, liguei para o Elvira para perguntar se devíamos pô-los a escrever depoimentos. Ele disse-me que não fizesse nada. E eu sou

especialista nisso. Portanto, aqui estamos a não fazer corno.

– Telefonemas?

– O Lobo quer vê-lo e Alicia Aguado quer saber se vai poder levá-la esta noite à prisão.

– Isto ainda não terminou, José Luis – disse Falcón.

\*\*\*

Subiu de elevador para o escritório de Lobo, no andar de cima. Ligou para Alicia Aguado e combinou ir buscá-la. Lobo não o fez esperar e já estava calmo. Sentaram-se e olharam um para o outro como se estendido entre os dois houvesse algum plano de batalha desastroso que tivesse resultado na morte de milhares.

– O trabalho de detective feito por si e pela sua brigada foi excelente – disse Lobo, com uma lisonja que Falcón interpretou como um mau sinal.

– Acha? – disse Falcón. – Para mim, é uma lista notável de falhanços. Não tenho assassino para o Vega e apenas uma paisagem adubada com cadáveres.

– Desmantelou uma grande rede pedófila.

– Não me parece que a tenha *desmantelado* propriamente. Ignacio Ortega tem estado sempre à minha frente, como se prova pelo facto de eu não ter nada contra ele, a não ser a sua instalação de ar condicionado na *finca*, e o falecido Alberto Montes tem andado a torpedear-me cada acção – disse Falcón. – Agora Ortega está a rir-se na minha cara e os russos continuam à solta, livres como passarinhos, para continuar o seu tráfico de adultos e de crianças para fins sexuais.

– Ignacio Ortega está acabado. É um homem marcado. Ninguém se vai querer aproximar dele.

– Palmas – disse Falcón. – Ainda vive na sua casa confortável, a gerir o seu negócio lucrativo. Vai ficar uns anos de cabeça baixa e, então, graças à natureza da sua obsessão específica, vai regressar. Esse tipo de pessoa tem um desejo compulsivo para corromper a inocência, que não é menor do que o desejo compulsivo de um assassino em série para sentir corpos novos a lutarem pela vida nas suas mãos. E não preciso de lhe dizer, *comisario*, que Ignacio Ortega é apenas uma pequena ligação que eu consegui cortar temporariamente. O grande monstro, a máfia russa, continua à solta, estendendo os seus tentáculos por toda a Europa. Apesar daquilo que a secção

de relações públicas da sua cabeça lhe anda a dizer, este é um dos falhanços mais notáveis. E é um falhanço que está a ser perpetrado pela própria administração, que supostamente nos apoia.

– Já agora conto-lhe que a mulher de Montes foi apanhada a ir buscar uma caixa a um armazém, a qual continha cento e oitenta mil euros – disse Lobo.

– Mas estamos satisfeitos com os interrogatórios que fizemos até à data e convencidos que ele agia só.

– Mais palmas – disse Falcón. – O que vamos dizer à população atordoada de Almonaster la Real sobre os dois corpos, do rapaz e da rapariga, encontrados mortos na *finca*? O que é que vai acontecer aos quatro homens que surgem na fita? O que é que vai acontecer às outras crianças...

– Felipe e Jorge vão fazer um relatório pormenorizado dos achados – disse Lobo metodicamente – e isso fará parte, assim como todos os aspectos da sua investigação, de um *dossier* que o *comisario* Elvira me irá apresentar. Já estamos a conduzir uma investigação interna dentro da *Jefatura*. Identificámos o quarto homem da fita. Tudo foi documentado.

– E vai haver uma leitura disso no parlamento andaluz?

Silêncio.

– E todas essas pessoas irão a tribunal?

– A razão pela qual temos uma sociedade organizada e não uma anarquia caótica é que as pessoas acreditam em instituições – disse Lobo. – Quando em 1975 Franco morreu, o que é que aconteceu a todas as instituições? O que é que aconteceu à Guardia Civil? Não se podem dismantelar e atirar todos para o lixo, pela simples razão de que são as únicas pessoas que sabem como gerir as coisas. Então, o que é que se faz? Verga-se o poder deles, controla-se o seu recrutamento, *muda-se* a instituição, vira-se do avesso. É por isso que agora as pessoas acreditam em nós. É por isso que já não têm medo de nós. É por isso que a Guardia Civil já não opera como uma força de polícia secreta.

– Fale disso ao Virgilio Guzmán – retorquiu Falcón. – O que se passa é que ninguém neste caso vai ser levado à justiça, não porque não o mereçam, mas porque a nossa instituição tem roupa suja e a administração que nos controla está a servir-se disso, pois a deles ainda é mais suja.

– São todos homens marcados – disse Lobo. – Vai ver: as pessoas vão perder poderes, serão privadas de contratos, perderão o seu estatuto... vão sofrer.

– Talvez não tenham consciência das suas ambições, o que constitui a sua

pequena tragédia – disse Falcón – mas vão ficar em liberdade e essa será a nossa.

– Então, acha que devíamos expor toda a gente, revelar a corrupção dentro...

– Sim – disse Falcón. – E recomeçar.

– Todos estes anos como polícia e não aprendeu nada sobre a natureza humana – disse Lobo. – Quanto tempo vai demorar até a máfia russa começar a trabalhar na próxima geração?

– Estou a dizer o que penso, *comisario*, nada mais – disse Falcón, sentindo a tal fraqueza voltar-lhe aos braços.

– Sabe, Javier, isto não é exclusivo de Espanha – disse Lobo. – Está a acontecer no mundo inteiro. Acabámos de ter a CIA à porta. E o que é que andavam a fazer? A preservar as suas instituições. A manter a dignidade oficial do presidente dos Estados Unidos da América e do secretário de Estado.

– Foi isso que o cônsul lhe disse?

– Nestas exactas palavras – retorquiu Lobo.

– Então não viu a gravação que Flowers dizia provar a inocência de Krugman?

– O cônsul confirmou que existia.

– Tanta confiança entre poderes institucionais! – disse Falcón. – Você não viu esse registo, porque ele não existe. O Flowers deu ao Krugman um álibi, porque ele deve ter decidido acabar com a incerteza acerca de quaisquer que fossem os segredos que Vega detinha – o homem tinha-se tornado demasiado instável para se preverem as suas atitudes. Acho que Krugman o matou quando Flowers lhe deu a verdadeira identidade do homem e, façamos um momento de silêncio pela esquecida Lucía, também teve de matar a mulher, completamente inocente.

– Eu não posso pôr em causa a integridade do cônsul dos Estados Unidos, Javier – disse Lobo, agora aborrecido.

– Eu sei essas coisas, *comisario*. Sou ingénuo quanto aos mecanismos do poder, mas não totalmente inexperiente. Cada vez que uma coisa assim acontece, e lembremos a incorrecção financeira do seu antecessor, que o colocou no importante cargo que agora ocupa. Cada vez que isso acontece, um pouco dessa sujidade cola-se a mim. Eu esfrego, esfrego, mas fica sempre aquela mancha profunda a ver-se. Começo a pensar que vou ter de voltar a

vestir os meus fatos, só para dar a mim próprio a ilusão de que o bem ainda pode prevalecer.

– Precisamos de homens como você e o inspector Ramírez, Javier – disse Lobo. – Não tenha dúvidas a esse respeito.

– Precisam? Não tenho a certeza. As ferramentas do bem são tão patéticas e previsíveis quando comparadas às do mal – disse Falcón. – Se nós somos estas pessoas sujas com uma profunda compreensão de sujeidade impregnada pelos nossos anos de trabalho nestas instituições corruptas, talvez pudéssemos aprender alguma coisa com isso. Todos estes conhecimentos em primeira mão sobre as forças do mal, não deviam ser atirados para o lixo.

– Bem, esse é um caminho perigoso para seguir – disse Lobo.

\*\*\*

De volta ao escritório, Ramírez e Ferrera procuraram a réstea de esperança. Falcón estava em frente deles e abriu as mãos para mostrar que nada tinham dentro. Entrou no escritório. Havia um pequeno pedaço de papel no meio da secretária, no qual sabia estar escrita a tradução da inscrição encontrada na *finca*. Pôs as mãos uma de cada lado dela e debruçou-se para a ler.

«Lamento, Mamã, mas não podemos continuar a fazer isto.»

\*\*\*

Saiu do escritório sem dizer uma palavra e foi buscar Alicia Aguado. Sentia-se contente por estar com ela e ela feliz e ansiosa pela próxima sessão com Sebastián e satisfeita com os seus progressos. A morte de Pablo libertara-o do seu passado e andava a revelar coisas em dias, que teriam normalmente demorado meses a obter.

Quando chegaram à cela de observação era óbvio que Sebastián estava contente de a ver. Sentou-se e destapou o pulso, impaciente. Falcón mal conseguia concentrar-se na discussão deles. A sua conversa com Lobo ainda andava às voltas na sua cabeça e a formar uma hélice tripla com Ignacio Ortega e os russos. Cada ponto de contacto com os russos tinha sido interrompido – Vega, Montes e Krugman estavam todos mortos e Vázquez paralisado de medo. O único caminho que restava era o mais obscuro, através de Ignacio Ortega e era onde se cruzavam as três pás da sua hélice e: as



últimas palavras que Lobo lhe tinha dito.

Um diálogo mais intenso chegou-lhe da cela de observação e ele concentrou-se nele durante momentos.

– Que idade tinhas? – perguntou Aguado.

– Tinha quinze anos. Não foi uma altura fácil para mim. A escola era difícil. A minha vida em casa estava a ser constantemente interrompida. Eu era infeliz.

– Diz-me como isso surgiu.

– Estávamos a ir de carro para Huelva. Ele entrava numa peça lá, e a seguir íamos para Tavira, em Portugal, passar o fim-de-semana na praia.

– Por que é que escolheste esse momento?

– Eu não escolhi. Fiquei zangado com ele. Fiquei zangado por ele me dizer que o irmão era um tipo maravilhoso. Que gentil que ele era! Que prestável! O meu pai era uma nódoa a gerir as suas finanças e Ignacio ajudava-o constantemente. Também lhe mandava a casa electricistas e canalizadores para fazerem reparações. Chegou mesmo a refazer a instalação eléctrica da casa de graça. Para Ignacio, isso não era nada. Não lhe custava nada. Punha tudo nas contas da empresa. Mas o meu pai pensava que ele era um grande tipo ao fazer tudo isto. Não via o que Ignacio andava a tramar. Não via a que ponto o irmão o odiava, a que ponto o desprezava pelo seu talento e pela sua fama. Então, num desses momentos, quando Pablo estava a polir a imagem dourada do irmão, eu disse-lhe.

– Consegues lembrar-te das palavras exactas?

– Lembro-me de tudo como se tivesse acabado de acontecer – disse Sebastián. – Eu disse:

«Sabes, quando costumavas partir em *tournée* e me deixavas com o teu irmão...» e o meu pai voltou-se para mim e sorriu e a sua cara estava cheia de amor pelo que estava prestes a ouvir outra coisa maravilhosa sobre o Ignacio. Era tão patético que eu quase não me consegui forçar a dizê-lo, mas a minha raiva impôs-se e eu contive isso. Eu disse: «... ele costumava abusar sexualmente de mim todas as noites.» – Ele perdeu o controlo do carro. Saiu da estrada e fomos parar a uma vala. Começou a bater-me, a dar-me estalos na cabeça e na cara, por isso eu abri a janela e atirei-me para dentro da vala. Ele veio atrás de mim, abrindo a porta como um homem a sair de um tanque. O problema com o meu pai era que nunca se sabia quando estava a representar. Podia estar raivoso e virar-se e, de repente, ficar romântico. Mas

nessa tarde não havia dúvidas quanto à sua raiva. Agarrou-me no campo já perto da estrada. Apanhou-me pelo cabelo e fez-me girar. Deu-me estalos na cabeça e na cara, com a parte da frente e a parte de trás das suas enormes mãos até eu ficar transformado numa boneca de trapos. Puxou para si a minha cara e eu vi o suor dele e os seus dentes e lábios esticados e brancos e o cheiro do seu hálito quando me forçou a negar as minhas palavras. Obrigou-me a dizer-lhe que eu tinha mentido. Obrigou-me a suplicar o seu perdão. E quando eu o fiz, voltou-se para mim e disse que nunca mais voltaria a falar daquele dia. E não voltou. Nunca mais tornámos a falar um com o outro a partir desse dia.

– Achas que ele falou nisso ao Ignacio?

– Tenho a certeza que não. Eu teria sabido. O Ignacio teria vindo procurar-me para me assustar e me obrigar a calar-me.

Sentaram-se tranquilamente por momentos. Alicia pesou a enormidade daquele dia na sua cabeça. Falcón sentou-se, lembrando-se do sonho que Pablo lhe tinha contado e a sua subsequente queda na relva. Conseguia ver os pensamentos nos olhos cegos e trémulos de Alicia. «Será a altura certa? Qual deve ser a minha próxima pergunta? Que pergunta irá desbloquear o raciocínio por detrás dos actos extremos de Sebastián?.»

– Tens andado a pensar durante os últimos dias na razão pela qual o teu pai se suicidou? – perguntou ela.

– Tenho, sim. Pensei muito sobre a nota que ele me escreveu – disse Sebastián. – O meu pai adorava palavras. Adorava falar e escrever. Gostava da sua própria voz. Gostava de ser verbal. Mas naquela carta reduziu-se a uma linha.

Silêncio. A cabeça de Sebastián tremeu sobre o seu pescoço.

– E o que é que aquela linha significou para ti?

– Significou que ele tinha acreditado em mim.

– E por que é que pensas que ele chegou a essa conclusão?

– Antes de eu ser condenado, o meu pai tinha chegado a um ponto da sua vida em que nunca se interrogava. Se isso tinha a ver com a sua crença no seu próprio brilho ou com os falsos que o rodeavam, não sei. Mas nunca pensava que pudesse estar errado ou ter cometido um erro... até eu ter sido preso. Assim que me puseram aqui, eu recusei-me a vê-lo, por isso não posso ter a certeza, mas acho que foi aí que as dúvidas começaram a assaltá-lo.

– Ele teve de sair do *barrio* – disse Alicia. – Foi ostracizado.

– Eles não gostavam muito dele no *barrio*. Ele achava que todos o queriam do mesmo modo que todos os públicos gostavam dele, mas nunca se importou com eles enquanto pessoas individuais. Estavam ali apenas para a glorificação posterior de Pablo Ortega.

– Isso deve ter-lhe dado razão para duvidar.

– Isso e o facto de o seu trabalho estar a decair deu-lhe razão para começar a viver mais dentro da sua cabeça. E, isso eu sei, quando se faz, começa-se a atravessar todo o tipo de medos e dúvidas que crescem no seio da nossa solidão. Também deve ter falado com Salvador. O meu pai não era um mau homem. Tinha pena de Salvador e ajudava-o com dinheiro para as drogas. Duvido que Salvador lhe tenha contado, por causa da força da personalidade do meu pai e do seu próprio medo de Ignacio, mas a partir do momento em que a dúvida lhe surgiu na cabeça, pode ter começado a juntar as peças. E quando as juntou às suas dúvidas pode ter encontrado a resposta a essa horrível equação que tinha na cabeça, que era a soma dos seus medos. Deve ter sido devastador para ele.

– Mas não achas que isto foi uma acção incrivelmente drástica da tua parte fechares-te aqui dentro?

– Não está a pensar que eu fiz isto só para chamar a atenção do meu pai, pois não?

– Eu não sei por que é que o fizeste, Sebastián.

Ele retirou o seu pulso e tapou a cara com os braços. Ficou a balançar na cadeira, para trás e para a frente, durante vários minutos.

– Se calhar, já foi suficiente por hoje – disse ela, encontrando-lhe o ombro.

Ele acalmou-se e desenrolou-se. Voltou a estender o pulso.

– Eu estava com medo daquilo que andava a crescer na minha própria cabeça – disse ele.

– Retomamos amanhã – disse Alicia Aguado.

– Não, eu gostava de tentar tirar isto cá para fora – disse ele, pondo os dedos dela no seu pulso. – Li algures... não conseguia evitar de ler esse tipo de coisa. Os jornais estão cheios de histórias de abusos de crianças e os meus olhos costumavam fechar-se a *cada* história, porque eu sabia que para mim eram relevantes. Eu retirava dessas histórias que faziam coisas nascer dúvidas em mim e comecei a descobrir um canto de mim próprio em que já não podia confiar. Cresceu a partir daí, até que se tornou uma certeza na minha cabeça. É só uma questão de tempo até... até...

– Acho que isto é de mais para ti por hoje, Sebastián – afirmou ela. – Estás a forçar de mais a tua cabeça.

– Por favor, deixe-me deitar isto cá para fora – disse ele. – Só esta coisa.

– O que é que retiraste dessas histórias? – perguntou Alicia Aguado. – Diz-me só isso.

– Sim, sim, foi o começo – disse ele. – o que eu vi nessas histórias e que era relevante para mim era que... os abusados tornam-se abusadores. Quando li isso pela primeira vez, não achei que fosse possível... que eu pudesse acabar com o mesmo aspectozinho manhoso que o tio Ignacio tinha quando se sentava na minha cama à noite. Mas, quando se está só, as dúvidas criam mais dúvidas e eu comecei mesmo a pensar que isso era uma coisa que me podia acontecer. Que eu não ia poder controlá-lo. Já começava a achar que os miúdos gostavam de mim e que eu gostava deles. Adorava partilhar da inocência deles. Adorava estar com eles no seu mundo inconsciente. Nem horrores passados, nem preocupações futuras, só o presente glorioso. E cresceu-me a ideia de que podia acabar por fazer alguma coisa inconfessável e comecei a viver com esse medo permanente. E, por fim, um dia eu já não aguentava mais e pensei que ia mesmo fazer isso. No entanto, quando o momento chegou... não consegui, mas já não tinha importância, porque o medo dentro de mim já era tão grande. Deixei partir o Manolo e, enquanto esperava pela polícia, dei comigo a rezar para que me pusessem numa cela e deitassem fora a chave.

– Mas não pudeste fazê-lo, Sebastián – disse ela. – Não o fizeste.

– Não era o que o meu medo me dizia. O meu medo dizia-me que isso acabaria por acontecer.

– Mas o que é que sentiste quando enfrentaste a realidade da tua intenção?

– Não senti nada senão repulsa. Senti que seria uma coisa muito errada, antinatural e cruel de se fazer.

\*\*\*

Falcón voltou a levar Alicia à Calle Vidrio e seguiu para casa. Foi para o escritório com uma garrafa e um copo cheio de gelo. O *whisky* soube-lhe bem, depois do dia que tinha passado. Sentou-se no escritório com os pés em cima da secretária, pensando no homem que tinha sido apenas doze horas antes. Não estava deprimido, o que o surpreendeu. Sentia-se estranhamente

sólido, desperto e determinado, e compreendeu que a raiva o estava a manter inteiro. Queria Consuelo de volta e queria enterrar Ignacio Ortega.

Virgilio Guzmán chegou pontualmente às 22 horas. Falcón serviu-lhe um *whisky* e sentaram-se no escritório. A seguir à explosão matinal, estava à espera que Guzmán viesse lançado com a reportagem sobre o que tinha pressentido na *Jefatura*, mas este parecia mais interessado em falar sobre as suas férias em Mallorca, que iam chegar daí a uma semana.

– O que é que aconteceu ao jornalista heróico que saiu de rompante esta manhã do meu escritório? – perguntou Falcón.

– Droga – disse Guzmán. – A verdadeira razão pela qual saí de Madrid foi vir para aqui e ter um modo de vida mais tranquilo. Assim que cheiro essa história, fico doido. Agora, estou cheio de calmantes e, sabe, até é bastante agradável quando as coisas nos chegam filtradas.

– Isso quer dizer que vai abandonar a reportagem?

– Ordens do médico.

Sentaram-se em silêncio enquanto Falcón tentava avaliar qual era a verdade.

– Alguém foi falar consigo, Virgilio?

– Esta comunidade é toda muito chegada – disse Guzmán. – O jornal não vai aceitar publicar, a não ser que alguém desvende o caso primeiro. E, sabe que mais, Javier? Estou-me cagando para o assunto. É assim que as drogas funcionam.

– E quanto a dar-me alguns conselhos como observador imparcial?

– Não me faça beber demasiado *whisky* – disse ele. – Não se mistura bem com as drogas.

Falcón contou-lhe tudo sobre a investigação: a *finca* de Montes, os cadáveres na *sierra*, os incendiários, a fita – tanto o original como a cópia estavam no andar de cima. Guzmán escutou e acenou com a cabeça como se isto fosse coisa que lhe chegasse aos ouvidos todos os dias.

– O que é que pretende com tudo isto? – perguntou Guzmán. – Qual é a sua exigência mínima?

– Pôr Ignacio Ortega atrás das grades por muito tempo.

– Isso é compreensível. Ele parece um pedaço de gente muito infecto.

– Acha que estou a ser curto de ideias? – disse Falcón. – Acha que devia estar a disparar contra as nossas instituições furadas?

– Isso é o *whisky* a falar – disse Guzmán. – Não tem nenhuma hipótese.

Concentre-se no Ortega.

– Ele parece muito bem protegido pelos seus contactos.

– Então, como é que vai enfraquecer essa protecção para chegar a ele?

– Não sei.

– Bem, o seu treino é esse. Está treinado para pensar dentro dos limites da lei – disse Guzmán, poisando o copo de *whisky* vazio. – Agora vou-me embora, antes que seja tarde de mais.

– E não me vai contar?

– Não seria correcto da minha parte contar-lhe. Não quero ter essa responsabilidade – disse Guzmán. – A resposta está à sua frente, mas não quero ser eu a infectar-lhe o espírito.



## Capítulo 31

*Quinta-feira, 1 de Agosto de 2002*

– MÁ NOITE? – perguntou Ramírez, olhando para o parque de estacionamento da *Jefatura*.

– Maus sonhos. Má noite – respondeu Falcón. – Fiquei acordado a fantasiar sobre a maneira de apanhar os russos.

– Conta-me.

– Achei que podia ir ter com o Ignacio Ortega, pedir-lhe para entrar para a lista de subornos dos russos. Dizer-lhe que gostei do aspecto dos cento e oitenta mil euros com que a Sr.a Montes foi apanhada.

– Era assim tanto?

– Foi o que o Lobo me contou – disse Falcón. – Eu podia inventar qualquer coisa para propor ao Ortega – que eu podia ser o tipo a tomar conta do grupo de menores enquanto eles procuram um substituto adequado para o Montes...

– Isso, para começar, nunca iria acontecer – disse Ramírez.

– Então eu convencia-o a combinar um encontro entre mim e os russos.

– E ele acreditava em ti?

– Não, mas havia de o fazer na mesma e, quando eu soubesse o local do encontro, transmitia-to secretamente.

– Acho que esta fantasia não chega sequer ao estatuto de filme de série B.

– O encontro teria lugar numa garagem em terra de ninguém. Eu estaria com Ortega. Estaria sentado ao pé de um bidão de óleo à espera dos russos. Ouviríamos um carro chegar de algum lado. Então, Ivanov e Zelenov chegariam. Haviam de me fazer um interrogatório horrível durante o qual seria claro que não estariam a acreditar numa palavra do que eu dissesse. E, quando chegassem ao ponto de se rirem de mim, a porta da garagem abria-se e tu saías de lá e davas-lhes um tiro.

– Os meus filhos eram capazes de inventar melhor que isso.

– Talvez em vez de seres tu a entrar por ali aos tiros pudéssemos pensar em alguma coisa mais subtil. A porta da garagem havia de se abrir na mesma.

Abrem-se sempre. Mas tu apenas os ameaçavas com a arma. Eu desarmava-os. Então, a persiana da garagem principal subia e estariam lá carros da polícia, com projectores, é outra coisa que acontece sempre. Um dos carros da polícia entrava em marcha atrás. Os russos eram algemados e, quando estivessem a ser metidos no carro, voltavam-se para nós, batendo nas costas de Ortega, sacudindo-lhe a mão e haviam de pensar que tinham sido servidos. Quando chegassem à *Jefatura* o advogado já lá estaria. O mesmo da fita da *finca* do Montes. Haviam de ser libertados em quatro horas. Depois, iam à casa de Ortega. Ignacio, sentado à secretária, a escutar Júlio Iglesias no seu sistema de som perfeitíssimo, com os olhos fechados até um som exterior chegar e... o horror. Dois tiros de silenciador. Flores de sangue na sua camisa branca e a cara desfeita.

– O público havia de ter ido beber cerveja antes de passar o genérico final – disse Ramírez.

Ferrera enfiou a cabeça na sala para dizer bom-dia.

– Vamos conversar – disse Falcón.

Ferrera regressou ao escritório externo. Ramírez foi fechar a porta.

– Tu também, *policía* Ferrera – disse Falcón, e Ramírez estreitou os olhos para ele. – Fecha a porta atrás de ti.

Sentaram-se em torno da secretária.

– Nós aqui somos as vozes da experiência – disse Falcón. – E tu, *policía* Ferrera, és a voz da moralidade.

– Isso é no meu papel de ex-freira?

– É isso – disse Ramírez. – É só isso que conta. Por isso cala-te e escuta.

– Acho que já deves ter entendido que está a decorrer um encobrimento – disse Falcón. – Os crimes cometidos na *finca* do Montes estão a ser encobertos nas duas pontas. Por causa do envolvimento de Montes, a *Jefatura* é vulnerável ao ataque dos políticos. Há medo entre os nossos patrões de que um grande escândalo, envolvendo um grande número de figuras da vida pública, possa provocar uma destruição da confiança e eles estão determinados em manter a dignidade e integridade das suas instituições. Nós os três sabemos que aquilo que se passou na *finca* de Montes era errado e que os seus culpados deveriam ser levados à justiça e envergonhados publicamente. Disseram ao *comisario* Lobo que tudo o que aconteceu na *finca* será documentado. Ele foi incapaz de garantir que alguma coisa seja ouvida. Só foi capaz de acalmar o meu sentido de ultraje assegurando-me de

que ninguém que esteja envolvido no que aconteceu nessa *finca* se vai safar totalmente. Irão sofrer perdas de posição, de estatuto e de riqueza.

– Já estou cheio de pena deles – disse Ramírez. – E quanto aos *media*?

– O Virgilio Guzmán disse que não iam tocar nisso, a não ser que alguém revelasse a história antes – disse Falcón. – Ele está doente e teve de ficar sob medicação.

– O que é que eu te disse sobre aquele tipo? – disse Ramírez.

– Os russos são intocáveis. Retiraram o dinheiro dos projectos Vega. Ameaçaram a família do Vázquez. O nosso único acesso a eles é através do Ignacio Ortega e ele não está disposto a mostrar-lhes o nosso cartão. Não temos provas físicas, nem sequer das suas operações de lavagem de dinheiro, coisa que seria apresentável em tribunal. Não poderíamos justificar a sua prisão, mesmo que *conseguíssemos* chegar a eles.

– Que hipóteses temos de prender o Ortega? – perguntou Ramírez.

– Ele está protegido. É assim que sobrevive. Tal como vimos pela sua filmagem secreta na *finca*, tem provas sujas contra toda a gente. Foi por isso que fomos postos à margem de quaisquer informações e que tudo tem de passar pelo *comisario* Elvira. A única coisa que nos resta é a fita.

– Que fita? – perguntou Ferrera.

– Os incendiários roubaram uma televisão e um vídeo na *finca* antes de lhe atearem fogo. O videogravador estava carregado com uma fita que mostra quatro homens a fazerem sexo com menores – disse Falcón. – O original tem o Elvira. Nós ficámos com uma cópia.

– E quanto aos jornais de Madrid? – perguntou Ramírez.

– É uma possibilidade, mas podíamos ter de lhes dar a história completa e teria de ser toda autenticada com informações a que não temos acesso. Não poderia haver hipótese de anonimato. Iriam considerar que tínhamos quebrado a lealdade perante a *Jefatura* e ficávamos por nossa conta, provavelmente arriscados a terminar com as nossas carreiras. Além disso, muita coisa é imprevisível quando se utiliza os *media*, mesmo os de cá da terra. Quando se encostam pessoas à parede, podem jogar sujo. Podíamos acabar por ser todos atingidos – e as nossas famílias também – e, mesmo assim, sem obter o resultado que pretendemos.

– Vamos mandar uma cópia às mulheres deles e seguir com as nossas vidas – disse Ramírez.

– Mas, assim, continuávamos a não prender o Ortega – disse Falcón.

Alguns tempos de silêncio, apenas interrompido pelo metrônomo do enorme dedo de Ramírez a bater no rebordo da secretária.

– Uma coisa que me daria imenso prazer – disse Ramírez, olhando para o tecto como se buscasse a inspiração divina, seria oferecer ao meu velho amigo do *barrio* uma sessão privada da sua parte da fita. Isso poderia significar que eu lhe veria a cara e a seguir dizia-lhe que não podia fazer nada neste caso, mas que ele podia dirigir-se ao Ignacio Ortega.

– Dirigir-se? – perguntou Falcón.

– Ele matava-o – disse Ramírez. – Eu conheço o tipo. Não iria deixar que ninguém vivesse com esse tipo de prova contra ele.

Novo silêncio. Cristina Ferrera levantou a cabeça, para dar com o olhar de ambos os homens sobre ela.

– Não estão a falar a sério, pois não? – disse ela.

– E nessa altura, eu podia prendê-lo por assassinio – disse Ramírez.

– Não posso acreditar que estejam sequer a pôr a hipótese de pensar numa tal coisa – disse Ferrera. – Se estão a falar a *sério*, não precisam de um guia moral, precisam de um transplante completo.

Falcón riu-se. Ramírez juntou-se-lhe com uma grande gargalhada. O alívio alastrou pelo rosto de Ferrera, partindo do pequeno nariz e descendo.

– Bem, ninguém poderá dizer que não considerámos todas as hipóteses – disse Falcón.

– Vou voltar para o computador – disse ela, e saiu, fechando a porta atrás de si.

– Estavas a falar a sério? – perguntou Ramírez, inclinando-se sobre a secretária.

Falcón não moveu um só músculo da cara.

– *Joder* – disse Ramírez. – Teria sido qualquer coisa.

O telefone soou, muito estridente, assustando os dois homens. Falcón agarrou-o e encostou-o ao ouvido. Escutou cuidadosamente enquanto Ramírez rolava entre os dedos um cigarro apagado.

– Tomou uma decisão muito corajosa, Sr. López – disse Falcón e poisou o telefone.

– Finalmente boas notícias? – disse Ramírez, metendo o cigarro na boca.

– Era o pai do rapaz que foi supostamente abusado por Sebastián Ortega. O rapaz, Manolo, está a caminho de Sevilha neste momento. Virá direito à *Jefatura* e apresentar um relato revisto e completamente verdadeiro daquilo

que aconteceu.

– Isso não vai ser lá grande prenda de casamento para o *juez* Calderón.

– Mas sabes o que isso significa, não sabes, José Luis?

O cigarro por acender caiu no colo de Ramírez.

\*\*\*

O telefone voltou a tocar. Desta vez era o *juez* Calderón, confirmando que já tinha um mandado de busca assinado para irem ao cofre-forte privado de Vega, que se encontrava em nome de Emilio Cruz no Banco Banesto. Falcón pegou na chave do cofre e os dois homens partiram para o Edificio de los Juzgados. No caminho, disse a Ferrera que Manolo López ia chegar com a mãe para fazer um depoimento filmado em vídeo e que ele queria que ela lesse o *dossier* Ortega, preparasse as perguntas e o entrevistasse.

Foram de carro até ao Edificio de los Juzgados. A secretária de Calderón deu a Ramírez o mandado de busca. Seguiram para o Banco Banesto e pediram para ver o gerente. Mostraram as suas identificações e o mandado e foram levados para baixo, para o cofre. Falcón inscreveu-se e a gerente acompanhou-os até às caixas. Inseriu a sua chave, girou-a uma vez e deixou-os tratar do assunto. Falcón usou a sua chave e puxaram a caixa fechada, de aço inoxidável, para fora, colocando-a em seguida sobre uma mesa no meio da sala.

Em cima dos papéis que a caixa continha havia um velho passaporte espanhol e alguns bilhetes de viagem. O passaporte tinha sido emitido em 1984 e a fotografia era de Rafael Vega, mas estava em nome de Oscar Marcos. Os bilhetes estavam presos em conjunto por um *clip* e por ordem de datas. A primeira viagem era de Sevilha a Madrid a 15 de Janeiro de 1986 e o regresso a Sevilha a 19 de Janeiro. A viagem seguinte tinha tido lugar a 15 de Fevereiro de 1986 e era de comboio de Sevilha a Madrid e a Barcelona e por fim a Paris. A 17 de Fevereiro havia um bilhete de comboio de Paris para Frankfurt, seguindo para Hamburgo. A 19 de Fevereiro atravessava para a Suécia e ia para Estocolmo. A viagem de regresso começava a 1 de Março e era de Oslo para Londres por ar. Três dias de estada em Londres e a seguir de avião para Madrid e de comboio para Sevilha.

– Esta coisa – disse Ramírez, que estava a passar em revista os papéis que estavam por baixo – deve estar em código, porque parecem cartas de uma

criança para o pai.

Falcón ligou para Virgilio Guzmán e perguntou-lhe se ele podia vir à sua casa na Calle Bailén imediatamente. Esvaziaram o cofre privado e puseram o conteúdo num grande saco-prova. Falcón disse à gerente que a caixa passava a estar vazia, deu-lhe um recibo e devolveu a chave. Foram de carro para a Calle Bailén e Falcon leu as cartas enquanto esperavam por Virgilio Guzmán. Cada carta tinha o seu envelope agrafado. Tinham todas sido enviadas da América para a morada da caixa postal em nome de Emilio Cruz. As cartas faziam sentido individualmente, mas não como um todo.

Guzmán chegou. Sentou-se à secretária com os papéis. Consultou o passaporte e depois os bilhetes de viagem.

– No final de Fevereiro 1986, o primeiro-ministro, Olof Palme, foi atingido com um tiro quando ia a sair do cinema com a mulher – disse Guzmán. – O assassino nunca foi descoberto.

– E quanto a todas essas cartas? – perguntou Ramírez.

– Tenho uma pessoa que me pode ajudar a descodificá-las, mas calculo que sejam as instruções dele para uma última operação do seu velho amigo Manuel Contreras – disse Guzmán. – Ele tinha a cobertura perfeita. Estava plenamente treinado. Era o tipo de coisa que faziam na Operação Condor a toda a hora. Impossível de seguir a pista de regresso até ao regime de Pinochet e um espinho duro de roer é finalmente retirado da pele do presidente. É perfeito.

– Então por que é que ele guardou todo este material?

– Não sei, excepto que matar um primeiro-ministro de um país europeu não é coisa leve e que talvez ele pudesse ter sentido a necessidade de um pouco de segurança no caso de as coisas mudarem mais tarde.

– Agora, por exemplo? – disse Falcón. – O regime de Pinochet está acabado...

– Manuel Contreras está na prisão, tendo sido atraído pelo seu velho amigo o General – disse Guzmán.

– E o Vega acha que está na altura de equilibrar os pratos da balança. De mostrar do que o regime de Pinochet era capaz? – disse Falcón. – É a estratégia sem regresso. Podia mandar-se Pinochet para a prisão, mas acabava-se lá também.

– E foi o que ele fez – disse Guzmán. – Morreu com aquela nota na mão. Você fez o que ele queria que fizesse. Investigando o crime, descobriu a



chave do seu cofre privado e agora o seu segredo vai ser revelado ao Mundo.

Fotocopiaram todas as cartas do cofre privado e Guzmán levou-as ao seu amigo descodificador, que, segundo ele revelou, era um ex-DINA que vivia agora em Madrid.

– Conhece o teu inimigo – disse Guzmán, explicando aquela ligação. – Eu passo isto tudo pelo *scanner*, mando-lhe por *e-mail* e ele lê-os como um livro. Consigo-lhe uma resposta esta tarde.

Falcón e Ramírez voltaram à *Jefatura* a tempo de se encontrarem com a Sr.a López e com Manolo, que já estava na sua video-entrevista e a apreciar a companhia de Cristina Ferrera. Por volta da uma o rapaz tinha terminado e Falcón ligou para Alicia Aguado. Fê-la ouvir a declaração por telefone e ela concordou em mostrá-la a Sebastián Ortega.

Ferrera foi num carro da polícia para o Polígono San Pablo para encontrar Salvador Ortega, enquanto Falcón levava Alicia Aguado de carro para a prisão. Mostraram a Sebastián o vídeo de Manolo e ele rebentou a chorar. Então, escreveu o seu depoimento de quinze páginas, descrevendo cinco anos de abusos nas mãos de Ignacio Ortega. Ferrera ligou para dizer que Salvador estava agora na *Jefatura*. Falcón mandou por fax o depoimento de Sebastián para que Salvador o lesse. Salvador pediu uma reunião com Sebastián.

Ferrera levou-o de carro para fora da prisão e ele e Sebastián falaram durante mais de duas horas, após as quais Salvador concordou em escrever o seu próprio depoimento. Também deu a Falcón uma lista de sete nomes de outras crianças, agora adultas, que tinham sido vítimas nas mãos do seu pai.

\*\*\*

Às cinco horas Falcón estava a comer um *bocadillo de chorizo* e a beber uma cerveja não alcoólica quando Virgilio Guzmán ligou, dizendo que tinha as cartas já descodificadas e que lhe queria enviar as traduções por *e-mail*. Provou-se serem uma série de instruções para Vega. Onde e quando ir buscar o passaporte em Madrid. O trajecto que deveria percorrer para Estocolmo. Informações secretas sobre os movimentos e os lapsos de segurança de Olof Palme. Onde ir buscar a arma em Estocolmo. Onde se desfazer da arma depois do golpe e por fim o seu regresso a Sevilha.

– Vou publicar esta história no jornal de amanhã – disse Guzmán.

– Eu não esperava de si outra coisa, Virgilio – disse Falcón. – Só vai atingir

pessoas que merecem ser atingidas.

\*\*\*

Por volta das seis de tarde, Falcón tinha um *dossier* com a declaração em vídeo de Manolo López e os depoimentos de Sebastián e de Salvador.

– E o que é que acontece se eles te travarem isto? – disse Ramírez quando saiu do escritório.

– Nessa altura, passarás a ser o novo *jefe del grupo de homicídios*, José Luis.

– Eu, não – disse Ramírez. – Diz-lhes que vão ter de ir buscar o subinspector Pérez, quando ele voltar de férias.

Juntamente com os três depoimentos, pegou no conteúdo do cofre privado de Vega e imprimiu as cartas descodificadas do *e-mail* de Guzmán. Foi ter com o *comisario* Elvira, que estava novamente numa reunião com o *comisario* Lobo. Não o fizeram esperar.

Falcón informou-os do conteúdo do cofre privado e leu as descodificações pertinentes que continham as instruções para o assassinio e o alvo. Os dois homens sentaram-se num silêncio absorto.

– E quem terá sabido disto, para além dos elementos óbvios do regime? – perguntou Lobo. – Quero dizer, acha que os americanos sabiam alguma coisa disto?

– Sabiam alguma coisa sobre Vega – disse Falcón. – Se sabiam alguma coisa ou parte disto em pormenor, não faço ideia, mas duvido. Agora acredito no Flowers, quando disse que eles não sabiam de que é que andavam à procura. Estavam apenas à espera que não fosse nada que se reflectisse negativamente sobre eles ou sobre a administração da altura.

– Acha que os americanos podiam ter estado envolvidos na morte de Vega ou prefere pensar que ele ou foi morto por Marty Krugman ou cometeu suicídio?

– O Mark Flowers deu-me uma enorme quantidade de informações. O único problema é que eu não sei o que é verdade e o que não é – disse Falcón.

– Uma parte de mim acredita que eles não estavam envolvidos no seu assassinio porque isto era o que eles queriam descobrir: o conteúdo do cofre privado, que nunca encontraram. Mas também acho que Flowers pode ter decidido parar com as dúvidas e ter estado envolvido na eliminação de Vega.

– Caso encerrado? – perguntou Elvira.

Falcón encolheu os ombros.

– Que mais? – disse Lobo, olhando para o *dossier* no colo de Falcón.

Ele entregou-lho. À medida que Lobo lia cada página, passava-a a Elvira. Ambos os homens olharam nervosamente para cima enquanto percorriam o catálogo de abusos. Quando terminaram, Lobo estava a olhar para o parque, como costumava fazer quando ocupava este escritório. Falou na direcção do vidro.

– Posso adivinhar – disse ele – mas gostava que me dissesse o que pretende.

– A minha exigência mínima por todos os crimes que foram cometidos na *finca* de Montes é que Ignacio Ortega seja preso – disse Falcón. – Isso não foi possível. Não concordo, mas compreendo porquê. Este caso é separado. Nada do que aconteceu na *finca* de Montes virá à tona no caso de abuso desta família. Quero que seja nomeado um *juez de instrucción* – que não o *juez* Calderón, é claro. Quero prender Ignacio Ortega e quero que ele enfrente estas acusações e quaisquer outras que possamos deduzir depois de falar com os que constam na lista de nomes fornecida por Salvador Ortega.

– Vamos ter de discutir isto e voltaremos falar consigo – disse Lobo.

– Não quero fazer nenhuma pressão indevida sobre a vossa discussão, mas gostaria de lhes lembrar aquilo que me disseram ontem no vosso escritório.

– Refresque-me a memória.

– Você disse: «Precisamos de homens como você e o inspector Ramírez, Javier. Não duvide disso.»

– Estou a ver.

– O inspector Ramírez e eu gostaríamos de efectuar a prisão esta noite – disse Falcón, e saiu.

\*\*\*

Sentou-se sozinho no seu escritório, sabendo que Ramírez e Ferrera estavam à espera de notícias. O telefone tocou e ele ouviu-os dar um pulo. Era Isabel Cano, a perguntar se podia ter uma resposta à carta que tinha esboçado para enviar a Manuela sobre a casa da Calle Bailén. Ele disse que não a tinha lido, mas que não fazia diferença decidir porque se Manuela, quisesse viver na casa ia ter de pagar o preço do valor de mercado, menos a

comissão da agência, e que não haveria discussão possível sobre o assunto.

– O que é que lhe aconteceu? – perguntou ela.

– Fiquei mais duro por dentro, Isabel. Agora, o sangue circula pelas minhas veias frias de aço – disse Falcón. – Já ouviu falar do caso de Sebastián Ortega?

– É o filho de Pablo Ortega, não é? Aquele que raptou o rapaz?

– É verdade – disse Falcón. – Gostaria de se encarregar deste apelo?

– Há novas provas de peso?

– Sim – respondeu Falcón – mas devo avisá-la de que podem não dar muito boa impressão de Esteban Calderón.

– Está na altura de ele aprender a ter um pouco de humildade – disse ela. – Eu dou uma olhadela.

Falcón desligou e voltou a sentar-se em silêncio.

– Estás com confiança – disse Ramírez, do escritório exterior.

– Nós somos homens de valor, José Luis.

O telefone tocou, desta vez no escritório exterior. Ramírez agarrou-o de rompante e levou-o ao ouvido. Silêncio.

– Obrigado – disse Ramírez.

Desligou. Falcón esperou.

– José Luis? – disse ele.

Não houve som. Foi até à porta.

Ramírez olhou para cima, com a cara lavada em lágrimas, a boca repuxada para dentro dos dentes enquanto lutava contra a emoção. Agitou a mão para Falcón, sem conseguir falar.

– A filha dele – disse Ferrera.

O sevilhano acenou com a cabeça e limpou com os polegares as enormes lágrimas dos olhos.

– Ela está bem – disse ele sem fôlego. – Fizeram todas as análises possíveis e não encontram nenhum problema. Acham que é alguma espécie de vírus.

Deixou-se cair na cadeira, espremendo gordas lágrimas para fora dos olhos.

– Sabes que mais? – disse Falcón. – Acho que está na hora de ir tomar uma cerveja.

\*\*\*

O três foram de carro ao bar La Jota e ficaram no fresco cavernoso a beber

cervejas e a comer tiras de bacalhau demolhado. Outros agentes da polícia vieram e tentaram entrar na conversa, mas não conseguiram ir longe. Estavam demasiado tensos. O tempo passou até às 20.30h e o telemóvel de Falcón começou a vibrar contra a sua perna. Levou-o ao ouvido.

– Estão autorizados a prender Ignacio Ortega sob essas acusações – disse Elvira. – Juan Romero foi nomeado *juez de instrucción*. Boa sorte.

\*\*\*

Voltaram à *Jefatura* porque Falcón queria fazer a prisão num carro-patrolha com luzes a piscar, para que os vizinhos de Ortega soubessem. Ferrera foi a guiar e estacionaram à frente de uma grande casa em El Porvenir, a qual, tal como Sebastián tinha descrito, tinha no portão uns postes com leões de cimento.

Ferrera ficou no carro. Ramírez fez soar a campainha, que tinha o mesmo toque de carrilhão de catedral que a de Vega. Ortega veio à porta. Mostraram-lhe os seus cartões de identificação da polícia. Ele olhou por cima dos ombros deles para o carro patrulha estacionado com as luzes a piscar.

– Gostava de entrar por instantes – disse Ramírez. – A não ser que prefira fazer isto na rua?

Entraram na casa, que não tinha o habitual ar condicionado ferozmente gelado, mas era perfeitamente confortável.

– Este ar condicionado... – começou Ramírez.

– Isto não é ar condicionado, inspector – disse Ortega. – Está neste momento num protótipo de sistema de controlo climático.

– Então, devia estar a chover no seu escritório, Sr. Ortega.

– Posso oferecer-lhe uma bebida, inspector? – perguntou Ortega, mistificado.

– Não me parece – disse Ramírez – não vamos demorar.

– E o senhor, *inspector jefe*? Um *whisky* de malte? Até tenho Laphroaig.

Falcón pestanejou perante esta notícia. Era um *whisky* que Francisco Falcón apreciava. Ainda havia imenso na sua casa por beber. Os seus gostos pessoais não eram tão ecléticos. Abanou a cabeça.

– Importas-se que eu beba só? – perguntou Ortega.

– A casa é sua – disse Ramírez. – Não tem necessidade de estar com educações.

Ortega serviu-se de um *whisky* barato com gelo. Ergueu o copo aos polícias. Era bom vê-lo nervoso. Pegou num grande comando com o qual controlava o seu sistema de climatização e começou a explicar os meandros do sistema a Ramírez, que o interrompeu.

– Somos maus perdedores – disse Ramírez. – Não gostamos de ver todo o nosso bom trabalho ir para o lixo.

– Posso compreender isso – disse Ortega, disfarçando o seu nervoso perante o olhar e a presença agressiva de Ramírez.

– O que é que compreende, Sr. Ortega? – perguntou Falcón.

– O seu trabalho deve ser muito frustrante, por vezes.

– Por que é que *você* havia de pensar isso? – perguntou Falcón.

Agora que tinha captado o tom deles e o estava a achar desagradável, Ortega ficou por sua vez com má cara. Olhou para eles como se fossem espécimes patéticos da humanidade: pessoas a desprezar.

– O sistema da justiça não está nas minhas mãos – disse ele. – Não me compete a mim decidir que casos vão a tribunal e que casos não vão.

Ramírez arrancou das mãos de Ortega o controlo remoto, olhou para a miríade de botões e atirou-o para o sofá.

– E quanto àquelas duas crianças que encontrámos enterradas na *finca* perto de Almonaster la Real – disse Ramírez. – Quanto a elas?

Falcón ficou estupefacto de ver surgir um pequeno sorriso no rosto de Ortega. Agora sabia de que se tratava. Agora sabia que estava a salvo. Agora ia divertir-se.

– Quanto a eles o quê? – perguntou Ortega suavemente.

– Como é que eles morreram, Sr. Ortega? – disse Ramírez. – Sabemos que não podemos tocar-lhe por nada desse assunto, mas, tal como eu disse, somos maus perdedores e gostávamos que nos contasse só essa coisa.

– Não sei de que é que está a falar, inspector.

– Nós podemos adivinhar o que aconteceu – disse Falcón. – Mas gostávamos que nos confirmasse como e quando eles morreram e quem os enterrou.

– Não há armadilhas – disse Ramírez, levantando e abrindo as mãos. – Você está livre de quaisquer armadilhas, não está, Sr. Ortega?

– Agora gostava que saíssem, muito obrigado – disse ele e voltou-lhes as costas.

– Vamos sair assim que nos contar o que queremos ouvir.



– Não têm absolutamente nenhum direito de entrar por aqui...

– O senhor convidou-nos, Sr. Ortega – disse Falcón.

– Vá queixar-se aos seus amigos bem colocados quando tivermos ido embora – disse Ramírez. – Poderia provavelmente conseguir que fôssemos despromovidos, suspensos sem pagamento, expulsos da corporação... com todos os contactos que o senhor tem.

– Saíam – disse Ortega, voltando-se para eles, de dentes arreganhados.

– Conte-nos como e quando eles morreram – disse Falcón.

– Nós não vamos sair enquanto não o fizer – disse Ramírez, alegremente.

– Cometeram suicídio – disse Ortega.

– Como?

– O rapaz estrangulou a rapariga e depois abriu os pulsos com um pedaço de vidro partido.

– Quando?

– Há oito meses.

– Que foi mais ou menos na altura em que o inspector Montes começou a beber ainda mais do que o habitual – disse Ramírez.

– Quem os enterrou?

– Mandaram uma pessoa para fazer isso.

– Suponho que tenham jeito para cavar buracos – disse Ramírez. – Camponeses russos. Quando foi a última vez que você cavou um buraco?

Ramírez estava agora bem perto de Ortega. Agarrou-lhe na mão. Era macia. Olhou-o na cara.

– Também me parecia que não. Não tem nenhuma espécie de consciência... mas talvez isso venha a mudar com o tempo – disse ele.

– Já lhes disse o que queriam saber – disse Ortega. – Agora, está na altura de partirem.

– Já estamos a ir – disse Falcón.

Ramírez tirou um par de algemas do seu bolso. Algemou o pulso da mão em que ainda estava a segurar. Falcón tirou o copo de *whisky* da outra. Ramírez juntou-as atrás das costas de Ortega e deu-lhe uma palmadinha nos ombros.

– Estão os dois arrumados – disse Ortega. – Sabem disso.

– Está preso – disse Falcón – pelos repetidos abusos sexuais no seu filho, Salvador Ortega, e no seu sobrinho, Sebastián Ortega...

O rosto sorridente de Ortega travou Falcón a meio da frase.

– Acham mesmo que um agarrado à heroína e alguém que foi condenado por raptar e abusar de um jovem rapaz têm alguma hipótese de *me* prender? – disse Ortega.

– As coisas mudaram – disse Falcón, enquanto Ramírez punha uma mão enorme na cabeça de Ortega. – A razão pela qual queríamos que o rapaz e a rapariga na *finca* estivessem bem presentes na sua cabeça era para que soubesse que acaba de ser tocado por mãos desaparecidas.

## Epílogo

FALCÓN estava sentado em frente de La Bodega de la Albariza na Calle Betis com uma cerveja e uma *tapa* de anchovas frescas fritas. Hoje estava mais fresco. Havia imensa gente à beira-rio. Ele tinha desistido do seu lugar habitual no centro da Puente Isabel II. Lembrava-lhe demasiado alturas más e fotógrafos indiscretos. O rio já não era um limbo vestígio de estranhos que davam as mãos, mas, tal como sempre tinha sido, a força de vida da cidade. Agora, ele estava sentado com pessoas às mesas, comendo e bebendo, observando casais de todas as idades que se beijavam enquanto passeavam ao sol, corredores e ciclistas que avançavam pelo caminho da margem oposta. O criado parou e perguntou-lhe se queria mais alguma coisa. Ele mandou vir outra cerveja e um prato de *chipirones*, chocos pequeninos.

Havia duas coisas dessa última semana tórrida de Julho que não o deixavam em paz. A primeira era Rafael Vega e o filho Mario e a sua resposta à pergunta de Calderón: «O que é que não suportava que o seu filho soubesse sobre si?» Lembrava-se da pena que tinha tido de Mario quando este fora sugado para dentro da sua nova família e queria que o rapaz soubesse, não agora, mas algum dia, apenas uma coisa sobre o seu monstruoso pai. Queria que ele soubesse que Rafael Vega tinha sido devolvido à humanidade pelo amor e pela perda. Que enfrentara a sua consciência e fora atormentado por ela. Que morrera querendo que algum bem nascesse da sua vida aterradora. Como é que Mario iria saber isso?

A segunda coisa que ele não conseguia sacudir nem queria era o que tinha acontecido entre ele e Consuelo. Ela deixara-o e partira para a costa para estar com os filhos. Ele tinha tentado descobrir onde ela estava através de gerentes dos restaurantes, mas tinham instruções estritas de não informar ninguém. O telemóvel dela nunca estava ligado. Não recebia resposta às mensagens que deixava no atendedor. Sonhava com ela, via-a na rua e corria através das praças para agarrar os braços de estranhos surpreendidos. Vivia com ela na cabeça, ansiava pelo seu cheiro, pelo toque da sua face, por ver a sua cadeira vazia em frente da dela num restaurante.

O criado trouxe-lhe os *chipirones* e a cerveja. Espremeu o limão sobre os chocos e estendeu a mão para o copo húmido. O fresco da cerveja levou-lhe lágrimas aos olhos. Acenou com a cabeça a uma rapariga que lhe perguntou se podia levar uma das cadeiras. Encostou-se para trás e deixou que as compridas palmeiras da linha do horizonte de Sevilha lhe turvassem o olhar. Amanhã era o primeiro dia de Setembro. Ia para Marrocos durante alguns dias. Marraqueche. Estava feliz. O telemóvel vibrou-lhe contra a perna. Quase não se sentia disposto a atendê-lo na languidez da tarde.

## Lista das personagens

### OS POLÍCIA

***Inspector jefe Javier Falcón*** – inspetor-chefe da brigada de homicídios de Sevilha que está há quatro meses de regresso ao serviço após ter sido tratado a um esgotamento. Tem uma irmã, Manuela, e um irmão, Paco.

***Inspector José Luis Ramírez*** – braço direito de Falcón que veio a respeitar os talentos do seu chefe.

***Subinspector Pérez*** – número três da brigada de homicídios.

***Cristina Ferrera*** – uma ex-freira recém-chegada à brigada de homicídios.

***Baena e Serrano*** – os dois restantes membros da brigada de homicídios.

***Comisario Andrés Lobo*** – chefe superior da polícia de Sevilha, o polícia mais graduado que também tem responsabilidades políticas.

***Comisario Elvira*** – chefe de brigada da Polícia Judiciária, o segundo polícia mais importante e chefe imediato de Falcón.

***Inspector jefe Alberto Montes*** – o inspetor-chefe do GRUME (Grupo de Menores) que é responsável por todos os crimes cometidos contra crianças. Também foi inspetor no grupo de Libertad Sexual, que investiga crimes sexuais adultos.

***Felipe e Jorge*** – os especialistas forenses utilizados pela brigada de homicídios.

## OS HOMENS DE LEI

**Juez Esteban Calderón** – é o juiz de direito (*juez de guardia*) que também se torna juiz de instrução (*juez de instrucción*). Está encarregue da cena do crime e trabalha com a brigada de homicídios desde o início para reunir todas as provas que permitam uma condenação.

**Juez Juan Romero** – o segundo juiz de instrução.

**Inés** – é uma advogada (fiscalista) que já foi mulher de Falcón, mas se tornou agora companheira do *juez* Esteban Calderón.

**Carlos Vázquez** – o advogado de Rafael Vega.

**Isabel Cano** – advogada de Javier Falcón.

**Ranz Costa** – advogado de Pablo Ortega que também defende Ignacio e Salvador.

## OS VIZINHO

**Rafael Vega** – um homem de negócios e proprietário da Vega Construcciones.

**Lucía Vega** – mulher de Rafael.

**Mario Vega** – o filho de sete anos dos Vega.

**Consuelo Jiménez** – viúva de Raul Jiménez, um construtor e restaurador famoso que foi assassinado em Abril de 2001. Vive agora em Santa Clara com os três filhos e gere a rede de restaurantes que pertencia ao marido.

**Marty Krugman** – um arquitecto americano que está agora a trabalhar em Sevilha para a Vega Construcciones, a empresa imobiliária que pertence a Rafael Vega.



**Maddy Krugman** (nascida Coreen) – mulher de Marty que é dezanove anos mais nova que ele. Era uma fotógrafa famosa em Nova Iorque.

**Pablo Ortega** – famoso actor de teatro e cinema.

## **OS OUTRO**

**Sebastián Ortega** – filho de Pablo e da sua ex-mulher Gloria. Está agora na prisão por um crime medonho.

**Ignacio Ortega** – irmão de Pablo, que dirige uma empresa de instalação de ar condicionado.

**Salvador Ortega** – filho de Ignacio e sobrinho de Pablo viciado em heroína.

**Sr. e Sr.a Cabello** – pais de Lucía Vega.

**Carmen Ortiz** – irmã de Lucía Vega que vive em Madrid.

**Sergei** – o jardineiro ucraniano dos Vega.

**Nadia Kouzmikheva** – outra ucraniana e amiga de Sergei, que trabalha como prostituta em Sevilha.

**Alicia Aguado** – psicóloga clínica de Javier.

**Virgílio Guzmán** – famoso jornalista sediado em Madrid que se tornou agora repórter do *Diario de Sevilla*, em Sevilha.

**Mark Flowers** – agente de comunicações do consulado dos EUA em Sevilha.